

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ECOS DO SUBTERRÂNEO

**Estudo antropológico do cotidiano e memória da comunidade
de mineiros de carvão de Minas do Leão (RS)**



Dissertação de mestrado

Aluna: Marta Cioccarì

Orientadora: Profa. Dra Cornelia Eckert

Porto Alegre, janeiro de 2004

Dedicatória

*A meu pai (in memoriam), cuja face de trabalhador
reencontro nestes rostos sofridos dos mineiros.
Por despertar-me o gosto pelas histórias
contadas ao redor do fogo
nas noites de inverno.*

*À minha mãe, que me ensina sempre
a descobrir sentidos para recomeçar.*

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, que iniciaram-me neste percurso tão belo quanto perturbador. Suas aulas, o contato com os autores e a convivência com os “nativos” fizeram com que a antropologia deixasse de ser uma estranha para ser parte de minha vida.

Sou grata, em particular, à minha orientadora, professora Cornelia Eckert, que com brilho, paciência e afeto treinou meu olhar para ver, meus ouvidos para ouvir e meus sentidos para perceber a beleza e as agruras desse mundo construído em torno da mina. Essa convivência enriqueceu-me profundamente e seu exemplo de pesquisadora continua a inspirar-me.

Um agradecimento especial à profa. Ana Luiza Carvalho da Rocha, que, além de abrir-me a percepção para o imaginário, também “forçava a barra” nas aulas de método para que nos deixássemos perturbar e envolver no contato com o “outro”.

Minha decisão sobre esse tema de pesquisa também deve-se a afetuosas conversas mantidas com as professoras Claudia Fonseca e Denise Jardim.

Meu muito obrigado às secretárias do PPGAS Rosimeri Feijó e Andréia Aguirre, sempre tão competentes e gentis em nossa convivência.

A meus colegas de turma, que ao exporem suas alegrias e dores propiciadas pela pesquisa, muito me ensinaram. São eles: Ivan, Nívea, Aline, Mariana, Alexandre, Ana Paula, Jonatas e Daniel. E, mais particularmente, às amigas Paula Machado, com que partilhei incontáveis angústias e alegrias no caminho desse “tornar-se”, e Viviane Vedana, pela preciosa relação de troca e afeto. Guardo com carinho também as agradáveis conversas mantidas com Soraya Fleischer, que ainda me propiciaram belos *insights*. Sou grata à convivência de Ioswaldyr, Flávio, Gian, Luiz Gustavo, Liliane e Rafael, que contribuíram para meu aprendizado de diversas formas.

Um agradecimento a meus colegas professores da Unisinos que me incentivaram e me apoiaram, fornecendo valiosas sugestões. Devo a Jairo Ferreira, Toni Vieira, Maria Luiza, Vitor Necchi, Roberto Tietzmann, Alberto Efendy e, em especial, à Ana Taís Portanova Barros, que, em conversas carregadas de sensibilidade, ajudou-me a elaborar essa difícil “passagem” de jornalista a antropóloga. Sou grata

ainda ao incentivo que recebi da direção do Centro 3, através dos então diretores Ione Bentz e Sérgio Endler.

Ao professor Antônio Brasil, da UERJ, com quem tive o prazer de trocar impressões sobre essa dupla condição de jornalista/antropólogo. Ao professor Luís Carlos Bittencourt, da Universidade Veiga de Almeida, que levou à sala de aula um texto meu sobre mineiros, propondo a seus alunos de jornalismo um novo olhar sobre a reportagem.

A todos os amigos que acompanharam esse percurso e me fizeram prosseguir trazendo poesia, coragem e aconchego à minha alma. Entre eles, Djane Della Torre, Denise Ramiro, Moisés Mendes, Rose Machado, Jorge Hornos, Silvana Wuttke e Synara Rillo.

À minha família, pelo apoio e compreensão em meus “sumiços”. Em especial, à minha irmã Nega, pela escuta atenta em longas e afetuosas conversas, e ao meu irmão Tone, por compartilhar o interesse pelo tema. Sou grata ainda ao afeto da Táta e Adriana.

Um agradecimento a meus ex-alunos que propiciaram preciosas trocas, muitos deles já “velhos” amigos, como Ana Paula Bittencourt Faria, Liara Castro, Sonia Montañó e Fabrício Ruiz. À Manuela Colla, que acompanhou-me a campo na primeira visita, partilhando seu olhar de intensa sensibilidade. À minha vizinha Gislaine, pelas contribuições. Ao arquiteto Eduardo Braga, que gentilmente ajudou-me a reproduzir a planta da cidade de Minas do Leão.

Agradeço de todo coração à minha amiga Milena Dugacsek, que não apenas dividiu comigo o encantamento desses relatos, como também acompanhou-me a campo fazendo imagens e ainda “salvou-me a vida” em vários momentos desta pesquisa.

Por fim, minha gratidão aos mineiros, suas mulheres, e aos demais informantes que converteram este trabalho acadêmico numa das mais belas experiências de minha vida. Sua sabedoria e generosidade iluminaram o meu percurso e facilitaram essa sempre dura “passagem”. Além dos entrevistados que faço referência à pág. 20, devo ainda ao engenheiro Müller, superintendente da CRM em Leão, e à historiadora Truda Novak Hoff.

“Tudo é eco no universo”.
(Bachelard, 1989)

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo etnográfico do cotidiano e da memória da comunidade de mineiros de carvão de Minas do Leão (RS). Por meio de suas representações, procuro desvendar a forma como se constitui sua identidade social, baseada no valor-trabalho, na sociabilidade, na afirmação da masculinidade, e no sentimento de heroísmo decorrente dos perigos enfrentados na mina subterrânea, desativada em 2002. Evidencio, nas narrativas, como o riso e as brincadeiras, estratégias usadas para afugentar o medo do acidente e da morte no subsolo, imprimiram sua marca na vida da comunidade.

ABSTRACT

This work is an ethnographic research related to the coal miners' quotidian and their memories, who work on Minas do Leão (Brazil). Through their representations, the study reveals the way their social identity is built, which is related to their job and is based on the work value; the sociability; the affirmation of masculinity and on the sense of heroic sentiment due to the danger originated from the mine subterranean, which was closed in 2002. The study reveals how their laughs and jokes, which are used to avoid the fear of the death, leave a mark in the life of whole community.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E IMAGENS

- Foto 1** – Imagem do subsolo da mina de Leão I - Arquivo CRM - Capa
- Foto 2** – Ruínas da antiga mina de Arroio dos Ratos – Foto Marta Cioccaro - p. 4
- Foto 3** – Pesquisadora na janela da casa em que habitou – Foto feita por Seu Hermes - p. 13
- Foto 4** – Seu Hermes e Dona Dalva no pátio de sua casa – Foto Marta Cioccaro - p. 16
- Foto 5** – Subsolo da mina de Leão I durante reportagem realizada por mim em 1995 – Foto Valdir Friolin/ZH - p. 29
- Foto 6** – Imagem da avenida Getúlio Vargas de onde se vê a torre de Leão I – Foto Marta Cioccaro - p. 65
- Foto 7** – Passagem de uma carroça na avenida principal – Foto Marta Cioccaro - p. 72
- Foto 8** – Entrada da CRM na avenida Getúlio Vargas – Foto Marta Cioccaro - p. 72
- Foto 9** – Plano geral na Vila do Recreio – Foto Marta Cioccaro – p. 81
- Foto 10** – Festa de Santa Bárbara. Mineiros transportam imagem da santa. À direita está Zecão, com o filho Josimar ao lado – Foto Marta Cioccaro - p. 106
- Foto 11** – Imagem de Zecão nos arredores do poço de Leão I – Foto Marta Cioccaro - p. 120

Outras fotos do campo são usadas em anexo.

Ilustração 1 – Mapa dos municípios da Região Carbonífera do Baixo Jacuí. - p. 59

Ilustração 2 – Planta da cidade de Minas do Leão (em anexo)

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Quadro de informantes em Minas do Leão e Butiá.....	p. 21
Quadro 2 – Quadro de relações entre os informantes.....	p.22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 Das passagens.....	4
1.1 O percurso.....	4
1.2 As portas de Simmel e os ratos.....	7
1.3 Tornar-se antropóloga	11
1.4 A inserção.....	13
1.5 A experiência em campo.....	16
1.6 O antropólogo como autor.....	18
CAPÍTULO 2 O universo do jornalismo.....	24
2.1. O valor-notícia.....	24
2.2 O tempo e a rotina.....	25
2.3 O jornalista como narrador.....	27
2.4 A reportagem em profundidade	28
2.5 Itinerários de uma reportagem.....	28
CAPÍTULO 3 Dos conceitos.....	33
3.1 O cotidiano e a cidade.....	33
3.2 Representações sociais.....	34
3.3 Ritos e sistema de crenças.....	35
3.4 Memória coletiva, tempo e narrativa.....	36
3.4 Revisitando a antropologia do trabalho.....	39
3.5 Identidade social e identidade narrativa	42
3.6 Heroísmos no mar e na mina	44
3.6.1 Masculinidade e honra.....	46
3.6.2 Espaços e papéis de gênero	49
3.7 <i>Habitus</i> , projeto e campo de possibilidades.....	51
3.8 Sobre destino, medo e morte.....	52
3.9 O corpo, a saúde e a alimentação.....	56
CAPÍTULO 4 História & universo.....	59
4.1 A mineração na Região do Baixo Jacuí.....	59

4.1.1 A CRM.....	61
4.2 A cidade.....	63
4.2.1 As famílias pioneiras	67
CAPÍTULO 5 O cotidiano em Minas do Leão.....	72
5.1 Os riscos de se viver na cidade.....	73
5.1.1 A violência, os jovens e as drogas.....	75
5.1.2 O empobrecimento	77
5.1.3 A vida na Vila do Recreio.....	81
5.1.4 Poluição, ecologia e saúde.....	86
5.2 Tranquilidade e “boa vizinhança”	88
5.2.1 A fofoca.....	91
5.3 A velhice chega cedo.....	93
5.4 A sociabilidade: passado e presente.....	96
5.5 A religiosidade.....	101
5.5.1 “Só Deus mesmo prá segurá a gente”	103
5.5.2 A Festa de Santa Bárbara.....	105
5.6 As mulheres e o trabalho.....	109
5.6.1 Cuidar de idosos e doentes: um papel feminino.....	113
5.6.2 “Dar estudo aos filhos”	114
5.7 O casamento	116
5.7.1 Cenas de um casamento.....	117
CAPÍTULO 6 Memórias de um cotidiano de trabalho.....	120
6.1 A reprodução do projeto.....	121
6.2 O cotidiano na mina.....	124
6.2.1 “Baixar” ao subsolo.....	128
6.2.2 O trabalho manual e o mecanizado.....	134
6.3 A mina e o bar: espaços masculinos.....	135
6.4 A história no corpo.....	137
6.4.1 A alimentação.....	139
6.4.2 A saúde e a doença.....	143
6.5 Tundas de casca e outras brincadeiras.....	145

6.5.1 O carrasco da mina.....	151
6.5.2 Mais mineiro, menos mineiro.....	154
6.6 Nuanças de um discurso sobre o medo.....	157
6.7 A vida nas mãos do destino.....	160
6.8 Um cotidiano de tragédias.....	163
6.8.1 A morte de Pedro.....	168
6.8.2 A história de Luiz.....	171
CAPÍTULO 7 Um imaginário dos subterrâneos.....	175
7.1 Imagens da mina.....	175
7.2 A saudade.....	181
7.3 A morte da mina.....	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	186
REFERÊNCIAS.....	188

ANEXO 1 Fotografias do campo

ANEXO 2 Reportagem feita em Minas do Leão em 1997

INTRODUÇÃO

Esta dissertação resulta de um estudo etnográfico sobre o cotidiano e as memórias de trabalho na comunidade de mineiros de carvão de Minas do Leão (RS), a partir de suas representações e práticas sociais. Este trabalho também é fruto de um percurso existencial envolvendo a descoberta desses “outros” que habitam essa cidade e de minha própria alteridade, de uma jornalista que busca tornar-se antropóloga. O mergulho no cotidiano de Minas do Leão, a partir da antropologia, marca o que considero ser o terceiro ciclo de meu envolvimento com o universo de mineiros de carvão. Os dois primeiros ciclos foram propiciados, respectivamente, pela literatura e pelo jornalismo, todos imprimindo importantes revelações, intuições e decisões.

Meu interesse pelo tema foi despertado aos 14 anos, com a leitura de *Germinal*, de Émile Zola, cuja beleza naturalista gerou-me tal impacto a ponto de transformar minha visão do mundo. Sem exageros, descobri a luta de classes em Zola, ao mesmo tempo em que cresceu meu fascínio pelas palavras, capazes de transportar o leitor a mundos tão diferentes. Essas primeiras imagens do mundo da mina fixaram-se em minha subjetividade. Muitos anos depois, foram despertadas pela vivência de reportagens envolvendo mineiros de carvão em Minas do Leão e Candiota, realizadas em 1995 e 1997. Como Maurice Halbwachs relata sobre a primeira vez em que foi a Londres: “(...) muitas impressões lembravam-me os romances de Dickens lidos em minha infância: eu passeava então com Dickens.” (HALBWACHS, 1990, p.26). Da mesma forma, posso dizer que Zola esteve presente em minhas incursões pelas galerias subterrâneas e pela vida dos mineiros de carvão. Para minha surpresa, durante uma reportagem, deparei-me com um mineiro apreciador de *Germinal*. Não do livro, mas do filme, ao qual havia assistido por duas vezes. Eu vivi, nessa ocasião, um “encontro de subjetividades”, ainda que na época não pensasse em tornar-me antropóloga.

O terceiro ciclo, portanto, diz respeito a meu reingresso na comunidade, como mestrande de Antropologia, e o mergulho nas memórias de vida e de trabalho dos mineiros e no seu cotidiano da cidade. Sigo rastros de pesquisadores que investigaram o tema, como Cornelia Eckert (1985, 1993), Yone Grossi (1981), Terezinha Gascho Volpato (1982), Maria Cecília Minayo (1986), debruçando-se sobre a identidade social

e as representações desses trabalhadores, assim como sobre as condições de trabalho e a vida doméstica. Nesta dissertação, sirvo-me de contribuições da antropologia do trabalho, como refiro acima, da antropologia do corpo e da saúde, da antropologia do espaço e do cotidiano, bem como dos estudos sobre memória e narrativas, entre outros aspectos explorados.

No primeiro capítulo, situo minha trajetória acadêmica a fim de problematizar a passagem do jornalismo para a antropologia. Descrevo minha inserção em campo, simultaneamente ao aprendizado do método etnográfico. No segundo capítulo, há uma análise do mundo do jornalista, regulado por seus tempos e rotinas próprias, seguida da descrição da reportagem pela qual me aproximei do universo dos mineiros de carvão.

No terceiro capítulo, exponho os referenciais teóricos da dissertação. Revisito os estudos sobre antropologia do trabalho e explico conceitos que embasam minha abordagem, tais como os de cotidiano, de representações sociais, de memória coletiva, tempo e narrativa, de heroicidade, de masculinidade e honra, de *habitus* e projeto e de corpo e saúde, entre outros.

O quarto capítulo é dedicado à apresentação do universo de pesquisa, a partir de informações sobre a mineração de carvão na Região do Baixo de Jacuí e a cidade de Minas do Leão, com suas características interioranas. Neste capítulo abordo ainda a transformação do espaço, com o depoimentos de pioneiros.

No quinto capítulo, busco construir uma etnografia do cotidiano em Minas do Leão, com a descrição do ritmo de viver na cidade, de seus riscos, de suas alegrias e tragédias. Mostro como as memórias e lembranças do passado perpassam e perpetuam-se no presente, relacionadas à sociabilidade, à religiosidade, às histórias de parentesco, de compadrio e de trabalho. A permanência e o rompimento de valores morais tradicionais, como a virgindade e o casamento. Há uma descrição de lugares simbólicos que essas memórias evocam e habitam, onde predomina a referência ao mundo da mina.

No sexto capítulo, através das memórias de trabalho, abordo temas como o heroísmo e a representação da masculinidade entre os mineiros. A noção de um destino a conviver com o medo ou a ausência dele, diante das tragédias ocorridas no subterrâneo, cujos ecos ainda participam das lembranças e dos sentimentos da comunidade. A vida na mina inscreve sua marca nos corpos, seja pela deterioração

precoce, seja pelas cicatrizes e mutilações. Marca os homens e mulheres desta comunidade por meio de um *habitus* incorporado (Pierre Bourdieu, 1999) que atravessa sua história e lhes imprime uma identidade social, um sentido para a vida. Interpreto as brincadeiras e a jocosidade como parte de uma “reinvenção criativa do ambiente de trabalho”, como propõe José Sérgio Leite Lopes (1988), ao mesmo tempo em que se tornam marcas de uma cultura popular que injeta o humor e as gozações no cotidiano, estabelecendo laços sociais peculiares.

No sétimo capítulo, abordo as imagens que a mina suscita entre os entrevistados, tanto mineiros como suas mulheres, relacionando-as aos regimes do imaginário de Gilbert Durant e à poética de Gaston Bachelard. A decadência da mineração dá lugar à “saudade” nos relatos, com a idealização do passado, re-encantado pelas lembranças. Evocado pelas memórias, esse passado surge como um lugar marcado pela intensa camaradagem nas relações de trabalho. A morte da mina de subsolo e o encolhimento da atividade carbonífera, como observa Philip Lucas (1981), “não é menos encantada” do que sua duração. Tanto pela aposentadoria como pelo fechamento da mina subterrânea, os mineiros são lançados à sua solidão, quebrada em alguns momentos pelos eventos sociais.

Por último, as considerações finais envolvem o resultado de minha própria transformação, do “si mesmo como um outro”, nas palavras de Ricoeur, assim como a mudança que vivenciam esses trabalhadores, cujo universo de referência - a mina subterrânea - sobrevive apenas nas lembranças e no imaginário.

Orientações ao leitor: 1) Em todo o texto da dissertação, as falas e relatos dos “nativos” estão grifados em itálico, tanto quando aparecem no meio do texto, entre aspas, como quando usados em citação (em corpo de texto menor e em recuo). 2) Os nomes dos personagens são verdadeiros, decisão adotada após consulta aos informantes. Nas situações em que considerei a necessidade de preservar a sua identidade, as informações são usadas sem referências de nomes. 3) Os quadros em que forneço dados dos informantes e sobre suas relações de trabalho, parentesco, vizinhança e amizade são repetidos no final para facilitar a consulta.

CAPÍTULO 1

DAS PASSAGENS



1.1 O percurso

Minha aproximação com a antropologia começou com o interesse pela diferença, por esse “outro” que nos é exterior, mas também interior, que provoca nossa estranheza, também é a nossa estranheza, entranhado em nossas profundezas. Na seqüência, passaram a fascinar-me os clássicos como Bronislaw Malinowski e o seu *Argonautas* (1984), Margaret Mead e os jovens de Samoa (1985), Marcel Mauss (1974), com suas técnicas corporais e a noção de pessoa, Émile Durkheim (1981) e as representações; Claude Lévi-Strauss (2002), com o totemismo e o pensamento selvagem, Alfred Reginald Radcliffe-Brown e as “relações jocosas”. Já na introdução de *Argonautas*, era instigada pela experiência do trabalho de campo, em particular nesta passagem:

Que significa estar em contato? Para o etnógrafo significa que sua vida na aldeia, no começo uma estranha aventura por vezes desagradável, por vezes interessantíssima, logo assume um caráter natural em plena harmonia com o ambiente que o rodeia. (MALINOWSKI, 1984, p.25)

Nas abordagens sobre família e masculinidade, surpreendia-me com as reflexões de Gilberto Velho, com as descrições de Maurice Godelier (1982) sobre os baruya, de Pierre Bourdieu (1999) sobre os cabila. Era instigada por Luiz Fernando Duarte (1986) em seu *Da vida nervosa*, cuja complexidade desafiava a compreensão; interessara-me pelos textos de Ondina Leal (1989), Phillippe Ariés (1975), Louis-Vincent Thomas (1993), e outros tantos nas representações sobre o corpo, a saúde e a morte.

Muitas outras razões impulsionaram-me em meu retorno à comunidade de mineiros de carvão. Posso citar Georg Simmel (1996), com suas pontes e portas que me levaram para o novo e me encantaram; Henri Bergson (1979, 1990), com a intuição e a memória como escolha e criação; Gaston Bachelard (1988, 2000) com suas poéticas do espaço, do imaginário e suas camadas de tempo; Michel De Certeau (1994, 1996), e os passeios do/no cotidiano; Gilberto Velho (1978, 1994), com sua noção de projeto e campo de possibilidades e seu estranhamento do familiar, que me fez pensar em certo momento, em campo, que os mineiros de carvão e suas famílias eram-me tão próximos, tão iguais a mim, que me parecia ser difícil estranhá-los e escrever sobre eles. Roberto Da Matta, que surge com sua belíssima percepção de que

o conhecimento é permeabilizado por cheiros, cores, dores e amores. Perdas, ansiedades e medos, todos esses intrusos que os livros, sobretudo os famigerados ‘manuais’ de Ciências Sociais teimam por ignorar. (DA MATTA, 1978, p.24).

Carlos Rodrigues Brandão que fez a pergunta, na carta escrita ao amigo Caio sobre como é que o antropólogo escreve a emoção, a própria. “Não a teoria que a analise a dos outros”. (BRANDÃO, 1982, p.11) Clifford Geertz, sobre a interpretação dessas histórias obtidas em campo, com a atribuição de sentidos que lhes dão significação; Paul Ricouer (1994), por meio dessa narrativa que torna o tempo humano; Gilbert Durand (1988, 1989) e Bachelard (2001), pela descoberta das estruturas do imaginário e das imagens que brotam da mina, da terra e das profundezas desse espaço masculino acolhido pelo ventre da terra. Norbert Elias (1990) e suas (in)definições do tempo, que não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear, nem respirar como um odor. Ou seja, não são poucas as imagens e percepções da antropologia que passaram a habitar-me e a acompanhar minhas incursões em campo. Só poderia ser perturbador um percurso teórico que contém tantos mundos e tantas visões que alteram a nossa. A

decisão sobre a pesquisa entre os mineiros aconteceu em meio a essa avalanche de descobertas, com a ajuda de sonhos e intuições. Imagine essas duas cenas:

Há um par de botinas de couro de um tom marron-escuro. Nelas está escrito na parte posterior: Charbon. Foram-me emprestadas pela professora que será minha orientadora e que, com elas, percorreu mundos e subterrâneos onde trabalharam mineiros franceses.

Ela mostra-me uma capa bege-clara, comprida. Por fora, parece de uma gabardina impermeável. Mas o que fixa minha atenção é seu interior. Curiosamente, o forro é feito de um tecido espelhado. Aberta, pode-se ver nela a própria imagem.

Esses trechos são descrições de dois sonhos diferentes que tive e que reúnem elementos de forte simbologia. No primeiro, recebo emprestadas as botinas com que minha orientadora teria percorrido os universos do seu trabalho de campo. Em tempo: essas botinas só existem no sentido figurado. No segundo sonho, ela empresta-me a capa que me abriga das incertezas. Possivelmente visto-a antes de lançar-me ao trabalho de campo. Mas tal vestimenta tem uma peculiaridade. Assim como o papel de etnógrafa, reflete o meu próprio interior, como num efeito invertido de que quanto mais nos lançamos à procura da diferença, no exterior, mais esse movimento nos remete a nós mesmos, às nossas próprias profundezas.

Em 2003, decisão tomada, trabalho começado e a estranheza me invade. Numa das ocasiões em que me dirijo a campo e vou habitar uma velha casa de fundos, pergunto-me: “O que estou fazendo?”, “Por que preciso ir?”. Afinal, construí minha carreira profissional como jornalista e, depois, como professora na área. “Então, por que vou?” E a resposta que tenho é de que não sei a razão. Apenas vou. Na volta, depois de ter ficado um período maior em campo, emocio-me profundamente ao reler um texto de Da Matta (1978)¹. Tenho sobressaltos com análises que o autor faz de elementos que me pareciam nascidos da minha vivência e incomunicáveis a qualquer pessoa.

Na comparação com o jornalismo, registro uma diferença gritante entre o desamparo, a solidão e a precariedade que senti nessa nova condição de etnógrafa em relação à experiência como repórter. Nos dois momentos em que realizei reportagens

¹ O texto a que me refiro é “O ofício de Etnólogo, ou como ter *Anthropological Blues*”, in: *A aventura sociológica*, Edson de Oliveira (org).

em Minas do Leão (1995 e 1997), o fiz cercada por uma segurança institucional oriunda da empresa jornalística à que estava vinculada. E ainda tinha a companhia de uma equipe de reportagem que, se de um lado, podia ser geradora de conflitos, também era fonte de satisfação. Essa equipe era formada por mim, a repórter, por um fotógrafo e por um motorista que conduzia o carro do jornal. No caso das reportagens, a aflição não estava no sentimento de solidão e desamparo do começo da etnografia, mas na pressão do tempo, na aceleração do ritmo que pudesse compatibilizar o maior número de observações e entrevistas em um período curto. Que isso pudesse ser vivido, processado e ainda servir de inspiração para a escrita, antes de seguirmos o próximo destino.

1.2 As portas de Simmel e os ratos

Relia o belo texto de Georg Simmel “A ponte e a porta” (1996)² quando me ocorreu que, no caso de minha passagem do jornalismo à antropologia, a ponte, a ligação, é feita pelo meu próprio ser. Meu pensamento e meu corpo são o espaço que processa, que vive, que registra essas impressões, percepções, vivências diferenciadas do jornalismo e da antropologia. Percebo-me um ser na ambigüidade, no limiar, na fronteira desse “tornar-se”. Isso me remete ao que escreveram Victor Turner (1974), Mary Douglas (1976) e José Carlos Rodrigues (1980) sobre essa liminaridade, sobre a suspeição que paira, o risco, a ameaça que brota de um ser que está em trânsito, desta subjetividade carregada de impressões tão diversas que nela não há *habitus* (Bourdieu, 1999) suficientemente estável que possa funcionar como uma segunda natureza.

Rodrigues observa que, pela natureza do seu espírito, o homem não pode lidar com o caos. Seu medo é defrontar-se com aquilo que não pode controlar, seja por meios técnicos ou simbólicos. “Este código estruturador gera a lei e a ordem, e a expectativa de organização responsabiliza-se por todo o medo à anarquia e à confusão de domínios que por definição devem se manter separados.” (RODRIGUES, 1980, p.14). Como referem Mary Douglas, Edmund Leach e Victor Turner, tudo o que representa o insólito, o estranho, o que está à margem das normas, é desestruturado, pré-estruturado ou antiestruturado é germe de insegurança e inquietação. Convertem-se em perigo.

² Particularmente as páginas 10 e 11 do artigo.

É certo que algumas automatizações do cotidiano se apresentam para reagir ao novo, como no momento em que eu me encontrava em Minas do Leão, em julho de 2003, para realizar o trabalho etnográfico. O conflito travado interiormente me remetia à reflexão, como agora, neste ensaio em que relato essa transformação existencial. É verdade que, em muitos momentos, principalmente nas entrevistas, um ímpeto de repórter às vezes era mais rápido do que a reflexão da antropóloga e, por vezes, interrompia as respostas ou os breves silêncios de informantes para formular uma nova pergunta. Sim, estava gravado pela prática de anos a fio que “repórteres são seres que perguntam”³. O problema é quando eles querem tornar-se antropólogos e não estão acostumados a escutar os silêncios. Daí a frustração da aprendiz de antropóloga em alguns momentos da transcrição de entrevistas. Quando menos esperava, apareciam ali vestígios desse outro ser, que pensava adormecido, encoberto pelo ocaso e por nova camada de tempo. Ressurgia, pois, a repórter que, ao reconhecer situações semelhantes às vividas anteriormente, brotava das profundezas atropelando os tempos – tanto da parte que esforça para dominar o método etnográfico como o tempo do “nativo”, a fala dos mineiros de carvão. Em outras ocasiões, o ímpeto, a ansiedade (esse tempo internalizado) da repórter foram vencidos pela escuta e pela paciência da antropóloga em construção. Um diálogo interior intenso, por vezes surdo.

Também acontecia de os “nativos” me remeterem papel de jornalista pela memória de minha história anterior com a comunidade. Em seu afã de ajudar-me em minha tarefa, meus informantes marcaram entrevistas com autoridades locais, líderes sindicais e estudiosos do tema. Aproveitei, evidentemente, todas essas oportunidades, essas portas abertas com tanta gentileza, ao mesmo em que tentava explicar-lhes a diferença desta nova empreitada – na qual a minha matéria-prima eram as suas histórias de vida e de trabalho, os relatos sobre o cotidiano de pessoas “comuns”. Conduzida a algumas entrevistas com as autoridades, perguntava-me internamente meu papel. Recolher informações para melhor conhecer a comunidade, para melhor compreendê-la, era a resposta. Espiando atrás da cortina, o ímpeto repórter passava (quase secretamente) em revista as informações obtidas na entrevista, avaliando o que do que eu acabara de saber podia “render” uma matéria para “o dia” (uma notícia, mais factual)

³ Como afirma Audálio Dantas, in: *Repórteres*, 1998, p.9.

ou se mereceria uma investigação especial e mais demorada (para uma reportagem especial, em geral publicada aos fins de semana), caso fosse esse meu papel ali. Provavelmente esse treino não dissesse respeito apenas à minha memória de repórter, a meu *habitus* incorporado (dessa profissão que exerci ao longo de dez anos, com alguma intermitência), mas também ao meu exercício semanal de ensinar o ofício a alunos de Jornalismo. Meu esforço para agudizar a apreensão dos estudantes sobre o que é notícia, para sensibilizá-los para detalhes relevantes numa matéria especial, age também sobre meus próprios sentidos e sobre minha percepção.

Assim, quando vou a campo, quando mergulho em minha pesquisa antropológica, carrego meu duplo, minhas incertezas e contradições. Mas o projeto da antropóloga persiste, luta. Não apenas precisa experimentar-se em seu limite porque deseja constituir-se e tornar-se (de novo), mas também porque é atraída pelo conhecimento das coisas e do mundo, numa perspectiva mais ampla e complexa. Entende que os sentidos para o mundo são múltiplos, como nos ensina Friedrich Nietzsche⁴. O texto que construo, como agora, já é uma interpretação entre tantas outras possíveis. Neste esforço interpretativo, que pretendo antropológico, tento estabelecer um leque de sentidos possíveis para a experiência desta pesquisa. Tento também serenar a alma, inquieta desde sempre diante do caos, do desconhecido e da incerteza.

Seguindo a metáfora da porta de Simmel, reflito sobre essa mobilidade do ser, que ora é uma repórter, noutro momento uma antropóloga em construção, com todas as suas ambigüidades nesse movimento fendido. Pode-se dizer que nesta fenda na consciência, nesta brecha aberta no ser em que o mundo penetra e por onde o ser se esvai por vezes e se perde no mundo, eu poderia dizer também o movimento de tornar-me antropóloga depois de ser jornalista. Identidades em luta, em crise, identidades que se forjam, se constroem e que se superpõem, como camadas de tempo, como mosaicos, bricolagens (para usar a expressão de Lévi-Strauss, 1989) do ser. Esse cone da memória, se fôssemos usar a imagem de Bergson (1979, 1990), que reúne uma massa heteróclita

⁴ Cf. Deleuze, Gilles. *Nietzsche y la Filosofia*, 1994, p.10-12. O autor menciona que, para Nietzsche, o sentido é uma noção complexa: “sempre há uma pluralidade de sentidos”. Assim, não há nenhum acontecimento cujo sentido não seja múltiplo. Sobre o mesmo tema, ver também: Machado, Roberto. *Nietzsche e a verdade*, 1985, p.107-108, em que o autor refere-se ao fato de que no pensamento nietzschiano, “conhecer não é explicar, é interpretar”.

de vivências e de reflexões e que vai, para além do vivido, do condensado, fazendo escolhas, abrindo frestas que iluminam o que poderia ser o compacto, o opaco, o vivido.

A palavra fresta me remete às fendas da casa em que morei por oito dias, em Minas do Leão, em julho de 2003. Sei que só no simbólico é que se poderia pensar que as frestas servem apenas para iluminar, arejar. Por elas também passa o vento frio das madrugadas de inverno que nos faz tiritar. Por ali, podem ainda entrar seres estranhos – morcegos, cobras, ratos, baratas e outros. Em todo o caso, seres que perturbam o nosso idílio idealizado e nossa concentração. Da mesma forma que na casa onde habitei brevemente, onde a aparição de um rato e de baratas provocou um instante de congelamento, de surpresa e de hesitação, seres estranhos penetram freqüentemente pelas frestas dos nossos pensamentos, das nossas reflexões. Causam estragos à beleza do que imaginávamos perfeito, deixam-nos arredios, temerosos de sermos atacados, violados em nossa fragilidade de uma reflexão nascente, que assume estar em seus começos, com seus arcabouços e edifícios ainda pouco estruturados. Talvez fosse melhor ignorá-los, ratos e outras perturbações. Num momento, decidimos que a melhor solução é eliminá-los, acabar com eles. Mas vivos ou mortos, eles são “parte” do lugar onde estamos, assim como esses pensamentos, essas percepções estranhas à antropologia, que, sejam eliminadas ou não da escrita, ainda assim cheiram. Seu cheiro é a marca da sua existência. Elas permanecem em nós. Como o cheiro do rato permaneceu na casa. Esse cheiro tornou-se fétido após a sua morte por veneno, encomendada por mim ao dono da casa. Antes, ele era uma presença/ausência móvel, a deslizar suavemente pelo assoalho de velhas tábuas largas em escapadas rápidas e assustadas. Depois de morto, sua presença/ausência tornou-se insuportável, o ar, irrespirável. No pequeno cômodo, ele “decidiu” (como última homenagem ou vingança) deixar-se morrer justamente sob meu leito. Depois de removido o corpo, não voltaria a me assombrar. Mas minhas narinas continuaram a carregar seu cheiro de morte.

Eis, então, o que me parece ser a lição do rato: melhor assumir a existência desses saberes estranhos à antropologia e mapeá-los, identificar seus movimentos, a deixar que emirjam, subterrâneos, e com seu cheiro invadam toda a pesquisa. É uma forma de dizer que, como jornalista-antropóloga, minha observação em campo e esse próprio texto, provavelmente, esteja carregada de “impurezas”, de vestígios, de traços

de uma trajetória anterior, de um outro *habitus* profissional incorporado e que conflita, em diversos momentos, com o novo saber em incorporação. Nas metáforas, pelo menos, prefiro conviver com meus ratos imaginários invadindo as frestas da minha reflexão. Vivos, consigo acompanhar-lhes o movimento e até afeiçoar-me a eles, pelo que têm de inusitado, de provocativo e de inesperado em suas aparições. Eles colocam em xeque minhas convicções e meu domínio sobre os contornos do saber a que me lanço. E, além do mais, moram em mim, tal como os ratos naquela velha casa. Sobre os ratos de lá, diga-se de passagem, devem ter-se reunido para velar o cadáver enquanto eu dormia e, desde então, festejam minha partida na casa que voltou a ser sua.

1.3 Tornar-se antropóloga

Na experiência etnográfica, diferentemente da experiência jornalística através da qual iniciei meus contatos com o universo dos mineiros de carvão, há uma abertura para que a subjetividade do pesquisador interaja no momento da observação, produzindo significados que passam a pertencer ao todo observado. A subjetividade, o envolvimento não é uma parceira indesejável no trajeto, da qual o pesquisador deva libertar-se a todo custo, mas, ao contrário, uma condição para a produção de sentidos que darão vida à observação.

A partir de Geertz (1978), compreendo que fazer uma etnografia é como tentar ler um manuscrito, que é estranho, cheio de elipses e incoerências. Sua proposta interpretativa nos ensina que os dados mais relevantes da etnografia não são sintetizados a partir de dados brutos, mas passam pelo filtro da interpretação. As ações das pessoas são como “artefatos”, “sinais” cujo objetivo é transmitir significados. Assim, o etnógrafo preocupa-se, para além das ações das pessoas, com o significado do que elas fazem e com as interpretações que elas se atribuem.

Dar conta da riqueza do universo pesquisado é sempre um desafio para o antropólogo. Além da observação participante, adotamos a técnica de entrevistas semi-dirigidas e abertas, com atenção flutuante do pesquisador. Entendo, como Schwartz e Schwartz, que na observação participante, o pesquisador fica face a face com os observados e colhe informações participando da vida da comunidade em seu cenário.

Desta forma, o observador é parte do contexto, modifica e é modificado por esse contexto. (Apud. LEMGRUBER, 1980, p.144).

Conforme Eunice Durham, o fundamento da observação participante, que herdamos de Malinowski, reside num processo de transformação do observador, “que consiste na assimilação das categorias inconscientes que presidem à ordenação do universo cultural investigado”. (DURHAM, 1978, p.47). Ou seja, não apenas o pesquisador altera-se a si próprio, transformando-se num instrumento de investigação, mas por meio desse processo atinge uma totalidade que é “anterior” ao processo sistemático de ordenação e, em parte, da própria coleta de dados.

Na entrevista não-diretiva, conforme Guy Michelet, “procura-se fazer com que a pessoa entrevistada assuma o papel de exploração habitualmente detido pelo entrevistador.” Segundo o autor, a liberdade deixada ao entrevistado facilita a produção de informações sintomáticas que correriam o risco de serem censuradas em outro tipo de entrevista. O objetivo, como aponta Jacques Maître, é atingir aquele nível “profundo”, invisível para o observador apressado. (Apud. THIOLENT, 1980). Concordo com o autor quando diz que é ali onde se articulam o jogo das forças sociais que operam no indivíduo sem que esse o saiba.

Um importante instrumento metodológico nesta pesquisa é o uso de entrevistas abertas e biográficas, que possibilitam apresentar os atores a partir de sua própria perspectiva. Como observa Cornelia Eckert, a narrativa biográfica cumpre papel relevante nas pesquisas sobre memória coletiva a partir dos estudos de Halbwachs. “Aqui, a história de vida seria um jogo de lembrar e esquecer, de selecionar e resignificar as práticas sociais que situam os sujeitos como construtores singulares do conhecimento de suas histórias individuais e coletivas.” (ECKERT, 1998, p.6).

Como afirma a antropóloga, a convivência prolongada permite um conhecimento dos ritmos e dos espaços da vida cotidiana, dos eventos coletivos e das redes sociais onde os indivíduos negociam sua identidade. Segundo Eckert, é da reflexão sobre a construção da identidade social que se reconhece os ritmos do cotidiano dos grupos de pertencimento na dinamização de sua memória, que combina passado e presente. Por meio do método etnográfico, é possível construir “as tramas” sociais e conhecer a maneira, ao mesmo tempo individual e coletiva, “de os indivíduos pensarem,

interpretarem e exprimirem as continuidades e descontinuidades de um tempo vivido, reelaboradas e ressemantizadas no presente.” (ECKERT, 1998, p.12-15).

Nesta pesquisa, também busco preservar, vivificar a cultura dos mineiros de carvão. Como enfatizam Eckert e Rocha, ao fazermos descrições etnográficas, narramos histórias vividas e, com isso, as perpetuamos. “A marca da coisa narrada aflora na escritura antropológica (...), deslocando a figura do antropólogo para o lugar de narrador de histórias.” (ECKERT e ROCHA, 2002, p.17).

1.4 A inserção



Ao conviver com moradores desta comunidade de mineiros de carvão, impressiono-me com a intensidade e a riqueza dos relatos acerca da vida do “mundo da mina”. Esse universo diz respeito à vida da cidade erguida em torno da atividade carbonífera. Minas do Leão abriga várias minas subterrâneas desativadas. A principal é a Mina de Leão I, onde a maior parte de meus informantes trabalharam.

A pesquisa de campo, que considero iniciada em novembro de 2002, e conduzida de forma mais intensa nos meses de abril a julho de 2003, foi concluída com

novas aproximações em dezembro de 2003. Ao todo, foram 10 viagens totalizando uma permanência de 21 dias na comunidade.

As técnicas adotadas envolveram a observação participante e entrevistas semi-dirigidas⁵ e abertas, com relatos das histórias de vida e trajetórias de trabalho, a utilização de diários de campo, a consulta de estudos e levantamentos de dados, além de registros fotográficos e filmagem, que ajudaram a captar e a recompor este universo. Nas primeiras incursões, dediquei-me à observação participante e às entrevistas. Nas primeiras ocasiões em que permanecia mais de um dia, por não haver encontrado uma pousada ou hotel em Minas do Leão, me hospedava num hotel na cidade vizinha de Butiá. Em de julho de 2003, permaneci na comunidade na casa de informantes. Apesar da precariedade de minhas acomodações, a experiência de compartilhar a rotina com os moradores foi extremamente rica e compensadora.

Essa casa que ocupei por alguns dias em julho e em dezembro, era habitada pela mãe de Dona Dalva na primeira vez em que lá estive. Uma senhora simpática que convidou-me para “*posar*” com ela quando eu estivesse por lá. Um mês depois, tive a notícia de sua morte, que me entristeceu bastante. Pensei na possibilidade de alugar a casa, inspirada pelo fato de, em vida, a velha senhora ter-me feito o convite. Dona Dalva disse-me, depois, que me considerava “*corajosa*” por habitar a casa de uma pessoa morta. Acrescentou, porém, que também não teria medo, porque a mãe garantiu-lhe antes de morrer que não apareceria para não assustá-la.

A convivência cotidiana com o casal abriu-me portas e percepções sobre as relações de parentesco, de amizade e de vizinhança. Volta e meia sugeriam-me conhecidos para entrevistas, assim como escutavam meus relatos sobre o que eu tinha aprendido da cidade, rindo nas ocasiões em que eu manifestava receio de perder-me naquela geografia que ainda não dominava.

Um dos primeiros compromissos que tive na cidade foi uma entrevista com o prefeito, marcada na manhã posterior à minha chegada por iniciativa de Seu Hermes, que considerava importante eu falar também as “*autoridade*”, além “*dos mineiro*” como ele. Registro aqui uma passagem do Diário de campo sobre nossa ida à prefeitura, quando vivencio a curiosa experiência de ver este mineiro me apresentando, ora como

“jornalista”, ora como “estudante” (numa ocasião perguntou-me o que era essa “antropologia” que eu estudava) em lugares densos em simbolismo, como o sindicato, a companhia, a prefeitura.

Enquanto eu e Seu Hermes aguardávamos pelo prefeito, um outro visitante puxou conversa comigo. Era um executivo da Carbonífera Criciúma, empresa que arrendou a mina de Leão II. Ele disse-me que a implantação da mina depende das obras da usina de Jacuí, ou seja, de um mercado para esse carvão. Num momento, Seu Hermes entrou na conversa: *“Tocando essa mina, essa região melhora 100%”*. Apresentei-o ao executivo, explicando ser um mineiro. *“Aqui tudo é mineiro”*, emendou meu informante. Tentando ser cordial, o executivo afirmou: *“Em terra de mineiro, é só olhar para as mãos, com as unhas pretas, que a gente sabe a ocupação”*. Seu Hermes, dono de uma franqueza admirável, não deixou por menos. Mostrou as próprias mãos, com as unhas limpas, e disse: *“Mas isso aí já não é de mineiro, é relaxamento mesmo”*. Antes de sair de casa, ele estava justamente cortando as unhas. Na ante-sala do prefeito, aproveitou o tempo para lixá-las com o alicate de metal. Depois da entrevista, no caminho de volta, voltou ao tema: *“Vai ver que lá em Santa Catarina os mineiros são relaxados, de unha suja”*, disse, rindo, mas com uma ponta de indignação. (Diário de Campo, 15/07/2003)

O que estava em jogo nesta interação eram representações sobre o mineiro, contestadas por Seu Hermes. Nos dias em que ali permaneci, foram vários os momentos partilhados com esse casal. Numa oportunidade, fomos à festa de aniversário de uma filha dos compadres deles, Seu Valdevino e Dona Anarlete, meus informantes. Em outra ocasião, fomos conhecer o Museu do Carvão em Arroio dos Ratos. A viagem a um passado da mineração, que evoca o seu próprio, bem mais recente, comoveu e alegrou Seu Hermes. Em um momento, que o vi concentrado diante de uma foto de mineiros entrando numa “gaiola” para descer ao poço, perguntei-lhe se a cena provocava saudades. Ele respondeu: *“Mas báh...!”*, num tom emocionado e sem desgrudar o olhar da fotografia, como se ela exibisse suas próprias viagens ao subterrâneo. E de fato exibia pelo mesmo efeito em que um mineiro se vê como parte de um todo.

Cerca de uma semana após a minha volta, encontrei em Porto Alegre com este casal de informantes. Programamos o encontro, aproveitando uma consulta médica que tinham marcado. Fui buscar Seu Hermes e Dona Dalva na rodoviária e depois fomos passear. Ela tinha curiosidade de conhecer um shopping. Lá fomos nós em um *tour*

⁵ Entrevistas com roteiro prévio, a partir dos temas de interesse da pesquisa, que expandiam-se de forma livre a aspectos espontaneamente manifestos pelos entrevistados.

nesse universo de colorido e vitrines que encantaram seu olhar. Ficou fascinada, particularmente, com uma tv tipo *home-theater* exposta em uma loja. Disse ao marido: “*Viu, Nêgo, prá nossa sala!*” Conheceram minha casa, onde almoçamos juntos, sacramentando uma relação de afeto e amizade.

A última etapa em campo foi marcada por dois rituais importantes na vida da comunidade. A festa de Santa Bárbara, a padroeira dos mineiros, celebrada nos dias 3 e 4 de dezembro; e um casamento de filhos de mineiros para o qual fui convidada, em meados daquele mês. Aproveitei a ocasião para tentar localizar um velho mineiro que eu havia entrevistado como jornalista, anos antes. Fiz uma nova entrevista com Seu Leo, hoje com 74 anos, que voltou a impressionar-me com sua visão de mundo carregada de poesia. Ao todo, são quatro informantes que, nesta pesquisa, volto a entrevistar depois de ter interagido em ocasiões anteriores como repórter: Seu Leo, Zecão, Ademar e Agenor. Outros olhares, outras profundidades e algumas confirmações.

1.5 A experiência em campo



Esse lugar, Minas do Leão, foi se transformando em minha percepção à medida em que me aproximava mais, que me entranhava em sua vida. Meu olhar era um, em 1995, outro, em 1997, nas incursões como jornalista. Já mudou quando comecei a

pesquisa, em 2002. No primeiro semestre de 2003, nas ocasiões em que lá estive, ainda era um olhar “de fora”. Mas aos poucos esse olhar alterou-se profundamente.

Com a inserção mais sistemática, circular nas ruas, ir ao supermercado, ao posto bancário era diferente. Tinha me tornado “dali” embora fosse “de fora”. Outros moradores chegaram a comentar a meu respeito: “*Ah, sei, ela mora ali embaixo*”. Meus vizinhos de pátio diziam assim: “*Ela mora com a gente*”. Cheguei a fazer uso das relações de vizinhança deixando o carro estacionado no pátio dos moradores da casa em frente, Seu Bega e Dona Maria, também meus informantes, enquanto Seu Hermes fazia obras na entrada da sua garagem. Meu sentimento foi mudando da estranheza para a familiaridade, tão nítida a ponto de sentir prazer ao caminhar pelas longas avenidas que atravessam a cidade de uma ponta a outra, reconhecendo e encontrando no caminho entrevistados e alguns novos amigos que fiz. Penso que se trata de uma “distensão da alma” (RICOEUR, 1994, p.34) que registro nessas caminhadas ao encontro desse “outro”, que já me é próximo. A cada relato, ia descobrindo uma outra nuance, um novo aspecto da vida da comunidade e de seus habitantes, que conformam esse todo. Um todo complexo, mas generoso em desvelar-se diante do meu esforço em conhecê-lo. Lembro-me dos versos de Mario Quintana afixados na parede da rodoviária: “Que faz com que o teu ar/ pareça mais um olhar/ suave mistério amoroso/ cidade do meu andar (...)”. Como nos versos do poeta, sinto que as cidades tomam ares que mais parecem olhares⁶. Enquanto as percorremos, sentimos como se nos olhassem, mais do que nós a elas. Talvez porque carregamos, nessas andanças, todas as cidades conhecidas a se reconhecer nesta que agora visitamos. E ela a elas.

No ritmo da cidade interiorana, o cotidiano é cenário de sentimentos ambíguos para muitos moradores de Minas do Leão, que se referem à proximidade dos vizinhos como uma vigilância constante e incômoda. São gratos à solidariedade, mas reclamam de que os outros “*enxergam cada passo que tu dá*”. Nessa comparação, a vida da “cidade grande” aparece como uma liberdade em que “*ninguém cuida da vida dos outros*”⁷. Dona Dalva contava que, numa ocasião, ao andar de metrô na Região

⁶ De Certeau (1994, p.184) menciona esse “olhar da cidade”, na fala de uma moradora de Ruão: “A cidade nos mantém sob seu olhar, que não se pode suportar sem vertigem”.

⁷ Sobre essa “indiferença” dos moradores das metrópoles, sugiro a leitura de Simmel (1979), em particular entre as páginas 18 e 20, quando o autor refere-se ao *blasé* dos moradores das cidades grandes.

Metropolitana de Porto Alegre, caiu um tombo no interior do trem. Observava que “*na cidade grande se cair no chão ninguém nota*”. Isso tinha uma conotação ao mesmo tempo positiva e negativa. Num momento, era liberdade, em outro, solidão.

Nas fronteiras bem delineadas da pequena cidade, os moradores dizem que ali, quando um sai, os outros “*reparam a casa*”, embora não ocorram assaltos ou arrombamentos. Na primeira noite em que lá dormi, a porta de “minha casa” estava apenas encostada, atada fragilmente por um fino arame que a mantinha fechada. Somente no dia seguinte, Seu Hermes providenciou uma fechadura, mas afirmava que não havia motivo para preocupações. “*Aqui não tem problema*”, disse-me. No entanto, minhas próprias representações sobre insegurança e violência acompanharam-me até Minas do Leão e meu sono não foi tranquilo.

Durante o trabalho de campo, realizei cerca de 25 entrevistas, das quais 20 em profundidade (com duração entre uma hora e meia e quatro horas, que foram gravadas). Outras cinco entrevistas gravadas considero que foram mais informativas, ou sobre determinado tópico, com duração inferior a uma hora. A maior parte das entrevistas foi realizada no ambiente da casa, algumas na companhia ou no sindicato. Nos encontros realizados nas moradias, em vários participaram o mineiro e sua mulher, de forma que as 20 entrevistas em profundidade envolveram ao todo 37 pessoas, sem contar filhos e amigos eventualmente presentes. Muitas outras conversas informais também foram mantidas com moradores, comerciantes, administradores da companhia e outros. Das 25 entrevistas gravadas, em 14 participaram mulheres, irmãs, viúvas ou mães de mineiros.

1.6 O antropólogo como autor

Conforme Geertz, muitos desafios são enfrentados pelo antropólogo em sua condição de autor. Segundo ele, os etnógrafos precisam convencer o leitor não somente de que “estiveram ali”, mas também de que se os próprios leitores tivessem estado ali, “teriam visto o que eles viram, sentido o que sentiram, concluído o que eles concluíram” (GEERTZ, 1997, p.26). Assim, o antropólogo vive a angústia de reproduzir com palavras, imagens, mapas, idéias, uma experiência complexa e perturbadora que precisa ser descrita e escrita para ser conhecida e reconhecida entre seus pares. O “estar ali”,

em seu sentido mais amplo, acontece através dessa imersão pessoal que resgata as produções culturais do grupo estudado, considerando os mitos, ritos, artes ou outras expressões, dando-lhes uma dimensão universalizadora que dissolve a estranheza vivida pelo antropólogo. (GEERTZ, 1997, p. 57).

O autor reflete sobre o “o cárcere da linguagem” e a “ inadequação das palavras à experiência e sua tendência a remeter somente a outras palavras”, observando que isso é conhecido há muito tempo por poetas e matemáticos, no entanto é novo para os etnógrafos, o que faz com que alguns sejam remetidos a um estado de confusão, que ele julga não ser permanente. (GEERTZ, 1997, p.148). O problema não é a incerteza que implica em como contar histórias sobre como vivem outras pessoas, nem a incerteza epistemológica sobre como classificar essas histórias dentro dos gêneros acadêmicos. Essas incertezas, ressalta, “bastante reais, que sempre estiveram aí, e que são inerentes a este campo”. Acentua que o problema é que hoje tais questões estão sendo abertamente discutidas, descobertas “do véu da mística profissional”. O resultado é que os textos etnográficos começam a ser considerados em “si mesmos” e não como simples mediações. Passam a ser vistos como construções cujo objetivo é persuadir o leitor.

Embora alerte para o risco do literário e do esteticismo (em que a antropologia torne-se apenas “boa para ler”), Geertz avalia que não é possível evadir-se do peso da autoria, de livrar-se da responsabilidade sobre o método e a linguagem. Acredita que os riscos valem a pena, porque corrê-los implica em uma revisão da nossa compreensão do que significa abrir a consciência de um grupo à forma de vida de outro, e desta forma sua própria consciência. (GEERTZ, 1997, p.152).

Ao referir o espaço, o tempo e a perspectiva ou voz como os três requisitos que tratam da construção de sujeitos de uma etnografia, a antropologia pós-moderna⁸, indo além do proposto do Geertz, ressalta a importância da construção do texto e o papel desempenhado pelo leitor. Entende que caberia ao etnógrafo revelar as múltiplas falas, as múltiplas formas de representação sem hierarquizá-las.

Uma proposta, conforme Teresa Caldeira, é escrever etnografias tendo como modelo o diálogo ou a polifonia. Ao representar muitas vozes, pretende-se produzir no texto uma “plurivocalidade”, lançando-se mão de citação de depoimentos ou autoria

⁸ Como por exemplo em autores como James Clifford (1998), Marcus (1991), Teresa Caldeira (1988).

coletiva. Assim, o autor reduziria a sua presença, fazendo os “nativos” falarem em seu lugar. A fim de rever a responsabilidade do antropólogo, Caldeira afirma que é preciso “não apenas pensar que tipo de representação é possível criar sobre os outros e quais os nossos procedimentos ao construir interpretações, mas que tipo de crítica e de política nós queremos fazer”. (CALDEIRA, 1988, p.157). A seu ver, o modelo de texto se define em função do objeto e do tipo que análise que se pretende, cabendo ao antropólogo a busca de um estilo que se adapte aos seus objetivos.

O texto do antropólogo tem por natureza uma missão difícil. Deve captar a riqueza do universo pesquisado e traduzi-la para academia e os antropólogos. No entanto, como consideramos o retorno, o *feed-back* aos “nativos” uma condição da interação, oferecemo-lhes o acesso aos nossos trabalhos sem nos dirigirmos a eles em nossa linguagem. Dependendo do campo, as pesquisas serão herméticas ao “nativo”.

Quadro de informantes – Minas do Leão e Butiá

Nome	idade	Ativ. anterior	Religião	origem/pai	Local	Ativ. Atual
Seu Bega	65	Mina da Coréia	Evangélica	Agricultor	M. Leão	Transp. carvão
Dona Maria	55	Ind. Calçados	Evangélica	Mineiro	M. Leão	Dona de casa
Zecão	42	Mineiro CRM	Católica	Mineiro Copelmi	Butiá	Em atividade
Marilene	40	dona de casa	Católica	Mineiro	Butiá	dona de casa
Dona Zaida	48	viúva mineiro/CRM	Católica	Agricultor	M. Leão	pequeno comércio
Seu Adão	62	Mineiro Copelmi	Católica	Agricultor	Butiá	Taxista
Dona Gessi	58	Func. Hospital	Católica	Mineiro	Butiá	Dona de casa
Jango Freitas	61	Mineiro CRM	N/definido	Carreteiro	M. Leão	Reformas/ obras
Julietta	57	Func. na CRM	Evangélica	Mineiro	M. Leão	Dona de casa
Zé Pretinho	57	Mineiro CRM	Católico	Agricultor	M. Leão	Metalúrgico
Odete	54	Lavava roupas	Evangélica	Mineiro	M. Leão	Doméstica
Tita	46	Mineiro CRM	Católica	Agricultor	M. Leão	Obras/eletricidade
Kátia	41	-----	Freq. Evangélica	-----	M. Leão	Dona de casa
Seu Hermes	52	Mineiro CRM	Umbanda	Mineiro	M. Leão	Aposentado
Dona Dalva	48	Dona de casa	Umbanda	-----	M. Leão	Dona de casa
Seu Valdevino	58	Mineiro	Espírita	-----	M. Leão	Vend. Ambulante
Dona Anarlete	---	Operária	Espírita	-----	M. Leão	Ateliê costura
Luiz	43	Mineiro CRM	Católica	Agricultor	M. Leão	Aposentado
Solange	50	Dona de casa	Católica	Fazendeiro	M. Leão	Dona de casa
Seu Adão	58	Mineiro CRM	Católica	Ferrovário	Butiá	Corte de mato
Dona Hilda	52	Secretária/Ateliê	Católica	Mineiro	Butiá	Dona de casa
Seu Mieroslau	73	Ferreiro CRM	Católica	Professor	M. Leão	Aposentado
Dona Lúcia	74	Func. cooperativa	Católica	Agricultor	M. Leão	Dona de casa
Zé Cabeça	57	Mineiro CRM	Católica	Mineiro	M. Leão	Aposentado
José Selbach	73	Mineiro/ motorista	Umbanda	Mineiro	M. Leão	Aposentado
Dona Zélia	53	Mulher ex-mineiro	N/definida	Mineiro	M. Leão	Dona de casa
Agenor	43	Mineiro CRM	Católica	Mineiro	M. Leão	Loja videogame
Ana Luiza	---	Dona de casa	Católica	-----	M. Leão	Loja videogame
Padre Wilson	---	Padre em SP	Católica	-----	M. Leão	Pároco local
Eron	41	Func. CRM	Católica	Mineiro	M. Leão	Ger. RH/CRM
Leotilde	74	Mineiro CRM	Católica	Mineiro	M. Leão	Aposentado
Negrinho	51	Mineiro CRM	-----	Mineiro	M. Leão	Vereador PMDB
Ademar	43	Funcionário CRM	-----	Padrasto mineiro	M. Leão	Sindicalista e fund. do PT
Zoely	65	Mineiro DACM/CRM	-----	Mineiro	M. Leão	Prefeito da cidade

Oniro	41	Mineiro Copelmi	----	Mineiro	Butiá	Pres. sindicato
Dagoberto	43	Várias	Católica	Comerciante	Porto Alegre	Enfermeiro
Cássio	25	Transp. carvão	Católica	Mineiro	Butiá	Desempregado

Total: 25 informantes, contando com os casais. Destas, 20 são entrevistas em profundidade (com duração entre 1,5 hora e quatro horas) e cinco entrevistas informativas ou sobre determinado tópico, com duração inferior a uma hora.

Quadro de relações de vizinhança, amizade e parentesco

Nome	Estado civil	Filhos	Relações entre informantes/referências
Bega e Maria	casados	quatro	Vizinhos de frente e amigos de Hermes e Dalva
Zecão e Marilene	casados	dois	O pai dele trabalhou com Adão Souza
Adão e Gessi	casados	quatro	Ele trabalhou com o pai de Zecão
Adão e Hilda	casados	quatro	Amigos de Zecão/ Jango (padrinho casamento)/ Sogros de Cássio
Cássio	casado	não tem	Genro de Adão e Hilda, casado com Janaína/ e companheiro de partido de Ademar (PT).
Selbach e Eva	viúvos/ união estável	vários	Amigos de Hermes e Dalva
Zaida	viúva/ união estável	uma	Vizinha de Hermes e Dalva./ O marido dela, Pedro, morreu na mina
Hermes e Dalva	casados	duas	Irmão de Zélia/ irmão de criação de Ademar Vizinhos de Bega e Maria, de Zaida, de Tita/ Amigos e compadres de Anarlete e Valdevino/ Amigos de Selbach e Eva, e do vereador Negrinho
Zélia	casada	três	Irmã de Hermes e irmã de criação de Ademar
Ademar	casado	uma	Irmão de criação de Hermes e Zélia./ Padrinho de casamento de Cássio
Mieroslau e Lúcia	casados	quatro	Sogros de Eron/ Amigos de Dagoberto
Eron	casado	não tem	Genro de Mieroslau e Lúcia, casado com Silvia
Jango e Julieta	casados	três	Amigos e compadre de Adão e Hilda/ Tio de Negrinho
Negrinho	casado	dois	Vereador eleito pelo PDT, hoje no PMDB./ Sobrinho de Jango/ Amigo de Hermes e Dalva/ O pai trabalhou na mesma mina que Selbach e Valdevino/
Valdevino e Anarlete	casados	três	Amigos e compadres de Dalva e Hermes/

			vizinhos de Zé Pretinho e Odete
Zé Pretinho e Odete	casados	três	Vizinhos de Valdevino e Anarlete
Leotilde	casado	três	Vizinho de Agenor/ Amigo do pai de Eron
Agenor e Ana Luiza	casados	dois	Vizinhos de Leotilde/ Ex-colega de Zecão
Zé Cabeça	casado	três	Ex-colega de Hermes, Luiz e outros
Luiz e Solange	casados	duas	Ex-colega de Zecão, de Zé Cabeça e outros
Tita e Kátia	casados	não têm	Vizinhos de Hermes e Dalva, de Bega e Maria./ Era irmão de Sereno morto em acidente na mina.
Dagoberto	-----	-----	Filho dos antigos donos da Casa Vasco. /Amigo de Miroslau e Lúcia
Zoely	-----	-----	Prefeito da cidade, vinculado ao PDT
Oniro	-----	-----	Presidente do Sindicato dos Mineiros
Padre Wilson	-----	-----	Pároco de Minas do Leão

CAPÍTULO 2

O UNIVERSO DO JORNALISMO

2.1 O valor-notícia

Num esforço comparativo, pode-se dizer que enquanto a antropologia é movida pelas idéias-valor da observação participante e da relativização, o jornalismo é impulsionado pelo valor-notícia, embora a própria definição do que é notícia possa ter diferentes interpretações e comportar uma ampla variedade de percepções e de posturas dos profissionais. Com o objetivo de esmiuçar de forma epistemológica o trajeto que percorro de um campo a um outro, passo a descrever alguns aspectos importantes que permeiam o universo do jornalismo.

Robert Park, sociólogo da Escola de Chicago que trabalhou como jornalista durante longo período, afirma que “a notícia não é história, e seus fatos não são fatos históricos”. (Apud. STEINBERG, 1972, p.168). Não se trata de história porque se refere a acontecimentos isolados e não procura relacioná-los uns aos outros como seqüências causais ou teleológicas. À história cabe não só descrever os acontecimentos como também procurar colocá-los no lugar que lhes cabe na sucessão histórica.

Ao considerar um dito popular de que é o inesperado que acontece, Park ressalta que não é o totalmente inesperado que faz a notícia. De acordo com o autor, as notícias “são realmente as coisas esperadas”, tais como nascimentos e mortes, casamentos e enterros, as condições das colheitas, a guerra, a política e o tempo. Um detalhe importante é que essas coisas são esperadas, mas ao mesmo tempo imprevisíveis, sendo que essa imprevisibilidade lhes confere o caráter de notícia. (Apud. STEINBERG, 1972, p.179). Tais análises tem o intuito de evidenciar ao leitor a dificuldade de se definir o que seja notícia, considerando, no entanto, que essa fluidez que caracteriza o objeto da profissão é um ponto central para se compreender o trabalho dos jornalistas.

De acordo com Traquina (2001), os membros de uma comunidade jornalística compartilham a visão dos valores-notícia dos jornalistas (decidindo o que é noticiável e

o que não é), além das rotinas e os procedimentos que os profissionais utilizam para fazer o seu trabalho. Segundo o paradigma construtivista, as notícias “são o resultado de processos de interação social entre jornalistas, entre os jornalistas e a sociedade, e entre os jornalistas e suas fontes de informação”. (TRAQUINA, 2001, p.62-63). Nesta perspectiva, da qual compartilho, os jornalistas não são observadores passivos, mas participantes ativos na construção da realidade. Ou seja, ao recortar partes no fluxo da vida cotidiana, os jornalistas interpretam, atribuem sentidos e constróem a própria realidade a ser divulgada a partir de suas próprias convicções, seu olhar e seu lugar no mundo.

Então, os valores-notícia são como um mapa do mundo social para o jornalista. Parece-me que essa espécie de código partilhado pelos profissionais tem o caráter de um *habitus* (Bourdieu, 1999) incorporado, que avalia e seleciona quais acontecimentos merecem uma cobertura jornalística. Embora uma definição quase universal de notícia seja todo o fato que possa despertar o interesse dos leitores ou de parte dos leitores de um jornal em geral há uma dificuldade dos novatos em saber se está ou não diante de uma notícia, porque essa apreensão, esse *feeling*, é desenvolvido no cotidiano no trajeto percorrido para tornar-se jornalista.

2.2 O tempo e a rotina

Uma característica do jornalismo que torna seu exercício radicalmente diferente da vivência do pesquisador das ciências humanas em geral e, especificamente, da antropologia, diz respeito ao tempo dedicado à exploração de um tema em campo, assim como a sua escrita e divulgação. No jornalismo, há uma aceleração do tempo, sendo este o que regula o fluxo de produção cotidiano, seja o ritmo industrial que estabelece prazos de fechamento da edição, o chamado *dead-line*, seja o tempo vivido e internalizado pelo repórter, cuja vida é marcada pela pressa, pela adrenalina, enfim, pela tensão e pela pressão. É como se essa intensificação do tempo – internalizada – representasse simultaneamente as alegrias e dissabores da profissão. Nas redações, reclama-se constantemente sobre o pouco tempo para a produção das matérias, contra o ritmo industrial que nos condena a realizar várias pautas por dia.

No entanto, funcionamos em cima desse “tempo curto”, como se, eliminada a opressão, a própria produção já não fizesse mais sentido. No fim do dia de uma jornada exaustiva, o sentimento pode ser de vitória (sempre sobre o tempo), de cansaço (tantas coisas para fazer em tão pouco tempo) ou de frustração (o tempo que se esvai e nos deixa para trás). Essa adrenalina, sentida ora como um frio no estômago, ora como uma energia que faz o sangue correr mais rápido, faz o jornalista sentir-se vivo.

Na vida cotidiana, o jornalista sente-se e fala de si como uma espécie de ser humano à parte. Em geral, internaliza de tal forma o tempo da produção que esse passa a ser inseparável do seu eu. Uma espécie de ansiedade (que está a pouca distância da angústia) marca seus gestos, sua trajetória, de forma que essa vivência parece inevitável. Há um tempo internalizado que parece não se coadunar com os tempos de outras carreiras profissionais. Por estar fora de seu ritmo “natural”, cria a sensação de que este tempo interior ora é mais rápido ora mais lento do que o tempo das coisas.

De acordo com Traquina, na perspectiva da teoria etnoconstrucionista, os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo. O desafio cotidiano é ter de elaborar um produto final, como jornal, revista, telejornal, todos os dias ou todas as semanas. Assim, o trabalho jornalístico é uma atividade prática e cotidiana orientada para cumprir as horas do fechamento, o chamado *dead-line*. (TRAQUINA, 2001, p.95). Esse regramento imposto sobre a atividade faz com que o jornalista tenha uma maneira própria “de viver o tempo” e de “ver o mundo”. (TRAQUINA, 2001, p.121). Há uma estética jornalística que aflora na maneira como se atribuem sentidos para as coisas e para o mundo e na forma como se contam essas histórias ao leitor por meio do texto, do som ou das imagens.

Poderia se dizer que os elementos tempo, valor-notícia, rotina e narração de estórias são intrincados. Ou seja, é a partir da rotina imposta para fazer frente à exiguidade do tempo e à necessidade de contar rapidamente uma história ao leitor que os novos jornalistas incorporam, a partir de um treino cotidiano, a noção de um valor-notícia. O *feeling* para uma boa reportagem, do que ver, ouvir, e do que descrever é desenvolvido ao longo de anos de prática profissional e, ao mesmo tempo, repassado como herança cultural pelos jornalistas mais experientes aos novatos. Conforme

Traquina, o processo de interação entre os jornalistas é vital, de forma que os neófitos são integrados a partir de um processo de osmose. (TRAQUINA, 2001, p.117).

Isabel Travancas (1994) adota o conceito de *adesão*, envolvendo “uma questão subjetiva da relação do jornalista com o trabalho e que não deve ser compreendida apenas pelo número de horas em que ele está ocupado com ela”. (TRAVANCAS, 1994, p.60). Por meu turno, sempre tive um forte envolvimento afetivo com o trabalho de repórter, de forma a atividade profissional extrapolava as já longas jornadas na redação. Mais do que isso. Esse envolvimento torna-se um espécie de filtro, de lentes com as quais olha-se para o mundo, do acordar à hora de dormir.

2.3 O jornalista como narrador

Tomás Eloy Martinez afirma que o jornalismo nasceu para contar histórias, mas que parte desse impulso inicial que era a sua razão de ser perdeu-se. A seu ver, dar uma notícia e contar uma história não são procedimentos tão contraditórios como pode-se pensar. O autor observa que é um desafio diário para os editores de jornais descobrir formas de seduzir os leitores usando uma arma tão insuficiente como a linguagem para contar cenas que a maioria já viu e ouviu na televisão e no rádio. O problema, a seu ver, deve ser enfrentado pela narração. (MARTINEZ, 1998, p. 37-38).

Compartilho dessa visão de que o jornalista é um contador de histórias. Das que presencia, das que ouve, das que se infiltram em seu íntimo e que já não se descolam de suas memórias. Sei disso porque carrego inúmeras histórias em minhas lembranças dos tempos de reportagem. De todas elas, as que não me abandonam são as de pessoas comuns, como os mineiros de carvão, ou aquele velho operário da construção civil que conheci ao fazer uma matéria sobre trabalho. Passados alguns anos, até hoje lembro do seu olhar, de tristeza e de desesperança. O que pude fazer? Conteí a sua história, de uma vida que oscilava entre o salário mínimo e o desemprego, tentando resgatar pela minha escrita o respeito e a dignidade que lhe foram roubados.

2.4 A reportagem em profundidade

A reportagem, de acordo com Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), é um gênero jornalístico privilegiado que se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. Entendem, no entanto, que a diferença da literatura é estabelecida pela “objetividade informativa”. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.9). Isso significa que, independente do tipo de reportagem (interpretativa, especial ou outra) a narração deve ser sem comentários, sem subjetivações.

Os autores consideram como as principais características de uma reportagem a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados. A humanização do relato torna-se mais nítida quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador, ao mesmo tempo em que os fatos são narrados com precisão. Nesta perspectiva, o repórter serve de ponte entre leitor e acontecimento. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.15).

A ampliação da percepção do tempo e do espaço na narrativa jornalística aparece na escola do novo jornalismo, ou jornalismo literário, que aflorou nos Estados Unidos nos anos 60. Nas palavras de Tom Wolfe, um dos expoentes desta escola, escrever é como deixar fluir uma “torrente de idéias” que capta “todos os sons, todos os aspectos e todo o clima”. (WOLFE apud. J.S. FARO, 1999, p.66). Marcos Faerman, considerado um dos representantes do novo jornalismo no Brasil, resume assim: “uma reportagem que com as áreas do fascínio que só podem ser geradas por uma busca (e uma conquista) do prazer do texto”. (FAERMAN, 1997, p.151). Sem abrir mão do realismo, essa escola de jornalismo utiliza recursos literários para oferecer ao leitor a riqueza de detalhes do ambiente e da trama vivida pelas personagens, retratando seus aspectos de objetividade e subjetividade. Esses aspectos, a meu ver, estabelecem pontes que aproximam o jornalismo da etnografia.

2.5 Itinerários de uma reportagem

Em todo o período em que trabalhei como repórter, sempre tive a sensação de que a matéria a ser feita – apesar da imensa dedicação na sua apuração e escrita – era

um pretexto para o mais importante: a aproximação e o conhecimento de histórias humanas. Ao evocá-las mentalmente, algumas matérias me remetem ainda a imagens e a cenas presenciadas, mas a emoção encontra-se armazenada diretamente sobre a lembrança do vivido, não sobre a matéria escrita, sempre um pálido retrato do que se viu e ouviu. No entanto, o mergulho intenso em uma reportagem muitas vezes não encontra eco na estrutura de uma redação. Demanda tempo e envolvimento intelectual e emocional. A tendência de descobrir reportagens mais aprofundadas em uma pauta que previa uma matéria rápida pode inclusive agudizar conflitos e hostilidades na relação de trabalho.

Na esteira industrial do cotidiano de uma redação de jornal, viabilizar uma matéria especial exige um razoável grau de persistência e dedicação. Mais ainda se for o caso se torná-la tão ampla e profunda que exija a publicação de uma série de reportagens. Essas referências pretendem fornecer indicações sobre os aspectos envolvidos nas reportagens que realizei sobre o tema da mineração de carvão para um jornal diário gaúcho.



A primeira matéria sobre mineiros foi realizada em 1995, quando descii pela primeira vez a uma mina subterrânea. Vivi, daquela vez, um forte impacto existencial. Descobria a maneira como aqueles trabalhadores tinham suas vidas marcadas por sua atividade no subsolo. Temor e encantamento foram as palavras que usei para descrever a experiência de entrar ali, em seu mundo. No subsolo, enquanto caminhava pelas galerias escuras e escorregadias, tive extrema sensação de familiaridade. A descida à mina de Leão I, então em atividade, era feita por um elevador, o skip, chamada pelos mineiros de “gaiola”. Na inacabada Leão II, a entrada se dava por meio de um plano inclinado a bordo de um caminhãozinho que sacolejava tanto a ponto de se ter a sensação de que ia emborcar.

Essa experiência fez-me repensar a relação com a existência, a re-descobrir a noção do dia e da noite, do claro e do escuro, da superfície e das profundezas. É como se tivessem sido sacudidos os alicerces que ancoravam uma visão do mundo. Senti como se tivesse tido uma revelação. A idéia de fazer uma outra matéria, mais especificamente sobre a cultura dos mineiros de carvão, não me abandonou nem mesmo no período em que estive afastada da redação do jornal. Daí porque a fala do editor Moisés Mendes, na que seria nossa primeira despedida, teve tanta importância: “Vê se volta, nem que seja para fazer a matéria dos mineiros”. Um ano e meio depois, disse-lhe rindo: “Voltei para fazer a matéria dos mineiros”. Quando me despedi novamente, um ano e meio depois, já feita e publicada a reportagem, entreguei a este editor um presente: o livro *Germinál*, de Émile Zola.

A segunda reportagem ocorreu em junho de 1997, num período de intensas atividades, num cotidiano que se dividia entre as aulas ministradas na universidade e a rotina de repórter. O “gancho” para a matéria (o que tornava o assunto um fato jornalístico) tinha sido o anúncio feito pelo governo do Estado de que a operação das minas de carvão seria privatizada. A parte mais objetiva do trabalho seria identificar as expectativas e projetos dos mineiros diante da possibilidade de mudança, descrever as condições de trabalho, ao mesmo tempo em que poderia contar suas histórias. Realizei entrevistas com trabalhadores da Mina de Leão I (subterrânea) e da Mina de Candiota (de superfície), na fronteira Oeste do Estado. A reportagem, publicada em uma série de quatro dias, entre 06 e 09 de julho de 1997, ocupou sete páginas no total.

Lembro-me que, no dia da viagem, encontrei na redação com o fotógrafo e o motorista escalados para a cobertura. Chegamos em Minas do Leão no meio de uma tarde de inverno. Esperamos a largada do turno ao fim da tarde e assistimos ao desfile de mineiros saindo da boca do poço com seus rostos e corpos enegrecidos. Ali conhecemos o mineiro José Lopes Lucas, o Zecão. Enquanto o esperávamos, acompanhávamos com o olhar a saída dos mineiros que passavam, curiosos, diante da equipe de reportagem. Conduzimos Zecão, de carro, até a sua residência, em Butiá, a cerca de 10 quilômetros de Minas do Leão. Ali, apresentou-nos a família, tomamos chimarrão e realizamos a primeira entrevista. Vimos álbuns de fotos e contemplamos os troféus obtidos nos jogos da companhia. Combinamos de acompanhá-lo ao trabalho no dia seguinte. Então, nos hospedamos em um hotel cujas condições beiravam o precário.

Havia carregado comigo alguns livros sobre o tema, entre eles, *A mineração de carvão no Rio Grande do Sul*, de Heinrich Bunse, e *A batalha pela energia*, de Henry Peyret. Reduzi as horas de sono lançando-me à leitura e a anotações que pudessem servir-me de inspiração nos dias seguintes. Reencontrei, agora, registros feitos à mão no bloco de entrevistas, que ainda servem de guia no trabalho etnográfico.

Antes das 7 horas da manhã, estávamos diante do portão da casa do mineiro. Acompanhamos sua despedida da mulher e do filho de quatro anos. Em seguida, fiz o percurso com ele, de ônibus, enquanto o fotógrafo e o motorista iam direto para a CRM com o carro do jornal. Caminhamos algumas quadras até a parada de ônibus. O ponto ficava em frente à locadora de vídeos e Zecão quis me mostrar a fita de *Germinal*. No ônibus que chegou quase vazio – sinal do encolhimento da mina – foi indicando na paisagem sobre o solo escuro as fileiras de casas de mineiros. Quando o ônibus chegou, o mineiro foi ao vestiário preparar-se para o trabalho. Nós também vestimos macacões, botinas e capacete e entramos na “gaiola”. A descida foi rápida e segura.

Antes de iniciar a caminhada de dois quilômetros e meio até a frente de trabalho, Zecão pediu a proteção de Santa Bárbara, na capelinha na boca da mina. O carro que transportava as equipes estava com defeito. As passadas tinham que ser largas e atentas para não haver quedas ao longo dos trilhos de transporte do material. O chão estava seco na maior parte do trajeto, apenas algumas áreas alagadas, em que era preciso equilibrar-se em madeiras para não resvalar. Apesar do macacão, botas e capacete, não

havia como evitar que o pó de carvão penetrasse nas roupas, cabelos e narinas. Acompanhamos a lide dos trabalhadores no subsolo. Assistimos a uma distância de 40 metros a detonações secas que invadiram o ar com o cheiro de pólvora.

À tarde, reunimos dois velhos mineiros e os levamos à mina para uma entrevista sobre suas trajetórias e lembranças. Um momento emocionante. Seu Gelson Nunes, que ingressou na área em 1956 e trabalhou por 29 anos, mostrava-se entristecido com a decadência da atividade. Fazia 15 anos que Seu Leotilde Braga (Seu Leo, informante desta pesquisa) não ia à mina, apesar de ter permanecido mais de 35 anos em Leão I. Lembrou-se dos amigos que perdeu e contou a história de uma praga que teria sido rogada para as minas não irem para a frente. As imagens que me forneceu sobre a mina eram pura sensibilidade e poesia. Já era noite quando iniciamos viagem rumo à Candiota, para a continuidade da reportagem com os mineiros de superfície. Abrevio o relato mencionando apenas que ali descobri que a cordialidade encontrada não se limita às minas subterrâneas. O gosto pela atividade e a identidade de mineiro também aparecem nas falas daqueles trabalhadores.

No momento da escrita, usei a fala de Seu Leo no começo da matéria principal, que abriu a série de reportagens, com o título: “Descaso e maldições rondam o carvão gaúcho”⁹. O objetivo era, por meio das histórias contadas por esse mineiro, fazer com que o leitor mergulhasse no tema. A reportagem sobre Candiota foi publicada no dia seguinte. Para fazer essas matérias, tinha a meu favor uma matéria-prima generosa: as histórias de vida e os relatos sobre o trabalho na mina. Então, em meio ao cansaço, a angústia da escrita passava a ceder lugar à alegria da criação (no sentido de Bergson, 1979).

⁹ Esta reportagem encontra-se em anexo no final da dissertação.

CAPÍTULO 3

DOS CONCEITOS

3.1 O cotidiano e a cidade

Ancorada em P. Lucas (1981) e em De Certeau (1994, 1996), entendo que a vida cotidiana não é uma simples repetição, mas invenção. Adoto o conceito de cotidiano de De Certeau, visto como construção poética, como criação diária, tecida nas entrelinhas das rotinas e das repetições. Como observa o autor, “o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente”. (DE CERTEAU, 1996, p.31).

O cotidiano é o que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Esta criação da vida concreta envolve o tempo e o espaço social, a produção de uma memória e de um imaginário, a produção material e a produção das relações sociais. O cotidiano é, então, a produção e a re-produção dos saberes e dos fazeres.

A cidade é o lugar onde as coisas acontecem. São múltiplas lógicas e redes de relações que se entremeiam. Como diz Menezes, “o espaço é produto e produtor de relações sociais”. (MENEZES, 2000, p. 157). Em função de que a apropriação espacial é marcada no tempo, a autora nos alerta para o fato de que, em uma etnografia é preciso acompanhar as práticas cotidianas dos moradores em diferentes momentos do dia, da semana, em diferentes épocas do ano. É desta forma que se registram as múltiplas facetas dos espaços sociais atravessados pela temporalidade.

Eckert e Rocha afirmam que os espaços urbanos, como objetos etnográficos, vão se revelando como suporte de tradições e biografias de seus habitantes à medida em que o pesquisa se entranha em seu cotidiano. A cidade se mostra ao antropólogo “a partir dos gestos, olhares e performances de seus moradores; dos itinerários, dramas e intrigas vividas por eles; das formas de sociabilidade e das linguagens ordinárias da rua”. (ECKERT e ROCHA, 1998, p.247). Há uma multiplicidade de gestos, de percursos e histórias que permeiam os espaços urbanos. Entendo, como Bozon, que as

cidades abrigam tanto os passantes, os visitantes, como a população que ali habita. Assim, toda cidade é “para uma parte importante da população, um lugar de adoção, de acolhida ou de simples passagem”. (BOZON, 1984, p.39).

Ao considerar o caso de Minas do Leão, de uma cidade que originou-se em torno da exploração de carvão, nota-se que o lugar-cidade se constrói por referência ao lugar-mina. Essa construção segue os conceitos de Marc Augé, sobre a categoria de “lugar”. Seguindo as definições do autor, a mina, como um lugar, fornece “uma identidade comum” aos trabalhadores; é “relacional”, porque seu espaço é criado pelas interações de trabalho, de conversas, de brincadeiras, e re-criado pelas lembranças e evocações; e é “histórica”, pois configura-se em palco de gerações sucessivas que estabelecem laços familiares ou de pertencimento a uma categoria social. (AUGÉ, 1997, p. 169).

Entendemos, como P. Lucas, que a rotina dos mineiros de carvão não é simples repetição, mas uma resposta aos problemas históricos. Trata-se de um trabalho infatigável, segundo diz o autor, que transforma em religião a vida cotidiana e constitui lugares como “santuários”. Estudando uma comunidade de mineiros em Montceau-les-Mines e Bassin de Blanzy, na França, Lucas afirma que “o imaginário substitui a trivialidade da vida cotidiana”. (LUCAS, 1981, p.10). É esse imaginário que, construindo uma identidade social, fornece um sentido para reinventar a rotina.

Nesta pesquisa, nos move a busca de compreensão, da decomposição, da construção e da descrição desse imaginário, entendido como as memórias e os sistemas de crenças que afloram nas narrativas, mas também como os gestos, os olhares, os rituais que permeiam o cotidiano. Essa rotina, segundo Lucas, contém uma “astúcia”, pois não é simples repetição, carrega suas contradições. A principal delas é a expectativa de construção de um futuro, possivelmente outro.

3.2 Representações sociais

A partir de Durkheim (1913), entendo que as representações sociais não estabelecem apenas a “verdade” do mundo que circunda o indivíduo ou grupo, mas impõem-se a ele, definindo o que pensar, como pensar, como viver e se portar. Dito de

outra forma: a atividade classificatória que acompanha a humanidade nas mais diversas culturas, ao nomear coisas e seres, torna mais familiar e acessível o mundo (mesmo que seja pela definição, separação do que pode ser considerado perigoso, nocivo, ameaçador, como nota M. Douglas, 1976), ao mesmo tempo em que, ao delimitar fronteiras, pelo ato de inclusão e exclusão, permite ao indivíduo e ao grupo se ver, se atribuir e incorporar uma identidade social.

Para tentar compreender como o membro de um grupo representa a si mesmo, ao seu grupo e ao mundo que o rodeia, parto do estudo das representações coletivas conduzido por Durkheim e Mauss (1903). Os autores explicam que “classificar coisas é ordená-las em grupos distintos entre si, separados por linhas de demarcação nitidamente determinadas”. (DURKHEIM e MAUSS, 1903, p.400). Essa atividade, que consiste em classificar os seres, os acontecimentos, os fatos do mundo em gêneros e espécies, em subordiná-los uns aos outros, em determinar suas relações de inclusão e exclusão, não seria inata, mas construída socialmente.

Para Herzlich (1991), retomando Durkheim, a representação social é um tipo de construção que visa dar conta da linguagem, das categorias, das metáforas presentes nas falas dos informantes. A seu ver, o pesquisador deve tentar articular em sua análise o fato de que a representação não constitui um reflexo do real, mas sua construção, que ultrapassa cada um individualmente e chega ao indivíduo, em parte, de fora dele.

Minayo (1998) salienta que as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, podendo ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Para a autora, as representações têm como principal mediação a linguagem, “tomada como forma de conhecimento e de interação social”. (MINAYO, 1998, p.108).

3.2.1 Ritos e sistema de crenças

Para buscar compreender a intensa religiosidade existente na comunidade de Minas do Leão, da qual a tradicional festa de Santa Bárbara, padroeira dos mineiros, é emblema, adoto neste estudo a definição de Martine Segalen de que o rito ou ritual “é um conjunto de atos formalizados, expressivos, detentores de uma dimensão simbólica”.

(SEGALEN, 2002, p.23). Os ritos são um conjunto de comportamentos individuais ou coletivos relativamente codificados, com um suporte corporal (seja verbal, gestual) com caráter repetitivo e forte carga simbólica. Conforme a autora, “a essência do ritual consiste em misturar tempo individual e tempo coletivo”. Por meio de sua dimensão simbólica, o rito possui eficácia em sua ação na realidade social. Essa definição abarca uma dimensão coletiva. Ou seja, o ritual faz sentido para aqueles que o partilham, possui uma eficácia social, ordena a desordem, confere sentido ao acidental e ao incompreensível. Permite, assim, dominar o mal, o tempo e as relações sociais.

3.3 Memória coletiva, tempo e narrativa

Ao estudar a relação com o passado, o ritmo dos dias trabalhados e as lembranças que os mineiros aposentados e em atividade carregam, anoro-me no conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990, p. 53), considerando que a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Conforme o autor, essas duas memórias se interpenetram freqüentemente. Como se vê em alguns relatos de velhos mineiros de Minas do Leão, a memória individual pode, para confirmar lembranças, e mesmo para cobrir lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, confundir-se momentaneamente com ela, mas segue seu próprio caminho.

Antes de chegar à concepção de uma memória coletiva, de Halbwachs, meu pensamento foi fortemente influenciado por Henri Bergson, de quem ainda guardo inspirações. Seus estudos tiveram a ousadia de revirar as entranhas do conhecimento marcadamente positivista do final do século 19 e começo do século 20, com a proposição de um “novo espiritualismo”. Bergson afirma que a inteligência, ao elaborar conceitos, fragmenta, espacializa e fixa a realidade, que é contínua mudança, “puro tornar-se”. Essa forma de atividade intelectual, que seria típica do “eu superficial”, possibilitaria a ciência e a sobrevivência do homem, voltada para o útil, o cômodo. Outra forma de abordagem e de apreensão do real é o “eu profundo”, que seria também “pura duração”. (BERGSON, 1979, p.184-185). Essa forma de contato entre sujeito e objeto é o que Bergson entende por “intuição”, destituída de motivos utilitários, que possibilitaria a apreensão do que é vida, dinamismo, duração, criação. O eu profundo

flui como mudança contínua. Esse progresso na continuidade tem a atividade unificadora da memória. (BERGSON, 1979, p.14-19).

De acordo com Bergson, a consciência significa primeiramente memória. “Toda consciência é, pois, memória – conservação e acumulação do passado no presente”. Mas a consciência também é antecipação do futuro. Então, “reter o que já não é, antecipar o que ainda não é”. (BERGSON, 1979, p.71-73). A consciência é uma ponte entre o passado e o futuro. E é também escolha, criação. Estabelece-se, portanto, uma relação entre memória e criação, a partir da consciência.

Opondo-se ao conceito de memória de Bergson, Maurice Halbwachs, herdeiro da tradição sociológica francesa e seguidor de Durkheim, propõe uma concepção de “memória coletiva” e sobre “os quadros sociais da memória”. Ele afirma que se lembramos é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar. A memória da pessoa está ligada à memória do grupo. Nossas lembranças, segundo Halbwachs permanecem coletivas. (HALBWACHS, 1990, p.26). Elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, “porque, em realidade, nunca estamos sós”, conforme afirma o autor. Com frequência, atribuímos a nós mesmos idéias, reflexões, sentimentos e paixões que foram inspirados pelo grupo. “Não percebemos que somos apenas um eco”. (HALBWACHS, 1990, p.47). Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. Assim, a memória é trabalho. (Apud. BOSI, 1987, p.17).

Segundo Halbwachs, há muitas memórias coletivas. Em seu desenvolvimento contínuo, não há linhas de separação nitidamente traçadas, mas somente limites irregulares e incertos. A memória de uma sociedade estende-se até a sobrevivência dos grupos dos quais é composta. Quando os grupos que guardavam as lembranças desaparecem, essa memória também é extinta. (HALBWACHS, 1990, p. 84-85).

Na comunidade que pesquiso, a exemplo dos estudos de Eckert (1985,1993), a rememoração do passado continua a impulsionar o presente, em uma luta contra o esquecimento. De acordo com Eckert, a comunidade de trabalho reconstitui, pela memória, o tempo coletivo que se superpõe às rupturas. Na rememoração dos fatos está a resistência à morte simbólica. Assim, graças à memória social, a comunidade de

trabalho ordena no presente as referências simbólicas do passado que continuam a dar sentido à sua vida. (ECKERT, 1993, p. 15).

Em Halbwachs, encontramos a idéia de tempo social, que se divide pela ordem das ocupações. O autor cita como exemplo que, no trabalho no campo, essa ordem se regula segundo o curso da natureza animal e vegetal. Há períodos de pressa, dias em que se descansa, mas tratam-se de irregularidades que sustentam o conteúdo do tempo e não alteram seu curso. (HALBWACHS, 1990, p. 118-119). Numa comunidade mineira, para os que trabalham na extração carbonífera, o ritmo dos dias é ditado pelos turnos de produção, pelas viagens diárias em que os trabalhadores ingressam nas entranhas da terra. Para os aposentados ou afastados da função, há uma quebra dessa dinâmica do tempo, uma perda do esquema corporal ditado pela produção industrial. Esses homens, sem a rotina regulada pela mina, ocupam-se de afazeres ao redor da casa, em obras e hortas, mas em geral continuam a fazer parte de uma sociabilidade masculina, do “mundo da rua”. Enquanto isso, as mulheres que, na sua maioria, não trabalham fora, têm sua vida regulada pelas lides domésticas, estando circunscritas ao mundo da casa.

Há que se considerar as reflexões sobre o tempo, como a empreendida por Norbert Elias (1990). O autor afirma que o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear, nem respirar como um odor. (ELIAS, 1990, p.7). O tempo também não pode ser capturado em conceito. No entanto, todas essas operações dos sentidos, mesmo que contidas num passado, parecem resplandecer, ganhar vida por meio da memória, seja ela uma forma de fazer reviver as lembranças, seja fruto da imaginação criadora que se encarrega de nos fazer estremecer com as impressões provocadas na alma.

À semelhança do pensamento bergsoniano, Bachelard diz que “nosso passado inteiro também vela atrás de nosso presente”. (BACHELARD, 1988, p.11). A partir das idéias deste filósofo, distinguimos entre “tempo pensado” e “tempo vivido” para compreender as diversas temporalidades que emergem na memória de um determinado grupo social, como o demonstra Eckert (1993). Bachelard postula a tese de que os fenômenos da duração são construídos com ritmos. Ele adota o conceito de “ritmanálise” do filósofo Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, segundo o qual “a ritmanálise procura em toda parte ocasiões para ritmos”. (Apud. BACHELARD, 1993,

p.133). Partimos do pressuposto de que os ritmos, a dialética regulada está em toda a parte, e, em particular, no cotidiano dos trabalhadores de Minas do Leão.

Se a lembrança e o esquecimento dançam em nós em uma combinação dialética, é por meio da narrativa que a memória amplia-se e permanece. Como afirma Ricouer (1994, p.15), é a narrativa que torna o tempo humano. É por meio dessas histórias tecidas como tramas ou intrigas que alma se distende e alça vôo, ora revivendo o passado no presente, ora re-criando e re-inventando a vida. Como sugere Walter Benjamin, a arte de contar histórias é uma arte que se desenvolve pela repetição. Aprende-se a narrar ouvindo histórias e contando-as. Numa performance apreendida no corpo, as mãos apoiam o que é dito com os gestos que ficaram gravados pela experiência do trabalho. (BENJAMIN, 1992, p.37).

Os conceitos de memória, tempo e narrativa nos ajudam a desvendar como se articulam as várias camadas de tempo que constituem a vida dos mineiros. Com as categorias de tempo vivido e tempo pensado, participamos do lento e longo trabalho da reconstrução das lembranças na comunidade, onde operam tanto o esquecimento como a força da memória coletiva. É trabalho do antropólogo decompor esse “tecer da intriga”, de que fala Ricouer (1994, p.55), a trama que compõe a vida nas memórias afloradas em relatos e narrativas. Essas histórias contadas são o resultado de um trabalho artesanal, como o diz Benjamin (1992, p.37), entrelaçadas fio por fio, nó por nó, por meio das quais os informantes deixam-se conhecer e apreender pelo antropólogo.

3.4 Revisitando a antropologia do trabalho

Na antropologia e nas ciências humanas em geral, há uma longa tradição de se pensar a classe operária, especialmente nas últimas três décadas, seja pelo tema da “cultura operária” seja pelo da “cultura popular urbana”, com influências tanto da Escola de Chicago como das sociologias inglesa e francesa. Como acentua Leite Lopes (1987, p.12-13), os estudos sobre a mentalidade coletiva da classe trabalhadora envolvem desde historiadores sociais como Hobsbawn e Thompson até o trabalho antropológico de Norman Dennis, Fernando Henriques e Clifford Slaughter, *Coal is our life*. Ele destaca ainda a obra de Hoggart, professor de literatura de origem operária, que

“trabalhando sobre suas próprias reminiscências familiares como matéria-prima de análise”, com distanciamento e objetivação, salienta a “especificidade do estudo da cultura operária de forma mais intensa do que a simples extensão de temas e problemáticas já construídas na antropologia para grupos sociais da sociedade capitalista contemporânea”. (LEITE LOPES, 1987, p.13).

Aproximando-me de estudos que tratam de comunidades de trabalhadores urbanos, retomo conceitos adotados por pesquisadores como Eckert (1985, 1993), Duarte (1986, 1987), Leite Lopes (1988), Grossi (1981), Minayo (1986), Volpato (1982) e Guedes (1997), entre outros. Trata-se de uma bibliografia povoada por reflexões em torno da cultura operária, da identidade social de homens e trabalhadores, da noção de pertencimento, da análise do cotidiano de bairros populares, de vilas operárias ou comunidades de mineiros.

Esta pesquisa segue, em especial, a trilha percorrida por Eckert (1985, 1993) em seus estudos sobre mineiros de carvão no Brasil e na França. Em sua dissertação de mestrado (1985), a autora examina as condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas, no Rio Grande do Sul. Analisa as condições de trabalho e as contradições do processo de produção; debruça-se sobre a rede social em que interagem os mineiros, enfocando a organização familiar, o parentesco e a vizinhança; observa o sistema de símbolos, descrevendo ritos e crenças, como o culto à padroeira Santa Bárbara. Destaca ainda as condições estruturais e históricas da formação da comunidade.

Em sua tese de doutorado (1993), Eckert aprofunda a abordagem sobre memória e identidade dos mineiros a partir do estudo na comunidade de La Grand-Combe, na França. Nessa pesquisa, realizada entre 1987 e 1990, a antropóloga busca conhecer a situação vivida pelos mineiros de carvão grand-combianos diante do desaparecimento do seu mundo de referência, frente à “morte da mina”, analisando como este grupo se reorganiza com a “desordem” na identidade social da comunidade de trabalho. A tese enfoca o impacto e as transformações sofridas pelos moradores com o fim da atividade carbonífera. O estudo também revela como “as famílias (...), herdeiras de um tempo coletivo e portadoras da memória do grupo, repensam seu tempo

vivido através do olhar pousado sobre o passado, reordenando o tempo presente”. (ECKERT, 1993, p.11)

Grossi (1981) pesquisou o universo de trabalhadores na exploração subterrânea de ouro. Ela revela as condições de vida e de trabalho dos mineiros da Companhia de Morro Velho, em Nova Lima (MG). Trata da natureza e da organização do trabalho, da hierarquia, das condições a que estavam sujeitos os operários, analisando também sua vida social e familiar, além das dinâmicas dos sindicatos e da sua organização. Grossi observa que o estímulo ao trabalho se dava tanto por um processo técnico de organização como pela persistência de uma “simbologia da virilidade”, que exacerbava tendências individualistas, reduzindo a coesão entre os homens da mina.

Volpato (1982) analisa o processo de trabalho dos mineiros de carvão de Santa Catarina, observando também as condições de vida e as relações sociais e políticas. Além de estudar o processo de trabalho em três empresas mineradoras, a autora enfoca a questão da família como unidade reprodutora da força de trabalho, assim como unidade de produção e de consumo, e recompõe a história da organização da categoria mineira.

Em um estudo antropológico sobre mineiros de superfície vinculados à Companhia Vale do Rio Doce, em Itabira (MG), Minayo (1986) analisa as representações sobre a vida operária, revelando as percepções dos mineiros sobre o cotidiano de trabalho e as relações de poder na empresa. Em sua etnografia, identifica a existência de valores que afirmam a importância da força física e da masculinidade naquele universo.

Em sua tese de doutorado, Simoni Guedes (1997) descreve as representações sociais de moradores de um bairro popular de São Gonçalo (RJ), onde aparecem os valores do trabalho, do estudo, do saber fazer, do respeito e da coragem. Examina a sua condição de homens e trabalhadores por meio dos discursos sobre a identidade masculina, além de analisar como se constroem as práticas que configuram uma determinada simbologia do espaço.

Em sua pesquisa sobre a vila operária de Paulista, em Pernambuco, Leite Lopes (1988) analisa a forma pela qual os trabalhadores interiorizam e incorporam a dominação. Por outro lado, observa a existência de um clima de “reinvenção criativa” dentro da fábrica, uma espécie de “microfísica da resistência”, que busca transformar a

monotonia do trabalho. Esse clima cotidiano inclui tanto a construção da suportabilidade das condições de trabalho quanto padrões de sociabilidade entre os trabalhadores. (LEITE LOPES, 1988, p.12). Sua análise nos fornece pistas importantes para se compreender o ambiente de trabalho entre os mineiros de Minas do Leão, que, guardadas as especificidades, apresenta uma expressiva similaridade no que diz respeito às brincadeiras e relações jocosas.

Ao “auscultar o cotidiano” em pesquisas conduzidas no Meio da Serra, em Petrópolis (RJ), e na comunidade pesqueira de Jurujuba, em Niterói (RJ), Duarte (1986) analisa a construção da noção de pessoa entre as classes trabalhadoras, assim como sua identidade social e as representações sobre a vida, o corpo e o trabalho. Chega, assim, à construção de uma história das representações sobre as perturbações físico-morais na cultura moderna, envolvendo a representação do “nervoso” nas classes trabalhadoras urbanas, tema central de sua tese de doutorado. O conceito “identidade social” que desenvolve, a partir de Lévi-Strauss, ajuda a esclarecer dimensões do sentimento de união e irmandade presente entre os mineiros que pesquisa.

3.5 Identidade social e identidade narrativa

Entendo a questão da identidade social como relacional, com base na problematização levada a efeito por Lévi-Strauss em *L'Identité* (1977). Ou seja, é preciso vislumbrar a construção da categoria “identidade social” a partir de uma noção contrastiva, envolvendo um “eu” e um “outro” num fundo virtual e não numa essência. Assim, a identidade social diz respeito à maneira como o sujeito se vê, a partir da relação natureza-cultura, eu-outro. Como afirma Françoise Héritier (in: Lévi-Strauss, 1977, p. 81-82), a identidade é uma das relações possíveis entre dois elementos, entre os quais é estabelecido a similitude absoluta, permitindo, assim, reconhecê-los como idênticos.

Nos trabalhos de Eckert, a identidade social dos mineiros (segundo Duarte, 1986; e Lévi-Strauss, 1983) é analisada a partir do valor-trabalho fundado em experiências profissionais percebidas como diferenciais e singulares. A “noção de pessoa” e a “teoria da hierarquia”, propostas por Duarte (1986), a partir de Dumont,

também contribuem para se pensar a situação dos mineiros de carvão de Minas do Leão que obtêm sua identidade e valor da vivência de pertencimento à Companhia Riograndense de Mineração (CRM).

Da mesma forma como Duarte refere-se à comunidade de Jurujuba, que mantém sua identidade social “por referência ao trabalho pesqueiro” (1987, p.40), pode-se dizer que Minas do Leão, mesmo com a decadência da mineração de carvão na última década e o fim da mina subterrânea em 2002, continua a ancorar sua identidade social nessa marca coletiva, inscrita na história da cidade e na vida dos seus habitantes. Hoje, mais do que nos gestos da vida cotidiana, a identidade social desta comunidade fixou-se na memória, nas almas e nos corpos dos moradores. Permanece gravada em marcas e cicatrizes deixadas pelo trabalho nas galerias subterrâneas, que evoca tanto os sentimentos de saudade como os de tristeza.

Quando digo a Seu Hermes - de quem aluguei uma pequena casa de fundos por alguns dias - que gostaria de entrevistar outros mineiros como ele, me responde: “*Aqui tudo é mineiro*”. Ainda que sua afirmação não corresponda completamente à realidade, pelo fato de haver outras profissões e famílias cujas trajetórias não envolvam a mineração, o que transparece em sua fala é um “sentimento de pertencimento”. (ECKERT, 1993, p.24). Para Seu Hermes, os mineiros ali estão em toda a parte, em todos os lugares e em todos os moradores (mesmo os não-mineiros), porque esses comungam, integram e respiram uma cultura comum, a de uma comunidade de mineiros de carvão. Como mostra Eckert, a mina, o trabalho na mina e “a grande família mineira” são temáticas que presidem a construção social da identidade do grupo. (ECKERT, 1993, p. 12). Essa identidade é construída pela rotina de trabalho, pelo ritmo dos dias, pela reprodução da mão-de-obra, pelas redes de sociabilidade e pelas vivências e memórias que ligam presente, passado e futuro.

As narrativas de que lançam mão os trabalhadores de Minas do Leão para falar de si e de sua trajetória me remetem ao conceito de identidade narrativa, de Paul Ricoeur (1991, 1997), que a situa como uma prática em que, ao narrarmos a própria história, vivemos uma “experiência de pensamento através da qual nós exercitamos a habitar mundos estranhos a nós mesmos”. (RICOUER, 1997, p. 428-429). A partir da idéia de um eu reflexivo, o “si mesmo”, o autor propõe a conexão entre *ipseidade* e

identidade narrativa. A concepção de identidade narrativa pode ser aplicada tanto a uma comunidade como a um indivíduo.

A questão da identidade narrativa é analisada ainda por Raúl Díaz (1999), que a aproxima da idéia do personagem. Estudar as identidades sociais, segundo esse autor, “implica articular as dimensões subjetivas da ação com a construção social dos coletivos”. (DÍAZ, 1999, p.38). Ele recorre à problemática do “si mesmo” e da “identidade narrativa” para resgatar a singularidade com que os entrevistados descrevem a sua posição no mundo, a partir do tema proposto pelo investigador. Citando Carlos Piña, ressalta que as formas de narrar uma vida não são ilimitadas, nem casuais, mas “correspondem a estruturas de relato compartilhadas socialmente”. (PIÑA apud. DÍAZ, 1999, p.40-41). Embora apresentem as singularidades de uma trajetória individual, as narrativas sobre o “si mesmo”, que são discursos sobre o mundo e sobre o estar no mundo, contribuem para desenvolver a problemática das construções identitárias coletivas.

3.6 Heroísmos no mar e na mina

A exemplo do que Duarte (1987, p.174) descreve sobre as representações dos pescadores de Jurujuba (RJ), podemos dizer que o trabalho na mineração se nutre de concepções sobre a especificidade dessa atividade, cuja orientação se dá em torno do “mundo da mina”. Do mesmo modo como o fato de “ir ao mar”, citado pelo autor, é embrenhar-se no liminar, enfrentar o desconhecido, “*baixar à mina*” também reveste-se dessa condição de transposição de fronteiras e de exposição ao perigo. Um mineiro que entrevistei resumiu o ofício assim: “*A gente passa a vida explorando o desconhecido.*”

Mundos tão diferentes, da água e da terra (que o diga Bachelard em suas poéticas sobre o imaginário) podem encontrar-se não apenas em análises de pesquisadores, mas também em metáforas, como essa citada por um velho mineiro de Minas do Leão: “*O carvão é como o mar, apaixonou a gente*”. No entanto, seu relato também contém descrições das tragédias que assistiu e a contabilidade dos companheiros que perdeu. Evidencia que, como todas as paixões, esta - pelo universo da mina -, contém seus riscos, sortilégios e armadilhas. Não são poucas as falas que

contém a indicação desse perigo, configurando uma vida de heroísmo: “*A gente sai e não sabe se volta*”, “*um mineiro nunca sabe se volta para casa*”. Os estudos de Grossi (1981)¹⁰ e Eckert (1985 e 1993) enfatizam essa estreita relação do ofício de mineiro com os riscos de acidente e de morte.

As famílias entrevistadas por Eckert tanto em Charqueadas (1985) como em La Grand-Combe, na França, (1993) relatam sua experiência de vida fortemente ligada ao perigo e à insalubridade das condições de trabalho, portanto à morte, à doença e à fatalidade. Em La Grande-Combe, na França, Eckert registra que as famílias que habitavam na vila mineira enfrentavam uma vida sofrida. Para a maioria, o cotidiano era marcado pelo trabalho na mina e a rigorosa disciplina industrial. (ECKERT, 1993, p.32). Naquele contexto, os sentimentos de solidariedade, de coesão, que manifestam ao referirem-se ao “tempo da mina” está vinculado a uma vida de riscos. O que sobressai é uma imagem dos mineiros como “heróis do trabalho”. (ECKERT, 1993, p.42). Em que se pesem as diferenças culturais relacionadas ao tempo e ao espaço, essas representações são bastante semelhantes às que observei em Minas do Leão.

A condição de perigo oculto nas galerias subterrâneas, que configuram-se como “ratoeiras”, segundo os mineiros entrevistados, conduz a que num momento tudo pareça seguro, em outro há a surpresa de um acidente que pode ser fatal. Na sua jornada, os trabalhadores na mineração travam uma batalha com a natureza, como afirma Lucas, referindo a existência de “um combate singular, uma espécie de corpo-a-corpo com o Elemento”. (LUCAS, 1981, p. 28). De acordo com o autor, a solidariedade e a fraternidade ganham paradoxalmente sentido “na singularidade desse combate”. O autor destaca que o “corpo-a-corpo” implica um adversário, não somente a adversidade. (LUCAS, 1981, p.125). Assim, o mineiro é, de certo modo, um combatente, que pode ser ferido, mutilado e até mesmo morto em seu ofício. Daí a imagem de heroicidade que alguns verbalizam e que se perpetua em sua subjetividade.

Mineiro de subsolo é uma profissão em que, dada a proporção de acidentes graves e fatais, se trabalha “vendo a morte nos olhos do outro”, para usar uma expressão

¹⁰ Grossi (1981, p. 58), em sua pesquisa sobre mineiros de ouro em Nova Lima, afirma que, na saída para o trabalho, “o pai, filho ou esposo não sabiam de voltavam para casa; ia-se como para uma viagem, cujo final podia ser a morte”.

dita por um informante de Grossi (1981, p.66), ou num “cotidiano com cheiro de morte”, conforme um mineiro de Charqueadas ouvido por Eckert (1985, p.226). Essa tensão do cotidiano era vencida, em Minas do Leão, por uma generosa dose de bom-humor, que se apresenta como arma para vencer a tensão e o medo. Desde a primeira vez em que esses homens embarcam na “gaiola” (elevador) que conduz ao subsolo, são expostos ao risco e à incerteza da volta. A maioria se acostuma com a rotina dura, amenizada por intrigantes relações jocosas, que funcionam como uma espécie de “batismo” para a vida nas galerias.

No universo da casa, em sua maioria voltadas ao cuidado com os filhos, as mulheres limitam-se a aguardar a volta dos maridos. Se eles tardam, elas passam noites em claro. Algumas chegam a convocar uma amiga ou um parente e vão à sua procura, caminhando apressadamente nas madrugadas desertas, num silêncio quebrado apenas pelo latido de um cão, por gatos no cio ou pela melodia dos sapos e grilos nos arrabaldes. À medida em que se aproximam da portaria da CRM, o coração bate aos pulos. Deixemo-las em suspenso, por enquanto.

3.6.1 Masculinidade e honra

A questão da honra, assim como da masculinidade, entre os mineiros de carvão, está estreitamente vinculada ao trabalho, que se constitui em meio de acesso à identidade social. Trata-se de uma “honra coletiva da profissão”, como observou Eckert (1992, p.48) sobre os mineiros franceses de La Grand-Combe, a partir do conceito adotado por Pitt-Rivers (1965). A referência que a antropóloga faz do sentimento de heroísmo vinculado ao trabalho na mina, identificado na França, também pode ser observada entre os mineiros gaúchos que pesquisei em Minas do Leão. Esses valores emergem nos discursos dos trabalhadores quando esses referem-se às condições necessárias para ser mineiro, como coragem e lealdade. Há uma ênfase voltada mais às características morais do que às físicas.

A pesquisa sobre a cultura dos mineiros de carvão encontra forte imbricação dos conceitos de masculinidade e honra no enfrentamento do medo e do risco de morte. As

concepções sobre masculinidade e honra são expressas tanto na rotina do trabalho e na postura desses homens, como aparecem no conteúdo e na forma das brincadeiras.

Entendo, como Kimmel (1998, p.105-106), que a noção de masculinidade é sempre socialmente construída. Segundo o autor, essa construção se dá em dois campos interrelacionados: nas relações dos homens com as mulheres e dos homens com outros homens. Não se pode falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluídos e em constante mudança. Então, nas palavras de Kimmel, “há múltiplos sentidos de ser homem”. Gutmann (1999, p.246), por sua vez, destaca que há formas distintas mediante as quais os antropólogos definem e usam o conceito de “masculinidade” e noções relativas à identidade masculina, à hombridade, à virilidade e aos papéis masculinos.

Jardim (1995) refere-se à produção de “similitude” entre homens sobre o que “venha a ser homem”. Ela destaca que a produção dessa similitude envolve necessariamente um jogo de contrastes com “outros”, outros ideais de masculinidade, outros corpos. Em uma etnografia realizada entre homens freqüentadores de bares no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, Jardim analisa como o alcance de uma posição de “respeito” para o homem está vinculado à paternidade e ao papel de provedor. No universo de uma comunidade de mineiros de carvão, esta representação está associada primordialmente ao papel de provedor, aliada à coragem e à força física.

Conforme Duarte, o *ethos* masculino entre as classes trabalhadoras urbanas é estruturado pelo trabalho exercido exteriormente. Outra característica mencionada pelo autor é que o dispêndio de força corporal, uma dimensão formal da identidade masculina, só ganha sentido quando aliada à capacidade “moral”, com vistas à reprodução do núcleo familiar, pelo cumprimento da obrigação. “Essa categoria designa o corpo dos desempenhos ideais que compõem a identidade masculina adulta e plena e que pode ser resumida sob duas fórmulas recorrentes: o manter o respeito e o botar comida dentro de casa”. (DUARTE, 1986, p.176-177).

Leal e Boff indicam que há certo consenso na literatura antropológica que aponta para a virilidade como um importante aspecto na significação do que é “ser homem”. Os modelos de masculinidade são ancorados na firmeza, força e superioridade

viril e na figura do pai-marido, que aparenta ter domínio sobre a reprodução social da família e autoridade. (LEAL e BOFF, 1995, p.126).

Em sua pesquisa sobre os mineiros de ouro da Mina de Morro Velho, Grossi refere-se à existência de uma “simbologia da virilidade”, cuja manipulação entre os trabalhadores incentivava a produção. A pesquisadora observa que “a linguagem pornográfica era também utilizada como estimulante do trabalho”. (GROSSI, 1981, p.61). Segundo ela, tratava-se da impotência introjetada pelos trabalhadores diante de uma situação autoritária que não podiam mudar e que tornava-se força na execução do trabalho.

Em sua pesquisa em uma comunidade de operários de São Gonsalo (RJ), Guedes acentua que a coragem é uma das qualidades mais valorizadas do homem/trabalhador. De acordo com a autora, a coragem do trabalhador é que lhe permite ser o homem de uma unidade familiar, enfrentando com sua força todos os desafios tanto no trabalho como na família. (GUEDES, 1997, p.200).

O que Ondina Leal (1989) escreveu em sua tese sobre honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha contribui para esclarecer características da cultura dos homens de Minas do Leão. Da mesma forma como o peão de estância, estudado por Leal, também o trabalhador nas minas de subsolo vive perigosamente. Estudando os peões de estância, a antropóloga mostra que a disposição para enfrentar a morte pode revestir-se de um sentido de coragem. Essa analogia é possível porque, no cotidiano dos mineiros, a luta pela vida convive com a sombra da morte oculta nos vãos das galerias subterrâneas.

Entre os mineiros, a noção de honra recebe contornos e significados específicos, enquadrando-se no que Pitt-Rivers (1965) denomina de “honra coletiva”. Segundo o autor, a honra fornece “um nexos entre os ideais da sociedade e a reprodução destes no indivíduo através da sua aspiração de os personificar”. Os grupos possuem uma honra coletiva, assim “a conduta desonrosa de uns reflete-se na honra de todos, a honra do grupo é partilhada pelos membros individuais.” (PITT-RIVERS, 1965, p.25).

Também as noções de honra e de perda da honra, estudadas por Bourdieu (1965) na sociedade cabila nos remetem a sentimentos manifestos por trabalhadores em Minas do Leão. De acordo com Bourdieu, “a honra de um homem é a sua própria honra.

Aquele que perdeu a honra não existe. Deixa de existir para os outros e, ao mesmo tempo, para si próprio”. (BOURDIEU, 1965, p.172). Na medida em que sentem-se portadores de uma “honra coletiva” – a da profissão – os mineiros enfrentam o temor do próprio desaparecimento, da perda de seu valor como homens e trabalhadores, ao lamentarem a decadência da mineração e a morte da mina subterrânea.

Por fim, recorro à questão da honra nas classes populares, a partir de Claudia Fonseca (2001), na etnografia realizada na Vila Cachorro Sentado, em Porto Alegre. A antropóloga destaca dois aspectos: o primeiro enfatizando o sentimento individual, o orgulho pessoal, “o esforço de enobrecer a própria imagem segundo as normas socialmente estabelecidas”; o segundo refere-se a um “código de honra”, uma espécie de código de interação, no qual o prestígio pessoal é negociado como o bem simbólico fundamental. (FONSECA, 2001, p.15). Entre os jovens da vila, a noção de honra está associada à bravura, à virilidade e à generosidade. No homem de família, vincula-se à procriação e ao papel de provedor. Num exercício comparativo, pode-se dizer que a representação de honra presente no universo dos mineiros de Minas do Leão funde características dos dois grupos mencionados acima por Fonseca. Ou seja, diz respeito tanto à bravura e à virilidade como ao papel de provedor, unindo num mesmo sujeito tanto o papel de guerreiro (em seu combate com a natureza) como o de pai de família, motor e razão das batalhas travadas por estes trabalhadores.

3.6.2 Sobre espaços e papéis de gênero

Em sua etnografia da sociedade cabila, realizada na década de 60, Bourdieu mostra que a oposição “do dentro” e “do fora”, uma distinção entre o espaço feminino e o masculino, aparece como um dos pares fundamentais do pensamento cabila. Conforme o autor, a oposição entre o *haram* e o *nif*, entre o sagrado direito e o sagrado esquerdo, exprime-se em diversas oposições. Fazem parte das divisões binárias, naturalizadas e incorporadas para além da consciência, a oposição entre “a mulher, carregada de poderes maléficos e impuros, destruidores e temíveis, e o homem, investido de virtudes benéficas, fecundantes e protetoras”. (BOURDIEU, 1965, p. 179).

De acordo com Bourdieu, as diferenças sexuais permanecem imersas no conjunto das oposições que organizam o cosmos, os atributos e atos sexuais se vêem sobrecarregados de determinações antropológicas e cosmológicas. (BOURDIEU, 1999, p.15-17). Segundo o autor, são registradas em oposições binárias essas diferenças que estariam inscritas numa “natureza”, que à força de repetição contribuem para “naturalizar” uma certa ordem de coisas e de relações.

Analisando a questão dos espaços e o gênero, Alba Zaluar (1994) acentua que, para as mulheres, “a rua é mais claramente marcada pelo signo do malefício porque oposta à casa”. Para os homens, a rua é desafio que atrai. Segundo a autora, a rua “é o espaço onde se desenvolve outro *ethos* da masculinidade, muito mais devedor dos valores do mundo viril da força”. (ZALUAR, 1994, p.173).

Análises que envolvem a representação da rua ou do espaço exterior vinculada ao masculino, em contraposição com o espaço da casa ou interior, que diz respeito ao feminino, são recorrentes na bibliografia em ciências sociais. Referindo-se aos trabalhadores da Mina de Morro Velho, em Nova Lima, Grossi afirma que os mineiros criaram relações de amizade configurando uma cultura de rua em encontros nos bares, que propicia um clima de “deleite da cachaça que dá devaneio e faz esquecer o trabalho”. (GROSSI, 1981, p.71).

Michel Bozon (1984), em seu estudo sobre a vida cotidiana em uma pequena cidade na França, nota que os cafés são espaços primordialmente masculinos, sendo que a frequência das mulheres dá-se apenas ocasionalmente. Para os homens, naquele contexto, ir aos cafés relaciona-se mais à busca de sociabilidade do que ao consumo de bebidas ou de alimentação. Os cafés populares, segundo ele, são também um lugar “onde se teatralizam as rivalidades entre os indivíduos e as oposições entre subcategorias sociais ou profissionais”. (BOZON, 1984, p.75-76).

Essas representações mencionadas pelos autores sobre a adequação do homem ao “exterior” e da mulher ao “interior” são importantes para se compreender esquemas de pensamento presentes na comunidade de mineiros de carvão, correspondendo a um *habitus* incorporado que determina papéis sociais ao masculino e o feminino.

3.7 *Habitus*, projeto e campo de possibilidades

Para P. Lucas (1981), há preceitos que poderiam ser considerados parte de um *habitus* que fundam a singularidade da profissão de mineiro de carvão. Considero, como o autor, que há uma familiaridade, uma intimidade nessa relação do homem com sua atividade. Isso porque o trabalho na mina não incorpora somente os indivíduos como força de trabalho, mas na qualidade de “membros imaginários de uma soberania imaginária”: a da profissão. (LUCAS, 1981, p.87). Os trabalhadores adotam na sua atividade um papel de criação, de difusão, de (re)produção de normas e de modelos de comportamento. Em seu estudo, Lucas acentua que os mineiros referem-se ao trabalho no subsolo como “um *métier* de homem”, uma expressão que permite um duplo sentido, pois contrapõe-se ao trabalho mecanizado representado pela exploração de minas a céu aberto, ao mesmo tempo em que reafirma a exclusividade do gênero masculino no exercício da atividade, marcando uma oposição do que diz respeito a trabalhos femininos.

Eckert (1985) destaca a especificidade do trabalho mineiro, no qual o objeto do trabalho (a extração de carvão) é fornecido pela natureza. Segundo a antropóloga, o mineiro atua sobre a natureza, modificando-a. Ao mesmo tempo, é modificado por ela, pois em função do caráter difícil e perigoso do seu trabalho seu corpo sofre uma deterioração precoce. (ECKERT, 1985, p. 11).

Conforme Eckert, a referência de uma identidade como um “mundo de mineiros de carvão” dá sentido às suas representações e ordena uma prática social, seu *ethos* e sua visão de mundo. A autora enfatiza que o conceito de *habitus* em Bourdieu retém o “duplo processo de interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade”. Em Bourdieu, a teoria do *habitus* combina um sistema de estruturas internalizadas com as condições objetivas, as significações e as práticas. Em seu estudo, a antropóloga considera a referência a um mundo de mineiros como uma variante masculina do *habitus*. (ECKERT, 1985, p.57-59).

Na análise de uma profissão que é “passada de pai para filho”, considero como referências importantes as noções de projeto e de campo de possibilidades adotadas por Gilberto Velho (1994). A partir de Schutz, o autor define projeto como a conduta

organizada para atingir finalidades específicas. Segundo Velho, os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo, são complexos. Os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos, refere o autor. (G. VELHO, 1994, p.31-48). As dinâmicas e combinações possíveis dentro de um projeto que se abre dentro de um campo de possibilidades nos ajudam a compreender tanto a reprodução doméstica do ofício de mineiro de carvão como as alternativas que irrompem nas trajetórias de famílias da comunidade de Minas do Leão.

3.8 Sobre destino, medo e morte

Para melhor entender as representações da comunidade de Minas do Leão sobre o acidente e a morte, tão presentes em seu cotidiano, recorro à noção de destino em Gilberto Velho (1994). Segundo o autor, na constituição de valores da sociedade ocidental, há um repertório básico sobre a existência de um destino. Em seu estudo sobre estilos de vida metropolitanos, ao analisar o discurso e as representações de integrantes de camadas médias brasileiras, ele observa que há “uma percepção de fatores e forças externas atuando sobre a vida dos sujeitos, com ameaças, impondo limites, criando dificuldades”. (G. VELHO, 1994, p.125).

A força dessa crença e a eficácia dessa explicação, de um destino que nos rege, está entranhada na história da humanidade, não apenas pelo efeito das religiões, como o cristianismo¹¹, como aparece também nas tragédias gregas. Há numerosas narrativas na mitologia para indicar que não se foge do destino¹².

Embora possa comportar diferentes representações e aparecer em distintas “províncias de significado”, para usar um conceito de Gilberto Velho, a idéia de destino envolve em geral a crença em forças externas incontroláveis como a de uma vontade divina que determina trajetórias pessoais e coletivas, limitando a liberdade dos projetos

¹¹ Gilberto Velho (1994, p.123) destaca que o cristianismo teve importante contribuição para a construção de uma idéia de indivíduo como ser moral e responsável, que tem livre-arbítrio, mas ao mesmo tempo, está submetido aos designios de Deus.

¹² Um exemplo bastante conhecido é o do mito de Édipo.

individuais. Os projetos e ações humanas podem tropeçar, ser alterados, sofrer interferências e mesmo ser barrados por essa força poderosa que impõe-se sobre tudo, construindo uma sujeição humana a fatores que é impossível influenciar ou mudar. As menções que evidenciam a crença em um destino ou na existência da fatalidade entre os moradores da comunidade de Minas do Leão apresentam-se com contornos variados, com representações que operam com diferentes significados.

Para se analisar os discursos sobre os sentimentos de medo e de heroísmo na mina subterrânea, é interessante observar o que diz Jean Delumeau (1989) em seus estudos sobre a história do medo no Ocidente. O autor afirma que, em qualquer época, a exaltação do heroísmo é sempre enganadora. A seu ver, trata-se de “um discurso apologético que deixa na sombra um vasto campo da realidade”. (DELUMEAU, 1989, p.19). Na descrição de vários filósofos citados por Delumeau, o medo surge como uma fenda ou decomposição da alma, separação do mundo, que passa a ser visto como ameaçador. (DELUMEAU, 1989, p.17). O aparecimento do medo bloqueia o discurso, inibe a fala, faz tremer a voz, torna inseguro o estar no mundo.

O temor dos subterrâneos, presente em alguns depoimentos, não se origina apenas de um cálculo racional dos perigos de desabamento e de outros acidentes que podem ocorrer em uma mina de subsolo. Vinculam-se também a sentimentos ancestrais, primitivos, como o temor de ser engolido pelo ventre da terra ou de ser atacado por seres estranhos que habitariam as profundezas. O medo da noite, o medo na escuridão e da escuridão são constantes na história da mentalidade coletiva, segundo observa Delumeau. (DELUMEAU, 1989, p.96). Essa capacidade imaginativa, por certo, é potencializada numa categoria de trabalhadores que atua num lugar onde sempre é noite. No mundo da mina, têm-se a combinação das profundezas da terra com a escuridão. Delumeau refere-se ao temor que os mistérios da condição feminina (presentes tanto na mulher como na natureza) despertam nos homens: “A terra mãe é o ventre nutridor, mas também o reino dos mortos sob o solo ou a água. É cálice de vida e de morte”. (DELUMEAU, 1989, p.312). Essas metáforas não são nem um pouco estranhas à experiência dos mineiros. Ao contrário, emergem como pano de fundo em relatos que falam de vida e de morte, de paixão pelo ofício e de dor e revolta diante da tragédia.

Outra abordagem sobre o medo é fornecida pelos estudos em psicologia social. Christophe Dejours (1992) destaca que o medo constitui uma dimensão da vivência dos trabalhadores quase sempre ignorada pelos estudos em psicopatologia do trabalho. Afirmo que algumas categorias profissionais são expostas a riscos relacionados à integridade física, citando os trabalhos na construção civil, em alto-mar e nos trabalhos em profundidade. Os riscos coletivos podem envolver asfixia, queimadura, fratura, ferimento, morte violenta, afogamento ou acidente. Conforme o autor, para proteger-se do medo, muitos trabalhadores criam defesas, onde o medo é “neutralizado” ou “camuflado”. (DEJOURS, 1992, p.63-64). Nas referências feitas por Dejours, interessam-me em especial as estratégias usadas para ocultar o medo nas profissões em que os trabalhadores estão sujeitos a graves riscos, já que esta pesquisa debruça-se não apenas sobre as falas mas também sobre os silêncios dos informantes.

A partir de autores que trabalham com o tema da morte, busco situar o luto como um fato social. De acordo com Louis-Vincent Thomas (1993), os operários pouco qualificados (inclui-se aí a categoria de mineiros de subsolo) são as maiores vítimas de mortes em acidentes do trabalho. (THOMAS, 1993, p. 168). Norbert Elias (2001) nos alerta para o fato de que a experiência da morte pode ser vivida de forma diferente em cada cultura. “Não só meios de comunicação ou padrões de coerção podem diferir de sociedade para sociedade, mas também a experiência da morte. Ela é variável e específica segundo os grupos”. (ELIAS, 2001, p.11). Essas análises nos oferecem pistas para compreender as particularidades verificadas na forma como a morte é enfrentada e significada em Minas do Leão.

Ao analisar as mudanças no comportamento e atitudes dos povos ocidentais diante da morte, Philippe Ariés (1975) refere-se ao fato de que, nos romances da Távola Redonda, a morte “normal” não surgia “traíçoeiramente”, mas era precedida de avisos, de sinais à pessoa que ia morrer. (ARIÉS, 1975, p.14). Essa adivinhação da morte ocorria de várias formas; ora o aviso da morte era sentido, ora se tratava da aparição de um espectro a dar a notícia. Ariés ressalta que, nos tempos modernos e contemporâneos, os pressentimentos passaram a ser considerados como superstições populares. Conforme o autor, “essa crença, que atravessou os tempos, de que a morte avisa, sobreviveu muito tempo nas mentalidades populares”. (ARIÉS, 1975, p.18). Outra referência feita por

Ariés diz respeito à aceitação da morte como um alívio: “A morte vem curar tudo”, e a outra face desse sentimento: “Antes sofrer do que morrer”. (ARIÉS, 1975, p.25). Essas diferentes representações sobre a morte emergem nos discursos dos trabalhadores de Minas do Leão, assim como sensibilizam para observar as crenças em pressentimentos e avisos que alertam sobre perigos.

Em sua tese sobre o tabu da morte, Rodrigues destaca que, em muitas culturas, acredita-se que “o morto fala”. (RODRIGUES, 1983, p.31). O autor analisa que, em tais sistemas de crenças, as relações não são interrompidas com o falecimento, já que o morto pode continuar a influenciar os vivos. Esta comunicação entre mortos e vivos se dá por meio de sonhos, de aparições ou através de fenômenos meteorológicos, entre outros meios. (RODRIGUES, 1983, p.85-86). Encontrei tal representação entre informantes de Minas do Leão. Outro aspecto ressaltado pelo autor é a condição social da morte, já que o desaparecimento de um indivíduo não é um evento isolado, mas representa “tantos eventos quantas relações o indivíduo morto mantivesse”. (RODRIGUES, 1983, p.85). Assim, o vácuo deixado pelos que partiram tende a ser compensado com um reforço da solidariedade. Como afirma Eckert, a respeito de comunidades mineiras, “a cada enterro, que simboliza um pouco a morte da vila, os participantes testemunham os laços de sangue e de afinidades que unem os vivos, as famílias, à vila”. (ECKERT, 1993, p.69).

Durante o trabalho de campo, chamou minha atenção o fato de que quando eu perguntava a meus informantes o nome de determinado mineiro que morreu em um acidente no subsolo, era comum ouvir: “*morreu ali o falecido Pedro*”, “*falecido Ereni*”, “*...matou essas duas pessoas, o falecido Nísio e o falecido Ênio*”, como se a condição de falecido já fizesse parte dos nomes desses trabalhadores mesmo antes da morte. Essa nomenclatura dos mortos assemelha-se à situação descrita por Rodrigues (1983, p.89) entre os *Guajiro*. Segundo o autor, antigamente, entre os *Guajiro*, quando um indivíduo morria, os outros estavam proibidos de mencionar o seu nome. Depois, passaram a admitir que se pronunciasse o nome do morto, mas desde que antecedido pelo qualificativo “defunto”.

A partir de Rodrigues, reflito como a morte do “outro” altera e perturba o cotidiano de uma pequena cidade. Segundo o autor, “a morte do outro é o anúncio e a

prefiguração da morte em ‘si’, ameaça da morte do ‘nós’.” (RODRIGUES, 1983, p.93). Assim, a morte mutila uma comunidade e ameaça a sua coesão. A união e a solidariedade geradas pelo sentimento trágico é perceptível em Minas do Leão, cujas existências se entrelaçam pelas redes de parentesco, de vizinhança e de trabalho.

3.9 O corpo, a saúde e a alimentação

Entendo que as classes populares, e cada grupo social, produzem suas próprias representações sobre o corpo, a saúde e a doença, com as quais procuram dar sentido às suas experiências e expressam sua relação com o mundo. Em uma sociedade que institucionaliza a violência simbólica (Bourdieu, 1999), como a nossa, para falar de si, os membros das classes populares lançam mão de categorias de percepção fornecidas pelas classes dominantes, como afirma Boltanski (1989), mas também inventam sua própria terminologia e seus sentidos, reciclando os tomados de empréstimo da cultura em que vivem.

Referindo-se aos “profanos” ou membros das classes populares, Freidson (1984) afirma que tais pessoas “são propensas à descrição de sua experiência da doença com a ajuda de noções completamente ultrapassadas, ainda usadas pela propaganda de especialidades farmacêuticas: qualidade do sangue, necessidade de purgar o organismo, importância do estado do fígado e dos rins”. (FREIDSON, 1984, p.286-287). Ele ressalta que o trabalhador descreve seus sintomas de forma concreta, baseado no que sente.

Em seus estudos, Loyola (1984) acentua que os médicos adotam uma postura autoritária “frente ao comportamento desarmado e desconcertante dos doentes das classes populares”. Ao caracterizarem esses doentes por sua ‘ignorância’, desqualificam as representações que estes têm do próprio corpo e da doença, reafirmando a legitimidade da medicina científica. (LOYOLA, 1984, p. 23).

Nesta pesquisa, parto da idéia de que o corpo, como afirma Bourdieu (1977), exprime toda a relação com o mundo social. É, portanto, um produto social. Segundo o autor, a distribuição desigual das propriedades corporais é feita através de mediações como as condições de trabalho, hábitos em matéria de alimentação e *habitus* que podem

se perpetuar através de suas condições sociais de produção. Desta forma, considero, como afirma P. Lucas, na trilha de Bourdieu, que pelo corpo do mineiro passa toda a sua relação com o mundo. Estão expressas no corpo tanto as suas conquistas em termos de produção e de salário, como também o cansaço, as doenças e as mutilações. Lucas afirma que “o corpo é o pólo operador frente o qual a natureza, o elemento, se apresenta como uma sorte de construção, um campo de atividade ou de operação”. (LUCAS Apud. ECKERT, 1995, p. 173).

Em sua relação com o espaço em que atua e com a natureza, o trabalhador em minas de carvão distingue-se do peão de estância que, como descreve Leal (1989), sozinho em campo aberto tem o sentimento de domínio sobre o mundo ao seu redor, celebrando o “próprio corpo, sua força, sua virilidade” (LEAL, 1989, p.14). Considero que o corpo do mineiro, submetido a uma disciplina industrial, é um corpo domesticado, no sentido proposto por Foucault (1988), ainda que se verifique em sua rotina significativas formas de resistência que permeiam o ritmo de produção, entre as quais se destacam as brincadeiras. No entanto, mais do que romper com as relações de poder, essas jocosidades tem a propriedade de viabilizar a produção, como sugere Leite Lopes (1988) ainda que expressem eventuais quebras da rotina hierarúquica.

Portanto, há que se considerar o que diz Foucault (1988) sobre o exercício do poder sobre o corpo. Conforme esse autor, o poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII em duas formas principais: a bio-política da população e a disciplinarização do corpo como máquina. O autor mostra que o bio-poder (sujeição dos corpos, da produção à gestão da vida e da morte) foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, “que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio um ajustamento dos fenômenos de população aos processos produtivos.” (FOUCAULT, 1988, p.131-132).

Em outra perspectiva, contribuem para esta pesquisa os estudos procedidos por Jardim (1995) que consideram o corpo como “suporte de significados” que possibilita uma leitura. A autora afirma que “o corpo, através de cicatrizes, marcas tatuagens, mutilações, comprova entre homens uma experiência de vida heróica.” (JARDIM, 1995, p. 200). Ela ressalta que, junto às histórias ou em substituição a elas, as cicatrizes são

colocadas entre homens como provas da masculinidade. As marcas no corpo passam, então, a ser emblemas de coragem. (JARDIM, 1995, p.202).

Nas representações sobre corpo, saúde, doença e alimentação, recorro ainda ao estudo conduzido por Duarte (1986) sobre a noção de “nervoso”. Essa categoria expressa formas de compreender questões da cultura ocidental moderna, mais especificamente no que diz respeito ao modelo de construção social da pessoa (segundo conceito de Dumont). Duarte situa o fenômeno do nervoso dentro de uma configuração cultural estruturada a partir de três qualidades: a) qualidade dos fenômenos físico-morais, imbricando os pólos de corpo e espírito; b) preeminência do modo relacional e situacional de determinação de identidades, a partir de um jogo que não se restringe ao modo individualista proposto pela ideologia dominante; c) ordenação e hierarquização das qualidades dos sujeitos sociais. (DUARTE, 1986, p.143).

Interessa-me particularmente a análise de que o “nervoso” está relacionado a uma série de acidentes ligados às “substâncias corporais”. Considero que o núcleo “força/fraqueza”, vinculado às representações sobre o sangue, mas encompassando toda a corporalidade e remetendo a divisões sobre o masculino e o feminino (DUARTE, 1986, p.145), contribui para esclarecer determinadas práticas sociais em Minas do Leão.

CAPÍTULO 4

HISTÓRIA & UNIVERSO



4.1 A mineração na Região do Baixo Jacuí

As descobertas do carvão de pedra na Região do Baixo Jacuí datam de 1795 num local chamado Curral Alto, que pertencia à Estância Leão, hoje integrando o município de Minas do Leão¹³. A primeira empresa montada para exploração do carvão, em 1916, chamava-se Companhia Carbonífera do Jacuí. Um ano depois, foi reorganizada com o nome de Companhia Minas de Carvão do Jacuí, com a participação de capital do governo federal. Em 1918, foi concluída a construção do poço de extração Wenceslau Brás, com 145 metros de profundidade, localizado na área do que seria o futuro município de Minas do Leão. (NEVES e CHAVES, 2000, p.118)

A Companhia Minas do Carvão do Arroio dos Ratos surgiu em 1883. Seis anos depois, uma nova empresa administrava a exploração do mineral, a Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo, com sede no Rio de Janeiro. O Consórcio Administrador de Empresas de Mineração (Cadem), hoje Copelmi, foi criado em 23 de julho de 1936 com a união das companhias Estradas Carboníferas e Minas de São

¹³ O nome Estância Leão é atribuído ao fato de que, antigamente, teriam existido ali animais ferozes, inclusive leões, que matavam ovelhas e bezerros.

Jerônimo, de Arroio dos Ratos, e Carbonífera Riograndense, de Butiá. Logo depois da criação desse consórcio, uma forte enchente abalou o funcionamento das minas em Arroio dos Ratos. Com os poços inundados, a maior parte do pessoal e do material de Arroio dos Ratos foi transferido para Butiá e Charqueadas. (HOFF, 1992, p. 22).

Em 1948, todo o patrimônio do Cadem foi incorporado à Companhia de Pesquisas e Lavras Minerais (Copelmi), que mantém esse nome ainda hoje. Até a emancipação de Butiá, em 1963, quase toda a área urbana pertencia à empresa que cedia à população o direito de construir suas moradias.

Nas entrevistas realizadas no trabalho de campo, velhos mineiros fazem referências a três antigas minas de subsolo localizadas na área e que hoje estão desativadas: a Mina do Recreio, a São Vicente e a da Coréia. Para explicitar as condições de trabalho em seus domínios faço breves referências a esses empreendimentos. As minas do Recreio foram montadas por Ricardo Porto, um dos primeiros exploradores do mineral na região, após a falência da Companhia Carbonífera do Jacuí. Essa mina surgiu em meados da década de 20, à margem da Sanga da Taquara, hoje chamado de Arroio Taquara, que estende-se sobre Minas do Leão.

Nas terras do Curral Alto, onde pela primeira vez foi descoberto carvão de pedra, encontra-se a antiga Mina de São Vicente. Em 1937, o contabilista Álvaro Alencastro, conhecido como Doutor Alencastro, obteve a concessão para pesquisa e lavra do minério. A São Vicente aparece, às vezes, no depoimento de mineiros como a “Mina do Alencastro”, por referência ao nome do detentor da concessão.

Outra “carvoeira” bastante referida nos depoimentos dos velhos mineiros é a Mina da Coréia, uma área de exploração utilizada pelo Cadem na década de 50 no lado norte da Sanga Taquara. A mina recebeu este nome porque quando entrou em operação acontecia a Guerra da Coréia. “Como o serviço era muito ruim, foi apelidada ‘Coréia’, existindo até hoje a Vila e Bairro Coréia”. (SELBACH, 2001, p. 46-47).

Ao longo da história, o desenvolvimento das empresas mineradoras na região combina ciclos de retração e de expansão. Na década de 20, uma decisão do governo federal deixou em situação precária a Companhia Carbonífera do Jacuí, comandada pelo engenheiro Horta Barbosa. Essa medida resultou em expressivo impacto sobre o destino da incipiente vila de Minas do Leão. Isso porque, em decorrência da decisão, em 1928,

foi retirada parte dos equipamentos instalados em Minas do Leão e transferida para Minas do Butiá. A situação agravou-se quando, em 1930, o contrato com os herdeiros de Albina Freitas de Souza foi rescindido e Butiá retirou todas as máquinas instaladas em Leão, inclusive os trilhos da via férrea. Foi um grande revés no primeiro povoado formado em torno das minas de Leão, como registra Hoff :

A mina do Leão, que já estava organizada em grande Vila Operária, com 400 casas, (...) desapareceu, tudo, como se fosse varrido por um ciclone. Em 1939, só estava de pé, a torre do poço Wenceslau Brás (...) As casas de alvenaria foram demolidas, sendo aproveitados os tijolos; daquela povoação florescente, restou somente uma paisagem de zona agreste (...), montículos de resíduos de cinzas, uma tapera, estando o poço com suas galerias inundadas. (HOFF, 1992, p.83)

4.1.1 A Companhia Riograndense de Mineração (CRM)

A cidade de Minas do Leão surgiu em torno da Companhia Riograndense de Mineração (CRM), que originalmente chamava-se Departamento Autônomo de Carvão Mineral (DACM). A década de 40 é considerada um marco histórico para a localidade, em razão de que foi nesse período que a exploração de carvão ganhou impulso, a partir de iniciativas do engenheiro Frederico Horta Barbosa, cujo nome batiza hoje uma escola estadual no município. O DACM foi criado em 1947, representando um incremento na atividade mineradora beneficiada pela aquisição de equipamentos importados. Paralelamente, foi um período de crescimento da vila de Minas do Leão.

Nesse período, o governo do Estado autorizou as negociações para aquisição das Minas do Leão, pertencentes à Companhia Nacional de Mineração e Força, de São Paulo, assim como os direitos às jazidas. A primeira área a ser explorada foi a de Cerro Chato, em sistema de lavra a céu aberto e em galerias de meia encosta, uma forma de extração que esgotou-se na década seguinte.

O ano de 1957 marcou uma forte crise no setor. O DACM mantinha muitos empreiteiros explorando a área em pequenos poços e galerias de meia encosta, mesmo sistema usado então pelo Cadem. O pagamento aos trabalhadores era feito com “vales” aceitos no comércio, mas houve um momento em que os comerciantes já não tinham o que vender, tendo começado a faltar comida e remédios. (SELBACH, 2001, p.49).

Em 1961, o DACM iniciou os trabalhos de lavra na Mina de Candiota, a 400 quilômetros de Porto Alegre, na fronteira Oeste do Estado, para atender à Usina de Candiota I, hoje controlada pela Companhia de geração Térmica de Energia Elétrica (CGTEE). Esta empresa opera o complexo termelétrico Candiota, composto pela Usina Presidente Médici fases A e B, com capacidade total instalada de 446 megawatts.

A mineração de subsolo foi iniciada em 1963, na Mina do Leão, quando foi realizada a abertura do poço de extração com 123 metros de profundidade. Justamente neste poço, chamado de P1 ou Mina de Leão I, é que trabalharam a maior parte de meus informantes. Em 20 de outubro de 1969, o DACM transformou-se na Companhia Riograndense de Mineração (CRM), sociedade de companhia mista vinculada à Secretaria de Energia, Minas e Comunicações do Estado. Em sua área de propriedade, nas décadas seguintes, a CRM construiu casas para operários no extremo norte da vila, como descreve Hoff:

Esta localização atraiu para seu entorno alguns equipamentos tais como: escola, posto do correio, unidade sanitária, subprefeitura, Brigada Militar, rodoviária e praça, configurando-se um centro de interesses para a população. (HOFF, 1992, p.88)

Em 1977, o beneficiamento de carvão na Mina do Leão I deixou de ser realizado por escolha manual, com a implantação de um lavador de carvão (Lavador Eng. Eurico Rômulo Machado). Nos últimos tempos, antes de desativação, a mineração subterrânea era feita através do método de câmaras e pilares. Na década de 80, a CRM iniciou a implantação das minas de carvão de Iruí, em Cachoeira do Sul, e de João Ricardo de Souza, de ouro, em Lavras do Sul, ambas a céu aberto.

Em 1997, a mina de Leão I tinha uma produção de 6,5 mil toneladas de carvão mensais, que alimentavam a usina termelétrica de São Jerônimo. Naquela época eram 168 funcionários. Na sua fase áurea de produção, entre 1978 e 1994, chegou a empregar 1.200 funcionários. Em novembro de 2002, quando comecei a etnografia, esse número estava reduzido a 75. Em dezembro de 2003, na conclusão da pesquisa de campo, o número de trabalhadores havia caído a 52.

Deficitária havia já alguns anos, a mina de Leão I foi desativada em fevereiro de 2002. Parte dos funcionários retornou a funções que exercia anteriormente na superfície. O carvão para produção de energia na usina de São Jerônimo passou a ser

fornecido por uma nova mina a céu aberto colocada em operação pela CRM, a Mina da Boa Vista, cujo custo de extração do mineral representaria a metade do valor anterior.

No município de Minas do Leão, permanece uma outra mina subterrânea inacabada – a mina de Leão II. Paralisada desde 1984, a mina projetada por ingleses só vem recebendo manutenção nos 8,5 quilômetros de galerias escavadas a 180 metros de profundidade. Na década de 80, foram investidos cerca de US\$ 70 milhões na abertura de oito quilômetros de túneis e galerias. Dois silos subterrâneos foram instalados e, na superfície, um prédio com 10 mil metros quadrados de área construída, que seria destinado a almoxarifado, oficinas de manutenção, entre outros serviços.

Em 2002, a mina de Leão II, de propriedade da CRM, foi arrendada para a empresa Carbonífera Criciúma, que assumiu a responsabilidade de concluir as obras, mediante um contrato de risco, no qual condiciona a continuidade do trabalho à garantia de um mercado para o carvão. Este mercado é representado pela usina termelétrica de Jacuí I, em Charqueadas. Ao longo desses 20 anos, muitos anúncios foram feitos sobre a retomada das obras da mina e da usina. No entanto, boa parte dos entrevistados em Minas do Leão já se mostram desesperançados de uma solução para o problema.

Atualmente, o mercado de exploração de carvão no Rio Grande do Sul é dividido entre três companhias. A estatal é a Companhia Riograndense de Mineração (CRM), onde a maior parte dos entrevistados desta pesquisa trabalhou. As duas empresas privadas são a Palermo e a Copelmi. Esta última lidera o ranking do setor tanto em relação ao volume de extração quanto ao número de empregados. De acordo com dados do Sindicato dos Mineiros, a categoria, que há duas décadas reunia cerca de 6 mil trabalhadores, hoje mal passa dos 600. Destes, a Copelmi emprega 290 (30 estão vinculados à mina em Arroio dos Ratos), a Palermo, 24 funcionários em Cachoeira do Sul, e a CRM, 52 em Minas do Leão.

4.2 A cidade

Minas do Leão é uma cidade interiorana com cerca de 7,5 mil habitantes, situada a 87 quilômetros de Porto Alegre, na Região Centro-Sul do Estado, às margens da BR

290. Pertence à Microrregião Carbonífera do Baixo Jacuí, que reúne nove municípios¹⁴, das quais vários desenvolveram-se na esteira da mineração de carvão e, nas últimas décadas, enfrentam um destino comum, o do empobrecimento causado pela decadência da atividade de extração mineral.

Com uma área de 426,2 quilômetros quadrados, Minas do Leão emancipou-se de Butiá em 20 de março de 1992. Hoje, a sua receita mensal atinge cerca de R\$ 350 mil. Na cidade que nasceu em torno da mineração, como uma vila-operária, cerca de 95% da população está concentrada na área urbana. O ponto mais distante de trabalho localiza-se aproximadamente a 18 quilômetros, na área rural.

A partir da década de 40, a mineração atraiu trabalhadores de diversas áreas do Estado, provocando crescimento rápido da população. As empresas carboníferas ofereciam atrativos para obter a adesão de novos trabalhadores, como moradias e salários superiores aos de outros operários. Esses “tempos de fartura” são evocados na memória dos moradores, em contraste com o tempo de crise e desemprego do presente.

Neves e Chaves (2000) ressaltam que, entre 1940 e 1991, ocorreu um processo acelerado de urbanização na região carbonífera do Baixo Jacuí, traduzida pelo número de 146,48 mil pessoas vivendo nos limites urbanos das sedes dos nove municípios. (NEVES E CHAVES, 2000, p. 114-116). O forte da migração a Minas do Leão ocorreu entre 1940 e 1970. Depois, a população manteve-se praticamente estável.

Desde meados da década de 90, a extração e comercialização do carvão na região carbonífera e, especificamente, em Minas do Leão, enfrenta forte retração, apesar da existência de reservas de 200 milhões de toneladas de mineral. Outras atividades desenvolvidas no município são a pecuária, com o gado de corte que povoa os campos das médias e grandes propriedades, e a agricultura, com destaque para o cultivo da soja e da melancia. Disposta a atrair novos empreendimentos, a cidade abriga três indústrias, duas de confecções e uma de luvas e aventais de couro.

Alguns moradores definem o lugar em que vivem, de casas espalhadas ao longo de duas avenidas e ruas secundárias, como “*quase uma vila*”. Com um desenho estreito e alongado, Minas do Leão é uma cidade horizontal. Praticamente todas as casas, com uma ou outra exceção, têm apenas um pavimento. Não há nenhuma agência bancária,

¹⁴ Os outros municípios são: Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo, Butiá, Charqueadas, Eldorado do Sul,

apenas um posto do Banrisul. Os principais estabelecimentos estão situados ao longo da principal via, a avenida Getúlio Vargas. Ali encontra-se a prefeitura, a Companhia Riograndense de Mineração (CRM), o sindicato dos mineiros, pelo menos cinco igrejas, duas farmácias, o Clube Duque de Caxias, uma escola, a delegacia de polícia e a Brigada Militar, duas lojas do supermercado Mineirão, entre outros.



A outra avenida é a Alberto Pasqualini. Nela, está localizada a rodoviária e o posto de saúde. Ao longo do seu traçado, encontram-se alguns mini-mercados. A um visitante desavisado, a rodoviária passa quase despercebida. Está localizada numa esquina quase escondida por arbustos e geminada a uma casa “de moradia”. Uma parede no interior da rodoviária exibe o poema *Mapa*, de Mario Quintana. Os versos do poeta, homenageando Porto Alegre, também caberiam a Minas do Leão, pois falam de um lugar presente em todos os lugares. Todas as cidades têm pelo menos uma rua encantada (nem que seja para quem a vê assim). Ali também encontra-se moças bonitas, nuanças de paredes, alguma esquina esquisita e ruas nas quais o visitante nunca andou.

Os deslocamentos de uma ponta a outra da área urbana são em geral feitos a pé ou de bicicleta. Em um sábado, é possível visualizar centenas de ciclistas colorindo o cenário pacato da cidade. É comum também a circulação de cavaleiros e charretes. Muitos moradores que têm automóveis costumam passear a cavalo, como o pároco da cidade. Há três anos no local, o paulista Wilson não demorou a incorporar hábitos como o chimarrão e as cavalgadas.

Além das duas longas avenidas, o município abriga 112 ruas, três estradas e 15 becos, espalhados pelos bairros Centro, Santa Albina, São Miguel, localizados à direita da BR 290 (no sentido Porto Alegre-Uruguaiana), e os bairros São José, Recreio e Coréia, à esquerda da rodovia. Esses bairros são chamados de vilas devido às precárias condições sócio-econômicas.

De duas em duas horas, há um ônibus custeado pela prefeitura que percorre toda a área urbana. Como é gratuito, há ocasiões em que a facilidade de deslocamento acaba gerando superlotação no posto de saúde. Em alguns horários, a procura por atendimento reúne até 50 pessoas. Junto ao posto há uma farmácia que distribui remédios para a população. Dona Zélia, da Vila do Recreio, queixava-se, no entanto, que não pôde obter ali seu remédio para o coração.

Outros moradores, que chegaram à cidade nos anos 40 e 50, elogiam o serviço oferecido pelo posto de saúde ao comparar com os poucos recursos de outros tempos.

O nosso centro de a saúde aí era um ambulatório, né, só um enfermeiro e um médico, que atendia aí os mineiro (...) Assim, a medicina não tinha recurso em nada, mas era... era como a gente sobrevivia. A gente acostuma com a vida, né, achava que era normal. (...) Hoje nós temos um atendimento 24 horas de saúde. (...) Então, a gente vive bem melhor. (Jango)

Seu Mieroslau também lembra da precariedade dos serviços de saúde no vilarejo do passado, quando era preciso deslocar-se para outras cidades, enfrentando a pouca disponibilidade de transporte coletivo.

Prá qualquer doença mais grave não tinha nem condução. Quem tinha uma condução aí a gente tinha que pedir por amor de Deus prá levá prá São Jerônimo, aí pro Butiá, prá socorrer a pessoa. (Seu Mieroslau)

Saúde e educação são consideradas as prioridades pelo atual prefeito, vinculado ao PDT. O ensino médio é a conquista mais recente do município. Ao todo, Minas do Leão abriga três escolas municipais, reunindo 650 estudantes, e duas estaduais, com 900 alunos. São municipais a escola Ricardo Porto, na Vila do Recreio, a Francisco Antônio Luiz, na Coréia, e a escola São Miguel, no bairro do mesmo nome. Há, ainda, a escola estadual Getúlio Vargas, no bairro São José, e a escola Frederico Horta Barbosa, no Centro.

4.2.1 As famílias pioneiras

As famílias Sienko e Freitas estão entre as pioneiras no vilarejo que deu lugar à cidade de Minas do Leão. Os Sienko deixaram a Polônia no período do pós-guerra e chegaram em 1946 ao local, na época pertencente ao município de São Jerônimo. Wenceslau e Maria Sienko, junto com os filhos Francisca e Jan, foram uma das primeiras famílias a instalarem-se na área.

Na década de 50, os Sienko fundaram o primeiro estabelecimento comercial, a Casa Vasco, na que ficou sendo a rua principal, a avenida Getúlio Vargas. Ali, Francisca casou-se com um polonês, desertor da Guerra dos Mouros, que veio para o Brasil escondido num navio. Deste casamento, nasceram três filhos.

Um dos filhos do casal, Dagoberto, 43 anos, é quem reconstitui essa trajetória de imigrantes depois que o encontro, num domingo pela manhã, atrás do balcão da Farmácia Vasco. Eu procurava conhecer melhor a história desse comércio referido por tantos moradores. Descubro, então, que até meados da década de 70, a Casa Vasco vendia “secos e molhados” nesse mesmo local, com uma diversidade impressionante de artigos que iam de produtos de alimentação até ferraduras e mortalhas. Era um período em que a água era disponibilizada em bicas para a população. Uma das bicas ficava ali, próximo de onde estávamos.

A Casa Vasco era dividida por seções. Havia três funcionárias na lojas e outros empregados no depósito que carregavam as carroças no fundo do terreno. Na loja, eram vendidas as “miudezas”, que iam desde chapéus, tecidos, ferraduras, pregos e até as

mortalhas, oferecidas em três tamanhos. A idéia era estar preparado para alguma eventual morte nas fazendas.

Levavam as mortalhas, fabricavam o próprio caixão. Era muito prático até, né. Levavam talco... eles usavam muito talco prá calçar sapato. O morto já ganhava o sapatinho, tudo era do mesmo número: pequeno, médio e grande. (Dagoberto)

Essa fala remete ao tratamento dado à morte no passado. Observa-se que também no vestuário era preciso diferenciar os mortos dos vivos, com nomenclatura própria para as roupas que envolviam o corpo do defunto antes deste ir para o caixão. Como recordação das peculiaridades desse comércio “de antigamente”, a família guardou algumas mortalhas.

Com o surgimento de supermercados, que estabeleceram uma concorrência difícil de ser enfrentada, a Casa Vasco tornou-se Farmácia Vasco. Nas últimas décadas, os negócios eram conduzidos por Francisca. Após a sua morte, a farmácia passou a ser administrada pela filha Alice. Com os problemas de saúde enfrentados pelos moradores em decorrência da mineração, abrir uma farmácia parecia aos Sienko uma boa alternativa.

E aí pensavam assim: o que dá na cidade? Comida e medicação, em função dessas doenças que tinha na mina, né. A gente observou que tinha muitas doenças. E a farmácia ainda é uma coisa que se mantém bem prá uma família pequena. (Dagoberto)

Até um dia antes de sua morte, aos 73 anos, Francisca era quem administrava a farmácia. A condição de imigrante ensinou-lhe a austeridade e a reserva nas questões financeiras. Desde pequeno, Dagoberto ouvia falar das histórias da mãe e do tio que, temerosos de um confisco dos alemães no pós-guerra, esconderam ouro dentro das costuras das roupas na viagem para o Brasil.

Atualmente, cerca de 10% dos moradores de Minas do Leão são descendentes de poloneses. Alguns se conheciam no país de origem, outros encontraram-se na terra que adotaram para morar. Algumas famílias ainda são bastante ligadas. Dagoberto acha que é uma amizade diferente, “*uma coisa mais de coração*”. Ele revela que há uma tradição de descendentes casarem-se entre si. Ao contrário de famílias italianas, por exemplo, que pensavam que quanto maior o número de filhos mais mão-de-obra,

Wenceslau Sienko pregava que era melhor ter poucos descendentes e contratar empregados. É porque se os filhos não respondessem bem ao trabalho não poderiam ser demitidos. Quem não quisesse ajudar no negócio, tinha que procurar trabalho em outra área. Foi assim que Dagoberto foi lavar pratos num restaurante chinês, em Porto Alegre, aos 17 anos. Como decorrência da economia reprodutiva proposta pelo imigrante Sienko, a família resume-se hoje a 23 membros.

Neto de poloneses, Mieroslau Lasek nasceu em Camaquã e criou-se em Dom Feliciano. Chegou em Minas do Leão em 1952. Por intermédio de um cunhado, ficou sabendo que a CRM (então DACM) precisava de um ferreiro, a atividade que exercia. Lembra-se que chegou num dia e no outro já estava trabalhando. A imagem do vilarejo do passado que encontrou permanece viva em sua memória hoje, aos 73 anos.

Quando eu vim prá cá, tudo era campo aqui. Só pelo centro lá tinha aquelas casinha pequena. E a rodoviária.... bem na entrada do poço. Ali era a antiga rodoviária. Então, era uma casa e tinha aquele sobradinho e a Casa Vasco. (...) Aqui, essa vila nova que tem, nada disso. Não tinha nada. Eu caçava perdiz aí, na volta. (Seu Mieroslau)

Outra família pioneira no povoado foi a dos Freitas. Se a família Seinko é pequena, os Freitas, ao contrário, são extremamente numerosos. Dos cerca de 7,5 mil habitantes em Minas do Leão, estima-se que 500 tenham esse sobrenome. Zeca Freitas, que batiza um CTG local, foi proprietário de terras e carreteiro. Proveniente do interior de Rio Pardo, mudou-se com a família para o então município de São Jerônimo em 1948. O filho mais novo, Jango Freitas, 61 anos, mineiro aposentado da CRM, é quem me conta essa história. Ele chegou com seis anos de idade. Como diz, “nunca tinha ido a lugar nenhum”.

Nós chegamos aqui, o pai comprou essas terras aí, a primeira coisa que fez foi agricultura, plantar, tambo de leite. E eu me criei aqui, vendendo leite, eu era leiteiro aí nessa vila. Eu, 7h da manhã, já não deixava ninguém dormir, prá angariar nossos troquinhos, né. (Jango)

A imagem que guarda dos primeiros tempos é de uma vila com cerca de 300 casinhas. Essas moradias pertenciam à companhia, que cobrava uma pequena taxa dos trabalhadores. Depois essas casas foram vendidas a preços baixos. Como diz um mineiro que ali reside, “a gente pagava e nem sentia”. Hoje, ainda restam algumas velhas construções de madeira, a maioria abandonada e sem condições de uso. Muitos

aproveitaram as facilidades e construíram sobre o terreno uma casa mais confortável, em parte ou totalmente de alvenaria. Jango diz que o cenário que o rodeia hoje não é nem parecido com o que ele conheceu. Lembra-se do único comércio que havia, a Casa Vasco. *“Faziam uns pão muito bom, muito bonito”*. Sua expressão remete ao aroma dos pães caseiros recém-saídos das fornalhas.

Eu tinha ouvido falar de Jango nos relatos de seus ex-companheiros de mina. Para descobrir onde ficava a sua casa, percebi que não adiantava perguntar o endereço aos moradores de Minas do Leão. Ali, quase não se guarda nomes de ruas e muito menos os números das casas. Saber ir até lá é o suficiente. Só ouvia falar que Jango morava *“no fim da vila”*, *“lá na Praça dos Freitas”*. Era comum dizerem: *“É tudo Freitas lá”*. Assim como em Minas do Leão é *“tudo mineiro”*, como mencionava Seu Hermes, encontro uma identidade que reúne os Freitas. Segui na direção indicada, parando de vez em quando para perguntar. Quando, finalmente, encontrei a casa, num domingo à tarde, dois filhos de Jango e suas mulheres estavam reunidos à sombra de uma árvore. *“É aqui que mora Jango Freitas?”*, quis confirmar. *“É aqui, sim, pode chegar”*, disse o filho mais velho. Em seguida, mandaram chamar o pai. Julieta, a mãe, surgiu durante a entrevista. Depois de horas de uma conversa fluída, interrompida para continuar no dia seguinte, entendi as referências a Jango e aos Freitas.

O sobrenome Freitas batiza a rua em que Jango mora e a praça defronte à sua casa. O nome da praça homenageia seu irmão, Ari Alves de Freitas, que trabalhou na mina de São Vicente. A rua Alfredo de Freitas diz respeito a um primo que lidou com pecuária e transportava carvão das minas em carreta de boi. Jango me conta que a sua família é uma das mais antigas no lugar. Antiga e numerosa. Acha mesmo que, se contar bem, chega a uns 500 Freitas, o suficiente para eleger dois candidatos a vereador no município. Na sua rua, há apenas umas *“oito famílias só que não é Freitas, o resto é tudo Freitas”*. Esse “resto” soma 50 a 60 casas enfileiradas. Eu tinha ouvido falar sobre a união dos Freitas. Jango confirma.

A gente (...) tem as hora que percisa, a hora da doença, né, a hora do serviço. Um inventa assim de construir uma casinha, eles chegam tudo junto, né, (...)Então, diz assim, como é que é? Os Freitas são muito unido. Claro, nessa parte eles são, mas eles têm as desavenças deles também. (...) Na hora da doença, adocece um aí vai todo mundo. Se tu chegar lá no hospital, aonde tem um Freitas doente lá (...) o médico até te manda sair, né, prejudicial até pro doente. (Jango)

Nota-se que, na fala de Jango, ora os Freitas aparecem como “a gente”, ora como “eles”, como parte desse olhar para a família que se torna distanciado a partir de minhas perguntas. Num momento, é parte desse todo, em outro diferencia-se. Além do mais, pertencer à família Freitas também rende inimizades.

Tem gente que tem uma rivalidade com nós assim, só porque é Freita. A gente cria os timezinho de futebol (...) mas tem gente que não gosta de nós. (...) Dá prá sentir na pele que não gosta e já diz: “Ih! Lá o bolo de Freitas”, né. “Lá, o monte de Freitas”, “Os Freitas são gritão, são barulhento”. (...) Aquelas pessoa que a gente nota que não gosta dos Freita nós procuremo tratar bem, procurar fazer ele entendê que a gente é humano (...). Tinha os Freita bagunceiro (...), mas isso aí não quer dizê que vai atingir uma família toda, né.(...) Eu vô dizê: eu sô um dos Freita que só construí amizade. (Jango)

Para Jango, mineiro que tornou-se famoso pelas brincadeiras e “malandragens” na mina, a amizade tem um valor fundamental. Nesta conversa, descubro histórias que atravessam a trajetória da família, propiciadas pelo estilo de vida de Zeca Freitas, um carreteiro que fazia o transporte de mantimentos por toda a fronteira. Em viagens mais longas, chegava a passar quatro meses sem voltar para casa. Débora, uma das noras, atenta ao relato, diz: “Seu Jango tem irmão prá tudo quanto é lugar”. Jango ri ao falar da fama de mulherengo do progenitor, contando-me um episódio em que dois irmãos, um legítimo e outro não, descobrem-se por acaso. Somente de filhos considerados legítimos, Zeca Freitas teve 15, alguns já falecidos. O filho caçula não estranharia haver outros irmãos cuja existência desconhece. “Deu coincidência de encontrar aquele, podia encontrar outros, né”. É bom notar que a trajetória de Zeca Freitas, cujo nome não por acaso batiza um CTG, reforça o padrão de masculinidade dominante na cidade.

CAPÍTULO 5

O COTIDIANO EM MINAS DO LEÃO



5.1 Os riscos de se viver na cidade

Acolhida por sua hospitalidade e envolvida pelas dores e alegrias vividas e narradas por seus habitantes, percebo que a vida desta comunidade revela nitidamente dois pólos que se evidenciam com semelhante intensidade. Desenvolvida a partir do trabalho com a extração do carvão, Minas do Leão registra uma luta peculiar pela sobrevivência. Paralelamente a um cotidiano marcado pela afirmação da vida, da alegria e da jocosidade nas relações sociais, marca da cultura dos homens da mina, a cidade envolve um constante risco de acidentes e de mortes. Essas ameaças eram representadas tanto pela mina subterrânea, hoje desativada, como pela presença na cidade de uma rodovia federal que corta o seu traçado, fazendo com que os acidentes de trânsito sejam outro risco de se viver em Minas do Leão.

Como afirma Mary Douglas, “o risco é uma construção coletiva”. (DOUGLAS, 1984, p.186). Ou seja, a percepção dos fatores que representam risco para uma comunidade depende de categorias culturais, variáveis de uma sociedade à outra. Os estudos sobre o tema evidenciam principalmente a preocupação com os riscos da violência humana, da tecnologia e da falência econômica. Pode-se dizer que no cotidiano de Minas do Leão é menos evidente o risco da violência urbana (representada por crimes, assaltos) e mais explícita a ameaça provocada pela tecnologia, tanto pelos acidentes e doenças causados pela mineração, como pelo perigo dos deslocamentos (colisões de automóveis e atropelamentos) no trânsito de uma rodovia federal que divide a cidade ao meio.

As tragédias no trânsito, que mutilaram e traumatizaram muitas famílias, reduziram-se recentemente em função da adoção, pela Polícia Rodoviária Federal, de “pardais” controladores de velocidade próximos à entrada das cidades de Butiá e Minas do Leão. Há uma relação ambígua dos moradores com a rodovia, ou “a faixa” como é chamada. Se, por um lado, abre os horizontes com um fácil deslocamento de pessoas e transporte de cargas, por outro, representa uma contínua tensão quanto à segurança física dos habitantes. Essa dupla condição representada pela BR 290 está presente na fala do pároco. Quando chegou ali, ouvia falar “*que toda semana morria gente, três pessoas por mês morriam*”. Avalia que os acidentes diminuíram desde que foram

colocados os pardais. Mesmo assim, ainda ocorrem. Relata que desde que está na cidade já morreram três ou quatro moradores da cidade na rodovia.

A gente tem que tomar cuidado porque a BR atravessa a cidade, né. (...) Então, se por um lado a BR é risco, por outro lado ela também colabora com a cidade, porque o caminhoneiro que vem da fronteira do Brasil com a Argentina, vem tudo por aqui. (Padre Wilson)

O cemitério é testemunha das tragédias do trânsito que não conseguem ser esquecidas. No jazigo de uma família de descendentes de poloneses, chama a atenção as imagens de rostos jovens e bonitos nos túmulos alinhados que abrigam três irmãos mortos na década de 90 em diferentes acidentes de trânsito. Charles tinha 21 anos quando morreu, em junho de 1991. Cinco anos depois, em junho de 1996, outro acidente levou Débora, aos 23 anos. E um ano depois, em agosto de 1997, um terceiro desastre tirou a vida de Lara, de apenas 18 anos. Para a família, a perda de três filhos são feridas que não cicatrizam. Conheci os pais desses jovens na casa de Seu Mieroslau e Dona Lúcia. Seu sofrimento ainda é evidente. Diante deles, calo-me porque os fatos são impactantes demais para permitir qualquer pergunta. Quando falam dos filhos, as lágrimas brotam nesta dor sem consolo. Os amigos também se emocionam ao lembrar.

Uma tragédia muito grande. Mexeu muito com a cidade. Eram pessoas bem conhecidas assim, todo mundo gostava. (Dagoberto)

Quase todos os entrevistados lembram de algum parente, amigo ou conhecido morto em acidente ou atropelamento na rodovia. Em 13 de agosto de 2003, o jornal Zero Hora mostrava na contracapa, com o título “Morte na BR 290”, a fotografia de um automóvel destruído na colisão com um caminhão. Duas pessoas, moradores de Minas do Leão, morreram no local. Uma das vítimas era Pedro, um mineiro aposentado de 48 anos. Agenor, mineiro aposentado da CRM, lembra que, dias antes, havia encontrado com o colega no sindicato. Estranhou o abatimento do outro, chegou em casa e comentou com a mulher: “O Pedrinho diz que não tem muito tempo de vida, tá com problema no coração”. Duas semanas depois, foi surpreendido com a notícia da morte em um acidente na rodovia.

Em muitos casos, mais de uma pessoa da mesma família foi vítima de acidentes na estrada. Quando pergunto a Dona Zaida, cujo marido morreu em um

desmoronamento na mina, se conhece outras viúvas, ela lembra-se de uma antiga vizinha.

Ela perdeu o marido e no mesmo ano, perdeu o filho. No mesmo carro e no mesmo lugar, quase. (...) Báh, Deus o livre! Era o filho que morava com ela, cuidava dela, né. Depois que o pai dele morreu ficou muito...atacado, se atirou a beber. Aí, vinha voltando de Butiá e entrô debaixo de um caminhão. Matô na hora. (Dona Zaida)

Ao me contar a história, ela frisa que essa morte “*não foi na mina, foi de carro, na faixa lá*”. Estabelece uma conexão entre a morte na mina e a morte na faixa, agregando ainda o fator de risco representado pelo alcoolismo.

Entendemos, como Mary Douglas que cada sociedade gera seus “próprios perigos”, assim como produz determinadas concepções do que se apresente como risco à vida. (DOUGLAS, 1984, p.7). Pode-se dizer que, em Minas do Leão, desde o encolhimento brutal da extração de carvão, uma ameaça sentida pelos moradores é a da “falência econômica”, melhor dizendo, do desemprego e da perda de condições para custear a sobrevivência. Paralelo a essa, entre a juventude, há um crescimento do uso de drogas, que se configura como uma nova preocupação para uns e como “resultado do progresso” para outros. Embora pouco apareça nos discursos, a poluição derivada da mineração, agora exclusivamente a céu aberto, devasta o ecossistema e altera o meio ambiente, apesar das políticas ambientais adotadas pelas empresas nas últimas décadas. Vamos percorrer alguns desses riscos enfrentados pela cidade.

5.1.1 A violência, os jovens e as drogas

Na representação dos moradores, pouco é referido situações de violência urbana. Como próprio de culturas interioranas, às vezes acontece uma ou outra briga de família, envolvendo “*tiros e até morte*”, como conta um soldado da Brigada Militar. Esse tipo de violência é concentrada em unidades econômicas sujeitas à crise. Começa a preocupar, no entanto, a ociosidade dos jovens que não conseguem emprego e lançam-se às drogas. Com a decadência das minas, alguns empregam-se no comércio, outros vão procurar trabalho fora, mas há muitos desocupados. O soldado afirma que “*Leão e Butiá estão se tornando cidades-dormitório para quem vai trabalhar em Porto Alegre, São Leopoldo, Guaíba ou Viamão*”.

A Brigada Militar observa um crescimento expressivo do tráfico e consumo de drogas. Há algum tempo, o uso limitava-se à maconha e à cocaína. Agora, estão sendo infiltradas na cidade as pedras de crack. Na primeira visita que fiz como pesquisadora, em novembro de 2002, chamou minha atenção o local que abrigava a antiga sede da CRM. Os muros da velha construção estavam pichados com grafite e havia sinais de que o lugar fosse usado como ponto de encontro para venda e consumo de drogas.

Esse tema preocupa Ademar, funcionários da CRM, sindicalista e presidente do PT em Minas do Leão. Entende que as autoridades locais fazem “*vistas grossas*”. Pai de uma menina de 11 anos, acredita ser necessário um programa por parte do governo municipal. A seu ver, o assunto não é tratado com a seriedade que merece.

Todo mundo sabe quem são os traficantes, todo mundo sabe quem são os usuários, e não há uma ação prá coibir esse tipo de coisa. Então, é uma preocupação enorme, principalmente prá quem tem filhos adolescentes (...), porque parece que há uma crescente e ... passa de marcha batida aí. (...) Até que aconteça alguma tragédia.
(Ademar)

Para o prefeito da cidade, Zoely Santos de Oliveira, esse crescimento do uso de drogas não chega a causar preocupação. Ele menciona que a Brigada Militar e a delegacia estão atentas ao problema, mas acredita que o consumo de drogas “*tende a crescer em tudo quando é lugar*”, pois “*acompanha o progresso, o desenvolvimento*”.

Crítico em relação à inexistência de uma política municipal para o problema, Ademar destaca o trabalho de prevenção feito pelas igrejas, citando tanto as evangélicas a católica, que dedicam-se à formação dos jovens.

Ah, é fantástico! É muito bonito o trabalho deles. É uma forma de prevenir e não facilitar o acesso. Não chega a ser uma recuperação porque não tem esse tipo de trabalho aqui. (Ademar)

Um dos projetos em que o padre Wilson está empenhado é, justamente, o da prevenção do uso de drogas entre a juventude. O pároco traz a experiência de um trabalho que desenvolvia em São Paulo, junto a uma Comissão de Anti-Entorpecentes.

Eu procuro falar sobre os valores da vida, tal, prá mostrar prá eles que vale a pena viver e que não precisa de drogas prá viver. Eu, que já fui viciado cinco anos em cocaína, né.... Então, eu sei o que é isso. Antes de ir pro seminário, bem antes, na minha juventude. Então, eu sei muito bem, eu conheço os dois lados da moeda, né. (Padre Wilson)

Entre os 12 e os 17 anos, o padre usou drogas. Com tendência ao alcoolismo, recebeu autorização para celebrar a missa com suco de uva. Devido às drogas, ficou com seqüelas. Desenvolveu uma trombose na perna esquerda, na qual só tem 20% da circulação, tendo que usar medicamentos anti-coagulantes. *“Eu tenho que cuidar e rezar prá eu chegar com a perna até o final da vida”*. Volta e meia, ouve de padres, seus colegas, que não precisa revelar questões do seu passado aos fiéis, mas prefere expor seu drama para sensibilizar os jovens a que não sigam o mesmo caminho.

5.1.2 O empobrecimento

Em 1997, quando estive em Minas do Leão pela segunda vez, para uma reportagem, moradores manifestavam a preocupação de que Minas do Leão pudesse virar uma *“cidade de aposentados”* caso a velha mina de Leão I fosse fechada e não entrasse em operação a inacabada mina de Leão II. Eles temiam o destino melancólico de Arroio dos Ratos que empobreceu depois de ter sido berço da mineração de carvão. Quando regresssei, no final de 2002, percebi que os temores se confirmaram. A mina de Leão I havia sido desativada naquele ano. Hoje, quase ninguém acredita que as obras de Leão II sejam retomadas.

Velhos mineiros, que viram minas nascer e morrer, como Seu Leo e Jango, não alimentam expectativas de um novo ciclo para o carvão na cidade. Seu Leo diz que perdeu as esperanças. *“Tanta promessa que houve... e em cada época de política, a primeira coisa que eles se lembram é da mina. É triste.”* Também para Jango a época do carvão acabou: *“Minas do Leão, aqui, morreu. Não vai existir mais Minas do Leão, mineração não.”* Nas suas palavras, essa morte mistura cidade e mina, dissolvidas na mesma decadência, no mesmo ato de desaparecimento. Segundo o mineiro, *“Leão II serve de piano de trabalho dos político”*. Explica que, em cada período eleitoral, surge uma novidade, mas a seu ver faz vinte anos que as obras estão paradas e a situação é cada vez pior. A mulher de Jango, Julieta, afirma que *“a CRM tá praticamente morta”*. A seu ver, quem matou a empresa é a principal concorrente, a Copelmi, que ganhou mercado vendendo carvão mais barato e pagando menos aos trabalhadores.

O empobrecimento da cidade afeta todos os setores, como constato na conversa com Dona Alice, proprietária da Farmácia Vasco.

A cidade tá bem mais pobre, bem mais. Porque tu vê... aqui não tem emprego, o pessoal tem que sair prá fora, trabalhar fora, a mina tá praticamente fechada. (P – Há perspectivas de melhora?) Praticamente nenhuma. Quando falam em abrir mina nova, dizem “agora vai”. Dali a cinco minutos, termina tudo. Tá bem parada a coisa. (P – E os negócios na farmácia?) Aí não tem renda, né, o pessoal não compra. Se vender fiado, tu não recebe. (Dona Alice)

Dos 7,5 mil habitantes do município, cerca de 500 estão desempregados, nos cálculos do prefeito. Este é o principal problema enfrentado por sua administração. Ele destaca que a situação de crise é gerada pela retração na atividade carbonífera. Lembra que houve épocas em que a CRM empregava 1.200 funcionários na mina de Leão I e outros 1.800 nas obras da Leão II. Em julho de 2003, quando mantivemos essa conversa a companhia empregava apenas 80 funcionários. A cidade sentiu o baque de tamanha redução de empregos. O prefeito avalia que “*Minas do Leão ainda existe em função da própria prefeitura, da emancipação*”. A prefeitura mantinha 230 empregados em julho de 2003. A maioria dos trabalhadores do município estava vinculada ao corte de matos, contratada por empresas como Riocel e outras. Embora essa atividade já fosse forte na região há uma década, sempre foi preterida nos projetos familiares por representar uma remuneração muito baixa (pouco mais que um salário mínimo) num trabalho que exige grande esforço físico. Hoje, diante da decadência da mineração, acaba sendo o único recurso. Algumas escassas vagas também são oferecidas por estabelecimentos comerciais e de serviços, como mercados, lojas e oficinas. O que move o comércio é a renda injetada pelos aposentados da CRM.

O cotidiano de Tita, 46 anos, mostra como vivem homens que foram mineiros de subsolo e se aposentaram antes dos 40 anos. Hoje, ele faz reformas de casas e outras atividades para aumentar a renda e ocupar o seu tempo. Vendo a mina em que trabalhou encolher cada vez mais, pensa no que será da população do município no futuro. “*Mineiro não vai ter mais, né*”. Comenta que “*a mina tá reduzida, no mais é mato*”, referindo-se ao trabalho mencionado antes. Na área da mineração, parecem esgotar-se as alternativas, segundo me conta, pois a Copelmi oferece poucas vagas. Em uma frase,

resume a situação: “*O Leão hoje são os mato e os aposentado*”, configurando uma mudança drástica no perfil da comunidade.

Como em outras questões vinculadas ao espaço social, o tema do desemprego suscita uma disputa política de partidos e de posições. Quando estive na casa do vereador José Carlos Freitas, o Negrinho (eleito pelo PDT e hoje vinculado ao PMDB), acompanhada por Dona Dalva, ele me explicava que do jeito que o carvão vai, não se poderia ficar esperando por um novo empreendimento nessa área. O melhor, dizia, é atrair empresas pequenas, como as do setor calçadista, que empregam de 20 a 30 funcionários. Por meio de um projeto seu, uma área foi destinada à construção de um distrito industrial, mas ele ressentia-se da “*falta de vontade de alguns políticos*” para oferecer incentivos a essas novas empresas.

A gente conseguiu essa entrada de 100 mil metros quadrados, bem no trevo de acesso da cidade, que nunca foi passado uma patrôla, que nunca foi feito um arruamento, que se encontra hoje totalmente abandonado, servindo lá de um potreiro prá colocar animais.
(Vereador Negrinho)

Nesse cenário de escassez de empregos, para conseguir uma vaga nas empresas de mineração, como na CRM, em Minas do Leão, e na Copelmi, em Butiá, descubro que é preciso ter alguém influente que indique o candidato, uma “*cunha*”, como revela Seu Adão Souza, 62 anos, mineiro aposentado que mora em Butiá. Nessas relações de poder, mesmo quem tem uma “*cunha*”¹⁵, por ser amigo do prefeito ou de vereadores, enfrenta a concorrência de candidatos que também lançam mão de padrinhos.

Tem que ter uma cunha muito boa, não pega. (...) Tem que ter as cunhas, como se diz, né, tem que ter enjambração, senão não pega.
(Seu Adão Souza)

A crise enfrentada pela comunidade ganha diferentes sentidos na vida desses personagens. Mesmo mineiros que descrevem a dureza do trabalho na mina de “*antigamente*”, sentem saudades do passado devido às dificuldades financeiras encontradas no presente. Seu Bega, 65 anos, aposentou-se na Mina da Coréia e, desde então, não parou mais de trabalhar. Nos últimos anos, dirige o próprio caminhão

¹⁵ A expressão “*cunha*” também é usada por informantes de Eckert (1985, p.238), em Charqueadas, significando geralmente algum mineiro bem relacionado que possa indicar o aspirante a mineiro a uma vaga na empresa.

transportando carvão das minas. Por ingressar cotidianamente no pátio da CRM, vê de perto a decadência do setor.

A mina não é mais como antigamente. Todo mineiro véio vai perceber isso aí. (...) Naquela época, era muito bom. Agora, hoje, mudô tudo. Tá muito difícil a vida da gente. O ordenado.... embora que a gente ganhe, parece que nada chega. (Seu Bega)

Para Dona Zaida, viúva de um mineiro morto na mina, a ruptura no sentido da sua vida começou com a perda do marido, mas hoje mistura-se com o sentimento difuso de uma crise que atinge o lugar em que vive. Ela conta que já esteve “*bem na vida, mas bem mesmo*”. Não lhe faltava dinheiro, tinha conta em banco. Não sabe explicar, mas sente que nos últimos tempos tudo mudou. Pensa que talvez sejam as doenças que vem enfrentando e que, segundo diz, “*vai derrubando a gente*”. Acha que quando “*entrô a doença, decai muito*”. E junta-se aí os gastos com remédios. Em muitos momentos, parece-lhe que a queda dos seus negócios não tem um motivo, em outros relaciona sua situação pessoal aos problemas enfrentados pela cidade.

De uns tempo prá cá parece assim que começô cair, cair, cair. O bar também já tive aqui, a bem dizê, um mini mercado já tive aqui caiu, quebrou, tive que vendê os freezer grande que eu tinha, que eu trabalhava com alimentos, carne, tudo assim. Não sei se é a crise que a gente tá atravessando, né, de repente é a crise, né. (Dona Zaida)

Seu sentimento de frustração em relação à mina e à cidade aparece nos gestos, no olhar de desalento e na repetição verbal que tematiza a “queda”. Sente que, ao invés de oferecer, a mina expropriou, a começar pela vida de seu marido. Em suas representações, a mina aparece como algo vivo, responsável pelos males que afligem a cidade. Verifica-se a culpabilização da mina não só pela desgraça que a atingiu, mas também pela atual pobreza do município. “*Essa mina levô tudo o que o pessoal tinha aí. Bom, a mina triminô, né.*” Sua narrativa aponta que a mina, como numa peça de vários atos, rouba, mata e, por fim, enfrenta a sua própria morte. Contraditoriamente, lembra-se dos “bons tempos” do passado, quando havia muitos trabalhadores na mineração.

Os mineiro trabaivava noite e dia, era bastante terno, né. E agora... o que que tem na mina? Triminô! Mais serviço não tem, né. Não tem nada mais. (Dona Zaida)

Sobre esse tempo de “antigamente”, diz que “*era coisa mais boa de vivê aqui*”. Entende que a comunidade só vem piorando desde a emancipação. “*Agora, municipalizar o Leão, traminô o Leão... Triminô, né. E era prá aumentá, né, e taí nessa pobreza.*”

Um drama da cidade, conforme Ademar, é a miséria existente nos bairros mais pobres. Ele observa que “*aqui na vila do Leão são poucos casos, mas no Recreio é terrível.*” Junto com outros funcionários da CRM, participa de uma ação solidária, que consiste na coleta de vales-alimentação que são usados na compra de sacolas econômicas. Três famílias são ajudadas mensalmente com as contribuições de cerca de 20 trabalhadores da empresa. Ele opina que “*isso é pouco, tem que fazer mais*”.

5.1.3 A vida na Vila do Recreio



É julho de 2003. O solo escuro sinaliza que caminhamos sobre rejeitos de carvão. Nessa área, em que o chão assemelha-se a um tapete negro, à esquerda da BR 290, está localizada a Vila do Recreio, considerada a mais pobre de Minas do Leão. O nome não combina nem um pouco com a precariedade da vida dessas cerca de 20 famílias instaladas de forma irregular sobre uma antiga área de mineração da CRM. Acompanhada por Agenor, procuro a casa de Dona Zélia, que conheci dias antes na casa

do irmão, Seu Hermes, mineiro aposentado e também meu informante. Encontro-a na frente de uma pequena casa de madeira, sem pintura e de chão batido. Com problemas de saúde, Dona Zélia, 53 anos, faz o que pode para, a cada dia, garantir a comida para ela, as três filhas adolescentes e o marido. Uma das filhas está grávida de sete meses. Todos estão desempregados. Seu marido é um ex-mineiro que vive de bicos. Devido à “bebida”, nunca parou nos empregos que teve.

Dona Zélia convida-nos a entrar na morada, impecavelmente organizada. A casa tem quatro minúsculos cômodos: sala, cozinha, e uma separação de dois quartos nos quais só cabem as camas enfileiradas. Apesar do frio, acha melhor não ficarmos na cozinha porque o fogão aceso enche a peça de fumaça. O banheiro é uma patente de madeira que fica nos fundos do terreno. Conta-me que naqueles dias está chateada.

Óia, deixa eu te contar que até a minha televisão eu tive que vendê, prá podê comê, eu não tenho vergonha de dizê.(...) Vendi a minha televisão por 40 real, já pensou? Agora mesmo, tô com esses pobrema de estresse, né, sem televisão. Báh! Eu tô louca, louca, louca. Disse pro Adão (o marido): “Não, vai dá um jeito!” (Dona Zélia)

Em sua fala, ela evidencia, além da luta pela sobrevivência, a importância que a televisão tem no seu cotidiano. Parece representar o que há de mais belo e colorido em contraste com seu mundo de pobreza. Em um cenário de precariedade, representa uma espécie de janela por onde visualiza um outro mundo, de conforto e beleza. Em suas representações, aparece o “estresse”, agravado agora pela alta de distração.

Já havia vendido a geladeira e outros equipamentos domésticos. Mas não sentiu tanto como agora. No decorrer da entrevista, Dona Zélia explica que os irmãos desistiram de ajudá-la porque, tendo dinheiro, o marido, que é alcoólatra, quer gastar tudo com bebida. Pacato quando sóbrio, torna-se violento quando bebe. Em sua fala, uma característica do marido, que “*não tem boca prá nada*”, é considerada positiva em contraste com o efeito provocado pelo álcool.

Dona Zélia foi a primeira moradora do lugar, no fim dos anos 80. No início, sua casa era a única que tinha água encanada. Ela chegava a distribuir para as vizinhas. “*A Efigênia, a Dé, a Loreni, a Nica do Biguá, tudo lavava no meu tanque.*” A mudança para o local deu-se após a morte do pai, de quem herdou uma pequena e velha casa por consenso dos irmãos. Faltava um terreno para instalá-la. Dona Zélia, que nunca teve papas na língua, foi falar com o prefeito. “*Eles mandaro eu vim tapá uma área aqui e eu*

tapei essa. E aí trouxe a casa prá cá prá morá aqui”. Mais tarde, ganhou da prefeitura tábuas para as paredes e brasilit para o telhado. Pôde, então, reformar a casa. Para completar o material precisou arrastar madeiras do mato.

A casa foi construída sem assoalho. Como faltou brasilit, *“na cozinha chove que nem na rua”*. No piso, ela gostaria de colocar tábuas porque sabe que um piso cederia devido aos rejeitos de carvão. É preciso encontrar uma solução que possa *“respirá o chão”*. Relata-me que a moradia de chão batido traz conseqüências para a sua saúde. *“Diz que é por causa do cigarro. Eu digo: não, porque toda vida eu fumei”*. Sua certeza parte da convivência diária com o cheiro forte que se desprende do solo escuro.

Porque de noite a gente fecha a casa, é aquele fedor de carvão, de enxofre. É um cheiro assim de coisa podre, de ovo. (...) Bom, as coberta, tu te alevanta de manhã, é tudo úmida porque pinga do chão. (...) Toda a vida eu fumei. Depois que eu vim prá esse chão batido que me apareceu esse poblema de pulmão. (...) Eu carregava lenha de mato e tudo e nunca me doía as costa. (Dona Zélia)

Mesmo num dia de sol, era possível sentir a umidade dentro da casa. Depois de tratar-se da “coluna”, em função das cores nas costas, Dona Zélia ouviu de outro médico que estaria com eczema no pulmão. *“Que o médico mesmo me deu vida prá três mês”*. O médico alertou-a quanto ao risco do cigarro. Disse-lhe: “Dona Zélia, seu pulmão tá uma rapinha”. Ao que ela emendou: *“Então, eu vô fumá mais prá tirá a rapinha dele!”*. Contou-me que havia tido essa consulta no mês anterior. *“Mas eu nem tô. Deus não me desenganou”*. Num momento, diz ter pouco tempo de vida. Em outro, revela esperança. Ela atribui ao destino sua vida de sofrimento.

Acho que eu nasci prá passar trabalho. (...) Porque eu, desde que a minha mãe fechô os olho, foi passando trabalho e até hoje eu passo. Eu tinha 13 ano e fui trabalhá em casa, de doméstica. (...) Eu deitava louca de fome, chorava de fome. (...) Digo: “Deus que perdõe, acho que é uma sina”. (Dona Zélia)

Nas suas representações, essa vida de sofrimento, da qual a fome é emblema, só pode ser “sina”, “destino” que ela não tem como mudar. Essa visão do destino diante do qual se é impotente é analisada por Gilberto Velho (1994b), como mencionamos no capítulo 3. A um canto da sala, noto uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, mas que não lhe serve de consolo. Ela não é devota.

Quando lhe pergunto se já teve uma profissão, diz que “nunca trabalhou” porque não há serviço em Minas do Leão. Às vezes, alguém pede que vá lavar uma louça, mas o pagamento não passa de três reais. “*O que eu faço com três real?*”, pergunta, indignada. Também já fez limpezas nas casas. Recebeu 10 reais como pagamento. Agora, com os problemas de saúde não pode mais fazer esse esforço. A situação se agrava porque o marido “*não pára em serviço*”. Entrou na CRM na mesma época que Seu Hermes, “*podia tá aposentado*”, mas com o vício da bebida foi posto para a rua. Às vezes, consegue trabalho em fazendas. No corte de mato, ela acha que não vale a pena: “*tira a bóia de dentro de casa e não bota*”. Refere-se à necessidade de levar comida de casa nas viagens a áreas distantes da cidade em que esses trabalhadores, espécies de “*bóias-frias*”, se deslocam, na carroceria aberta de um caminhão.

Mais do que uma rotina previsível, o cotidiano dessa mulher é uma invenção diária, como escreve De Certeau (1994) sobre as “*táticas*” usadas entre as classes populares. Em uma vida de precariedade, ela precisa estar sempre criando soluções.

Falta alguma coisa, saio correndo, de um jeito ou de outro eu arrumo. (...) Aquele dia mesmo eu tava, não tenho vergonha de dizê, com nada prá botá no fogo. Fui lá no Sami (o vice-prefeito) e me deu 20 real. (...) Mas 20 real não é dinheiro mais. Quebrou o galho. Me apertei de novo, torrei a televisão. (Dona Zélia)

Sua moeda de troca para pedir favores às autoridades é o apoio em campanhas políticas. A solidariedade de vizinhos é outra forma de enfrentar a luta pela sobrevivência. Quando adoece alguém, ela usa o celular de uma vizinha e liga a cobrar para a Brigada Militar. Uma viatura leva o doente para o posto de saúde. Ou, então, a BM comunica o posto, que manda uma ambulância. Mas não é com todos que se pode contar, segundo diz. Há moradores que têm automóvel e que não ajudam os demais.

Recentemente, Dona Zélia decidiu “*tirar*” uma das filhas, de 17 anos, do colégio, por entender que aumentava demais as despesas mantê-la estudando. Sua esperança em uma vida melhor para as filhas está no casamento.

Eu já disse prá elas: “Gurias, óia, tratem de casá, que a hora que eu tivé que morrê, eu morro em paz”. A outra, que tá barriguda, se quiser se ajuntar com o marido dela, que se ajunte, que eu não vô vê passá trabalho. Já tô lá mesmo...Eu disse prá ela: “Pode dá jeito”. Essa aqui disse: “Mãe, setembro acho que eu vô dá jeito de casá”. “Casa”. Vão indo, vão indo, porque a hora que eu ir, eu vô descansá. (Dona Zélia)

Por vezes, sente-se desesperançada quanto à sua vida. A falta de dinheiro aparece como um eterno retorno, do qual já está cansada e do qual deseja desfazer-se, mesmo que seja esperando pela morte, que no seu discurso aparece como “um descanso” para uma vida de sofrimento.

Eu tô já tô louca prá descansá eternamente. Não me importo mais com a minha vida. Chega! Chega! Chega! Tô com as minhas filha criada, que se virem... (Dona Zélia)

Ao ouvir o que ela diz, o mineiro que me acompanha retruca:

Ah, não. Eu vô insistir com a senhora. Se morré é descansá, eu prefiro viver cansado. (risos) E eu sempre digo, quem morre na véspera é peru. Ninguém vai antes do tempo. (Agenor)

Esse diálogo reproduz representações mencionadas por Ariés (1975), da “morte como descanso”, e sua derivada, a preferência de “viver cansado”. Ao ouvir Agenor, Dona Zélia dá de ombros e fala do seu envelhecimento, que acredita mais acentuado do que de seus irmãos. A sensação de envelhecimento é acompanhada pela perda de esperanças. Faz uma referência ao cabelo branco, que ela já não pinta. Agora, tem novas preocupações em relação à saúde. Precisa de um remédio para o coração que não encontrou no posto. Disse-me que ia falar com o prefeito.

Então, a minha vida não vale 18 real? Ah, pelo amor de Deus. (...) Não dá, essa vida de dificuldade não dá. Pelo amor de Deus, a gente morre, não vê o que passa. Os outros que se virem, eu já fiz minha vida. (Dona Zélia)

Seu tom oscila entre a indignação e o cansaço. A moradora utiliza expressões próprias para exprimir o que sente, como “o meu peito tá abrindo”, “eu tô com uma ponta do coração”. Diz que o médico não sabe “se é um tumor ou se tá inchado”. Define seu mal-estar por determinada representação do seu organismo, que foge à explicação da biomedicina. Dona Zélia sente-se jogada de um lado para outro na mão de médicos que lhe pedem mais e mais exames. Mas quando vai à Capital passa fome.

Nota-se que o tema da fome é recorrente em seu discurso. Sua batalha pela sobrevivência envolve, em primeiro lugar, a preocupação com o que comer. Pergunto-lhe sobre o que é a alimentação da família. Diz que não tem “vergonha de dizer” que é

arroz e feijão. “*Não adianta eu dizê que eu como isso, que eu como aquilo, né.*” Revela que, no sábado, depois da venda da televisão, pôde comprar galinha e salada.

A alimentação tem um valor central no discurso da maior parte dos informantes¹⁶, já que representa a construção de um corpo forte, preparado para produção. Na Vila do Recreio, em famílias como a de Dona Zélia, esse discurso que enfatiza o valor da alimentação é percebido às avessas, como o registro, a denúncia da carência, e a invenção diária de uma solução que garanta a próxima refeição.

5.1.4 Poluição, ecologia e saúde

Os moradores de Minas do Leão acostumaram-se com a vida permeada pela relação com o carvão. O pó escuro invade suas vidas desde a infância, de forma que a convivência tornou-se “natural”. Para muitos, a relação com o mineral tem algo de sagrado, pois determina a sua profissão e confere-lhes uma identidade social, como já salientamos. As informações sobre os riscos para a saúde ou meio ambiente tendem a ficar em segundo plano. Com uma pergunta direta, são mencionados casos de pessoas em que tiveram pó de carvão no pulmão por morarem em áreas próximas às minas, como conta Dona Hilda: “*Aquela senhora que morava ali, uma morena que morava na saída da... do poço ali, ela tava com carvão no pulmão. Morava ali perto.*” Esposa de mineiro, Dona Hilda explica que uma das razões por que a família mudou-se de Leão para Butiá foi o fato de que o filho mais velho sofria com uma “bronquite alérgica”.

Com o conhecimento de quem trabalhou 22 anos, 10 meses e oito dias na CRM, o mineiro Jango avalia que a poluição provocada pela exploração do mineral é uma das razões porque o ciclo do carvão está acabando. “*O carvão traz muita sujeira, muita poeira, muita coisa prejudicial à saúde da comunidade*”. A seu ver, os governos estão procurando fazer usinas com mais facilidades e higiene. Acha que as tecnologias serão mais modernas e o carvão tornou-se “*coisa do passado, do tempo mais antigo*”.

De acordo com o estudo de Oliveira e Balbuena (2000), a extração de carvão, tanto de subsolo como a céu aberto, provocou drástica alteração na paisagem natural nas áreas que abrigaram comunidades erguidas em torno da atividade. Os autores afirmam

¹⁶ Este tema da alimentação é aprofundado no capítulo 6.

que, nas áreas de mineração, “as soluções de remediação se encontram em geral aquém do minimamente necessário para a manutenção de unidades naturais estáveis”. Acrescentam que a disposição das cinzas e rejeitos de forma descontrolada, nas áreas próximas ao rio Jacuí, provocam alterações que extrapolam os limites físicos dessas áreas. (OLIVEIRA E BALBUENO, 2000, p.84).

Uma outra pesquisa sobre a qualidade ambiental dos riachos da região carbonífera do Baixo Jacuí, conduzida por Júnior, Malabarda e Silva, conclui que “a atividade causa fortes danos sobre a biota aquática através da redução das abundâncias e supressão de espécies”. (JÚNIOR, MALABARDA E SILVA, 2000, p.803).

Os danos ao meio ambiente são considerados como “passivo ambiental” na terminologia adotada pelas empresas de mineração. Como parte de uma política, a CRM criou um Plano de Gerenciamento Ambiental, que inclui a recomposição no solo nas áreas afetadas e o controle de efluentes líquidos. No entanto, medidas como essas amenizam mas não restabelecem o equilíbrio no ecossistema.

Referindo-se à poluição das águas, Seu Mieroslau diz que tem saudades do arroio que conheceu em “outros tempos”.

Nós ia tomar banho numa sanga ali, mas naquele tempo a sanga não era poluída. Hoje em dia não dá mais, tá poluída, água salitrada e tudo... da mina. Naquele tempo, tinha peixe ali. Hoje em dia, não tem mais nada. Tá tudo morto. E era assim a vida, começou assim a vida.
(Seu Mieroslau)

Paralelo à avenida Alberto Pasqualini localiza-se o Arroio Taquara, a “sanga”, na qual muitos mineiros costumavam tomar banhos quando ainda não havia água encanada. Seu Mieroslau analisa o contraste entre o tempo em que a sanga tinha vida, “*tinha peixe*”, quando era possível tomar banho ali, e o presente, em que “*não tem mais nada*”, “*tá tudo morto*”, com a água poluída pela mineração.

A idéia de poluição também aparece em um discurso sobre um tempo em que não se tinha familiaridade com a atividade carbonífera. Quando a família de Julieta, esposa de Jango, mudou-se para lá, em 1952, proveniente de Azambuja, interior de Rio Pardo, enfrentou sérios problemas de saúde devido ao carvão. O pai, que foi trabalhar na mina, recebeu uma precária casa da companhia para morar, localizada na Vila do Recreio. Como recorda-se Julieta, eles estranharam a água, retirada do poço, que “*era contaminada pela própria mineração*”.

Então, ficaram todos doentes, quase todos. (...) Lá fora tinham leite, tinham as fruta, tinham verdura, tudo da lavoura, né, e aqui não tinha nada. E aí passou prá uma alimentação do café preto, pura água sem ser potável, a comida feita com carbureto (...). Ninguém mais podia com aquele cheiro. Os mais fracos ficaram doente. Não morreu nenhum, daí foi indo, foi indo que acostumaram. (Julieta)

Ela conta que uma irmã, com três anos na época, deixou de caminhar devido a uma forte anemia porque recusava-se a alimentar-se. Escutando o depoimento da mulher, Jango diz que trata-se de “*um gás muito forte*”, que a pessoa custa a se acostumar. Acha que ocorreram esses problemas de saúde porque eles não tinham ainda “*aquele hábito de mineiro*”. No seu caso, que mudou-se para a vila ainda pequeno, o cheiro de carvão queimando e o gosto da água “*era normal*”. Mas sabe ser prejudicial, pois “*é um minério prá queimar nas grandes usinas, em condição especial*”.

Julieta recorda-se que a família de 11 pessoas estranhou ainda a casa que recebeu como moradia. Da ampla residência em que vivia, teve que acomodar-se num rancho coberto de capim. A referência a essas casas em que moravam mineiros aparece também na fala de Seu Bega. Ele descreve que “*do outro lado do Recreio, as casa lá eram só barraquinho assim, era só um quartinho assim, tudo de leiva, com capim*”.

Em seu estudo, Selbach acentua a precariedade da vida que levavam os trabalhadores da década de 50, morando em ranchos nos quais podiam contrair várias doenças. A pobreza fazia com que os peões dormissem nas próprias galerias. (SELBACH, 2001, p.14).

5.2 Tranqüilidade e “boa vizinhança”¹⁷

Minas do Leão é considerado um bom lugar para viver pela maioria dos moradores com quem conversei. Eles destacam principalmente a ausência de violência e a tranqüilidade. No entanto, em alguns relatos aparece a ambigüidade entre viver nesta cidade pequena, onde todos “*reparam em tudo*”, e o desejo de desfrutar de uma liberdade na cidade grande, “*onde ninguém nota ninguém*”. As percepções sobre a “cidade grande” nos remetem ao que escreveu Georg Simmel sobre o contraste da vida

mental na metrópole e nas cidadezinhas. Conforme o autor, na vida rural (o que considero válido para as pequenas cidades), “o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme”. (SIMMEL, 1979, p.14).

O escorrer lento dos dias, a proximidade dos vizinhos e a tranqüilidade é o que agrada a muitos habitantes de Minas do Leão. “*Eu gosto muito daqui*”, diz o mineiro Tita. O principal, segundo ele, é o fato de ali não haver a violência que existe em outros lugares.

Aqui, graças a Deus, não se tem isso, né. Lá de vez em quando tu ouve falar alguma coisa assim: “Ah, roubaram uma coisa ali”. “Roubaram uma bicicleta”. E tudo coisa pouquinho assim, não se vê aquela violência, “ah, tão matando”, não se vê. Então, é uma cidade muito boa da gente morar. (...) Hoje, tu sai daqui e vai para Eldorado, Guaíba, só se vê... violência, né. (Tita)

Esse morador sente-se tão tranqüilo que, às vezes, sai e deixa a porta escancarada. Conta que, outro dia, foi buscar a mulher na casa de uns amigos e deixou a casa aberta. Quando comentou o fato com Kátia no trajeto de volta, ela preocupou-se: “*Deixou aberto?*” Ele tranquilizou-a: “*Não, eles sabem que é meu*”. Quando chegou em casa, encontrou uma máquina de cortar grama deixada para conserto. Brinca com o episódio: “*Viu? Em vez de levar, deixaram*”. Tita e Kátia só lamentam que, além de visitar os amigos, não há opções de lazer. Mas entendem que é assim em toda cidade pequena do interior. O mineiro não tem o hábito de ir na casa de parentes. Já Kátia tem seu círculo de amigas. “*Às vezes, eu vou ali na minha cunhada, vou práς vizinhas*”. Ambos consideram que “*os vizinhos são muito bons*”. Havendo necessidade, garantem, pode-se chegar e pedir ajuda a qualquer hora.

Em vários depoimentos, noto que a relação ideal com os vizinhos é dar-se bem, mas sem muita convivência. Em seu cotidiano, há traços de um individualismo da sociedade contemporânea, marcado por um recolhimento na vida privada, que mescla-se com hábitos tradicionais, do relacionamento de comunidade, com o “holismo”, para usar o conceito de Dumont, adotado por Duarte (1986).

¹⁷ Duarte (1987) observou em Jurujuba (RJ) a representação sobre a “boa vizinhança”, que engloba a idéia de uma segurança física, pessoal e domiciliar. “O senhor pode dormir de janela aberta”, ouviu o pesquisador de seus informantes.

Seu Adão, mineiro aposentado da Copelmi, em Butiá, também não costuma freqüentar a casa de vizinhos. Sua mulher, Gessi, enfatiza que gosta da vizinhança e está à disposição para ajudar quando necessário. *“Se chegá em qualquer vizinho e perguntá por nós, todo mundo adora nós aqui, né. Se um vizinho precisa de mim, por qualquer coisa, eu tô ali”*. Se não for nessas condições, há alguns que *“passam anos e anos”* e ela não entra na casa. Avalia que o vizinho *“precisa das pessoas numa necessidade”*. Mas não acha correto a pessoa estar a toda hora dentro da casa da vizinhança. *“Não dá certo”*. Aqui também aparece uma representação de que a privacidade, própria e a dos vizinhos, deve ser mantida numa boa relação social. Como salientei acima, esse aspecto do individualismo moderno convive com a solidariedade.

Jango garante que viver em Minas do Leão *“é ótimo”*. Para ele, ser reconhecido pela vizinhança é motivo de satisfação.

Faz 56 anos que moro aqui, conheço essa gente tudo aí. Cada lugar tem os marginal, né. Mas eles me consideram: ‘Oi, tio Jango’, ‘Oi, tio Ximia’. (Jango)

Ao comparar o tempo de *“antigamente”* com o presente, a partir da lembrança da vida dos pais e da observação do seu próprio cotidiano, o mineiro Zecão sente que a relação das pessoas com o tempo mudou.

Hoje parece que terminou o tempo da pessoa. A pessoa não tem mais tempo. Antigamente, a gente tinha todo o serviço em casa, que nós não tinha água encanada, né, nós tinha que puxar água de poço, a mãe tinha que lavá roupa na sanga, nas valeta, né. (...) Cortava uma lenha... fogão a gás era raro. E tinha tempo prá se visitar. (Zecão)

Mesmo sendo uma vida mais dura, marcada pela precariedade, Zecão observa que as pessoas tinham *“tempo prá se visitar”*. Analisa que uma qualidade que herdou desse tempo de *“antigamente”*, da convivência com o pai, é a de fazer amigos por onde passa. Relata que seu pai foi capataz na Copelmi e todos os que trabalharam com ele *“só têm elogio”*, pois o velho mineiro estava sempre *“rindo e brincando, sempre de boa vontade”*. Para Zecão, é um modelo a ser seguido: *“Acho tão bonito aquilo ali, foi uma herança que ele deixou”*. Agora, tenta passar esses valores para ao filho. Comenta que o menino já está *“bem conhecido”* em Butiá e Leão. Alegra-se que, desde pequeno, Josimar tenha conquistado muitas amizades. Nota-se que ser conhecido e respeitado é o

que confere valor a um homem nestas pequenas comunidades como Butiá e Minas do Leão.

5.2.1 A fofoca

Uma característica que aparece em vários depoimentos é que trata-se de “*um povo falador*”, mas este aspecto em geral é relevado porque a solidariedade aparece como mais importante.

Eu sempre digo: o povo do Leão pode ter defeito, como todo mundo tem, ser falador, fôfoqueiro, que existe bastante.... (risos). Tá? Mas união... nessa parte, com os mineiros, era o que mais existia. (Luiz)

Na primeira referência que faz a este tema, Luiz está contando que, quando sofreu o acidente na mina, ficou “*dez meses sem receber um centavo do INSS*” e nunca “*passou fome*”, porque havia solidariedade dos colegas e da própria empresa. Ele afirma: “*A CRM nunca me abandonou*”, remetendo a uma solidariedade que imprime sua marca na vida na comunidade, de forma simbólica.

Na sua opinião, no entanto, há muita fofoca na cidade. “*Cuidar da vida dos outros, não tem o que fazer, né. A maioria é mulher, né, sabe como é mulher que não tem o que fazer, né.*” Ele diz que os comentários partem de gente que não cuida de seu próprio lado. Os maiores alvos das fofocas em Minas do Leão, segundo conta, são as famílias que têm “*filha mulher*”. O casal tem duas filhas adolescentes, uma morando com eles e outra em Porto Alegre. As saudades da filha que foi trabalhar fora e os comentários maldosos que sabe existir são razões que fazem Solange, a mulher de Luiz, ter vontade de abandonar Minas do Leão. Por sua vez, o marido diz que não se importa. Mesmo com esse aspecto, gosta de viver ali.

Essa característica da fofoca, atribuída ao sexo feminino, nos remete ao estudo conduzido por Claudia Fonseca na Vila Cachorro Sentado, em Porto Alegre. Em sua etnografia, ela observou que os “*fracos encontram brechas, forjam táticas para neutralizar a influência dos fortes*”. Entre essas táticas, está a fofoca. Naquele contexto, a fofoca, envolvendo relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio, é uma arma feminina. “*Ao homem cabe impor sua vontade pela força física, à mulher pela manipulação da opinião pública*”. (FONSECA, 2000, p-45-49).

Em seu depoimento, Luiz me contava que ali dá-se bem “*com Deus e todo mundo*”, mantendo suas exceções. Há as pessoas de quem ele não gosta e que sabe que não gostam dele, mas prefere não falar mal de ninguém e não se meter na vida dos outros: “*Também se a pessoa quiser andar aí de perna prá cima e cabeça prá baixo, eu não tenho nada com isso, cuido do meu lado*”.

Diante das fofocas, alguns moradores chegam a pensar em mudar-se para uma cidade maior, como Dona Zaida. Depois de ter perdido o marido na mina, ela sente uma ambigüidade em relação à cidade. Incomoda-se que as pessoas “reparam” em tudo. Mas também refere-se à solidariedade. Em alguns momentos, diz que o seu sonho é vender o que tem e ir embora para perto da filha, que mora em Canoas. “*Não agüento mais isso aqui. Acho até que a minha doença mais até é de vivê aqui*”. Pensa que quando sai na rua é alvo de comentários.

Já viu uma cidade que enxerga tudo o que é passo que tu dá? (...) É coisa mais triste que tem. Não é que nem a cidade grande que ninguém te enxerga, né, como diz o ditado, ninguém te vê porque... tu pode andá do jeito que andá, ninguém nota, né. Aqui, não. Se tu botá uma roupinha melhor, mas já todo mundo nota. (Dona Zaida)

Dona Zaida salienta outro aspecto da fofoca. Na expressão que adota, as pessoas que “reparam” ficam difusas no coletivo “cidade”. Essa vigilância a incomoda e entristece. Em suas representações, estabelece um contraste entre Minas do Leão e a “*cidade grande*”. Em alguns momentos, pensa que o bom é viver numa cidade maior, em que “*pode andá do jeito que andá, ninguém nota*”.¹⁸ Ao mesmo tempo, diz que “*tu não tem amigo numa cidade grande*”.

Graças a Deus, a vizinhança que tenho aqui é toda boa. (...) Nessa rua aqui, os vizinho que tenho nem sei se são vizinho, são tudo família, né. Um precisa do outro, todo mundo socorre, né. O bom que tem no Leão é que são tudo unido. (Dona Zaida)

¹⁸ Essas percepções nos remetem ao Simmel (1979, p.18-20) diz sobre a atitude *blasé* dos moradores das metrópoles, que seria resultado dos estímulos contrastantes impostos sobre os nervos. Essa atitude, segundo o autor, consiste no embotamento do poder de discriminar. As coisas, então, são “experimentadas como desprovidas de substância”, aparecem “num tom uniformemente plano e fôsko”. Um dos aspectos deste comportamento é a “reserva” em relação a conhecidos e vizinhos, que se diferencia do envolvimento construído pelos moradores de pequenas cidades.

Quando o marido morreu, ela e a filha atravessaram momentos difíceis, em que chegaram a passar “*necessidade*”, mas sobreviveram com a ajuda de vizinhos. Recordase, inclusive, de um rapaz que foi no mercado e fez um “*rancho*” para elas.

Morador de Butiá, Zecão diz que não poder reclamar dos vizinhos, pois quando “*a gente precisa, tem o apoio deles*”. No entanto, incomoda-se com “*falatórios*” que considera fazer parte da atual sociabilidade feminina. Relata que, antigamente, na Vila Charrua, onde morava com a família, todas as tardes sua mãe se reunia com outras vizinhas, mas “*não se via briga, não se via discussão, não via... falatório duma do outro, sabe*”. Opina que, hoje, as relações mudaram. Acha que se uma vizinha começa a ir muito na casa da outra, as brigas começam.

Aí reúne essas mulher só prá falá um do outro e entregá o homem, não sei o quê, falá do homem. Assim, elas faz uma briga, sabe. Antigamente, não... (Marilene, a esposa – Tá falando que as mulher são fofoqueira?) Exato. Claro que aqui não há porque a gente tem uns vizinho bom e tudo. (Zecão)

Em seu relato, Zecão ressalta que “*antigamente existia mais a vizinhança*”. Hoje, sente-se incomodado pelos “*falatórios*” das mulheres. O depoimento do mineiro indica que as fofocas voltam-se também para o comportamento dos homens casados, estabelecendo-se uma rede de informações que constrange a “*natureza masculina*”, apesar de uma liberdade legitimada socialmente.

5.3 A velhice chega cedo

Na cultura de Minas do Leão, identifica-se um outro aspecto importante. Há uma representação generalizada de que a velhice¹⁹ começa cedo, por volta dos 40 anos. Não é uma coincidência o fato de que bailes da terceira idade atraem participantes nessa faixa etária. “*Aqui a vida encerra mais cedo*”, diz um informante. Essa representação sobre o ciclo da vida está vinculada ao funcionamento do trabalho na mineração. A maior parte começa ainda na adolescência, entre os 12 e os 17 anos. Com a aposentadoria aos 15 anos de serviço para quem atua nas frentes de extração do carvão,

¹⁹ Em um estudo sobre o fenômeno social do envelhecimento, Minayo & Coimbra (2002, p. 14) afirmam que “as várias etapas da vida são social e culturalmente construídas”.

o tempo produtivo na mineração encerra-se cedo. Em muitos casos, há a morte precoce, provocada por doenças ou acidentes decorrentes da atividade no subsolo. Ainda que as condições objetivas já não reproduzam essa cadência, em função do encolhimento da extração carbonífera, tal leitura da vida ficou impregnada na cultura e na memória dos habitantes, tal como um *habitus* incorporado (Bourdieu, 1999).

Um mineiro aposentado, na faixa dos 50 anos, desencantado por não conseguir um novo emprego, disse-me: *“Infelizmente, a pessoa que está acima dos 45 anos perdeu a utilidade...”*. Com dificuldades para sobreviver com o baixo valor da aposentadoria, registra um sentimento de inutilidade.

Contrastando com a cultura em que vive, Ademar, aos 43 anos, está começando a cursar a universidade e diz que sente-se *“um guri”*. Ele rompe com a visão dominante sobre a velhice, herdada de uma cultura em que os mineiros aposentavam-se antes dos 40 anos, e, em sua maioria, davam por completa sua tarefa no mundo. Diz que sua perspectiva é envelhecer só cronologicamente.

Tem que estar ativo, procurar progredir, tem que trabalhar, tem que estudar. Não pode dar tempo pro ócio. (...) Tem que passar o tempo todo envolvido, né. Eu não paro nunca, eu sou sindicalista, político, estudante, trabalho. É isso aí, porque aqui existe esse vício do pessoal fazer 40 anos e achar que tá velho. É uma coisa séria isso. (Ademar)

Sua decisão de continuar a estudar, de fazer novos projetos, como *“um guri”*, enfrenta incompreensões e resistências na comunidade. Ademar conta que, quando fez o vestibular, aos 42 anos, *“foi crítica prá tudo que é lado”*. Ele cita uma série de comentários que ouviu de parentes e amigos: *“Não, o que tu quer agora?”*; *“Agora que tem que ficar quieto em casa!”*; *“É, colocando dinheiro fora”*; *“Não, agora é hora de ficar em casa, cuidando da horta”*. A seu ver, essa cultura é preconceituosa com quem pensa diferente. *“Ah, aquele sujeito quer ser novo! O que está pensando? Está pensando que é guri?”* Incomoda-se com essas concepções porque considera que as pessoas atingem os mais altos postos na vida entre os 50 e os 70 anos. *“Então, vai ver o presidente da República, um tinha 70 e pedrada. Outro tem 60, quase, aí que conseguiu atingir aquilo que buscou a vida inteira. E aqui não!”* Ademar verifica que a maior parte da comunidade assume precocemente uma condição de idoso e volta-se para as

coisas antigas. “*Em qualquer momento em que tenha que se pronunciar, fala sempre em nostalgia*”. A seu ver, a maioria não olha para o futuro, agarra-se ao passado.

Nestas comunidades, como observa Eckert, “viver hoje é igualmente guardar uma ligação ao passado, emprestando sentidos aos valores e práticas sociais do presente”. (ECKERT, 2000, p.888). Pode-se dizer ainda que sua identidade social, que diz da sua importância, forjou-se neste passado, de forma que perdê-lo ou deixá-lo dissolver-se é perder a si mesmo e ao sentido da sua vida.

Percebo em Minas do Leão um conflito de valores que envolve noções de pessoa e de seu lugar no mundo. Numa cidade erguida em torno da mineração, em cujo cotidiano duro de operário ambiciona-se aposentar-se cedo para descansar e “*cuidar da horta*”, há outras percepções que, mais afeitas à modernidade, entendem que a vida não pára, que o movimento é a condição da própria vida. Esses são os valores de Ademar. O pensamento é compartilhado por Eron, 41 anos, funcionário da CRM e filho de mineiro aposentado. Formado em Letras e disposto a fazer um curso de pós-graduação, ele também enfrenta incompreensões da comunidade. “*Muitos têm o estudo como uma espécie de castigo, não entendem que possa haver prazer em aprender*”. Eron se entristece pelo fato de haver na cidade muitos analfabetos e semi-analfabetos, que têm seu universo limitado pela falta de leitura.

Ex-funcionária da CRM e mulher de mineiro aposentado, Julieta acha que a empresa, em alguns aspectos, foi boa para o município, e noutros, ruim. A ser ver, o fato de haver a carreira da mina como único projeto de vida gerou acomodação.

Teve muita dificuldade familiar porque ganhavam bem os mineiros que trabalhavam no subsolo, na produção. E outros ganhavam muito mal, muito mal. Era um salário mínimo. Então, ali teve gente que não quis sair porque o colégio ali, a cooperativa ali, então ficaram acomodados. (Julieta)

Julieta acredita que a mina gerou “*muito sofrimento, muita miséria e muita coisa ruim*”, porque os pais não ofereciam um curso técnico ou uma faculdade para os filhos porque pensavam: “*Ah, depois tem a mina*”. E assim a situação se reproduzia, de geração a geração, “*porque ali quarta série chegava*”. Quando houve a mecanização da empresa, os melhores salários eram pagos a quem tinha bastante prática. Boa parte dos trabalhadores, segundo ela, ganhava muito mal. “*Quando entrava um novato já era em servicinho de ganhar salário mínimo, salário mínimo e meio. E ali criavam três, quatro,*

seis filhos com aquela dificuldade”. A moradora avalia que, mesmo assim, a mina está fazendo falta “*porque tem muita gente que não estudou*” e hoje enfrenta o desemprego.

O aspecto da acomodação aparece numa pesquisa de clima organizacional concluída pela CRM em setembro de 2003, da qual participaram 52 trabalhadores de Minas do Leão, além dos funcionários das outras unidades. O relatório indica que a acomodação profissional pode ter influência do considerável número de profissionais que trabalham na empresa há muitos anos (49,16% têm de 15 a 40 anos de trabalho dedicados à companhia), além da pouca escolaridade (57,98% estudaram apenas até o 1º grau). O documento indica ainda que um expressivo número de colaboradores não acredita mais em melhorias pessoais e sonhos individuais e delegou a terceiros a realização de sonhos, como à família, aos filhos e à aposentadoria. A pesquisa indica que 14,29% já não têm aspirações em relação ao futuro. Embora essa análise refira-se aos resultados obtidos com as respostas de funcionários de toda a empresa (considerando Porto Alegre, Minas do Leão e Candiota), entendo que há uma aproximação em relação ao que observei na cidade. Em uma comunidade movida pelo trabalho na mineração, percebo que o primeiro sonho profissional da maioria dos habitantes era trabalhar na mina, o segundo, aposentar-se. Para os trabalhadores que encontram-se na empresa, o primeiro projeto foi realizado. Resta a aposentadoria como meta. Nos resultados específicos obtidos em Minas do Leão, a pesquisa indicou que o que gera insatisfação “é a insegurança quanto à situação da mina”. Ali, conforme o relatório, grande parte “não tem aspirações” e outra “já se sente realizado”.

5.4 A sociabilidade: passado e presente

Os moradores mais velhos, que viveram o período áureo do carvão, com intensa movimentação de visitantes de cidades vizinhas que vinham ali para participar de bailes, festas e jantares, percebem que a decadência econômica da mineração marca também o ostracismo social da comunidade. Na fala de vários habitantes, nota-se uma nostalgia desse passado colorido por imagens, sons e retalhos de cenas que não se perdem na memória.

A gente não perdia um baile nesse clube. Aqui dava baile bom, mas muito bom. Os engenheiro tudo participavam. Era gente do Butiá, São Jerônimo, Charqueadas, tudo vindo. (Dona Lúcia)

A gente fez uma amizade, uma amizade por intermédio dessa mina! (...) Mas óia, era uma beleza! Aquilo foi formando uma família, vamo dizer. E aqueles baile, os engenheiros iam. E eles faziam jantares, assim, essas mulheres... e todo mundo pagava um tanto e participava. Mas elas faziam coisa boa demais. Mas barbaridade! (Seu Mieroslau)

A saudade daqueles tempos é uma emoção expressa nas falas - “*a gente não perdia um baile*”, “*era uma beleza*” - no tom de voz, no brilho do olhar e na postura corporal. Falar sobre esse passado é re-viver a alegria proporcionada pelas lembranças, evocando uma memória coletiva de que a comunidade é portadora.

Um tipo de sociabilidade, que dizem ter desaparecido hoje mas que em décadas passadas animava a comunidade, eram as festas promovidas em torno da companhia ou pela companhia. Jantares, churrascos e outras confraternizações envolviam funcionários da CRM, e, eventualmente, a visita de autoridades do país e do exterior. Dona Lúcia conta que já promoveu muitos desses jantares. Seu Mieroslau lembra que, na época, era o eleito para assar churrascos quando vinham visitantes nacionais e estrangeiros percorrer a mina. O velho ferreiro aposentado recorda-se que uma vez assou um churrasco para 600 pessoas. Foi durante a visita do então ministro Aureliano Chaves. Em outras ocasiões, circulava entre visitantes estrangeiros.

A gente participava de tudo isso e... tudo era gente boa. Gente de cultura, né. E eles tratavam bem a gente. E gostavam dos churrasco que nós fazia aí, barbaridade! Era festa e festa, festa e festa. A CRM, naquele tempo, tinha mil e.... não sei, quase 2 mil (funcionários). (Seu Mieroslau)

O talento como assador de churrascos, aliado à postura de funcionário impecável e ao carisma, foram o passaporte para que este ferreiro se tornasse presença indispensável nas festas da companhia. Ora era um ministro que aportava, ora um visitante ou negociador falando inglês, francês, alemão ou polonês. Neste último caso, Seu Mieroslau, descendente de poloneses e conhecedor do idioma, era convocado a participar das conversas e o fazia com alegria. Sentia-se satisfeito em ser útil e reconhecido, ao mesmo tempo em que ampliava seus horizontes.

Os “chás” aparecem nas lembranças como uma forma de sociabilidade feminina. Dona Lúcia recorda a integração promovida por meio de “chás” pela mulher de um engenheiro transferido para atuar na mina. Ao contrário de outras esposas de engenheiros que não se aproximavam das mulheres dos mineiros e, assim, reproduziam na comunidade a hierarquia das relações de trabalho, a nova moradora preocupou-se em fazer o movimento contrário.

Ela começou lá pelas vizinha dela, de organizar assim um chá e... então ela convidou as vizinhas dela lá. (...)E ela dava palestras... como que tinha que ter respeito com...porque se tu tem mais dinheiro, tem menos, isso não importa. Porque é da mesma posição, porque não sei o quê! Isso não deve de existir. Então, ela fez mais fraternidade na turma, na mina. (Dona Lúcia)

Nos limites da empresa, Seu Mieroslau conquistou a confiança tanto da direção como dos mineiros. Passou a ser um elo de ligação entre mundos divididos pelas relações de poder. A casa dele e de Dona Lúcia sempre foi um lugar de acolhida para “estrangeiros” que chegavam à cidade, profissionais que iam trabalhar na CRM e não dispunham de moradia. Com sua hospitalidade, esses descendentes de poloneses fizeram amigos que estão espalhados pelo país e pelo mundo.

Ô, tempo bom aquele, sabe? Eu tenho amizade... Ôia, graças a Deus, hoje, nessa mina aí, não tem esse que não me conhece. (...) Não vi pessoa assim que tivesse algum....que tivesse algum desentendimento. Eu me dou com todo mundo. (Seu Mieroslau)

Basta que esses engenheiro foram embora, mas quando eles vêm aqui, eles vêm aqui em casa. (Dona Lúcia)

O valor-amizade é central na reordenação de suas lembranças. A celebração intensa no passado faz com que Seu Mieroslau sinta saudades daquele “tempo bom”. Ser conhecido, não ter desentendimentos faz parte das representações sobre uma vida social adequada. A referência feita por Dona Lúcia à visita de engenheiros, que integravam uma espécie de casta no mundo da companhia, denota a mobilidade e a flexibilidade das relações sociais constituídas por essa família, ao mesmo tempo que a valorização da hierarquia da empresa. Alegram-se de, volta e meia, receber cartas, convites para formaturas ou casamentos, sinais de afetos que sobreviveram ao tempo.

Hoje, o cotidiano em Minas do Leão ganha contornos diferentes do que tinha no passado. Outras ocupações são buscadas para complementar a renda de aposentados ou

desempregados. No tempo livre, jogar futebol, bocha, pescar, freqüentar os CTGs e bailes da terceira idade são algumas alternativas de lazer. A cidade reúne dois CTGs, o Zeca Freitas e Os Charruas. Em 1999, foi criada a Sociedade de Integração da Terceira Idade (Silti), que promove bailes e excursões.

Após a aposentadoria, muitos mineiros ocupam-se com afazeres ao redor da casa, como cuidar de hortas ou fazer pequenos consertos. Aos fins de semana, a sociabilidade passa a ser mais intensa com programação dessas associações, voltadas à terceira idade, ao tradicionalismo ou a eventos esportivos. O caso de Seu Hermes, 52 anos, e Dona Dalva, 48 anos, é exemplar. Eles participam de bailes e excursões da terceira idade e só passaram a freqüentar nos últimos três anos porque, antes, ela “*não tinha idade*”, conforme ele explica. Os bailes são um momento especial em sua vida.

A gente vai nos baile. É coisa mais boa. Nos fins de semana, a gente sai, né. (...) Chegamo, sábado passado, a 1 h da manhã em casa. (A gente) se diverte. (Dona Dalva)

Óia, a gente esquece todos os problema que tem. É bom. A gente chega assim, cumprimenta um, cumprimenta outro, é muito bom isso aí. (Seu Hermes)

Para Seu Hermes, os bailes são importante momento de sociabilidade, onde pode reencontrar os amigos, muitos deles ex-colegas de trabalho. No seu caso, restitui uma vida social interrompida em sua cadência pela aposentadoria. Pergunto-lhe se há mais mineiros aposentados que participam. “*Ih! 99% são tudo mineiro. Essa região aqui é só mineiro*”, responde usando essa referência coletiva de que lança mão a todo instante. Dona Dalva acha que uma coisa boa dos grupos de terceira idade é que “*uns cuida dos outros*”. Ou seja, nas redes de amizade tecidas pelos encontros buscam união e solidariedade. Referindo-se a um tio de 77 anos, ex-mineiro, que, apesar de problemas de saúde, participa dos bailes de idosos, Seu Hermes diz: “*Se ele não tivesse arrumado assim uma atividade, ele já teria morrido*”. Entendo que esses encontros propiciam novas razões para viver, superando limitações físicas.

Freqüentemente, o casal visita as filhas casadas, uma morando em Sapucaia do Sul e outra no Rincão dos Corrêa, interior de Minas do Leão. Em seu lazer, apreciam o contato com a natureza. Em dezembro de 2003, passaram semanas acampados no balneário Ponte de Arame, próximo dali. “*Acho que sou meio cigana, não gosto de ficá*

num lugar só”, disse-me Dona Dalva. Para janeiro de 2004, os planos eram de veranejar nas praias de Santa Catarina. O contato com o mar, para a maioria das famílias mineiras, se dá através da praia de Tramandaí (RS), onde o sindicato possui uma colônia de férias.

Com a mudança no ritmo de vida, a sociabilidade se transforma. Mas esta também se altera quando se modificam as práticas sociais ligadas ao sistema de crenças e à religiosidade. Novos ritos ingressam e outros se vão, como ilustra o caso do mineiro aposentado José Carlos, o Zé Pretinho, 57 anos, e sua mulher, Odete, 54 anos, que não vão a bailes desde que ela converteu-se a uma igreja evangélica. *“Prá olhar dá prá ir”*, diz a mulher. Ela conta que, mesmo antes de tornar-se evangélica, o marido já não era muito de ir a bailes. Odete, por sua vez, revela que já gostou muito dançar. *“Eu adorava era carnaval. Como eu gostava!”*

Mineiro aposentado em Minas do Leão, Seu Bega, 65 anos, diz que raramente vai num baile. Como a mulher, Maria, não gosta de dançar, ele também não faz muita questão. Para ele, diversão mesmo é assistir a corridas de cavalos.

Óia, eu gosto de olhá é carreira. Isso eu ainda vô. Tem aí. Até ia olhá umas hoje, não fui por causa da filha que tava aí. (Seu Bega)

Pergunto a Jango, 61 anos, qual o divertimento dele e da mulher, Julieta, 57 anos. Ele me conta que sua distração atual é o jogo de bocha. *“Adorava futebol desde guri, né. Fiquei velho... eu tinha 40 anos e ainda jogava futebol. E agora sim, não tenho mais condições, parti prá bocha.”* Também aprecia uma pescaria. Resume assim: *“É bocha, pescaria e caçada”*. Em outros tempos, as caçadas de tatus e capivaras eram comuns por ali. Jango diz que parou com as caçadas devido à proibição legal. Ele e a mulher também costumavam ir a bailes de CTG.

Um retrato seu pendurado na parede do CTG Zeca Freitas indica que Jango já foi patrão da entidade que leva o nome de seu pai. Em outros tempos, segundo relata, os bailes faziam parte do seu cotidiano. E havia até mesmo quem parasse para vê-los dançar. Esses hábitos hoje ficaram no passado. O envelhecimento aparece como a principal razão: *“a idade veio”, “baile é cansativo”, a pessoa “se prejudica”*. Outro motivo é que sua mulher está freqüentando uma igreja evangélica.

Zecão, 42 anos, mineiro em atividade na CRM, segue a trajetória do pai, que foi patrão de CTG em Butiá. Ele, a mulher e o filho Josimar são ativos no

tradicionalismo. Somente a filha mais velha, Josilene, não acompanha esse interesse. Ele mantém ainda outras redes de sociabilidade. É o “*assador*” de churrascos de um grupo formado por funcionários da Copelmi, ocasiões em que convive com mineiros de superfície. Ex-goleiro da equipe da CRM, participa também de uma associação de veteranos de futebol, que reúne homens acima de 30 anos em campeonatos e eventos sociais. Toda semana esse grupo faz confraternizações “*entre homens*”. Por sugestão sua, naquela semana, havia sido promovido um almoço com as mulheres e os filhos.

Nota-se que são bem delimitados os espaços de lazer nos quais circulam as famílias. Esses encontros são eventuais, ao passo que os voltados exclusivamente para a sociabilidade masculina são realizados toda semana. A construção e reprodução da masculinidade, do que é ser homem nesta sociedade, tem farta contribuição das entidades tradicionalistas, que reafirmam algumas marcas inscritas na cultura gaúcha, como o machismo, a hombridade, a virilidade e a coragem. Valores que não são muito diferentes dos envolvidos no trabalho na mina.

5.5 A religiosidade

O sistema de crenças em Minas do Leão é fortemente marcado pelos ritos religiosos, que se ampliam e se diferenciam com uma vasta gama de possibilidades a dotar de sentido a vida dos moradores e a concorrer entre si. Como expressão dos ritos, no sentido adotado por Segalen (2002), a comunidade de Minas do Leão viu crescer nas últimas décadas a quantidade de igrejas evangélicas instaladas na cidade. Não se trata de um fenômeno local a difusão do pentecostalismo, mas sem dúvida transforma rapidamente o cenário da religiosidade entre os moradores, com a conquista de antigos fiéis da igreja católica. Esse deslocamento é perceptível nos relatos de famílias de mineiros e ex-mineiros.

Um passeio pela avenida Getúlio Vargas revela a existência que, pelo menos, quatro igrejas evangélicas. Localizam-se na via principal a Universal do Reino de Deus, a Igreja Batista Filadélfia, a Comunidade da Graça Evangélica e a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. Há, ainda, a Assembléia de Deus, a Deus é Amor e a Evangelho Quadrangular. Também existem centros de umbanda e praticantes espíritas

na cidade. Volta e meia, é possível avistar pelas ruas integrantes da Testemunhas de Jeová. Muitas famílias relatam que, hoje, pelo menos um membro, geralmente as mulheres, está freqüentando igrejas evangélicas.

Há três anos em Minas do Leão, o padre Wilson Galizoni Júnior acredita que a igreja católica perdeu espaço para as evangélicas porque não oferecia um atendimento mais direto à população. Ele é o primeiro pároco da cidade. Antes de sua chegada, ocorriam apenas duas missas semanais rezadas pelo pároco da cidade vizinha de Butiá que deslocava-se a Minas do Leão. Paulista que nunca havia pisado no sul do país, padre Wilson foi recebido com festa pela população. Houve carreata e cavalgada. Ele justifica que *“há 50 anos a cidade vinha pedindo um padre”*. A seu ver, faltava no município *“um representante católico”*. Agora, conforme conta, *“muitos, que estavam participando de outras religiões, estão voltando prá igreja católica”*.

O padre Wilson calcula que a igreja católica reúna entre 40% e 50% dos praticantes religiosos de Minas do Leão. Das igrejas evangélicas, a Assembléia de Deus é a que atrai maior número de fiéis. Pertencente à linha de renovação carismática, o padre vem chamando a atenção da comunidade, especialmente dos jovens, por aliar a música e o canto a seu trabalho. Se por um lado começa a fazer adeptos, por outro enfrenta resistências de católicos mais conservadores. Considera que trata-se de *“um povo muito religioso, em todos os aspectos”*. Essa religiosidade é atribuída ao grande número de imigrantes poloneses e alemães. Quando chegou na cidade, o pároco chegou a ser questionado por um morador se seria um padre dos pobres ou dos ricos.

Então, por que isso? Porque vamos supor que morria alguém de uma família com mais posses.... O padre Frederico, às vezes, celebrava casamentos do filho de um deles e ia casar o filho de um pobre. “Ah, o diácono vai”. Sabe? O diácono daqui. Então, o povo se sentia discriminado. (...) No entanto, eu tenho amizade com eles, vou na casa deles, mas não deixo de estar sentado no galpão, no chão com os mais necessitados também. Às vezes, me perguntam: “Padre, no desfile do dia 20 (Semana Farroupilha), o senhor vai estar lá no palanque?”. “Não, eu vou estar junto dos tropeiros, eu vou estar lá montado a cavalo, eu vou estar no meio do povo. (Padre Wilson)

Acredita que esses hábitos o aproximam do povo mais simples. Parte da comunidade surpreende-se com seus hábitos. Às vezes, o padre pega o violão e vai na praça cantar com os jovens. Não se limita a músicas religiosas, interpreta canções de

Raul Seixas, entre outras. Esse “choque” de mentalidades ele atribui ao fato de que o antigo padre ficou por quase 40 anos. Padre Wilson já havia trabalhado em cidades grandes e pequenas mas nunca numa comunidade desse porte. Considera que está sendo “*uma experiência maravilhosa*”. Entre as mudanças, aumentou o número de missas. Hoje, no final de semana são quatro celebrações, fora as realizadas em 13 comunidades que atende, algumas localizadas em São Jerônimo e Butiá. As missas no fim de semana enchem todos os bancos, com mais de 200 fiéis em cada uma.²⁰

Atualmente, as cerimônias ocorrem em um pavilhão situado nos fundos do terreno da paróquia. Isso porque o antigo templo da igreja católica foi demolido em meados dos anos 90 por apresentar rachaduras na estrutura decorrentes da mineração subterrânea. Agora, um novo prédio está sendo erguido. O dinheiro para a construção provém de doações da comunidade e de eventos beneficentes.

5.5.1 “Só Deus mesmo prá segurá a gente”

A fé sempre foi uma arma dos trabalhadores no subsolo para enfrentar o risco de acidentes. A mina de Leão I, desativada em fevereiro de 2002, mantinha uma imagem de Santa Bárbara, a protetora dos mineiros, em uma capelinha na boca do poço. Ao descer da “gaiola”, os operários costumavam pedir a benção à santa antes de começar a atividade. Todos os anos, no dia 4 de dezembro, as comunidades de mineiros realizam a Festa de Santa Bárbara, com uma procissão em que a imagem da santa é carregada pelos mineiros.

Os moradores de Minas do Leão lançam mão de um amplo leque de santos e de recursos de proteção. Seu Bega, 65 anos, mineiro aposentado que trabalhou em condições precárias, nos anos 50 e 60, conta que sempre fazia uma oração antes de “*baixar*” ao subsolo.

A gente tem que pedir prá Deus guardá lá dentro.... porque a gente não sabe se vorta debaixo da mina. (...) Báh, Deus o livre! Só Deus mesmo prá segurá a gente debaixo lá. (Seu Bega)

²⁰ Sobre o hábito de ir à missa em pequenas comunidades, Bozon (1984, p.53) afirma: “A frequência dominical à igreja parece (...) assinalar um sentimento mínimo de pertencimento ao grupo local”.

O mineiro aposentado Airton, de apelido Zé Cabeça, 57 anos, relata que sempre que descia à mina pedia proteção. Acredita que foi Nossa Senhora Aparecida que curou-o de um grave problema na coluna ocasionado por um “*caimento*” que atingiu-o nas costas. Depois de ficar dias deitado na cama, teve medo de não voltar a caminhar. Viajou a Santa Catarina, “*onde apareceu Djanira, aquela menina milagrosa*”. Lá recebeu uma imagem de Nossa Senhora, que hoje tem como sua protetora.

Em uma mesma família, encontra-se religiões diferentes. É o caso do mineiro Zé Pretinho, católico, e sua mulher, Odete, evangélica. Ela participa de uma igreja evangélica há cerca de 10 anos. Ele, quando descia à mina para trabalhar, não chegava a rezar, mas pedia proteção. “*Rezar... eu sou relaxado, não rezo. Só penso assim... em Deus, tá bom*”. Outro caso semelhante é o de Tita e sua mulher, Kátia. Ele é católico, “*não praticante*”, e ela está freqüentando há alguns meses a Igreja Universal do Reino de Deus. Isso não impede Kátia, no entanto, de cumprir com rigor uma promessa que fez à Santa Bárbara há mais de uma década.

Seu Hermes e Dona Dalva participam da umbanda, “*linha branca*”, em Alvorada. Ele lembra que seu pai, também mineiro, foi quem iniciou o vínculo com essa religião. Por isso, diz que criou-se “*na religião*”. “*Eu tinha um problema de falta de vista. Prá eu caminhar era só de mão dada*”. Ele atribui à umbanda o fato de que ficou curado do problema de visão sem tratamento médico. Acredita também que nunca teve acidentes graves na mina devido à proteção que recebe. “*Ah, 99 por cento. A religião e o home veio lá de cima, né. Aquele lá é o principal, né. Que a fé remove montanhas, né*”.

Antes católica, a família do mineiro aposentado Jango Freitas está freqüentando a igreja evangélica Sara Nossa Terra. Os três filhos, Jeferson, Carlos Alberto e Júnior já foram “*batizados*” na religião. Dois deles continuam a participar. A mãe, Julieta, está começando a ir, mas diz que ainda não está “*convertida*”. Quando pergunto a Jango se ele tem alguma religião, diz, brincando, que tem: “*uma mãe d’água e a bocha*”, fazendo referência aos que são, hoje, seus esportes favoritos, a pescaria e a bocha. E continua: “*Deus tá me chamando, mas tá me dando um tempo, né*”. A mulher diz que, antes, ele vai ficar mais velho. O mineiro discorda. Afirma que já foi na mesma religião dos filhos e gostou. Por não ter continuado, perdeu um pouco da motivação,

mas acredita que é esse o caminho que deve seguir. “*Mas eu vou ter que começar a ir de novo porque quem semo nós sem Deus, não é?*”

A primeira visita que fiz à família foi no dia 4 de dezembro, dia de Santa Bárbara. Perguntei a Jango se ele era devoto da santa. O diálogo travado exhibe o conflito que as mudanças no sistema de crenças provoca na família. “*Pois é, a padroeira dos mineiros, né. Quem sabe se eu tô aqui não agradeço àquela santinha, né*”, disse o mineiro, pensativo. O filho mais velho interrompeu: “*Os idólatras!*” Comentei que, para sua religião, as imagens não devem ser cultuadas. Jeferson disse-me: “*Não é a religião. É o que tá na Bíblia. Padroeira minha ela não é.*” Ao que pai emendou: “*Mas tem essa aí, padroeira dos mineiros*”. Ele contou que, antigamente, foi devoto de Santa Bárbara. Não perdia uma procissão.

A gente ia na procissão, andava atrás daquela santinha, né. (...) na época que eu fui mineiro eu adorei muito (a santa). (...) Nós, até o fardamento de mineiros... Mas agora não tem muito assim.. acho que aquela santinha não... Sei lá, acho que o maior é Deus mesmo. (Jango)

Converter-se à Assembléia de Deus foi uma condição imposta pelo sogro que Seu Bega teve de aceitar para poder namorar Dona Maria. Lembram-se do primeiro dia em que o pai dela os viu juntos. Ela tinha 14 anos e achou melhor sair correndo para não levar uma surra de relho. Bega ficou ali, à espera do sogro. Ele conta a história:

O véio naquela época era crente, né. Disse: “Ah, não, tu vai ter que ir prá igreja!” (P –Tinham que casar?) Não, eu tinha que ir prá Assembléia de Deus, ele era crente. “Ah, prá namorar tem que ir prá igreja”. Aí eu... comecei a ir, né. (risos) Mas óia... não tem coisa mais certa do que a Assembléia de Deus, não tem. (Seu Bega)

Seu Bega recorda que, depois, doou os primeiros tijolos para fazer o templo localizado na mesma rua em que moram, na avenida Alberto Pasqualini. Chegaram a ser “batizados” na religião, mas ultimamente não têm ido aos cultos.

5.5.2 A festa de Santa Bárbara

É fim de tarde do dia 3 de dezembro de 2003. Cerca de 100 pessoas participam da missa em homenagem à Santa Bárbara, no pátio da CRM, em Minas do Leão. O

público é formado por muitas mulheres, de todas as idades, alguns homens idosos, casais e crianças. Encontro ali alguns conhecidos. Ao lado do altar improvisado, dois grupos de homens com uniformes da CRM e da Copelmi mantêm a postura ereta, segurando nas mãos os capacetes de trabalho. Atrás do altar, camionetas das duas empresas carregam imagens da santa. A celebração, conduzida pelo padre Wilson, é animada por um coro de crianças e adultos, ao som de um violão. Durante a celebração, o padre conta um pouco da lenda de Santa Bárbara²¹.



Depois da missa, uma procissão de carros percorre cerca de 10 quilômetros até a Capela de Santa Bárbara, em Butiá. O som de buzinas e fogos de artifício leva para as calçadas os moradores que acenam à passagem das imagens da santa, rodeadas por mineiros da CRM e da Copelmi. Neste deslocamento, pego carona com um casal de informantes, Agenor e Ana Luiza. No percurso, a Brigada Militar e a Polícia Rodoviária Federal são mobilizadas para garantir a segurança no trajeto pela BR 290.

²¹ Conforme padre Wilson: “Santa Bárbara era uma moça muito linda e ela não queria pecar, não queria se entregar para ninguém, porque o seu coração pertencia a Deus. Lendo a história dela, eu acredito que a própria Santa Bárbara foi forte na fé porque, além dela ser queimada (...) foram cortados os dois seios dela, e quem matou ela foi o próprio pai. Ele cortou sua cabeça. E assim que ela morreu, um raio caiu sobre o assassino, o pai. A partir daí, foram propagadas essas devoções a Santa Bárbara”.

Em Butiá, os mineiros carregam as imagens para o interior da capela, já abarrotada de fiéis. Ali, o pároco local reza outra missa. Ao lado da igreja, há um pequeno parque de diversões montado e, em frente, uma cobertura com mesas e palco com instrumentos de som para o baile que animará a noite. O dia está escurecendo e misturam-se os sons da celebração com o de conversas em grupo, do lado de fora. O dia seguinte, 4 de dezembro, ainda é de festa em Butiá, com almoço para as famílias. Em Minas do Leão, a quinta-feira foi de feriado parcial. A CRM trabalhou normalmente e transferiu o feriado para sexta-feira. Parte do comércio local manteve as portas abertas.

Nas conversas que mantenho com os participantes da homenagem, em Butiá, percebo que a fé à Santa Bárbara não é exclusiva. Na maior parte dos casos, convive com o culto a outros santos. Durante o trajeto de carro, Ana Luiza contava-me sobre as santas nas quais deposita mais fé.

A minha fé até é em Nossa Senhora Aparecida, né. Mas eu rezei tanto prá agradecê que meu marido conseguiu se aposentá na mina, né, (...) ele teve alguns acidente, então depois parece que a gente se agarra mais com ela (com Santa Bárbara), né. E agora mesmo, tu viu a procissão, eu me emociono assim, sabe. (Ana Luiza)

Como muitos outros moradores, Ana Luiza cultua duas santas. Contou-me que, recentemente, havia feito promessa à Nossa Senhora Aparecida para que o filho, que faz curso técnico de segurança do trabalho, conseguisse estágio na CRM, empresa em que o marido trabalhou. Seu pedido foi atendido. Ana Luiza diz que “vive de promessas”. Acredita que, com fé, consegue tudo o que quer.

Em frente à capela, sento-me junto à mesa que Kátia ocupa com o marido, o mineiro Tita, e com amigos. Ela conta sobre a promessa que fez à Santa Bárbara.

Eu pedi prá proteger os mineiros, desde o dia que meu cunhado morreu na mina, eu fiz essa promessa. Graças a deus, nunca mais ninguém...Eu pedi prá todos, né. Todos, todos os mineiros. (...) Eu pedi prá todos e, graças a Deus e a ela, nunca mais aconteceu nenhum acidente. (...) Todos os anos, eu venho. (Kátia)

Kátia fez a promessa em 1991, quando um acidente na mina matou o irmão de Tita, Claudionor, o Sereno, e feriu gravemente outro mineiro, Luiz, que teve uma perna amputada. Desde então, ela e o marido acompanham todos os anos a procissão de Santa Bárbara. Tita também acredita que Santa Bárbara ajudava a proteger os mineiros.

A gente sempre teve muita fé nela, né. Muita fé, por isso que a gente sempre acompanha ela até aqui, né (...). Quando chegava, sempre tinha uma (imagem da santa) na entrada na mina, a gente sempre se benzia, né, sempre a gente fazia o sinal da cruz ali. (Tita)

Além da fé, entende que o mineiro precisa tomar cuidado no subsolo. No setor em que trabalhava, como mecânico, “às vez tu entrava debaixo de uma máquina estragada e ia sem coberta, sem nada, né, corria o risco de uma pedra pegá, despencá, cair”. Agradece a Deus porque, em 15 anos trabalhando no subsolo, só teve acidentes sem gravidade.

Converso com uma senhora idosa que estava na missa em Minas do Leão. É Dona Ieda, viúva de mineiro. Diz-se devota de “*quarqué santa*”, principalmente de Nossa Senhora Aparecida e do Menino Jesus.

Sempre fui devota, porque eu tive doente, eu tinha um câncer no canal do útero e eu disse que se eu ficasse boa, enquanto eu puder trabalhar, mexer com as perna, eu vô trabalhá prá igreja. E eu trabalho. (Dona Ieda)

Ela disse que está curada há dez anos e, desde então, vem cumprindo sua promessa. Lança mão de Santa Bárbara principalmente “*em noite de temporal. Eu tenho muita fé com ela nos temporal*”. Também Úrsula, 35 anos, mulher de mineiro e ministra da igreja, faz menção à proteção da santa nessas ocasiões, “*quando se arma o tempo*”. O marido de Úrsula, Iguaraçu, de 40 anos, está na CRM há 25 anos. Chegou a trabalhar no subsolo durante cinco anos e três meses, período em que aprendeu a cultuar santa. Avalia que sua fé surgiu em virtude de ter trabalhado “*num serviço perigoso*”. Numa época, em que exercia a atividade na boca do poço, tinha como única companhia a imagem da santa. “*As seis hora, às vez, era só eu e ela*”. Nesses momentos de solidão, conversava com a santa.

Teve gente até de outras religiões que disseram que depois que foi colocada a santinha lá dentro do pátio da CRM, a CRM só deu prá trás. É, tem gente que acredita. Essas outras pessoas de outras religiões, né. (Iguaraçu)

Para essas pessoas “*de outras religiões*”, a imagem da santa, colocada no pátio da CRM, ao invés de ajudar os mineiros, estaria prejudicando o progresso da empresa e piorando as condições de vida dos moradores. Vemos que a visão das religiões

pentecostais sobre a “idolatria” a imagens faz eco também entre os trabalhadores da empresa.

Encontro o mineiro aposentado Osvaldino, de apelido Geometria, participando com a família das homenagens a Santa Bárbara. Morador de Butiá e ex-funcionário da Copelmi, relata que trabalhou muitos anos no subsolo, em Butiá e em Charqueadas, mas não se preocupava com os perigos porque a fé o protegia.

Eu nunca tive medo de nada, Deus tá comigo, sempre. Ele me protege, Santa Bárbara me protege, porque eu fui mineiro esse tempo todo. Lá em Charqueadas são 360 metro, eu baixava solito e saía solito, rezando. (...) Descia o elevador rezando, sempre. (Seu Osvaldino)

Seu Osvaldino tem um amplo leque de alternativas em suas orações. Além de Santa Bárbara, confia também no Divino Espírito Santo, em Jesus Cristo e em Santa Terezinha, padroeira de Butiá.

Seu Adão, mineiro aposentado da Copelmi, e sua mulher, Dona Gessi, moradores de Butiá, costumam acompanhar as homenagens a Santa Bárbara. Ela lembra que, numa ocasião, a empresa não quis conceder o feriado na data e a santa manifestou-se. “*Aqui na Copelmi eles não queriam dar o dia de Santa Bárbara. Aí veio um temporal, né*”. Em sua crença há uma curiosa inversão em que a santa, que protege nos temporais e tempestades, lança mão de um temporal para sinalizar seu desagrado.

Nos últimos anos, os contornos da fé entre os moradores de Minas do Leão passam por uma significativa mudança. Descendente dos primeiros moradores, Dagoberto acredita que está diminuindo a antiga prática de rezar “*prá tudo*”, significando para vários santos, assim como o culto ao “*santo particular*”. Em sua família, Dagoberto percebe que os pedidos de ajuda espiritual são endereçados hoje a parentes mortos. Ele, por exemplo, reza para sua mãe falecida. “*Parece que funciona também*”, assegura. Essa idéia de que os mortos ouvem preces e podem interceder pelos vivos está presente em várias culturas, conforme Rodrigues (1983, p.86).

5.6 A mulheres e o trabalho

A pesquisa feita pela CRM, em setembro de 2003, entre os 52 funcionários de Minas do Leão, verificou que em 14 casos as mulheres de mineiros trabalhavam e em

36 não tinham ocupações fora do lar. Das mulheres com quem conversei, a maioria concentrava-se exclusivamente no trabalho doméstico. Entre 14 mulheres entrevistadas em minha pesquisa, dez são donas de casa e quatro têm outras atividades. Uma atua como doméstica, outra mantém um ateliê de costura em casa, além de ajudar o marido na venda de lanches. Uma terceira mantém um pequeno comércio e outra divide com o marido e o filho os cuidados com uma loja de videogames. Percebe-se que quase todas as mulheres que possuem outras atividades as exercem no âmbito da casa ou próximas dela, de forma a conciliar essa rotina com as atenções dispensadas ao lar.

Eckert (1995) verificou que o papel reservado às mulheres nas comunidades mineiras faz andar o cotidiano do trabalhador na mina, com a organização da vida doméstica. A autora destaca que é difícil de encontrar o “mineiro solteiro”. Os poucos que permanecem nessa condição recebem os cuidados domésticos desempenhados pela mãe ou por outra parenta. Observa que estes “homens livres de compromissos familiares” sempre foram mal vistos pela companhia e pela igreja católica, aliada nas tarefas de moralização e domesticação dos corpos. (ECKERT, 1995, p. 173).

Uma mostra disso aparece na pesquisa feita pela CRM. Dos 52 funcionários na unidade de Minas do Leão, a pesquisa indicou que 48 deles (92,31%) são casados, um tem união estável, dois são separados e somente um é solteiro. A pesquisa indicou também que a quase totalidade dos trabalhadores tem filhos, embora seja predominante o modelo de família com poucos descendentes, com a opção por um ou dois filhos. Do total dos pesquisados, 19 funcionários têm um filho, 17 têm dois filhos, nove têm três filhos, três têm quatro filhos, dois têm cinco filhos e dois não têm filhos.

A importância do casamento e da família aparece, muitas vezes, nas explicações das mulheres sobre por que deixaram de trabalhar fora ou não ingressaram no mercado de trabalho. Nas negociações feitas com os companheiros, esses em geral preferem que a mulher fique em casa, cuidando da comida e da roupa.

Dona Anarlete, filha e mulher de mineiros aposentados, conta que sempre trabalhou fora. Ela e a irmã, Alda, casada com ex-metalúrgico, montaram um ateliê de costura em uma sala da residência, em Minas do Leão. No ateliê, que abriga três máquinas de costura, vê-se os tecidos usados para a confecção. Até julho de 2002, as duas irmãs dividiam-se nos cuidados com uma pessoa doente. Quando essa pessoa

faleceu, decidiram montar seu negócio, aproveitando a experiência de ambas como operárias em fábrica têxtil. Dona Anarlete e o marido, Valdevino, ainda vendem salgados e cachorro-quente pela cidade quando há eventos. As duas filhas seguiram o exemplo da mãe e começaram a trabalhar cedo. Uma é fotógrafa, a outra, professora.

Algumas mulheres relataram que trabalhavam antes do casamento ou do nascimento do primeiro filho mas deixaram o emprego para dedicar-se à família. Dona Gessi, esposa de mineiro aposentado da Copelmi, que já foi funcionária do hospital em Butiá, conta que trabalhou “*uns tempos*”. Mas achava a situação difícil com quatro filhos para criar. Calculava que contratar uma pessoa para cuidar das crianças “*não pagava a pena*”.

Então, fiquei em casa. Digo: vô ficá em casa e criar meus filho. Graças a Deus, criei tudo bem. (...) São umas pessoa que todo mundo quer bem, não tem defeito nenhum. Então, ao menos, eles não foram criados na rua, porque a mãe trabalhando os filhos são criados na rua, né. Aí a mãe não sabe onde é que eles tão, não sabe se tão no colégio, se tão... Me orgulho muito dos meus filho. (Dona Gessi)

Ela aborda a dificuldade da mulher que tem filhos em trabalhar fora devido ao custo de pagar alguém para cuidá-los. Revela a preocupação de que “*a mãe trabalhando, os filhos são criados na rua*”. Dona Gessi decidiu deixar seu emprego e acha que fez a opção certa. Hoje, fica com a neta para que a filha professora possa exercer sua atividade profissional.

Filha de mineiro, Dona Hilda saiu cedo da casa do pai para empregar-se como babá. Depois, teve outras atividades. Parou de trabalhar depois do casamento.

Aí eu trabalhava, o Adão trabalhava também. Aí eu casei e ele achou melhor eu ficar em casa. Até foi bom, porque eu optei por criar os filho, sabe? Eu achava assim, ò: ou eu trabalhava ou eu tinha os filhos. Então, a gente teve as crianças. Aí já estão todos criados e agora eu estou pretendendo trabalhar de novo. (Dona Hilda)

Em seu relato, Dona Hilda conta que o marido achou melhor que ela ficasse em casa do que continuasse a trabalhar. Ela já teve várias experiências profissionais. Foi secretária, manteve ateliês de confecção de calçados e de tricô, estabelecendo uma ampla rede de colaboradoras e clientes. Interrompeu a atividade para cuidar da sogra doente.

Dona Odete, 54 anos, conta que sempre trabalhou. Durante 20 anos, lavou roupa “*prá fora*”. No início, não havia água encanada, ela precisava deslocar-se até a sanga. Saía de manhã cedo com a sacola de roupa nos braços e só voltava à tarde. Diz que, depois, começou “*a trabalhar*”. Em seu relato, nota-se uma distinção entre “lavar roupas” e “trabalhar”, o que teria vindo a fazer depois, como doméstica.

Viúva, Dona Zaida começou a trabalhar fora depois da morte do marido. Ela e a filha, então com 14 anos, empregaram-se como domésticas em “*casas de família*” para “*não passá fome*”.

Eu não sabia nada da vida, né. Que era ele que mandava tudo, dinheiro era ele que lidava, era ele que lidava com tudo. (...) Eu tive que aprendê tudo, né. Eu passei muito trabaio. Aprender uma coisa assim na marra, de vez assim, né. Mas... a gente tendo cabeça a gente se vira. (Dona Zaida)

Como ela menciona, todas as decisões concentravam-se nas mãos do marido. Quando aprendeu a “se virar”, teve um mini-mercado e um bar. Chegou a trabalhar fazendo filmagens em aniversários, eventos de CTGs e casamentos. Nesse período, disputava mercado com profissionais homens. Tudo começou quando comprou uma filmadora e começou a fazer imagens em casa.

A revelação sobre essa atividade de *vídeo-maker* só acontece bem no final da entrevista, quase por acaso. Eu comentava que gostaria de fazer umas fotos em outra ocasião, quando Dona Zaida falou de sua câmera filmadora. Aprendeu sozinha a desvendar alguns segredos dessa tecnologia de forma que passou a orgulhar-se de seu trabalho. Conta que um dos melhores trabalhos que fez foi uma formatura de crianças. De uma só gravação, vendeu 40 cópias. Ficou encantada com as imagens que fez: “*Precisa vê que coisa bem linda! Trabaia com criança é a melhor coisa que tem, né.*” Fazia as cópias das fitas em casa mesmo, trabalhando exaustivamente.

Mas já andava assim com os óio que já não podia oiá televisão. Eu dizia: mas eu não quero mais oiá isso aí. Tu enjoa. Báh, Deus o livre! Mas foi uma época boa, né. (Dona Zaida)

Dona Lúcia, esposa de funcionário aposentado da CRM, recorda que, depois do nascimento do primeiro filho, pretendia continuar trabalhando na cooperativa dos mineiros, onde desempenhava a função de tesoureira. Como o casal morava na casa dos pais dela, pensou que sua mãe pudesse tomar conta do bebê. A resposta que ouviu da

mãe, e que serviu-lhe de lição, foi outra: “*Não, tu é mãe e tu vai criar teu filho*”. Com isso, deixou a função na cooperativa, que passou a ser ocupada por uma irmã.

5.6.1 Cuidar de idosos e doentes, um papel feminino

Dona Hilda menciona um período de sua vida em que dedicou-se a cuidar da sogra doente. A rotina foi alterada para atender à idosa, com o sacrifício de atividades de lazer.

A gente ficô muito tempo preso em casa. Agora, nós estávamos com a avó (...), fazia nove anos que tava na cama. A gente abriu mão de toda... todo movimento na nossa vida. (...) Ela teve derrame e depois isquemia (...). A gente cuidava que nem um bebê dela. (...) A gente preferia a gente mesmo cuidá dela. (Dona Hilda)

Foi uma decisão do casal “*abrir mão de todo movimento da vida*” para ficar com a doente. Quando fui visitá-los pela primeira vez, em 10 de maio de 2003, fazia menos de um mês do seu falecimento. A família estava de luto. Como disse Dona Hilda, tentavam “*colocar a vida em ordem de novo*”. A rotina era regulada pelos horários de alimentação, banho e medicamentos. A morte deixou um vazio. Hoje, Dona Hilda dispensa cuidados à sua mãe, acamada e vivendo com sua irmã, na casa ao lado.

Durante cerca de dois meses, Dona Zaida cuidou do pai do seu companheiro, ferido gravemente numa tentativa de assalto em Arroio dos Ratos. O velho mineiro foi atingido com uma “*paulada*” na cabeça e havia perdido o controle das “*necessidades*”.

Todo dia eu tinha que dá banho, mudá cama, mudá ele, botá fraudá, eu não agüentava, né.(...) Mas a gente queria bem ele, coitadinho do veinho. (Dona Zaida)

Dona Zaida precisava cuidar do sogro, mas achava que o velho sentia vergonha por ser banhado e vestido por ela. Segurou as pontas até que pôde. Numa ocasião, ela disse ao companheiro: “*Ah, não consigo, leva prá tuas irmã*”. Avaliava que elas tinham melhores condições para cuidar do pai. O velho mineiro morreu logo depois.

A solidariedade em relação a doentes também faz parte do cotidiano de Dona Anarlete. Uma vez por mês ela vai a Porto Alegre visitar uma amiga que está internada há décadas no Hospital São Pedro. Essa mulher foi internada pelo marido quando os filhos ainda eram pequenos. O pai disse a eles que a mãe havia morrido. Casou-se de

novo e a segunda esposa morreu poucos meses depois. Muitos anos se passaram até que os filhos descobrissem que a mãe estava viva e internada como louca. Não quiseram reaproximar-se dela. Há cerca de 20 anos, Dona Anarlete é uma das poucas pessoas a visitar essa conhecida. Hoje, é sua tutora. Às vezes, quando consegue altas, a mulher passa alguns dias em sua casa. *“A gente pensava em tirá-la de lá, mas não sabíamos se ela ia se adaptar aqui fora depois de tantos anos. Para ela, a casa dela é onde está agora”*. Dona Anarlete acredita que, provavelmente, não fosse um caso para internação. Em seu relato, evidencia sua preocupação com a sorte de uma conhecida, abandonada pela família, que, uma vez internada, ganhou o rótulo de “louca”.

5.6.2 “Dar estudo aos filhos”

Ter possibilitado que os filhos estudassem é um orgulho para Seu Adão e Dona Gessi. *“Demo estudo prá guria. Todas as duas são formadas”*, conta o mineiro aposentado sobre as filhas que concluíram o ensino médio. Um dos filhos seguiu o caminho do pai. Hoje, é balanceiro da Copelmi. Outro estuda e trabalha como vigilante.

Dona Anarlete e Seu Valdevino criam uma neta, hoje adolescente, desde que ela tinha 40 dias. A garota é estimulada a estudar pelos avós, a quem chama de pais. Numa das ocasiões em que visitei a casa do mineiro aposentado e de sua mulher, mostraram-me o álbum de família, apontando para a foto da filha Ana, que trabalha e cursa faculdade em outra cidade, nem sempre podendo visitá-los. Contam, com orgulho, que é muito dedicada aos estudos. Não tira notas abaixo de 9,0. *“A gente faz sacrifício para ajudar ela. Então, é importante que ela valorize cada centavo”*, diz Seu Valdevino.

Dona Lúcia e o marido, Mieroslau, consideram que a educação dada pelos pais é central na vida dos filhos.

A base dos filhos é os pais, não adianta, não tem. É certo que depois tem os colégios, professores, os padre, freira. Não, não, se eles não têm a base dos pais, nada feito. (Seu Mieroslau)

Mas hoje tem os pais que não sabem dizer não prá um filho, tudo o que ele quiser, toma. Vai, dá. E onde que eles vêm que tá na droga, que tá ... (Dona Lúcia)

A valorização da cultura, do “estudo” é perceptível quando, no fluir de suas memórias, Seu Mieroslau fala do pai que, na infância pobre, em Dom Feliciano,

surpreendia-o com sua sabedoria. Com uma suavidade na voz, conta de sua admiração e estranhamento sobre de onde provinha tanto conhecimento. “*O pouco que eu sei, aprendi com ele*”, resume.

Meu pai era professor. Tinha estudo assim... Até hoje, não fiquei sabendo como ele aprendeu. Ele sabia de tudo. Ele era professor de matemática. E esse negócio de mapa, planta, tudo ele estudou. Escrevia que era... escrevia tanto em polonês.... Falava um português assim... que um jornalista apareceu lá em Dom Feliciano e arrumou uma namorada lá e era filha do compadre do meu pai. E esse jornalista conversou com meu pai. E aquele tempo não existia jornal. Sabe que ele mandava o Correio do Povo, do Rio de Janeiro, uma vez por semana, pro meu pai? Nós morava assim prá fora, tinha muita sombra debaixo das árvores. Ele sentava com aquele jornal, e ele lia aquele jornal e explicava tudo. No tempo da guerra, tinha um rádio,(...) todo mundo escutava, mas ele tinha que explicar pros outros. E de onde ele aprendeu? Eu não fiquei sabendo até hoje. E o pouco que eu sei, aprendi com ele, com um lampião de querosene de noite. Ele botava a gente lá: “Ô, vocês têm que estudar”. (Seu Mieroslau)

Há momentos da etnografia que são particularmente envolventes e nos comovem. Este depoimento é um deles. Trata-se do fio de uma memória que se alonga no presente em uma profundidade surpreendente. A beleza do seu relato deve-se ao tom de sua fala, de uma delicadeza sem fim? Ou à revelação da surpresa e do encantamento pelo que continua a ser um enigma: de onde provinha tanta sabedoria do pai? De onde ele aprendeu tudo o que sabia? Creio que trata-se, sobretudo, da conjugação desse passado resgatado com suas interrogações e seus mistérios, que lhe dão vida e o perpetuam no presente. Com essa herança, junto com a mulher, Seu Mieroslau estimulou nos filhos o gosto pelo aprendizado, a responsabilidade e a dedicação ao trabalho e aos estudos. Hoje, duas filhas são professoras e já ocuparam funções de direção nas escolas da cidade. Os dois filhos também conquistaram êxito na vida profissional. Os dois rapazes começaram a trabalhar por volta dos 13 anos. Trabalhavam de dia e estudavam à noite. Relatando o caso de um dos filhos, que hoje é funcionário da CRM, Seu Mieroslau conta:

Às vez, ele chegava a desmaiar, porque ele tinha que ir pro trabalho às cinco e meia, tinha que levantar....E ele estudava em Rio Pardo e ele chegava à uma hora. E ele fazia a lição dele, não podia dormir de dia. Num dia, ele desmaiou lá no trabalho. (Seu Mieroslau)

A batalha era dura para conciliar trabalho e estudo. Há, aqui, a representação de que, sem esforço, não se conquista o que é importante na vida. Dona Lúcia conta que o casal sempre apoiou os filhos. Tentava auxiliá-los de todas as formas: “*Olha, quando as gurias iam se formar, nesses trabalho que elas faziam, eu ficava até de madrugada ajudando elas.*” Ao que o marido emenda: “*E eu fazia hora-extra de noite prá pagar a passagem pro colégio*”. Hoje, sentem-se satisfeitos. Consideram que valeu a pena.

5.7 O casamento

Valores tradicionais, como o casamento²², são considerados importantes para muitas famílias nas comunidades de Minas do Leão e Butiá. Ter “*casado bem*” a filha, apesar de todas as dificuldades que enfrentou depois da morte do marido, deu a Dona Zaida a tranquilidade do dever cumprido.

Eu venci... Casei bem minha filha depois.(...) Com tudo, eu criar ela solita, bem dizer, mas... fiz um baita de um casamento, uma baita de uma festa no casamento dela e tudo. Bonito foi o casamento dela. Hoje em dia tá bem casada, né. (Dona Zaida)

Essa percepção é compartilhada por Dona Hilda. No dia seguinte ao casamento da filha, em dezembro de 2003, ela estava exultante. Foi quando deu este depoimento:

Ah, eu tô feliz, feliz, feliz. (...) Eu não imaginei que uma mãe sentisse tanta alegria. Eu prometi prá Deus que se desse tudo certo na festa da minha filha, no casamento dela, eu não iria chorar. (P – E não chorou?) Não chorei, não derramei nem uma lágrima. Eu tô feliz, por que que eu vô chorar? (...) Se eu casei e foi ótimo? (...) Eu e o Adão estamos muito feliz, realizados. (...) É uma coisa diferente, sei lá. Não sei, estou me sentindo no céu, maravilhada! (Dona Hilda)

Dona Hilda dizia-me que nem no seu próprio casamento sentiu tanta alegria. Acha que na época ficou “*meio retraída*”. Entusiasmada, anunciava que em seguida ia arrumar o quarto do jovem casal, que havia viajado em lua-de-mel. Perguntei-lhe se considerava o casamento importante para uma mulher. Ela respondeu enfaticamente:

Eu acho! Toda mulher que se preze deveria casar direitinho, nos mandamentos da lei de Deus. Eu acho assim. Não só ir lá casar no civil, pronto, e ir embora. Acho tão lindo uma festa de casamento,

²² Eckert (1985, p. 153) menciona que as mulheres casavam-se precocemente na comunidade mineira de Charqueadas.

aquela noiva lá no meio dos convidados! E eu quero fazer todas assim. (Dona Hilda)

Mãe de quatro filhos, três moças e um rapaz, Dona Hilda experimenta pela primeira vez a sensação de “*casar uma filha*”. No dia anterior, a filha mais velha, Janaína, casou-se com Cássio, reproduzindo, por meio desse ritual familiar, os valores morais compartilhados pelo grupo.

Nem todos os informantes, no entanto, têm a mesma percepção. Luiz, mineiro aposentado de Minas do Leão, tem duas filhas adolescentes e questiona o valor atribuído ao casamento e à virgindade. Já disse à filha mais velha, de 19 anos, que quer um neto, mas que não é preciso casamento.

Eu tenho duas filhas, sabe, eu aconselho elas que não casem, que não casem. Casar prá quê? Prá fazer bonito pros outros aí? Que casou no cartório e amanhã ou depois estão separados? (...) Então, eu digo prá minha filha: tu mora no que é da gente lá, se não der certo, manda o cara embora e fica na tua, vai viver a tua vida. (...) Que hoje em dia... que nem virgindade... hoje em dia já foi! (...) Prá mim, elas fazem o que quiserem. Essa aí (referindo-se à esposa) se preocupa. Digam o que quiserem. Eu não devo nada prá ninguém. (Luiz)

Em sua fala, Luiz revela idéias mais liberais sobre moralidade e os papéis de gênero, deixando liberdade para as filhas escolherem como conduzir suas vidas. Acha que virgindade e matrimônio são coisas do passado. Sua mulher, no entanto, preocupa-se com a reputação das filhas. A resposta do marido é contundente: “*Digam o que quiserem, eu não devo nada prá ninguém!*”, dizendo não se importar com os comentários que sua postura possa gerar na comunidade.

5.7.1 Cenas de um casamento

Era outubro quando recebi um telefonema de Cássio, o noivo de Janaína que eu havia conhecido meses antes na casa de Seu Adão e Dona Hilda. Ele convidava para o seu casamento que aconteceria em 13 de dezembro de 2003. Cássio, assim como a noiva, é filho de mineiro aposentado. O rapaz disse-me que a festa seria num *buffet*. Como estão economizando para comprar um terreno e construir sua casa, cada convidado pagaria o seu jantar.

Honrada com o convite, compareci ao casamento junto com uma amiga, que fez imagens da cerimônia e da festa. No sábado à tarde, passamos na casa da noiva para entregar o presente (um edredom) e conferir o clima de preparação. Seu Adão, o pai, repousava no sofá. Dona Hilda, a mãe, incansável, já havia decorado o ginásio onde se realizaria a festa. Quando chegamos, estava enfeitando uma caixa de papelão para colocar os presentes.

Voltamos a encontrá-los, depois, em frente à igreja Santa Terezinha, em Butiá. Estavam elegantes e ansiosos. A decoração do local onde realizou-se a festa foi tão esmerada que não se notava tratar-se de um ginásio esportivo. Ali aconteceu o casamento no civil. A mãe da noiva disse-me depois que isso foi pensado para evitar “bagunças” na festa. A primeira valsa a noiva não dançou com o pai, mas com o marido, porque Seu Adão havia saído para levar, de carro, alguns convidados até Minas do Leão. Ao todo, fez duas viagens levando convidados até as suas casas. No dia seguinte, no churrasco do qual participamos, Dona Hilda censurava gentilmente o marido por ter-se esquecido que era a “a *filha dele que estava casando*”, tão ocupado estava em transportar os convidados. Na festa, havia um bolo de fantasia, alugado para aparecer nas fotos. O bolo de verdade, que foi servido depois, não tinha o formato tradicional, com a decoração de miniaturas de noivos. Para economizar, as famílias alugaram também o vestido da noiva e o terno do noivo.

Foi uma festa de poucas danças. As músicas passaram da valsa inicial para sertanejas, algum pagode, e poucos convidados se animaram a bailar. Num momento, era possível ver um par dançando com figurinos bem distintos. Uma mulher, vestindo um fino vestido azul, bastante maquiada, com sandálias salto agulha, dançava com um conhecido seu vestindo bombachas e botas.

Um momento de expectativa foi quando a noiva jogou o buquê. Um grupo de moças sorridentes alinhou-se para disputar o ramo de flores. A vencedora foi uma loira que, ao que disse, ao circular de mãos dadas com o namorado, já está com o casamento marcado. Os recém-casados circularam pelas mesas, tiraram fotos com padrinhos e amigos. Em um dado momento, uma tia da noiva começou a circular o sapato do noivo para angariar contribuições. Havia algumas poucas notas de R\$ 1 quando ela estendeu o sapato. Perguntei-lhe como funcionava. Ela respondeu: “*Dá o que pode*”. Coloquei duas

moedas somando R\$ 1, justificando que só tinha cheque. Decidida, ela disse: “*Pode dar cheque*”.

Na volta da lua-de-mel, passada em uma pousada em Santa Cruz, os jovens foram morar com os pais da noiva, num quarto já preparado na casa de madeira. O noivo estava desempregado. Quando o encontrei pela primeira vez, no primeiro semestre de 2003, trabalhava em uma empreiteira que fazia o transporte de carvão da mina da CRM.

CAPÍTULO 6

MEMÓRIAS DE UM COTIDIANO DE TRABALHO



6.1 A reprodução do projeto

A noção de “projeto familiar” (G. Velho, 1994) está presente na referência a uma profissão passada de “pai para filho”. A identidade do mineiro embute forte vínculo familiar, meio no qual é produzida e reproduzida, tornando-se desejável que o ofício seja perpetuado. Noto que os mineiros se apressam em relacionar todos os parentes que mantêm ou mantiveram alguma ligação com a atividade. É uma espécie de auto-referência, de reconhecimento desses “outros” como a um “si” e de “si” como parte desse todo, que se transforma em “nós”, a comunidade de mineiros. O reforço da identidade também é alimentado por um interesse por tudo o que diz respeito à sua profissão, como matérias de jornais e filmes. Quando Zecão evoca o filme *Germinal*, percebo que sente-se mais próximo dos mineiros de séculos passados do que de outros trabalhadores da sociedade contemporânea.

O Germinal é aquele filme que... é a história que meu pai contava. Que no tempo deles ali no Recreio, eles usavam cavalo, pessoal... criança... encostavam carroça prá puxar o carvão.(...). A história que eles viviam, entendeu? Trabalhava criança, baixava menor à mina, na época os guri trabalhavam assim ô... 15, 16 anos, iam para lá, trabalhavam na mina. E uma vantagem que, antigamente, não existia desemprego, né. Saía da mina daqui e ia prá mina dos Ratos. Saía da mina dos Ratos, voltava prá Mina do Recreio e sempre tinha emprego. (Zecão)

Em seu depoimento, articulado a partir da semelhança encontrada entre cenas do filme e a descrição que seu pai fazia da mina, transparece o projeto de um ofício que é perpetuado de geração a geração. Se antes o trabalho era precário, sem segurança, envolvendo até mesmo crianças, pelo menos não havia desemprego, avalia. Acha que, hoje, dificilmente conseguirá outra vaga se sair da CRM.

Não tão valorizando nosso carvão, né, e as minas estão fechando, como fecharam o subsolo. Isso... frustra bastante a gente, porque a gente tem os filho, né. O pai mesmo trabalhou na mina, meu avô trabalhou na mina, e dois filhos deles trabalharam na mina. (...) Hoje é difícil, vai ser difícil de eu colocar meu filho a trabalhá numa mina. (Zecão)

Nesse discurso, vê-se a construção da identidade social atravessando a história e as relações de parentesco.

Então, a gente fica sentido. A gente gostaria muito que a mina de subsolo continuasse (...) sempre esse ciclo, essa geração de mineiros, né. A gente tem medo é que está prestes a ... se terminar, né. (Zecão)

Eckert (1993) mostra como, na França, a companhia apoiou-se nas redes familiares e nos grupos de parentesco para compor e recompor a mão-de-obra, o que motivou uma organização social estruturada em torno da família. Ações sociais dirigiam-se ao mineiro pai de família, como a concessão de moradia. A companhia, segundo Eckert, buscou construir uma comunidade de trabalho como uma “grande família corporativa”, onde devia dominar uma ideologia de concordância entre os diferentes grupos que a formavam. Queria difundir uma imagem de uma empresa comparável a uma família que vivia em harmonia, mascarando os conflitos sociais.

Dona Gessi lembrava-se que, em Butiá, a Copelmi oferecia vários benefícios aos trabalhadores. As estratégias de cooptação da mão-de-obra para o trabalho nas minas envolvia não só a oferta de casas, com luz paga e um fogão para queima de carvão, mas também um “*lactário*”, onde eram oferecidas mamadeiras prontas para os filhos de mineiros. Além de conquistar a adesão dos trabalhadores com os benefícios, a empresa contribuía para a reprodução da futura força de trabalho, com a alimentação dos bebês. A eficácia simbólica obtida por tais ações é expressa neste comentário, feito por um ex-funcionário: “*É uma empresa muito boa prá trabalhar*”.

Segundo Eckert (1993), ser mineiro de pai para filho era o itinerário possível após um curto período de formação escolar. A condição traduz a ordem social a partir da qual os projetos familiares eram construídos. Neste sentido, observa a existência de “um certo ascetismo, expressão de um destino aceito durante várias gerações como o único possível”.

Em Minas do Leão, muitos informantes disseram ter seguido a profissão dos pais e, se não fosse o fechamento da mina, esperavam que os filhos continuassem o ofício. Dizem que “ser mineiro está no sangue”. É o caso de Seu Hermes, filho de mineiro, que “*até não tinha plano na vida*”, mas seguiu uma espécie de curso da natureza. Pergunto-lhe se, hoje, aposentado, sente-se mineiro ainda.

Me sinto e vô morré minero. E com orgulho. Quem é nunca deixa, né ô... (risos). Acho que a gente já traz no sangue de sê minero, filho de

mineiro. Se tocasse de trabalhá de novo, eu voltaria a trabalhá na mesma profissão, mineiro. (Seu Hermes)

Outro trabalhador aposentado adota essa mesma representação para explicar como é tornar-se mineiro.

Não sei, acho que vem do sangue, eu acho. Que a gente...a convivência que a gente teve, os amigo, a amizade, báh! (Seu Adão Rocha)

Sua fala aproxima-se da referência feita por Eckert sobre o fato de a opção pela mineração enfatizar a patrilinearidade, “porque está ‘no sangue’ e perpetua ‘a raça de mineiro’, continuidade de um grupo de tradição, hierarquizando-os em relação a outros grupos e criando um sistema de valores”. (ECKERT, 1995, p.180).

Desde o fechamento da mina de subsolo, Zecão teme pelo seu futuro, sem perspectivas de aposentadoria, e pelo futuro do filho, sem a possibilidade de trabalho na mineração. Analisa: “*Eu tenho 40 anos, ele tem 10. Quer dizer, prá ele poder pegar uma vaga minha só daqui a 20 anos. Ele vai tá com 30, aí vai poder pegar uma vaga.*” Acha que a marginalidade está aumentando pela falta de emprego entre os jovens. Lembra-se que “antigamente”, o rapaz que chegava na idade de trabalhar ia na Copelmi ou na CRM, fazia uma ficha e já começava. A indicação de um parente mineiro valia muito, segundo ele.

Eles preferiam que um indicasse porque era responsabilidade dele, porque aquele cara vai ser bom de serviço porque o pai dele indicou. Hoje, tem um concurso (...) e, às vez, até o concurso é uma coisa assim... injusto, porque aquele que não tem um grau de estudo e tem aquele espírito nato de mineiro não consegue pegar. (...) Antigamente tinha aquele sangue assim, o pessoal ia pelo amor, né. (Zecão)

A referência que ele faz a “*aquele sangue assim*” expressa tanto a vontade de ser mineiro como uma certa hereditariedade do ofício. Com medo de que os filhos enfrentem o desemprego, Zecão pensa em “*abrir um negócio prá eles*” quando se aposentar.

Também Seu Adão Rocha menciona o sistema de indicação de parentes para as vagas. Diz que, na sua época, o engenheiro consultava: “*Ah, vamo vê se o Rocha não tem um afilhado ou coisa assim...*”. Segundo ele, as chefias preferiam esse sistema porque “*aquele que o cara indicava eles sabia que ficava, né, ficava prá não fazê feio*”.

Apesar de ter vivido muitos perigos na mina, Jango disse-me que via com simpatia a idéia de que os filhos fossem mineiros. Ele refere-se ao fato de ser respeitada a “*lei do mineiro*”, que garante a aposentadoria aos 15 anos de serviço para quem atua nas frentes de extração. Essa é uma razão pela qual gostaria que os filhos seguissem na atividade. Outra, mais simbólica, é que era “*a profissão da gente, de todos aí, era todo mundo em torno daquilo ali*”. Ou seja, era natural que fosse dada continuidade ao ofício. Ao mesmo tempo, reconhece que ficaria preocupado com a segurança dos filhos se eles estivessem trabalhando no subsolo, “*porque a mina é um setor perigoso, é um setor que te dá medo*”.

Zé Pretinho preferia que os filhos não fossem mineiros como ele, tanto devido ao trabalho duro como pelo perigo enfrentado nos subterrâneos. Sempre incentivou-os ao estudo.

Se fosse entrar como um profissional, tudo bem, formado. Na mina, o trabalho que o cara passa não é fácil. (...) Então, o cara tem que entrar um profissional, né. Não um arigó que nem a gente. (Zé Pretinho)

Até queria que os filhos fossem trabalhar na mesma empresa que ele, mas como profissionais, formados, “*não um arigó que nem a gente*”. Não ficaria descansado se um filho seu estivesse “*lá embaixo num buraco daqueles ali*”.

6.2 O cotidiano na mina

A mina subterrânea, como uma espécie de “mundo à parte”, constrói suas próprias regras de convivência. Há valores que são criados e reafirmados como fazendo parte deste universo. A ameaça de um cotidiano de perigos determina laços de solidariedade e de união, que são considerados indispensáveis nessa rotina. Oniro, 41 anos, presidente do sindicato dos mineiros, diz que, por ser uma profissão de risco, o mineiro “*se cria como uma irmandade*”. Avalia que os trabalhadores convivem mais tempo entre si do que com a própria família. O enfrentamento dos desafios no trabalho gera, a seu ver, a cumplicidade e o companheirismo. Menciona que, às vezes, depois da aposentadoria, os mineiros passam anos sem se encontrar e “*quando se encontram,*

revivem tudo aquilo de novo”. A intensidade dos relacionamentos está relacionada à ameaça a que os trabalhadores estão expostos.

Porque uma pessoa desceu à mina, quando sai de casa, não sabe se volta, né. (...) Então, existe muita lealdade, de um companheiro com o outro até por tudo que eles passam juntos, né. Pela própria função do trabalho que executa. Tu tem que cuidar de ti e também do teu companheiro e esperar que ele tenha contigo a mesma coisa. (Oniro)

Uma explicação semelhante é fornecida por Ademar, também sindicalista, que considera a mina “*um mundo à parte*”.

Os colegas de serviço são muito próximos assim porque é um serviço... perigoso e pelo local de trabalho.(...) Então, o pessoal se relaciona melhor. Não tem aquela disputa, até porque todo mundo é igual. (...) Então, existe uma solidariedade grande lá. (Ademar)

Essa imagem de “igualdade” entre os mineiros, quase indistinção, presente na fala de Ademar, é reforçada pelas lembranças de Cássio, 25 anos, filho e neto de mineiros. Ele recorda-se de uma cena da infância em que ia esperar o pai na saída do turno. “*Eu não conseguia diferenciar quem era o pai, porque todo mundo igual, macacão azul e carvão também, né. Cadê o pai, cadê o pai?*”

Entre os mineiros mais antigos, os relatos revelam as dificuldades do passado, principalmente quando comparadas às condições mais recentes. As longas jornadas, a insegurança e a precariedade do trabalho são algumas dessas características das minas “de antigamente”, como referem-se os aposentados ao refletir no presente sobre um tempo vivido. Seu Bega, por exemplo, conta que trabalhou em condições extremamente precárias, nas décadas de 50 e 60 na chamada Mina da Coréia.

Óia, minha carreira na mina eu comecei guri, com nove ano na mina. Quando era cavalo, burro naquela época. A gente puxava o carvão debaixo da mina com.... um carrinho de mão, tipo esses carrinho de madeira. (Seu Bega)

Quando começou a trabalhar nas galerias, tinha 14 anos. Antes, o seu trabalho era na superfície, “tocando” burros que, do lado de fora, puxavam a carga de carvão do fundo da mina. Quando foi trabalhar no subsolo, ele usava uma picareta em seu trabalho.

Arrancava o carvão lá embaixo da mina, cem metro embaixo da mina, com picareta, e daí a gente carregava os carrinho e tocava até na boca do poço. Da boca do poço prá cima era os cavalo que puxavam. (Seu Bega)

Depois, passou a madeireiro, lidando no escoramento da mina, e a furador, função na qual aposentou-se. Recorda-se que “baixava” à mina com um lampião de carbureto e na sua rotina enfrentava forte pressão das chefias.

Bobeava lá era deiz ou quinze minutos e já o capataiz ia... o pau pegava. Aquela fumaça toda a gente chupava... não tinha compressor, não tinha nada. Oito horas por dia na época, é. (Seu Bega)

Ele menciona a precariedade e a falta de segurança, sem capacetes nem botinas, e as difíceis condições de trabalho na jornada extensa. Para descer ao subsolo, numa profundidade de até 50 metros, havia duas alternativas: a escada ou o “latão” cortado, que já era chamado de “gaiola”. Entre o latão de 200 quilos pendurado por um guincho e controlado por uma manivela, que “andava em roda assim com a gente”, e a escada, Seu Bega preferia essa última alternativa. Parecia-lhe mais segura.

O velho mineiro faz uma comparação entre as minas “de hoje”, referindo-se à Leão I, as de “antigamente”, como a da Coréia, onde trabalhou. Avalia que, hoje, “é tudo facilidade”. Ele, que esteve no subsolo numa época em que “a água tava pingando nas costa da gente”, em galerias que tinha que “entrá de quatro pé”, considera que a mina da CRM é “luminosa”, uma “cidade”. Chama a atenção a metáfora que utiliza, remetendo a uma imagem de amplas vias, iluminadas, e sua apreciação estética das minas mais modernas em comparação com os subterrâneos escuros e estreitos em que trabalhou.

As duras condições de trabalho nas antigas minas também são referidas por Oniro, lembrando que “é uma profissão muito sacrificada porque é um local insalubre, nem sempre o ar é bom e o trabalho era praticamente braçal”.

Seu José Selbach, 73 anos, atuou na mineração num tempo em que a contratação era feita por empreiteiros. Ele foi trabalhar com o mesmo empreiteiro ao qual seu pai esteve vinculado antes. Recorda-se que cada empreiteiro tinha “o seu túnel” e contratava entre 15 e 20 operários. Calcula que havia cerca de 30 empreiteiros na região. Ele compara esse tempo, em que o mineiro usava chapéu, alpargata “quando tinha, quando não tinha de pé no chão mesmo” com os últimos tempos da mineração, em que a empresa passou a fornecer botinas, capacete, macacão e lanterna. Observa também que, em caso de acidente, o atendimento se diferenciava bastante. Em sua

época, os companheiros tiravam o ferido como dava, “*se vivia, vivia. Se não, era o fim prá ele*”. Não havia, como mais recentemente, o socorro de uma equipe médica.

Ao estabelecer um paralelo entre o tempo de trabalho do pai na mina e o período mais recente de sua própria rotina, o mineiro Zecão deixa fluir reveladores jogos de memória que conectam passado e presente. Acentua que, por último, os funcionários tinham todo o material adequado, ao contrário daquela época.

Meu pai, não. Meu pai era as alparagata... daquelas feita com corda embaixo assim. E uma cesta feita de palha de milho, aonde ele colocava a garrafa do café. (...) Meu pai trabalhou na época que era escoramento com madeira, né, e não tinha segurança, não usavam capacete. Era um lampião, lampião a carbureto. Hoje, a gente usa lanterna, temo iluminação, temo lâmpadas, iluminação elétrica embaixo da mina. (...) Eu acho que eles correram mais perigo do que nós. Eles enchiam o carro a pá, nós já era maquinário. (Zecão)

Ele salienta que, na CRM, os funcionários dispõem de chuveiros para tomar banho, o que não havia na época em que seu pai trabalhou na mineração. Às vezes, quando soltava o turno pela madrugada, para não acordar a mulher, o mineiro ia banhar-se numa cascata que havia perto da mina. Em outras ocasiões, no inverno, a mãe de Zecão esquentava panelas e chaleiras de água quente no fogão a lenha, esperando o marido chegar à 1h da madrugada.

Zecão era pequeno, mas recorda-se dos momentos em que seu pai chegava em casa sujo de carvão vindo do trabalho na mina. Seu sentimento era de admiração.

Era uma imagem de herói, né, uma pessoa herói, que tinha um trabalho, uma família com seis filho, né, prá sustentar e era aquilo ali que eles viviam. Daquilo ali que ele sustentou, criou seis filho, né, nunca faltô nada. Do braço, praticamente do braço, né, porque hoje em dia é mecânico. Ali, não, era do braço mesmo. (Zecão)

Em seu discurso também estão contidas representações sobre um ideal de masculinidade, do provedor que sustentou “do braço”²³ uma família de seis filhos. Sua fala remete a esse ideal que decidiu imitar: “*Porque eu acho os mineiro de subsolo uns heróis*”.

Seu Leo, hoje com 74 anos, trabalhou na CRM durante 35 anos, 10 meses e 19 dias, sendo 16 anos no subsolo. Lembra-se de um tempo em que a mina de Leão I, “*por*

²³ Mineiros entrevistados por Minayo (1986, p.35,64) usam a expressão “no muque” para significar o uso de força física, com o mesmo sentido.

motivo mundial, falta de combustível”, passou de 300 operários a cerca de 1.500 “de um momento para o outro”.

Mil e quinhentos operários! Então, a gente não dispunha de muito campo prá distribuir esse povo todo prá produzir, né. Então, foi um acúmulo muito grande. Segurança precária, o material também necessário, escasso. (...) Aí então deu prá um período que promoveu muitos acidente, muitos acidente até fatais, né. (Seu Leo)

6.2.1 “Baixar” ao subsolo

A descida à mina é um momento decisivo da carreira do mineiro. Trabalhar na superfície é como estar no limiar, à margem da meta pretendida. Eckert (1985) enfatiza que, no passado, a entrada na mina marcava a passagem do jovem para o homem adulto, introduzindo em sua vida experiências tais como o medo, a angústia e a coragem para enfrentar o perigo. (ECKERT, 1985, p.244). Tal representação mantém-se entre os mineiros de Minas do Leão.

Seu Hermes contou-me que começou a trabalhar na mina de Leão I, da CRM, em 6 de novembro de 1977. Lembra-se exatamente da data porque coincidiu com o aniversário da esposa.

Eu trabalhei primeiro três mês na superfície, depois eu baixei à mina. Trabalhei 14 ano embaixo da mina, daí (...) por causa dessas política porca, me botaro prá cima, prá quebrá o gaio dois mês e sacrificaro com quatro. Aí o outro partido ganhô, né, o PDT, ganhô. Aí eu abaixei à mina. Trabalhei mais quatro. (Seu Hermes)

Em sua fala, percebe-se que sentiu-se traído quando foi chamado para a superfície. Seria por dois meses, mas ficou nesta condição por quatro anos. Atribui a mudança que o desagradou à “*política porca*”, pois na superfície perdia vantagens salariais e tempo para a aposentadoria. Com a mudança de partido, pôde retornar ao subsolo. Apesar das duras condições de trabalho, faz um balanço positivo da sua experiência. “*Mas é bom, baixar à mina é bom*”. Nos primeiros tempos em que ele trabalhou no subsolo, as galerias eram baixas e tinha que andar “*acocado*”. Em sua fala, destaca que a hierarquia era marcada inclusive pela qualidade do equipamento de trabalho. Somente os chefes tinham lanterna, “*a arigozada tudo era lampião*”. Ele narra

um pouco do seu ritual cotidiano. Ao descer da “gaiola”, numa mão, carregava o lampião, na outra, a sacola “*do café*”, como os mineiros referem-se ao lanche. “*A gente chegava ali, sempre tomava café, prá depois ir cada um prá suas galerias, né*”. Um gole de café frio ajudava a aumentar a adrenalina antes de começar o trabalho.

Seu Valdevino, 57 anos, de apelido Divino, começou na Mina de São Vicente, que pertencia à família Alencastro. Na época, essa mina abastecia de carvão a usina termelétrica de São Jerônimo. Ele resume sua trajetória assim: “*Sempre trabalhei com sinceridade. Peguei na mina com 14 anos de idade e me aposentei com 32*”. Aos 14, trabalhava na superfície. Aos 19, baixou ao subsolo. Isso era dezembro de 1958. Começou cobrindo as férias de um colega, mas ficou 15 anos e dois meses trabalhando nas galerias subterrâneas. Ele conta que quis “*baixar*” para elevar o salário: “*Eu tava noivo, queria ir pro subsolo prá aumentar o ordenado*”. Quando o colega percebeu que o próprio salário seria reduzido na superfície, quis desfazer a troca. Seu Valdevino foi firme: “*Quando fiz a troca, troquei prá sempre*”. Ele explica que fazia seus horários e podia se aposentar mais cedo. A diferença era de mais de 50% na remuneração.

Vizinho de Seu Valdevino, Zé Pretinho conta que, com 14 anos, assumiu a sua “*responsabilidade*”, já se sustentava. Antes de ir para a mina da CRM, trabalhou quatro anos “*nessa companhia que fez a faixa aí (a BR 290)*”. Aos 18 anos, “*pegou*” na CRM, ainda na superfície. Trabalhava no setor chamado de serviços gerais, separando pedra e carvão. Dois anos depois, foi para o subsolo.

Desde que eu peguei, eu queria baixar, eu queria ir pro subsolo, mas não tinha idade. É melhor, o ordenado é melhor. Na superfície, ganhava pouquinho. (...) O primeiro dia que eu baixei a mina, eu me lembro. Baixei com medo, tal, tinha vontade de trabalhá, mas na hora tava com medo. (Zé Pretinho)

“*Baixar à mina*” era uma forma de aumentar o ordenado, como ele conta. Lembra-se que, no primeiro dia, “*deu vontade de desistir, mas tem que ir*”. O receio maior era de enfrentar a descida numa “*gaiola*” aberta, sem proteção. Depois, “*tá lá embaixo é o mesmo que tá aqui*”, afirma, pela naturalidade que o universo da mina foi ganhando na sua vida. Entre 1972 e 1989, Zé Pretinho trabalhou na “*segurança*”, que significa o escoramento da galeria com madeiras ou ferragens para prevenir os desmoronamentos. Nesse cotidiano, aprendeu a conhecer os sons que avisam do perigo

na mina. “O teto estrala, é... Prá cair, ele estrala três, quatro, cinco dia prá dá o caimento.”

Quando começou a trabalhar na mineração, em 1959, Jango tinha 17 anos. Naquela época, a atual CRM chamava-se DACM. Começou na superfície como ajudante de pedreiro, em serviços de carpintaria. Em seu relato, Jango explica por que decidiu ir para o subsolo: “*Eu precisava ganhar bem na época, né. Eu tinha minhas irmãs, meu pai na época era aposentado.*” Falou com encarregados e, durante dois anos, atuou em calçamento de galerias, como madeireiro. Fazia parte de uma equipe formada por seis homens.

Aí como nós, na época, não tinha maquinário, era tudo manual, né, transporte era tudo na base do carrinho. Então, ali o meu patrão se aposentou, passei a ser sota, capataz de equipe, aí eu teria já uma porcentagem de 15% de vantagem na produção. E com o tempo, eu passei a ser patrão de galeria, que era (...)30%. (Jango)

Seu Airton, 57 anos, o Zé Cabeça, começou a trabalhar na CRM, então DACM, em 1962, quando tinha 15 anos de idade, mas precisou esperar até os 18 anos para “baixar” à mina. Sua fala revela o estranhamento sobre o sistema de trabalho “do departamento” em relação a empresas privadas.

Eu peguei como aprendiz, né. Meu primeiro trabalho lá foi fazendo uma vala na volta do poço (...) tava chovendo, né, prá ver se não caía água prá dentro do poço.(...) Fiz o serviço bastante rápido e aí me apresentei pro encarregado, querendo outro serviço prá fazer, né, tava acostumado a trabalhá assim. Aí ele pegou e disse: “Não, fica por aí, tá chovendo, não tem serviço agora”. Eu me preocupei, cheguei em casa e falei pro meu padrasto: “Não vai dá. Vão me botá na rua, peguei hoje e vão me botá na rua por causa que não tem serviço”. Diz ele: “Não, deixa, de tarde, a hora que chegá do serviço, às cinco hora, nós vamo conversá sobre tal coisa”. E daí foi que ele disse: “No Departamento, é assim, é diferente. Não é que nem o serviço que tu fazia de enchê caminhão, trabalhá o dia todo. No Departamento, assim... tu tem que religiosamente registrá o teu cartão, todo dia. Se tem serviço ou não tem serviço, não quer dizer nada. Tu tem que registrá o teu cartão e aí tu vai ter a tua frequência”. E realmente foi assim, né. (Zé Cabeça)

Zé Cabeça desempenhou várias funções na mina: descarga de carvão, ajudante de madeireiro, depois sota, patrão de galeria e encarregado, até chegar a supervisor. Quando recebeu o convite para ser encarregado, a princípio não quis aceitar porque

achava que tinha “*pouco estudo*”. Lembra-se que foi chamado a uma reunião com os engenheiros, onde ouviu a proposta.

Aí eu disse prá eles: “Não, eu não tenho condições de ser encarregado”, por causa que... o meu grau de instrução era pequeno, né. Até a 4ª série, daí fui trabalhar. Mas daí o engenheiro (...) disse: “Não, não é esse aí o caso. O caso é que tu é capaz”. Aí conversou, conversou. “Então, tá. Vamo tentá, então”. Isso foi em 80, 81, 82 por aí. Aí eu passei a ser encarregado de turno. Aí com o tempo acharam que eu devia ser supervisor. (...) Depois que eu passei a supervisor, aí eu só baixava a mina prá visualizar o serviço, né. E comandava, depois, os encarregado. (Zé Cabeça)

Ele evidencia como aconteceu a progressão em suas funções. Os convites para ser encarregado e supervisor partiam da direção da empresa, dos “engenheiros”. Sentia-se constrangido inicialmente para aceitar uma função de chefia, mas acabou fazendo uma longa carreira na companhia. Dos 30 anos em que esteve vinculado à empresa, 25 ficou no subsolo. Apesar de ter enfrentado situações difíceis na mina, diz que hoje está arrependido porque parou de trabalhar. “*Numa certa idade que a gente atinge, fica muito mais difícil da gente conseguir um serviço, um trabalho. O salário do aposentado chega num ponto que fica estagnado.*” Da mesma forma como observou Minayo (1986, p.181), percebo que as promoções neste contexto aparecem como um prêmio pelo comportamento, pela dedicação e pela experiência acumulada.

Zé Cabeça começou a trabalhar aos oito anos de idade, como oleiro, ajudante de pedreiro. Conta que era “*uma necessidade*”, a situação da família era “*apertada*” e ele tinha que ajudar o padrasto a sustentar a casa. Tinha 12 anos quando conseguiu seu primeiro trabalho vinculado ao carvão, enchendo caminhão com o mineral. Não avisou ninguém em casa sobre o novo serviço. Quando voltou, “*numa imundície desgraçada de carvão*”, encontrou os familiares chorando. Caiu em prantos também, sem saber o que havia acontecido. Então, quando o viram, veio a saber: “*Era por minha causa, tinham avisado a polícia sobre o meu desaparecimento*”. No dia seguinte, pegou a sacola de brim coringa para levar o café para o serviço e ouviu do padrasto: “*Tu tem que estudá*”. Conta que o mais gratificante foi quando, no fim de semana, tirou um vale e comprou uma sacola de alimentos para levar para casa. “*Me senti eu*”, resume.

Lembra que no dia em que fez 15 anos chovia muito. O padrasto passou por ele, que estava tomando banho de chuva, e o chamou: “*José, arrumei serviço prá ti no*

Departamento”. O garoto voltou para casa exultante: “*Mãe, mãe, Seu João me arrumou serviço*”. Tinha que chegar na empresa às sete horas da manhã, mas às cinco e meia já estava a postos no trabalho. Pela narrativa que Zé Cabeça faz de sua trajetória, além do trabalho precoce, percebe-se o forte desejo de ingressar na mineração, imitando o pai, que morreu quando ele tinha dois anos, e o padrasto. A família preferia que ele estudasse mais, no entanto o garoto fugiu da escola para trabalhar. Sentia-se responsável por ajudar a casa, num precoce papel de provedor, evidenciado no relato sobre quando recebeu seu primeiro vale e pôde comprar comida. Sua expressão “*me senti eu*” enuncia que “já era alguém”, já tinha uma identidade de homem e trabalhador, aos 12 anos.

José Castilhos, o Tita, de 46 anos, conta que todos os seus irmãos foram ser mineiros. Ele e irmão Clóvis, que mora na mesma rua, conseguiram aposentar-se na atividade. Dois morreram. Um deles, Claudionor, o Sereno, num acidente ocorrido na mina de Leão I, em 1991. Tita “baixou” à mina em 1982 e aposentou-se em 1995. Antes disso, trabalhava em lavouras. Aos 23 anos, conseguiu o emprego na CRM. Primeiro foi trabalhar na superfície, depois passou para o setor de mecânica no subsolo. Ele lembra da primeira vez em que entrou na mina. Nessa época, trabalhava nos serviços gerais e desceu ao subsolo para ajudar a transportar uma correia.

Até baixei tava um dia assim... uma manhã bonita, assim, e quando subi depois... isso foi num sábado, quando subi batendo água... Ué! Quando baixei tava um tempo bom e quando subi tava chovendo. Tu vê! Mas gostei! (Tita)

No primeiro dia, registrou a estranheza da mudança do tempo no período em que estava no subsolo. Depois, diz que não chegou a ser uma opção sua “*baixar*”. Foi convidado para ocupar o lugar de um colega que havia saído e aceitou. Passou a trabalhar como mecânico de frente de serviço, consertando as máquinas usadas para cortar e carregar o carvão. Avalia que, quando trabalhou na CRM, a mina já estava “*muito segura*”, mas os funcionários, às vezes, acabavam descuidando das normas.

A segurança é muito exigente, né. Então, às vez, a gente tava lá, cortando, soldando lá uma coisa sem... o avental, a perneira, tudo, né. “È um servicinho, vô ali e corto”. Sabendo que é errado, né. (...) O pessoal se arriscava às vez. (Tita)

Tita acha que foi positiva sua mudança do trabalho na lavoura para a mina de subsolo. Comenta que se não tivesse ido para a mineração não estaria aposentado hoje.

Aposentou-se com 39 anos e ainda sobraram cinco anos de contribuição para a Previdência. Aposentar-se cedo, como no caso desse mineiro, é alcançar uma das metas da profissão. Garante-se um salário e pode-se ter outra atividade depois, administrando o próprio tempo e beneficiando-se com uma renda razoável.

Filho de mineiro aposentado na Copelmi, Zecão, 42 anos, empregado da CRM em atividade, decidiu sobre seu futuro ainda criança, quando via o pai voltar para casa do trabalho na mineração. Mas a mina não foi seu primeiro ganha-pão. Começou lidando com “mato”, aos 18 anos. Antes disso, desde os 14 ajudava o pai, já aposentado, no serviço em fazendas. Lembra-se de quando começou.

Nas minhas férias de colégio, ele me botô no serviço (...) abrindo buraco prá alambrado no meio dos banhado, nos cerro, me tirô o corinho mesmo. Assim ô...chegava a sair sangue das mãos. Aí no fim das férias, me chamou e me disse assim, me lembro até hoje: “E aí, meu filho, tu quer estudá ou tu quer trabalhá com o pai?” E eu disse prá ele: “Eu quero trabalhá com o senhor”. (...) Por ele, ele trabalhava sozinho, abrindo os buraco desde que eu estudasse. Mas no momento eu pensei que era melhor eu trabalhar com ele.(...) E graças a Deus, nunca deixei ele sozinho. (Zecão)

Ao acompanhar o pai em seu trabalho, fez a opção por largar os estudos, uma escolha que acredita ter sido correta. Estar ombro a ombro no trabalho junto com o progenitor era uma experiência que o orgulhava. Sua ligação com o pai é intensa. Numa ocasião em que estive em sua casa, Zecão mostrou-me uma fita de vídeo que ele próprio editou com cenas do pai, que usou para homenageá-lo em um aniversário. A sabedoria do velho, já falecido, ainda o inspira. As imagens que vejo mostram um homem sereno, mesmo quando enfrentava adversidades. Em dos momentos, a família está reunida na casa que terá de deixar, na Vila Charrua. O velho mineiro, que tinha sido empregado da Copelmi, teve de vender a casa que estava acabando de construir porque a área ia ser utilizada para exploração de carvão. Sentado na varanda, triste com a mudança forçada, diz: “*Há coisas do destino que a gente precisa aceitar...*”.

Depois de ter trabalhado na mina de Iruí, em Cachoeira do Sul, Zecão atuou quatro anos na superfície, em Minas do Leão, antes de ir para o subsolo. Inicialmente, esteve vinculado à área de topografia, mais tarde foi para as frentes de extração do carvão. Contrariando o que diz ser uma tendência de acomodação na empresa, Zecão conta que conseguia mudar de função na empresa procurando aprender outras

atividades. Isso foi até às vésperas do fechamento do subsolo, em fevereiro de 2002. Segundo ele, os mineiros de Leão I, cada vez em menor número, se revezavam para manter a mina em operação.

A gente fazia de tudo ultimamente prá não deixá fechá a mina, né, que... não adiantô, né, acabou... fechando da mesma forma, mesmo com o esforço dos mineiros acabou fechando a mina. (Zecão)

No discurso dos trabalhadores, está internalizada a idéia de que eles fizeram sua parte, cooperaram quando a empresa precisou²⁴, mas não foram recompensados por isso. Quando comecei minha pesquisa, em novembro de 2002, a empresa mantinha 72 empregados em Minas do Leão, já com o subsolo desativado. Um ano depois, o número de trabalhadores havia sido reduzido a 52.

6.2.2 O trabalho manual e o mecanizado

O sistema de extração de carvão na mina de Leão I tornou-se mecanizado nos anos 80, modificando o processo de trabalho e imprimindo maior segurança à atividade. Alguns mineiros, no entanto, disseram preferir o sistema de trabalho manual, em que a remuneração era feita “por produção”. É o caso de Seu Hermes, 52 anos. Ele justifica que, no tempo do trabalho manual, “*quanto mais a gente trabalhava, mais a gente ganhava*”. Com a mecanização, acredita que “*terminou o incentivo*” e o salário foi diminuindo. “*A gente ganhava por avançamento de galeria. Mas o caso é que a firma lá naquelas metrage deles sempre encolhia.*”

Zé Pretinho também lamenta que, com o sistema mecanizado, o “ordenado” tivesse sido reduzido, embora considere que aumentou a segurança. O mineiro explica que muitos trabalhadores, como ele, ingressaram na Justiça para tentar recuperar as perdas salariais registradas no período.

Jango, que aposentou-se em 1981, também na CRM, considera que as condições melhoraram quando houve a mecanização do processo de trabalho. Ele, que já integrou CIPAs, explica que, com a inovação, era exigido menos esforço físico e havia mais segurança para o trabalhador. Durante o período em que esteve em Leão I,

²⁴ Minayo (1986) faz referência a este discurso de “cooperação” feito por alguns operários, à pág.102.

diz que “*trabalhava sufocado*”, respirando fumaça e cheiro de explosivo. Posteriormente, a ventilação foi aperfeiçoada.

Então, aí melhorou pro mineiro. O mineiro trabalhava de macacão, né, botinha, capacete, lanterninha. Nós não, na nossa época era um calçãozinho, um lampiãozinho e pronto. Sem camisa, sem nada. (...) Além de tu não poder te levantar nunca, né, ficar em pé, ainda um gorrinho na cabeça. A gente batia, caía de costas, era tudo isso aí. Quando dava um desmoronamento e caía uma pedra, era fatal. (...) Capacete protege um monte, né. (...) Um gorrinho não, né. Quando tu via, tinha um colega lá com a cabeça partida. (Jango)

6.3 A mina e o bar: espaços masculinos

Depois de cumprir o “*terno*” da mina, os trabalhadores da CRM costumavam passar pelo bar Primeiro Soco, um lugar que abrigava exclusivamente a sociabilidade masculina, a cerca de 30 metros da portaria da empresa. Hoje, neste local, funciona uma oficina de bicicletas. O hábito de ir ao bar era ainda mais sagrado no inverno, quando procuravam “*um traguinho*” para espantar o frio das madrugadas. Nem que, para isso, tivessem que acordar o dono do estabelecimento, que resmungava mas acabava abrindo a casa para os clientes mais fiéis. “*Ele xingava, mas não era a sério. Também era chegado numa brincadeira*”, conta Zé Pretinho. A bebida preferida por alguns mineiros era o “*samba*”, uma mistura de coca-cola com cachaça. Outros preferiam cachaça pura. Por ali alguns ficavam, às vezes, além da conta, jogando conversa fora, contando piadas e dando cursos às brincadeiras começadas no subsolo. Da mesma forma como algumas conversas do subsolo, o papo dos homens no bar é guardado como um segredo, parte de um código que evita expor às mulheres (e, da mesma forma, à pesquisadora) o conteúdo das piadas e tagarelices masculinas.

Volta e meia, as mulheres dos mineiros, preocupadas com sua demora, apareciam por ali. O surgimento das esposas era motivo para novas brincadeiras. “*Tá na hora de ir, a polícia tá aí?*”, era um dos bordões ditos pelos mineiros quando avistavam a mulher, de longe, a procurá-los. As mulheres dos trabalhadores viviam momentos de angústia quando eles não retornavam na hora prevista. Muitos desses atrasos eram provocados por algum divertimento com os colegas de trabalho arranjado à saída da mina.

Muitas vez, ele soltava meia hora da tarde, e ia uma, ia duas e nada do homem chegar em casa, né. Aí eu saía prá ver, né, o que tinha acontecido. Ele não chegava em casa nunca, e ele tava lá (no bar Primeiro Soco). (...) Aí enxergava ele....Até nunca chamei. Só via que ele tava na roda de... já via, né, que ele tava bebendo ali. (...) Muitas vez ele nem me via, né. Só enxergava ele de costas. (Dona Odete)

Dona Odete já ficava mais tranqüila só de avistar o marido, Zé Pretinho, no bar. Nem precisava aproximar-se. Sabia, então, que não tinha sofrido nenhum acidente.

O bar Primeiro Soco, conforme Jango, era “o ponto turístico” dos trabalhadores da CRM.

Nós saía da mina, então nós já tava uns esperando os outros ali, né. Tomar uma pinga, né, prá limpar o carvão do pulmão. Então, ali nós tirava a poeira. Acho que por isso eu não tenho poeira no pulmão, né.(risos) (Jango)

Era um ritual diário para muitos trabalhadores: limpar a garganta, ou “os pulmões”, com uma cachacinha à saída do trabalho. Jango me explica que nessas reuniões havia o mesmo clima estabelecido no subsolo. Mas ele acredita que essa sociabilidade não dizia respeito só aos mineiros, fazendo referências aos mecânicos das oficinas que trabalhavam próximo dali. Essa turma também ia tomar “um pilequinho, um traguinho”. Entre os mineiros, recorda-se que “não era uma coisa assim prá sair bêbado”, embora um ou outro episódio de embriaguez seja relatado por outros informantes . Quando Jango atrasava a volta para casa, sua mulher, Julieta se preocupava:

Tinha medo de que alguma coisa podia acontecer. Eu me preocupava demais. Ele demorava um pouquinho prá chegar e eu queria saber... Daí eu ia na casa de um encarregado que morava pertinho, né. E às vez ele tava no Primeiro Soco. (Dona Julieta)

Dona Gessi viveu experiências semelhantes em Butiá, quando o marido trabalhava na mineração. Ela recorda que, próximo à Copelmi, havia um barzinho onde os homens costumavam jogar pife.

E às vezes ele soltava da mina, ele chegava ali e se entertia ali com os outros, jogando. E era madrugada e não me aparecia em casa. Um dia mesmo, era um temporal, um chuva tocada com vento e nada dele me aparecer em casa. E eu preocupada: “aconteceu alguma coisa debaixo da mina”. Aí o meu pai (...) saiu, com chuva, andou por aí e não achou. (...) Quando foi de madrugada apareceu o Adão, todo

encarvoado ainda, bem faceiro, que tava jogando, nem tava.... (Dona Gessi)

Confinadas ao espaço da casa²⁵, ou no máximo circulando na vizinhança, as mulheres de mineiros em Minas do Leão nunca se acostumaram a esperar. Em algumas situações, a demora do marido acontecia porque o empregado foi convocado pela empresa para “dobrar” o turno, na falta de algum companheiro, e não havia como avisar a família. Kátia lembra-se dessas esperas .

Muitas vezes de madrugada, também, eu batia lá. (...) Uma vez era uma hora da madrugada: “Meu Deus do Céu! Até agora...” Ele soltava à meia-noite. Aí eu saí aqui na rua... Eu e minha cunhada, nós encaminhamo um amigo nosso que foi lá. Chegou aqui (...) e disse prá mim assim: “Não, ele tá.... vai ficá mais até às três hora, três e pouco.” Aí eu disse prá minha cunhada: “Não, vamo lá”. (Kátia)

Ela conta que, depois que o marido se aposentou, dorme bem mais tranqüila. “Sempre é uma preocupação, né. Vai trabalhar, mas a mina é uma coisa que não sabia se ia e voltava”. Também Dona Odete recorda-se desses momentos de angústia. “Quando ele saía prá mina, a gente ficava sobressaltada, qualquer coisinha tava....” Ela refere-se a uma ocasião em que alguém bateu na porta de sua casa para avisar que “Zé Pretinho” havia sofrido um acidente. Saiu correndo, desesperada, as crianças já chorando. Quando chegou no portão na CRM, ficou sabendo que não se tratava do marido, mas de outro ex-mineiro que tinha o mesmo apelido e que na época trabalhava em corte de mato.

6.4 A história no corpo

Na vida dos mineiros de carvão, entende-se o que é “uma história feito corpo”, como refere Bourdieu. São processos sociais atravessando a carne, no concreto, e se incorporando à alma, no simbólico. O corpo, como afirmávamos antes, citando Lucas (1981) e Bourdieu (1977), é um produto social, que reage à atividade produtiva e que registra todas as ocorrências na vida do trabalhador.

Seu Leo carrega cicatrizes no corpo e na alma. Já perdeu vários amigos na mina. Entre os acidentes que sofreu, teve decepados dois dedos da mão esquerda, um

enquanto trabalhava na carpintaria na empresa, e outro num período em que era empregado da prefeitura. No subsolo, certa vez, na abertura de um poço foi atingido na coxa por um prumo de bronze, de 15 quilos. Precisou ficar “no seguro” por 26 dias porque a ferida infeccionou. *“Fica a marca na gente para o resto da vida”*, diz. A marca à qual ele se refere não é apenas corporal, mas também existencial.

Seu Valdevino descreve assim um dos acidentes que protagonizou: *“Caiu uma pedra no capacete e me abriu um taio no braço. Espetou três pedras na perna. Desmaiei e um companheiro me arrastou, me chamando (...)”* Quando acordou, sentiu a bota pesada, quando olhou viu que estava cheia de sangue. O que emerge de suas lembranças é um sentimento de heroísmo. Muitos trabalhadores banalizam o sofrimento corporal enfrentado no passado afirmando: *“é coisa que dá e passa”*.

A afirmação da coragem e da masculinidade está vinculada à forma como se suporta o sofrimento do corpo. Luiz conta que, após um acidente grave, o primeiro diagnóstico que recebeu do médico é que não voltaria a caminhar. O mineiro acredita que sua recuperação deve-se tanto à fé em Deus como à sua força de vontade e à sua determinação, expressa nas palavras *“eu nunca me entreguei”*, *“eu nunca desisti”*, *“eu me garanto...”* Em suas interações sociais, esse enfrentamento com a sorte reveste-se de coragem.

Todo mundo conversa comigo, me perguntam: “E daí, cara, o que houve contigo?” Eu conto. “Báh, tu tem coragem, né”. Não... E tu sabe que desde que eu me acidentei, eu tava dentro da Santa Casa e eu dizia: “Eu vou voltar a trabalhar”. (Luiz)

Um dos seus desafios era voltar a caminhar. O outro, voltar a trabalhar para não se aposentar por invalidez. Com a perna esquerda amputada, a direita quebrada e várias fraturas na bacia, os médicos tinham dúvidas sobre a recuperação. Luiz lutou. *“Esse orgulho eu tenho de dizer: eu não me aposentei por invalidez. Eu me aposentei por tempo de serviço”*. Aposentar-se por invalidez significaria uma desonra numa comunidade cuja vida é ancorada no valor-trabalho. Invalidez, neste contexto, significa ser imprestável, sem valor, tornar-se inútil.

²⁵ A configuração desses espaços também nos remete ao estudo de Da Matta, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

6.4.1 A alimentação

A alimentação, conforme Garcia, é uma prática que embute a condição social, a cultura e a psicologia no ato biológico de sobrevivência. (GARCIA, 1997, p.53). Como afirma Duarte (1986), a alimentação é um tema que articula expressivas representações sobre a oposição força/fraqueza. Os alimentos fortes ou fracos associam-se à contraposições baseadas no gênero (homem/mulher). No universo da classe trabalhadora, não passar fome diferencia o estrato inferior do superior. A fome passa a ser a experiência limite da ilegitimidade das condições de vida.

Grossi (1981) destaca que a alimentação dos mineiros em Morro Velho consistia de arroz, feijão, verdura, leite, azeite, manteiga, pão, carne quando possível. Na mina, acreditavam que a poeira ressecava o organismo, sendo necessário um lubrificante. A marmita do mineiro continha mais toucinho ou carne gorda, “se o dinheiro desse” e pouco sal, devido ao calor. (GROSSI, 1981, p.72)

Essa representação de que na poeira da mina era preciso consumir mais gordura e pouco sal difere da que encontrei entre os mineiros de Minas do Leão. Julieta, esposa de Jango, revela o que preparava para o marido levar à mina:

Ele quase sempre gostava de salgadinho. Eu fazia carreteiro, ou fazia pastelzinho, sempre fazia uma coisa assim. Ele gostava muito de levar um carreteiro. Dizia que coisa doce não satisfazia ele, né. (Julieta)

Apesar do seu apelido de “Ximia”, Jango não gostava de consumir alimentos doces na mina. Essa preferência nos lembra a representação de que o alimento salgado está para o homem, assim como o doce está para a mulher, como cita Bourdieu (1995, p.152). O mineiro explica o porquê da preferência do salgado nas refeições no subsolo.

A Julieta te falou que eu gostava muito de salgado... Isso aí até é do próprio serviço nosso. Nós suava tanto assim que nós ficava debilitadinho, né. Então, tu perdia o sal. Claro que o suor (...) .tu perde tudo o que tu tem, né, ficava carente do sal, né. Então, eu sempre dizia prá Julieta: “Não bota doce”. (Jango)

Para ele, como o trabalho na mina exigia grande esforço físico, despendendo energia e suando muito, era preciso repor o sal perdido no suor com a alimentação. Do contrário, o corpo ficaria debilitado e começavam as câibras. Os piores tipos de câibra são os que atingem a boca do estômago e a garganta, porque “*aí te corta a respiração*”.

Às vezes, conta, não havia condições de continuar o trabalho, de “*tão desabilitado, tão fraco, tão anêmico*”. Nesses dias, começava a trabalhar e, em meia hora, já estava cansado. Como as câibras impediam a produção, não havia outro recurso senão ir ao médico.

Ele preparava uma injeção vermelha assim e nos injetava na veia. Aquilo ali era uma maravilha: 30 dia tu não sabia o que era uma câibra, tu renovava, né. Fazia aquela injeção ali, pedia atestado pro dia de hoje, pode trabalhar amanhã. Aquilo era um efeito tão rápido (...) que, no outro dia (...) tu chegava lá, se tu tinha 40 anos, parecia um guri de 20, né, coisa mais boa do mundo. (Jango)

Ele não sabe dizer que medicamento era usado, mas recorda-se da cor da injeção que, curiosamente, guarda uma analogia com o sangue, além do efeito de sentir-se “renovado”. Essa descrição nos remete ao estudo de Duarte (1986), quando trata das substâncias corporais envolvidas na questão do “nervoso”. O autor observa que o núcleo da força/fraqueza é bastante vinculado às representações sobre o sangue. O sangue é considerado o elemento quente do corpo, com uma idéia de qualidade associado à força. Pode-se estabelecer uma analogia da cor do sangue com a da “injeção vermelha”, que tinha uma propriedade de fortalecer o mineiro enfraquecido pelas câibras, restituindo-lhe o vigor, tal como faz o sangue.

Como Jango, Seu Leo considera importante repor o sal para evitar câibras, afirmando que “*a pessoa perde muito os sais*”. Então, se não houver “*aquele reabastecimento, sai se contorcendo de dores mesmo*”. A mesma representação sobre o poder do sal é expressa por Zé Cabeça, que chegou a tomar salmoura para combater câibras, o que lhe rendeu um problema de hipertensão na época. Pelo cansaço, diz que muitas vezes saía da mina “*sem fala*”, numa exaustão agravada pelas dores musculares. Depois, descobriu-se hipertenso, tratou-se por algum tempo e o problema desapareceu. Conta que logo que baixou à mina levava comida, depois passou a fazer refeições só em casa, porque “*dificultava trabalhar com o estômago cheio*”. Também considerava ser perigoso para a saúde. No início, ele levava para a mina um “*revirado*” (arroz e feijão misturado), carne e café. Também fornece indícios sobre o ritmo de trabalho nos subterrâneos ao mencionar que parou com o cigarro, pois “*nem dava tempo de fumar*”.

Também Seu Adão, 62 anos, que aposentou-se como mineiro da Copelmi, diz que no começo levava comida para a mina. Depois, mudou os hábitos. Em seu relato,

ele comenta sobre os ratos da mina que atacavam as sacolas com comida. Quem preparava sua vianda era a mulher.

Eu me levantava, naquele tempo, eu me levantava às cinco horas, às cinco e meia e aí arrumava o café prá ele levá, né. Aí ele levantava tomava um café reforçado e levava o outro prá tomá mais tarde. Aí vinha almoçá em casa. (Dona Gessi)

Seu Bega ainda era solteiro quando trabalhou na mina. Quem arrumava a vianda era a sua mãe. Para ele, apesar do mineiro precisar de uma refeição “forte”, que contivesse arroz, feijão e carne, o ovo não era adequado, pois estragava devido ao “ar da mina”. Essa idéia reaparece em outros relatos. Gordura poderia ser levada, como carne de porco e torresmo. De acordo com Seu Leo, levar ovos para a mina não era nem um pouco recomendado. “É muito indigesto e embaixo da mina sempre o ar é pesado”. Lembra-se que sempre havia quem levasse ovos fritos, o que considerava ser muito prejudicial: “Mas Deus o livre!”.

Há certo consenso de que a alimentação adequada para que o mineiro agüentasse o trabalho pesado é a “comida forte”, “salgada”, com feijão, arroz e carne. Também aparece a referência à comida “fraquinha”, que não combina com a necessidade masculina. Quando a vianda que sua mulher preparava continha só esse tipo de alimento, “fraco”, que não fortificava, Jango aproveitava para fazer uma brincadeira com os colegas e, assim, obter acesso às refeições dos demais.

Tu sabe que quando a Julieta botava assim um pãozinho fraco, uma coisa... uma comidinha bem fraquinha, eu chegava lá no meio dos companheiros e dizia assim: “Báh, rapaiz, essa mulher hoje fez uma galinha enfarofada”, aí os cara iam na minha vianda, né, e aí me davam o direito de eu ir na deles, né. (Jango)

Para ele, o pão, mesmo com mistura ou acompanhamentos, era considerado uma comida “fraca” porque, a seu ver, não repunha a força gasta no trabalho árduo. Uma representação semelhante aparece na família de Zé Pretinho. A mulher dele, Odete, conta que preparava sempre “um bifezinho, ovo frito, porque galinha, essas coisa ele não era muito”. Segundo ela, pão com ximia “nem pensar”. Ali, o consumo de ovos na mina não é visto como problema.

Zecão, que desde pequeno sonhava em ser mineiro como o pai, descobria nas sobras de alimento que tinham percorrido as galerias, o “gostinho da mina”, como diz.

Essa expressão, usada por ele, é também simbólica. Marca o momento em que descobriu seu fascínio por aqueles subterrâneos onde o pai ia trabalhar, decidindo que ele próprio seria mineiro também. Ao relatar que até hoje sente “*aquele gostinho de carvão*”, sua expressão enche-se de saudades. Saudades do pai mineiro e saudades da mina subterrânea. Hoje, já não tem a ambos. Para Zecão, o gosto e o cheiro do carvão impregnado no alimento parecia conter uma magia, uma espécie de iniciação ao misterioso mundo da mina.

Quando Zecão fala disso, Seu Adão, mineiro aposentado da CRM, diz que sua mulher, Dona Hilda, não permitia que os filhos comessem o que restou da vianda. “*Eles (os filhos) iam procurá sempre....*”, diz ele. Dona Hilda justifica que tinha medo que os alimentos estragassem, ao que o marido emenda: “*Ela ficava com medo que as criança... é cuidá demais. Mãe é assim, né.*” Considerava que esse cuidado da mulher era exagerado.

Também Zé Pretinho e Odete não deixavam os filhos pequenos consumir sobras da refeição levada para a mina, entendendo que o ar do subsolo podia deteriorar os alimentos. Por ter ouvido uma história de um filho de mineiro de Charqueadas que morreu por ter ingerido restos da vianda do pai, Zé Pretinho preferia não arriscar. Se havia sobras, dispensava lá mesmo, não levava para casa.

Já Seu Adão, contemporâneo do pai de Zecão na Copelmi, tinha o costume de oferecer aos filhos as sobras de alimentos.

Eu sempre trazia um restinho. Eles iam me esperar no portão já. (...) Aí tinha sempre que trazê um restinho de café e um pedacinho de pão prá eles. (Dona Gessi – Não sei por que eles gostavam. Mas eles adoravam comer os restinhos de comida.) Um gostinho de carvão. (Seu Adão Souza)

A alimentação é considerada essencial para a maior parte das famílias mineiras. Trata-se de construir um corpo forte, preparado para a produção. Dona Hilda dizia-me que, a seu ver, a alimentação “*é a base da família*”. Pode-se economizar em outras coisas, mas não em alimentos. O marido, Seu Adão, tem a mesma opinião.

Os cara pegavam aí.... com um ano de serviço um carro. E eu, anos e anos, sem. Aí os caras agarravam e se arriavam: “Báh, o que tu faz com o dinheiro aí? Báh, o fulano comprou carro!” Digo, mas olha aí o que ele come, o que é a alimentação. Lá em casa vocês podem chegá lá. Aí os cara: “Sabe que tu tem razão”. (Seu Adão)

Essas falas evidenciam um conflito entre valores na comunidade. Para essa família, em primeiro lugar está a alimentação, a preparação do corpo para o trabalho. O casal faz uma crítica às famílias que privilegiam a aquisição de bens sacrificando os gastos com alimentos. A compra de um carro, identificado como parte do status masculino, era tema de polêmica nas conversas mantidas pelos mineiros.

6.4.2 A saúde e a doença

Apesar de gostar do trabalho na mina, Jango, com o conhecimento de quem já participou de Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), alerta sobre o impacto da atividade de extração de carvão sobre a saúde. Ele entende que a mina “*tem muita coisa boa, mas para a saúde é péssima*”.

Dizem assim ò: o mineiro trabalha 15 ano, é uma moleza. Tem gente que não conhece que que é o trabalho da mina, né. Considera assim que é uma moleza. (...) Mas tem gente que trabalha 15 ano, se aposenta e depois não fica sobrevivendo mais cinco. (Seu Jango)

Ele chama a atenção para a morte precoce do mineiro em função do desgaste provocado pelo trabalho duro. Em seu relato, Zé Pretinho afirma que mais da metade dos colegas que se aposentaram com ele, em 1989, já morreram. “*Faleceram novo*”.

José Selbach, 73 anos, trabalhou em condições muito precárias e não chegou a se aposentar como mineiro. Diz que pegou um “*pecúlio*” como acidentado. No caso, não foi desmoronamento ou outra ocorrência do gênero, mas “*por forcejar demais*”. A referência a que “*era novo*” na época passa a idéia de que, por não se tratar de um homem adulto, era menos resistente ao “*trabalho bruto*”. Em suas representações, Seu José menciona, além do “*pó de carvão no pulmão*”, já comprovado por radiografias, o aparecimento de uma “*ferroada*” em partes do corpo que não sabe precisar: “*A gente sente assim no corpo, nem sabe onde que é isso*”. Em sua relato, mistura termos usados em diagnósticos médicos, como a expressão “*veia aorta dilatada*”, com termos populares usados para designar um problema orgânico, como o “*coração crescendo*”.

Seu José conta que sempre se tratou com “*óleo de capivara*”, que, segundo ele, serve “*prá limpá*”. Diz que até hoje costuma lançar mão desse remédio. Aprendeu sobre essas propriedades medicinais com seus ascendentes.

Avó, tios, tudo foram criado tipo bugre, lá perto do Conde, por exemplo, né. Era uma bugrada que prantava e... tinha serviço ferroviário, vovô era ferroviário na época, né. (Seu José)

Sua avó, conforme conta, era benzedeira e parteira bastante solicitada na região. Seu José relata que usou o óleo de capivara durante “*toda a vida*”. Pensa que deve a este tipo de tratamento o fato de ainda estar forte. “*Quando eu comecei a usá... eu acho que se eu não me tratasse meio por conta eu não existia muito tempo, né*”. Cita outras receitas que aprendeu, como a erva de bugre, que serve para “*limpá o sangue*”, “*curá reumatismo*”, e a macela, para ser usada quando “*o bucho tá meio entupido*”. A descrição das propriedades das ervas é acompanhada pela explicação dos efeitos terapêuticos que explicitam representações da medicina popular.

A referência às doenças no pulmão é feita por Oniro. Ele afirma que a incidência de Pneumoconiose caiu devido às medidas de segurança adotadas na mina de subsolo nos últimos anos. “*Carvão no pulmão tem bastante gente que tem, mas não procura, né. Fica difícil até dizer ò... tem tantos por cento.*” Relata que o sindicato encaminha a Porto Alegre, para fazer exames, os mineiros que apresentam queixas, no entanto a procura é pequena, distorcendo uma avaliação real do problema.

Jango conta que, no período em que trabalhou na CRM, um ônibus do Sesi encostava no pátio da empresa para que os trabalhadores fizessem exame de pulmão. “*Gente que, naquela época, com três anos de trabalho, já tinha... já deu carvão no pulmão, né. Eu, graças a Deus, me sinto bem até hoje.*” Ele nunca teve complicações deste tipo, mas ressalta que desenvolveu problemas na coluna devido ao período em trabalhava em galerias muito baixas, em que era preciso caminhar “*acocadinho*”.²⁶ Atribui esses problemas tanto ao fato de ter de trabalhar agachado durante seis horas como ao excesso de esforço físico para deslocar os carros carregados de carvão.

²⁶ Alguns informantes de Eckert (1995, p.172) também mencionaram, entre seus problemas de saúde, as dores nas costas.

Seu Bega fala do seu “*problemazinho de falta de ar*”, surgido quando começou a trabalhar na mina, que desapareceu com o tratamento. Preocupa-se em nominar os médicos que o atenderam. Nota-se também a referência a um discurso autorizado, do médico, que forneceu-lhe um diagnóstico: “*Diz que era entupimento nas veia*”. Retomando Boltanski (1989), esse fragmento do discurso médico referido por Seu Bega não é incorporado totalmente à sua fala, permanece como um elemento estranho, ao qual o mineiro acrescenta: “*Talvez tinha a vê com o carvão*”, estabelecendo relações entre o pó do carvão e o entupimento das veias, possíveis a partir de determinada representação do funcionamento do corpo. Seu Bega minimiza os problemas de saúde que enfrentou, ressaltando várias vezes que “ficou bom” e que sente-se bem e forte para trabalhar. “*Quanto mais trabaio, mais vontade*”.

Essa afirmação de Seu Bega lembra-nos o que Minayo diz sobre a representação social da saúde entre a classe trabalhadora. Entende-se que se um homem tem forças para trabalhar, sua saúde está bem. Nesta visão, a doença é a incapacidade para o trabalho. Numa inversão da assertiva, Seu Mieroslau acha, inclusive, que para manter a saúde é preciso trabalhar sempre. “*Não paro. Mas isso é... mas óia, é a melhor coisa que tem prá saúde*”. Para ele, a saúde envolve tanto a disposição física como um bom sono à noite. Estar ativo, física e mentalmente, garante ao velho ferreiro uma memória prodigiosa capaz de gravar números da loteria sem recorrer ao papel. Sua concepção de saúde, como se vê, envolve tanto o físico como o mental.

6.5 Tundas de casca e outras brincadeiras

Parte importante da cultura dos trabalhadores de Minas do Leão, o riso e as brincadeiras são uma espécie de contrapartida à dureza das condições de trabalho enfrentadas no subsolo, formas de tornar suportáveis um cotidiano povoado de riscos. Ao mesmo tempo, representam uma forma de resistência à disciplina industrial.²⁷ Como afirma Bergson, “o nosso riso é sempre o riso de um grupo”. (BERGSON, 1987, p.13-14) Ele afirma que não desfrutaríamos do cômico se nos sentíssemos isolados, já que “o riso parece precisar de eco”. Como uma espécie de gesto social, o riso pode ser

provocado por uma deformidade, um cacoete, por um vestuário que se considera ridículo. (BERGSON, 1987, p.20-27). Entre os mineiros de carvão, o que provoca riso também costuma dar origem a um apelido ou a uma outra expressão jocosa.

As brincadeiras ou relações jocosas no ambiente de trabalho são referidas por pesquisadores como Duarte (1987), Eckert (1985), Leite Lopes (1988), Grossi (1981) e Volpato (1982). Duarte (1987) aborda os padrões de agressividade, os duelos verbais nos quais predominavam os temas do futebol e do sexo (principalmente as denominações de corno e veado) entre pescadores de Jurujuba (RJ)²⁸.

Leite Lopes (1988), ao estudar a cultura da fábrica de Paulista, em Pernambuco, nota como as brincadeiras, a atribuição de apelidos, fazem parte de uma “microfísica da resistência” que está ligada à construção da suportabilidade das condições de trabalho fabris, assim como a padrões de sociabilidade entre companheiros de trabalho. Essa estratégia, segundo ele, pode levar a uma “microfísica da produção”. A busca da transformação da monotonia do trabalho inclui a prática de atribuir-se cognomes, como parte dos jogos de interação. O lema do bom trabalhador, naquele contexto, era “trabalhar brincando”. (LEITE LOPES, 1988, p.81-88).

Grossi (1981) registra a atribuição de apelidos entre mineiros de ouro na Mina de Morro Velho, enquanto Eckert (1985) refere, além dos cognomes, que eram espécies de “ritos”, as relações jocosas estabelecidas entre os companheiros de trabalho, que envolviam o tema do sexo e as referências às relações conjugais. A autora ressalta que, entre os mineiros da Copelmi, em Charqueadas, essas brincadeiras ocorriam apenas entre os trabalhadores casados, já que envolviam uma reciprocidade na oferta das próprias mulheres como tema de conversas nas quais os solteiros não poderiam estabelecer a contrapartida. (ECKERT, 1985, p.374)

Em Minas do Leão, as brincadeiras seguiam a mesma temática, mas verifico que a inclusão ou não de solteiros era relativa, dependia se o companheiro solteiro era “passado” ou não, como explica Jango:

Tudo participava, a gente dependia assim da confiança da pessoa, né. Se eu, por exemplo, era casado, tinha um cara solteiro ali, mas não era passado... tu entende? Ele não era passado, ele não... não vinha...

²⁷ Sugiro a leitura de Linhart, Robert (1978), que oferece uma bela descrição da resistência do corpo do trabalhador ao ritmo da linha de montagem, particularmente às pp. 14-15.

²⁸ Cf. Duarte (1987), p.194-195.

com a tua família, a tua mulher, tu até dava às vez um pouquinho assim de... uma brincadeira. Mas se tu visse que ele era... passado, né, e ele era um cara solteiro, nós... ele ficava de lado, né. Ficava de lado. Chegava assim, nós: “Ô fulano, isso não é legal prá ti”. Dava um corte nele, né. “Ah, tu é um cara solteiro, isso não é...” E outros até que a gente queria bem, que eram pessoas assim de mais confiança, a gente não dava muita bola. (Jango)

As brincadeiras, envolvendo o uso de palavrões e xingamentos, faziam sentido na rotina do subsolo, mas não poderiam ser levadas para a superfície²⁹, conforme explica Jango.

Nós saía aqui na rua, nós era outras pessoas. Lá embaixo, no subsolo, nós era um tipo de gente, pela franqueza, pelo serviço corriqueiro, né. Agora, aqui em cima era muito diferente. Alguns outros até como é que eu vou dizer assim... mais sem experiência da coisa, mais... até no futebol eles saíam com alguma besteira. Agora, eu não, se subia, eu tava aqui em cima, encontrava meus colega, era outra maneira, né. Não tinha aquele negócio... não tinha palavrão. (Jango)

Interessa-me, particularmente, essa espécie de metamorfose que devia ser vivida pelo mineiro durante a passagem do trabalho no subsolo à vida na superfície. Como Jango acentua, só os sem experiência é que não sabiam respeitar essas divisões, do comportamento adequado dentro e fora da mina.

Os apelidos funcionam como uma espécie de batismo para o ingresso no mundo do subsolo, por meio do qual ganha-se uma identidade de mineiro. É raro o trabalhador que não tenha pelo menos um cognome. Os mineiros dizem que a alcunha “pega” quando a pessoa não gosta. “Quando a pessoa não dá bola pro apelido, o apelido não pega”, afirma um trabalhador. Ou ainda: “Se embrabecia, aí que o apelido pegava”, como diz outro. Entre os apelidos, estavam Pata Branca (devido a uns tênis brancos), Galo Amarelo (deu um galão desta cor ao chefe), Carneiro, Bode, Mosquito, Queixinho, Careca (devido a conformações físicas), Divino (do nome, Valdevino), Carção (usava um calção muito grande), Zangão, Sereno (por causa do temperamento), Coró (do nome, Clóvis), Lebre, Cachorro Sentado (pela postura corporal), Geometria (quando havia uma máquina com defeito, dizia: “é a geometria”).

²⁹ Volpato (1982, p.368) afirma, igualmente, que embaixo da mina havia brincadeiras, humor e relações jocosas, mas na superfície esse comportamento ficava para trás.

Funcionário da CRM e filho de mineiro aposentado, Eron é um observador da cultura da mina: “*O mineiro em si é muito malandro, tem uma malandragem inata, a rapidez com que cria histórias é impressionante*”. Tendo atuado por seis no setor de topografia no subsolo, ele aprendeu a conviver e a driblar, por vezes, as “*brincadeiras pesadas*” que faziam parte da rotina dos trabalhadores nas galerias.

Minha condição de mulher, por certo, inibe que o conteúdo e a forma de muitas jocosidades feitas no universo da mina sejam reveladas, assim como determinados apelidos, “*que não dá nem prá falar*”, como dizem os mineiros. Quando perguntei a Zé Pretinho sobre o tipo de brincadeiras que ocorria no subsolo, ele saiu-se assim: “*A nossa brincadeira.... a nossa brincadeira morre lá embaixo. Fizemo ali e fica ali*”, enunciando uma espécie de “código de honra” desse fechado mundo masculino. Em geral, eram as próprias mulheres de mineiros que acabavam revelando os temas prediletos das brincadeiras dos maridos.

Eles gostam de brincar com a mulher dos outros. Passavam um pelo outro: ‘ò, vai ver se tua cama ainda está quente! Acabei de sair de lá’. Esse tipo de brincadeira³⁰. (Dona Odete)

Outro informante menciona a mesma temática.

Ah, era só bobajada... Só bobajada... (risos). Era só isso aí que saía debaixo da mina! Era um implicando com a muié do outro. O assunto era esse debaixo da mina. (risos) Não tinha outra coisa. Tinha algum que pegava e dizia assim: ‘Óia, deixei dez pila lá, debaixo do teu travesseiro prá ti lá’. (Seu Bega)

O mineiro Luiz resume assim a cultura jocosa dos trabalhadores no subsolo:

Isso aí...o mineiro é a coisa mais bagaceira que tem. Falar da vida da... falar da própria mulher, em casa, quieta, a miserável. A gente falava da vida uns dos outros, né. Isso aí é normal. Corno, embaixo da mina, isso aí era moda. (risos) Isso aí... báh! Apesar de que tinha uns cornos mesmo, que aceitavam ser corno, mas a gente levava na esportiva. (risos) Peão de construção civil, mineiro, isso aí é as raças mais à toa que tem. O que tu acha... tá lá abaixo do chão, quase 200 metros abaixo do chão, só tem que falar da vida alheia mesmo, né. (Luiz)

Um tipo de brincadeira bastante referido pelos depoimentos são as “tundas de casca”, nas quais se alternavam os papéis de agressor e vítima, numa espécie de duelo no qual se lançava mão de cascas de eucalipto, usado para sustentação do teto no

³⁰ Uma brincadeira similar é relatada por Eckert (1985) sobre mineiros de Charqueadas.

subsolo. Às vezes, ocorria de um homem esconder-se nos labirintos das galerias para evitar os ataques de um companheiro que podiam deixar o corpo lanhado. Numa distração qualquer, era surpreendido. O agredido deveria planejar, por sua vez, uma ofensiva, inesperada e vingadora, como à saída do elevador, por exemplo. Esse circuito da brincadeira, como jogos lúdicos³¹, fazia um trabalho penoso converter-se em divertimento no cotidiano dos mineiros.

A gente nunca via dificuldades por causa disso aí (as brincadeiras), né. Por causa que tava sempre de brincadeira, inclusive volta e meia uns davam uma tunda no outro. (Zé Cabeça)

O mineiro Jango, ao descrever esses embates, utiliza as expressões de “peleias”, “brigas”, remetendo-nos a um imaginário sobre o ideal masculinidade presente neste universo, já referido antes, o de homens e combatentes, que exercitavam a força física tanto na lida como nos jogos lúdicos que permeavam o espaço do trabalho. Mesmo quando as brincadeiras extrapolavam, provocando ferimentos, a cumplicidade mantinha-as ocultas das chefias.

Quando nós se encontrava no rial, tinha que brigar um pouco. Ali, todos os dias, tinha uma peleia, né. (P – Chegavam a se machucar?) Se machucava. Uma vez... o rapaz veio com um metro, o metro é um sarrafinho de medir a madeira lá, e aí fomo brigá e aí ele deu aquele sarrafinho em nós, nós levava um cabo de picareta, demo no dedo dele e quebramo (risos). (...) Mas ficava tudo...O cara que saiu com o dedo quebrado chegou lá e disse que foi um pau que apertou e nem disse que foi nós. (Jango)

Outras brincadeiras comuns envolviam o roubo de comida ou “sacanagens” como a colocação de um rato dentro da sacola do companheiro, de óleo queimado nos sapatos, a prática de urinar dentro do capacete do colega, de amarrar de tal forma e com tal força a perna da calça de outro trabalhador que este não conseguisse desfazer o nó para vesti-la tendo que sair para a rua apenas de calção em pleno inverno.

Seu Valdevino tem uma coleção de histórias deste tipo para contar.

Me fizeram uma no Alencastro. Levei café com pão. Um companheiro pegou graxa patente e passou no pão tipo margarina. Fui morder e

³¹ Sugiro a leitura de Huizinga, Johan, sobre a natureza e o significado do jogo, em que o refere-se ao jogo como “uma evasão da vida ‘real’”, no qual, assim como na festa, predomina a alegria. Ver pp. 10 e 25.

saiu aquele cheiro. (...) Fizemo as sacanagens, mas damos risada junto. Os colega repartiram o pão comigo. (Seu Valdevino)

Ele deu o troco. Aproveitou-se que os mineiros tinham que ir a pé para casa. O tal colega de quem ele suspeitava, o Canhoto, “*vinha arrumado, era casado com uma professora*”. “*Ah, hoje tu me paga*”, pensou. Subiu ligeiro para a superfície para ver se havia alguém por perto, pegou óleo queimado e despejou no sapato dele. “*Duas colheres em cada um*”. Ele conta que o companheiro queria tomar banho antes que os outros. Quando saiu, pegou os sapatos e gritou: “*Mas um desgraçado....*” Por fim, jogou os sapatos fora e voltou descalço para casa.

O velho mineiro acha que, no seu tempo de mina, tinha brincadeira “*sadia*”. Hoje, acredita que diminuiu esse tipo de jocosidade, porque a chefia já ameaça “*botar no gancho*”. E já lembra de outra história. Disse para um companheiro: “*Tu, que é mais novo, vai buscar a ferramenta*”. Essa ferramenta era o prumo, uma madeira de dois metros. O colega foi, deixando ali a cesta, o lampião e o capacete. Quando saiu, Seu Valdevino urinou dentro do capacete dele. Quando o mineiro voltou, vestiu o capacete e foi aquela gargalhada geral. Ele tomou a precaução de se afastar por uma outra galeria para despistar. Mais tarde se reencontraram. Alguém disse: “*Foi sacanagem do Divino*”. Sem acreditar, o atingido acabou defendendo-o. “*O Divino eu sei que não foi, porque ele veio do outro lado*”. Depois de uns dias, ele confessou a “*sacanagem*”.

Jango, também chamado de Ximia, era um dos mineiros mais dispostos à brincadeira. Chegou a criar fama. Um dos filhos, presente à entrevista, que ficou apelidado de “*Ximiazinha*”, disse-me que, em sua atividade profissional, como vigilante do posto bancário, volta e meia é abordado por mineiros aposentados: “*Báh, o teu pai era o mineiro mais sem-vergonha debaixo da mina. Tinha que fazer uma estátua prá ele, tinha que fazer uma estátua.*” O velho mineiro ri dessa “*fama*”.

Lá embaixo da mina era... nós dançava. Olha aqui ò... eu dançava até com a minha pá de encher carro, eu dançava debaixo da mina. Às vez, dançava pelado. Aqui ò: nós suava tanto (...), nós se assava todos, então nós cortava assim o fundo, o fundilho do calção, né, então nós ficava de sainha, né. (risos) Lembro que eu chegava lá, um monte de gente lá, né, ficar sentado ficava de mau jeito (risos), então, eu segurava na minha saia e vari-fum, eu gostava da brincadeira, da molecagem. (...) Eu cantava embaixo da mina, eu dançava, eu trovava... (Jango)

Em meio às condições sacrificantes de trabalho, os jogos lúdicos transgrediam os papéis fixados para o masculino e o feminino. Tornando seu calção uma “*sainha*”, o mineiro zombava ao mesmo tempo em que exibia a condição de homem, com a exposição do corpo, na performance da dança em que personalizava uma ferramenta de trabalho (a pá), tornando-a parceira na coreografia de um vanerão imaginado.

6.5.1 O carrasco da mina

Havia uma outra prática que chama a atenção pela riqueza de significados que dela emergem. É a brincadeira do “carrasco da mina”, aplicada por um grupo sobre um colega. A coisa começava com ameaças verbais, que em geral eram desprezadas pela “vítima” em potencial. A situação mudava de figura quando esse mineiro era agarrado por dois ou três homens e levado a locais mais escuros nas galerias. Mantido imobilizado pela força dos companheiros, tinha seu calção abaixado por estes, enquanto o “carrasco da mina” ameaçava cortar seus órgãos genitais com uma faca azul (a cor da faca também nos remete a uma simbólica masculina).

A “brincadeira” durava o tempo suficiente para dar o tom de realidade e apavorar o que sofria a ameaça. Esse “ritual de castração” envolve nitidamente a evocação de um medo ancestral masculino, a partir de uma agressão verbal e física, que provocava sofrimento na “vítima” e divertimento por parte dos ameaçadores. Como dissemos, o significado desse ritual nos parece extremamente rico e complexo. Vamos deixar Seu Adão e Dona Hilda contarem a história:

- *Nós brincava, assim, judiava uns dos outros. Uns se agarrava, então o outro era o carrasco - diz seu Adão.*
- *O outro que se chama Adão Rocha era o carrasco... A faquinha tá até em casa ainda - completa a mulher dele, Dona Hilda.*
- *Não, lá a gente brincava, báh! - desconversa o mineiro.*
- *Ah, conta meu marido. É tão engraçadinho... - diz a mulher, rindo.*
- *A brincadeira, então, tinha os agarrado, outros era... - continua, hesitante, o mineiro.*
- *Eles tiravam a roupa dos coitado, os calções dos mineiros - esclarece Dona Hilda.*
- *Não, um dizia assim: “Agora tu vai vê, tu não vai botá cria ruim”. E aquele gritava, pensava que era verdade, que a gente ia fazê aquilo de verdade. Mas era só brincadeira... - continua Seu Adão.*
- **Mas vocês ameaçavam fazer o quê? Castrar?** – pergunto.

- *É, com uma faquinha – concorda ele.*
- *É, decapitar. Com uma faquinha dele mesmo – confirma a mulher.*
- *É, já pensou: o cara agarrado, o outro com uma faca na mão, aquele outro tava apavorado – resume o mineiro.*
- **Era para mineiro novo?** – tento saber.
- *Não, tudo era mineiro velho – responde.*
- **E as pessoas se assustavam ?**
- *Se assustavam. Achavam que era verdade. Nós começava ali, de molecage, né. A gente tinha aquele costume, tudo “Negrão”. A gente tava tudo preto de carvão ali. “Ô, Negão, que eu vô te pegá, vô fazê isso e aquilo”, “Ô, Fulano, tu me ajuda”. “Não, óia, deixa que nós seguremo”. Então, era ali onde formava, né. E aquele duvidava, quando via, tava conversando, vamos supor, comigo, que era o da faca, né. Quando via, os outro agarravam ele. E aí se mexer que jeito, né. “E agora, tu vai vê”, com a faca. E aquele gritava: “Pelo amor de Deus, não faz isso comigo”. Era só uma brincadeira – finaliza.*

Jango, outro participante, explica que o alvo eram os companheiros que gostavam de “se gabar”, de contar vantagens.

Sabe, embaixo da mina tem aquelas pessoa assim, mais vantajosas, de contar coisas, né, de se gabar. Então, o cara começava a se gabar, né, e nós pegava o cara, atava, nós atava, e “agora eu vô te castrar”, né, isso aí acontecia. E atava, atava mesmo na mina, na madeira. (...) Aqueles mais vantajoso, mais gavola, mais... sempre tem, né. Então, nós agarrava e inventava fazer isso aí: “Agora, tu não vai mais... Não vai mais acontecê contigo”. Então, nós fazia esse tipo de coisa. (Jango)

Eu mencionava antes que, no universo da mina, estão em jogo determinadas representações sobre a masculinidade e sobre as características necessárias para o trabalho no subsolo, como coragem, força física e capacidade para resistir a um combate com a natureza. A concepção de masculinidade dominante também remete a homens com larga disposição para tratar de temas relativos ao sexo, correspondendo a uma imagem de um determinado desempenho nesse campo. Interpreto essa afirmação de força presente no ritual como uma violência simbólica que faz crescer o poder do ameaçador, tornando-o “mais homem” em detrimento da perda de masculinidade envolvida na sujeição de quem é tocado, segurado, humilhado. Por ser imobilizado e forçado a exibir sua intimidade corporal, o mineiro que sofria a ameaça tinha seu poder diminuído, anulado. Ainda que a ameaça não se confirmasse, era levada a efeito uma castração simbólica (entendida como a anulação do poder do outro).

Da mesma forma como os duelos verbais que envolvem um “outro”, a quem se atribui o papel de “veado” ou “corno”, tendem a aumentar a imagem de virilidade do provocador, também o ato de desnudar o companheiro e de tocar em seus genitais (que seria feito com o objetivo de tornar mais verossímil a ameaça) configura um acréscimo da masculinidade do ameaçador e um decréscimo do que está submetido ao ritual. Pode-se perguntar que sentidos envolve essa dramatização em torno da castração. Seria uma forma de enunciar e reter o próprio medo da castração? Na psicanálise, há um longo esforço para compreender o tema. Mas não são só os dossiês clínicos que se ocupam dele. De acordo com Delumeau, também a mitologia e a história confirmam o medo da castração no homem³². (DELUMEAU, 1989, p.313)

Tratar-se-ia de uma metáfora da impotência do trabalhador sujeito a um destino que não lhe pertence, que é comandado pela companhia, pelo capital? Talvez ambas as interpretações estejam corretas. Na fala dos mineiros, é somente “uma brincadeira”, difícil de ser contada, pelo constrangimento de se falar do tema a uma pesquisadora mulher, e mais difícil ainda de ser analisada. No silêncio, resta um caldeirão de significados. Parece-me que deixar a pergunta em aberto é mais proveitoso – pelos *insights* permitidos ao leitor – do que estabelecer a existência de *um* sentido.

Da mesma forma como constatou Duarte (1987) entre os pescadores, as brincadeiras entre os mineiros estão fundadas sobre “o que é ser homem”, “viril” e seus “contrários”, o veado e o corno.

As nossas brincadeira lá saía muito palavrão, né. Porque lá permanecia num ambiente só homem, né. O mineiro já é uma classe assim bagaceira, né. (...) Corno, isso aí é uma palavra tão normal... na boca do mineiro, evidente, na brincadeira, na confiança, na amizade. Isso aí... corno em boca de mineiro é palavra que ninguém dá bola, ninguém leva a sério (...). Viado, isso aí... ninguém dá bola prá isso aí. (Julietta – Um mineiro dizia pro outro: “Deixei a tua cama quente”) Não, isso aí era uma vergonha, né, tchê! Mineiro é a classe mais ordinária. Mas é a classe mais unida que tem. (Jango)

Nesse ambiente em que havia “só homem”, como ele refere, as palavras como “corno” e “viado” não provocavam o efeito que teriam se ditas na superfície. Por isso, era “normal”, fazia parte dessa cultura essas atribuições ou xingamentos, de forma que a

³² Conforme Delumeau (1989, p.313), há mais de 300 versões do mito sobre castração, envolvendo a vagina dentada, entre os índios da América do Norte. Esse mito é reencontrado na Índia, com outra versão. Ali, a vagina não tem dentes, mas está cheia de serpentes.

maioria dos trabalhadores não se importava e não adotava desconfianças em relação à mulher em função desse tratamento. No entanto, eventualmente, podia gerar mal-entendidos e conseqüências na vida familiar.

Uma vez tinha um mineiro que trabalhava com nós, ele era muito ciumento. Aí o cara disse assim prá ele: ‘Cheguei lá na tua casa e deixei ela (a mulher) com uma carcinha cor-de-rosa...’. E não é que o mineiro chegou e deu uma tunda na mulher, achou que... Deu acauso que tinha mesmo (a calcinha rosa), ele embrabeceu e deu na mulher. Mas o cara não era bem certo da cabeça. Aí (depois) o cara disse prá ele: ”Não, isso é brincadeira! Não sei o que que tem, vai dá na muié...”. (Seu Adão Souza)

Nesse caso, Seu Adão acrescenta que o mineiro que bateu na mulher “*não era bem certo da cabeça*” por ter levado a sério o que era uma brincadeira.

6.5.2 Mais mineiro, menos mineiro

Nesse universo é forte a representação de que “mineiro de verdade” é aquele que trabalha brincando. Para sustentar algumas brincadeiras, esses homens eram capazes de fazer o trabalho do outro, dobrar seu esforço para manter a produção. Vemos em vários depoimentos que a mina é considerada um “outro mundo”, um lugar em que, devido à constância dos riscos não é possível “*levar tudo a ponto de faca*”. Pelo fato de os trabalhadores ficarem isolados ali, fechados entre si, essa descontração aparece como necessária para evitar que a tensão tome conta.

A gente não tem outro assunto a não ser a mina e os companheiro, os colega. Aí surge as brincadeira prá passar o tempo. Porque se a gente vai ficá quieto embaixo de uma mina, né, sério, levando tudo a ponta de faca, a gente se preocupa. Aí vai começá a se preocupar, porque tudo que a gente vai olhá, vai vê: “isso vai cair”. (Zecão)

As falas estabelecem um contraste entre o mundo da superfície, que se abre a outras interações, e o mundo do subsolo, um universo fechado, isolado, hermético. Mesmo para as mulheres de mineiros que nunca “baixaram” à mina, as galerias subterrâneas aparecem em sua imaginação de forma emblemática, a partir dos relatos ouvidos dos maridos e familiares no cotidiano, com a explicitação desse “outro lugar”. Quando pergunto a um mineiro aposentado se ele se preocupava com o perigo de

acidentes enquanto trabalhava, ele responde que trabalhou mais de 20 anos na mina de Leão I e nunca pensou nisso.

Por que a gente fazia sacanagem, brincava, sempre entrava brincando? Se for pensar isso aí, não trabalha lá. (...) Imagina a gente baixar um poço daquele ali. A gente não sabe de que jeito vai sair de lá. Se baixá, não sabe se vai sair... De que jeito vai sair de lá. (Zé Pretinho)

As histórias sobre o humor na mina são contadas e re-contadas na comunidade, integrando uma cultura e um modo de viver peculiar. Todas as mulheres com quem conversei tinham conhecimento sobre essa interação masculina, considerando, inclusive, que esse clima de camaradagem ajudava a descontrair e a integrar os trabalhadores. Assim disse-me Dona Lúcia:

Até essas brincadeiras deles era bom porque eles gostavam de trabalhar, porque eles se encontravam e não era só serviço. Tavam sempre trabalhando, mas... brincando. Então, eles se tornaram muito amigos. (Dona Lúcia)

Muitas brincadeiras, mais recentemente proibidas pelas chefias sob a justificativa de que causavam risco à segurança do trabalho, eram uma forma de reduzir a tensão da rotina perigosa da mina, de tornar mais aceitável o ambiente hostil e a monotonia do trabalho, como afirma Leite Lopes (1988), ao referir-se à existência de um clima de “reinvenção criativa” na fábrica. Para os mineiros de Minas do Leão, esse clima fazia fluir o trabalho.

Entendo que a transmissão da cultura desses jogos interativos integra a identidade do mineiro e é inseparável do ofício. Zecão contava-me que o hábito da brincadeira já existia desde “o tempo do pai”.

A vida de mineiro é assim, trabalha brincando. Que a pessoa que se estressa, que quer levar a vida assim ò... séria.... na ponta dos cascos, como se diz, não se sente bem, acho que não deve se sentir bem embaixo da mina. Acho até que nem vive.... nem vive bem junto com os mineiros. (Zecão)

No discurso de Zecão, percebo um elemento curioso: o de que a pessoa que quer levar a vida a sério não se sente bem embaixo da mina, “nem vive bem junto com os mineiros”. Ou seja, é menos mineiro, não é um mineiro “de verdade”, numa alusão a

que essa forma de encarar a vida e o trabalho é parte da identidade do trabalhador. Essa característica faria falta àqueles que trabalhavam na mina, mas não eram mineiros.

Em, geral, as chefias faziam vistas grossas a essas práticas, como observa Leite Lopes (1988, p.85). Essa aceitação tácita por parte da hierarquia aparece na fala de trabalhadores de Minas do Leão.

As brincadeira da mina, até a própria chefia sabia considerar essa parte porque eles viam o nosso esforço, eles viam o nosso trabalho. Eles sabiam que acontecia isso aí debaixo da mina, lá no subsolo e não faziam nada prá ninguém, faziam que não viam, porque eles sabiam que aquelas seis hora lá era sacrificante. E nós levava a vida brincando mesmo. (Jango)

Segundo ele, este comportamento “nunca atrapalhou a produção, porque a gente sempre tinha hora”. Relata que quando a hierarquia entendia que havia algum excesso, intervinha. Numa ocasião, um engenheiro solicitou a um encarregado que separasse Jango de um colega porque formavam uma dupla que “aprontava”.

Zé Pretinho comenta que “quando entrou o pessoal da segurança”, os trabalhadores tinham que “se cuidar mais” para brincar. As “brincadeiras brutas”, como as tundas de casca, foram interrompidas. O adjetivo que ele adota nos remete à idéia do corpo-a-corpo que o mineiro enfrenta com a natureza. Oniro, presidente do sindicato dos mineiros, conta que a cultura das brincadeiras é realidade também nas minas a céu aberto, como as da Copelmi. Segundo ele, isso “sempre existiu”. Ressalta que a segurança tem sido mais rígida desde o final dos anos 90, quando a brincadeira passou a ser considerada “um ato de risco”.

Logo que eu peguei na mina, era brincadeira direto. Era brincadeira de soco, era de tapa, de pedaço de correia... Na CRM, que era debaixo da mina, no subsolo, era descascada a madeira, saía aquela.... umas talas de casca de eucalipto e aquilo ali era usado como ferramenta ... O mais importante disso tudo aí é que brincavam, se machucavam, mas ninguém entregava ninguém. (Oniro)

Já mencionávamos antes que um dos valores considerados primordiais para o mineiro de subsolo era a “lealdade” com os companheiros, valor que também tem a conotação de “cumplicidade”. Mesmo os trabalhadores que não partilhavam do gosto da brincadeira, os “menos mineiros”, em geral não rompiam com o código do segredo.

6.6 Nuanças de um discurso sobre o medo

Entre os trabalhadores de Minas do Leão, os discursos sobre o medo são, em geral, para negá-lo ou para circunstanciar e limitar seu aparecimento. Há informantes que dizem não ter sentido medo na mina, os que o sentiram somente na primeira vez em que desceram ao subsolo, e os cujo medo revelou-se numa situação extrema de perigo.

Eu nunca, nunca conheci medo comigo assim. Só quando eu via que havia perigo embaixo da mina eu não ia. E a gente, depois, não era obrigado a ir, porque a própria segurança (da empresa) mesmo não permitia. Apesar de que a gente, quando trabalhava na produção, a gente enfrentava sempre se tinha perigo. A gente tinha que ir, porque tinha que defender o dia, né, a gente enfrentava. (Seu Hermes)

Para “*defender o dia*”, Seu Hermes revela que era preciso enfrentar o perigo. Seu Adão Souza também garante que “*não tinha medo*”. A ausência de receio, segundo ele, pode estar ligada ao fato de que era “*novo*”, “*não era nervoso, nem nada*”. Acostumou-se com o trabalho a tal ponto que ficava feliz em sair para a mina. Outros trabalhadores revelam ter sentido temor da mina na primeira vez em que desceram ao subsolo.

Quando embarcava ali (...) prá descê lá a primeira vez.... Báh, me deu um pavor assim... Deu até parece falta de ar assim... Acho que estado de nervos, acho que a gente já tava. Primeira vez....Depois, no segundo dia, normal. Mas aquele primeiro dia, assim, deu um pavor tremendo. (...) Depois foi normal. Mas a primeira vez que eu baixei à mina foi a coisa mais horrível. Mas mais acho que era estado nervoso da gente. (Seu Adão Rocha)

O “estado nervoso”, que nos remete ao estudo de Duarte (1986), é mencionado para explicar o pavor que surge na primeira descida à mina subterrânea.. No segundo dia de trabalho no subsolo, segundo ele frisa, foi “normal”. A persistência desse “estado de nervos” é que poderia comprometer as representações sobre o homem e trabalhador, que não se rende a essas fraquezas, mas propícias aos doentes e às mulheres. Mas a que se dirige o medo na mina? O medo da morte e do acidente é o mais evidente. Há também o receio do escuro da mina, o de perder-se nas galerias quando essas assemelham-se a um labirinto³³. Para alguns, quase sempre “os outros”, há o temor de uma volta dos colegas mortos que se confunde com o pavor provocado pelo aparecimento de fantasmas, de vozes e gemidos nas galerias. Há um tipo de brincadeiras

³³ Uma das imagens de Bachelard (2001) sobre o imaginário que envolve o homem e a terra.

praticado no subsolo que explora a existência do receio da fantasmagoria da mina, mas ainda assim desafia a existência de maior ou menor masculinidade dos companheiros para enfrentar o temor. Encontro ainda nos discursos o medo de exhibir o próprio medo. Entre aqueles que falam sobre o medo, são raros os que se demoram em sua descrição.

Zecão refere-se a uma experiência que o “apavorou”. Mas relata que foi “*a única vez*” que teve medo na mina. Trabalhava na topografia e naquele momento estava sozinho na galeria subterrânea. Lembra-se que passou por cima de um caimento que estava no chão, mas naquele momento “*o teto estralou*”, sinalizando o perigo iminente.

Quando eu voltei, o teto estralou e cedeu, tu via que balançava prá cair. E aí eu tinha que ir pro fundo, cada vez eu ia mais pro fundo, que eu olhava pra uma galeria assim prá mim passá prá um travessão, que era... tipo duas rua com os travessão assim de rua, que passava de uma prá outra. Aquilo tava tudo caído e eu fui indo: travessão B, travessão C, travessão D, e fui indo cada vez pro fundo e cada vez piorando mais. E aí eu me vi sozinho no escuro, e aqui tudo prá trás tudo caído, que eu pensei assim: “Báh, será que eu vou...?” E ninguém me viu entrar lá. (...) Se alguém me visse, eu tava tranqüilo porque eu dizia assim “alguém me viu”, “se eu ficá enterrado aqui, alguém vai dizê assim ò: ele tá tá”. (...) Aí foi aonde que eu passei por cima de um caimento que tinha, né (...) que aí eu voltei prá aquela galeria. Eu fui pela dois e voltei pela três assim. Consegui voltar por aquela onde eu saí assim. Quando eu saí lá nas máquina de novo, respirei fundo. (Zecão)

Nesta narrativa, o medo aparece numa situação em que o trabalhador está sozinho numa galeria em que já ocorreu um desabamento e vive o pânico de sentir o temível estalido do teto, que prenuncia o desabamento. Outro mineiro que fala naturalmente sobre seus temores é Jango. Ele revela que teve muito medo de morrer na mina.

Em primeiro lugar, eu tive medo de morrer na mina porque... quando os meus filhos eram pequenos, né. Eu tava criando a minha família e tinha muito medo de morrer, deixar eles pequeninhos. Em segundo lugar, outra coisa que eu tinha muito medo assim... quando eu perdia um colega naquele setor. Passava ali 15, 20 dias com sestro, com nervosismo, né. Sei lá, estado nervoso... Então, nós tinha... eu tinha medo, às vez, no início, de passar ali. Parece que ia enxergar aquela pessoa, pessoa que a gente considerava, né, queria bem. Então, eu tinha medo. Acidente eu tinha medo. Eu tive muito medo da mina. Eu venci meu tempo na mina porque eu precisava muito, senão eu não vencia. (Jango)

Recorda-se que, nos primeiros tempos, o elevador, a “gaiola”, não tinha as laterais e isto também era motivo para receio .

Subia oito, dez homem em cima daquilo ali, que inclusive perdemo colega de serviço em cima daquele...Eu tinha muito medo. Eu, sempre quando embarcava, ia bem pro centro daquele... tinha medo de alguém me empurrar e eu morrer, né. Eu senti muito medo da mina. (Jango)

Jango é um dos poucos trabalhadores que desfia em seu discurso todos os sentimentos que viveu na mina. A maior parte dos relatos que escutei negam a presença do medo, deslocando-o para “outros”. No entanto, à medida em que as entrevistas se sucedem, com o mesmo ou diferentes informantes, percebe-se que há que se retirar camadas que se depositam sobre a existência do medo. Ouvi um mineiro contar que “não conheceu medo na mina”, mas que outrora já foi assaltado pelo pavor de uma aparição no escuro da noite nos arrabaldes da cidade. Entendo que essas camadas que ocultam o medo estão ligadas às representações sociais sobre o que é ser homem nesta comunidade, como abordamos antes. A crença num destino é outra razão para não sentir medo, como o diz Tita.

Nunca tive esse medo de acontecer. Nunca tive. Porque eu acho que... se tiver que acontecer alguma coisa com a gente, a gente (...) não vai fugir, não adianta, vai acontecer em qualquer lugar. Nunca tive esse medo assim: “Ah, tu não vai que vai te acontecer”. (Tita)

A representação de destino presente nessa fala é de algo do qual não se pode fugir, porque “*se tiver que acontecer alguma coisa...*”, “*vai acontecer em qualquer lugar*”. Então, trata-se de uma força externa que determina a hora da morte, diante da qual o medo é inútil, perde o sentido, porque não modifica o curso das coisas.

Identifiquei em alguns relatos o medo vinculado ao escuro dos subterrâneos e, indiretamente, à fantasmagoria da mina. Neste trecho do depoimento de Zecão, aparece o deserto, a solidão da mina como sendo os momentos em que ela se torna mais ameaçadora, como se da escuridão, depois de apagadas as luzes, pudessem surgir braços, garras, prontas para agarrar e engolir o mineiro.

É incrível, eu mesmo não tenho medo de trabalhar embaixo da mina, gosto. Agora, se eu ir pro fundo da mina, que nem já tive várias vezes, tive que ir lá porque esquecia de alguma coisa, trabalhava na

elétrica, pegá o jipe. Quando eu tava indo pro fundo da mina, eu não tinha preocupação nenhuma. (...) Quando eu fazia a volta do dia, que voltava, que aí que não tinha nem uma alma viva prá trás.... (Adão Rocha - Dava um pavor?) Eu dirigia olhando prá trás que parecia que alguém tava atrás de mim, já assim em cima do jipe. Assim, ò... ia me agarrá assim (leva as mãos ao pescoço), sempre. (...) Ainda mais quando vinha a pé. (...) Era a única hora em que, sei eu, quando eu tinha medo, era quando não tinha ninguém prá trás. (Zecão)

Chama a atenção em sua narrativa o fato de que o medo surgia na ausência de outros colegas de trabalho, ao término do turno, como se a mina pudesse encobrir em suas sombras outros perigos, abrigar outros seres, estranhos e ameaçadores, surgidos da escuridão das galerias desertas. Vejamos essa frase: “(Quando)... não tinha mais ninguém lá no fundo da mina, sei eu, parecia que tinha alguém acompanhando a gente”. Ou seja, ainda havia, ou aí surgia “alguém” que não era do mundo dos vivos, já que “não tinha nem uma alma viva prá trás”. Lembramo-nos do conhecido adágio: “O morto agarra o vivo”³⁴, cuja crença sobrevive em nossas profundezas. Conforme Rodrigues (1983), o “medo dos mortos vem se adicionar ao medo da morte”. (RODRIGUES, 1983, p.161). O autor menciona a multiplicação de estórias fantásticas sobre pessoas falecidas que reaparecem para ajustar suas contas com os vivos.

Em Minas do Leão, identifico ainda o temor que surge após um “trauma” como o acidente e a morte na mina, já referido antes por Jango. O ex-mineiro e atual vereador Negrinho conta que, depois de um acidente, levou muito tempo até conseguir “encarar o subsolo com naturalidade”.

Em si, a escuridão da mina já traz um certo pavor, né. Quanto mais quando ocorrer algum caso dessa natureza aí que a gente sabe que uma pessoa, um colega de trabalho, perdeu a vida ali. A gente fica meio seestroso nos primeiros tempos, mas depois se normaliza e se toca a vida... (Negrinho)

6.7 A vida nas mãos do destino

Zé Pretinho lembra-se de um colega que chegou para trabalhar e, ao ver “o jeito” da boca do poço, desistiu de ser mineiro. Ele diz que “a gente vai ver o perigo quando tá lá embaixo”. Acredita que “se for o destino de Deus”, não há o que fazer,

³⁴ Citado por Delumeau (1989), p.85.

mas acha que muitos acidentes que poderiam ser evitados. A mesma percepção é expressa por Seu Adão Rocha:

Era muito caso fatal que acontecia na mina. De vez em quando: ‘Ah., morreu fulano na mina’. Às veiz, um descuido, às veiz, como diz, tem que acontecer. Mas a maioria é descuido. (Seu Adão Rocha)

Alguns acidentes pertencem à categoria dos que “*tem que acontecer*”, afirma, enunciando a subordinação humana a forças externas, ao *destino*. Há, também, os que ocorrem por “*descuido*”, em situações em que o trabalhador queria produzir mais para aumentar o seu ordenado e descuidava da segurança. A consciência do risco vivido na mina é enfatizada em vários relatos.

Que a mina é perigosa, é perigosa, porque... vê uma coisa: baixar 123 metros debaixo do... e andar por lá que nem....Então, ninguém sabe se (o teto) vai cair prá cá, prá frente ou prá trás, então pode acontecer. (Zé Cabeça)

Jango enfatiza que “*a mina sempre foi um setor muito perigoso*”, um local de trabalho no qual durante muito tempo não havia nenhuma segurança. Calcula que tenha perdido, numa certa época, quase que um colega de serviço por mês em acidentes como caimento, choque com eletricidade e outros. Acredita que muitas dessas mortes deveram-se à falta de atenção e de conhecimento. São lembranças que lhe trazem muita tristeza:

Eu perdi vários amigos. Mas amigos mesmo que poderiam ser considerados como irmão, né. Eu ajudei a cavar, a desenterrar de pá um colega de trabalho meu. (...) Deu um desmoronamento em cima dele, eu acho que tava 30 mil quilo de material. E a gente se põe nessa situação: tirar colega morto de trole. Eu sou um sobrevivente. (Jango)

A condição de “sobrevivente” nos remete novamente à guerra particular enfrentada por esses trabalhadores nas entranhas da terra. Nesta batalha com a natureza, os mineiros ficam atentos aos sinais que podem salvar-lhes a vida. Seu Adão Rocha contou que, “*quando viu o perigo de perto*”, resolveu se aposentar. Em seu relato, ele menciona pressentimentos, sinais que avisam do perigo, como a escuta da voz de sua mulher, que estava em casa naquele momento, chamando por ele: “*Marido!*”. Retirou-se para ver de onde saía a voz e pouco depois um desabamento ocorreu justamente no local

onde se encontrava antes. “*Esse foi o primeiro sinal que eu tive*”. Depois, enfrentou de perto outro acidente do qual se salvou por pouco, após o alerta do irmão.

Meu irmão olhô e disse: “Rocha, isso parece que vai cair”. Aí eu agarrei, tirei a perfuratriz assim, olhei: só aquela escuridão. Botei a mão assim e me atirou longe. Caiu, mas aquele mesmo, acho, vácuo, me atirou longe. E eu ia passar ali. Com aquilo ali me deu um pavor, que nunca tinha acontecido aquele sinal comigo. (Seu Adão Rocha)

A sucessão de “*sinais*” fez com que tomasse a decisão de parar de trabalhar, de aposentar-se, pois já contava com tempo de serviço. O medo que o invadiu foi que, caso fossem desrespeitados os avisos, poderia ser atingido fatalmente em um terceiro acidente.

Jango também preferia respeitar os pressentimentos. Em mais de uma ocasião, quando dirigia-se ao trabalho, sentiu que algo de ruim podia lhe acontecer.

Aconteceu comigo, quando eu era mineiro, de eu sair pro serviço e voltá prá casa. (...) Me parece que aquele dia ia ser impróprio prá mim, parecia que ia acontecer alguma coisa comigo. Eu tinha um receio. Me parece assim que eu tinha um aviso assim que eu não fosse... Algo acontecia comigo, né. Aí vinha. Chegava lá e ia no posto de saúde e explicava até pros médico. (Jango)

Nas suas explicações para o médico, de quem solicitava um atestado para faltar ao trabalho naquele dia, estava o “*estado nervoso*” diante da lembrança de “*acidentes terríveis*” a que tinha assistido nas galerias subterrâneas.

“*Se chegá a hora do cara, não adianta*”. Na fala de Seu Adão Souza, está presente a noção de *destino*, mas em sua representação o homem não é completamente impotente diante dele. Precisa fazer a sua parte e cuidar da sua segurança. Aliás, o cuidado de si é condição para que Deus também o ajude. O mineiro aposentado da Copelmi lembra-se de muitas tragédias que presenciou. Em alguns casos, os colegas se salvaram, como neste relato sobre um trabalhador atingido por uma máquina no subsolo: “*Não morreu, mas a perna dele ficou inutilizada, porque atorou tudo, nervo e... ficou só no ossinho*”. Em outro caso, um colega seu de turno foi atingido pelo desabamento de uma laje. “*Dorveli...se salvou. Ficou deformado o rosto tudo, mas se salvou.*” Chama a atenção, particularmente, a descrição em detalhes dos corpos mutilados. Em outro episódio, um desabamento ocorreu no lugar em que havia pouco um mineiro estava trabalhando. Todos pensaram que ele havia ficado soterrado, mas o

trabalhador salvou-se porque tinha ido tomar água. Também neste caso aparece a noção de destino: “*não era a hora dele*”.

6.8 Um cotidiano de tragédias

Numa entrevista, recordo a Seu Valdevino que, quando nos encontramos pela primeira vez, ele mencionou uma história de dois irmãos mineiros que haviam morrido juntos. Ele, então, passa a me contar. Na mina de Alencastro, uma galeria havia sido desativada e passou a produzir gás que, se inalado, podia ser fatal. Nessa firma, trabalhavam quatro irmãos. Três deles estavam no subsolo naquele turno. Um deles, capataz do “*terno*”, inalou o gás, caiu e não conseguiu mais se levantar. “*O Niso caiu!*”, a notícia correu em segundos. Um dos irmãos, Ênio, correu até lá e, também atingido pelo gás, caiu atravessado sobre o irmão. “*Morreu antes. O que caiu primeiro morreu por último*”. Seu Valdevino lembra-se que isso aconteceu em 1964. Ele ainda trabalhava na superfície. Seu Celomar, o concunhado que está presente na entrevista, diz que também se recorda: “*Eu vi quando estavam tirando eles da mina*”. Seu Valdevino dá mais detalhes: “*É doloroso ver dois caixões de irmãos numa sala. O pai deles se lamentando: ‘porque não matou eu e não eles?’. Teve gente que não baixou à mina naqueles dias.*” Pergunto a Seu Valdevino se ele não ficou impressionado. Garante que não. Um dos operários mortos era seu padrinho de crisma.

Mesmo na mina de Leão, durante muito tempo a segurança era tão precária que Seu Leo lembra-se de, em um ano, ter perdido 12 companheiros em acidentes. Quando fala desses episódios, ainda se emociona. Recorda-se que, em 1971, uma pedra de 300 quilos soterrou um companheiro de trabalho. Em 1976, outros dois colegas morreram asfixiados na galeria depois de um incêndio. A lembrança das tragédias que vitimaram amigos e parentes sempre é dolorosa para esses trabalhadores.

Mineiro aposentado, Jango diz que o perigo da mina é “*traíçoeiro*”, usando a imagem de que a mina é uma espécie de “*ratoeira*”. Ele agradece a Deus porque foi “*de muita sorte na mina*”, já que seus acidentes não foram tão graves.

Me escapei assim de morrer por várias vezes por segundos, né. Acho que eu sou um felizardo. (...)Quando tu vê que o perigo às vez é

traíçoeiro. (...) Perdemo vários colegas de serviço por esse motivo, né. A gente chegava num setor de trabalho, olhava assim, tu não imaginava que aquilo ali fosse uma ratoeira. A gente vinha trabalhar, quando via, caía uma pedra, 200 quilo, 500 quilo. É normal na mina. É uma ratoeira. Quando quebrei meu pé na mina... na mesma galeria morreu um colega meu, o falecido Laerte. (Jango)

Seu Hermes refere-se ao tipo de acidente mais conhecido, o caimento ou desmoronamento. Lembra-se da morte de um vizinho num episódio que o marcou muito. “*Foi quando eu vi a coisa feia mesmo*”. Havia me contado que, quando os mineiros chegam no subsolo, em geral tomam um cafezinho antes de começar o trabalho. Recorda-se que estava ali, distraído nesse ritual diário, quando ouviu a notícia de que um “caimento” havia atingido um companheiro.

Ele tava enterrado debaixo do caimento. Aí pegaro as máquina prá destapá ele, e conforme tava tirando, tirando esse material, tava caindo. (...) Foi o único acidente que eu tava presente, que colega meu da hora, assim, do terno, que morreu foi esse. Era o falecido Pedro³⁵. (Seu Hermes)

Enquanto ele conta essa história percebo que tem os olhos marejados, a fala se tranca. “*Até nem gosto muito de conversar sobre isso aí...*”, diz, levando a mão à garganta.

Óia, nesses acidente nosso assim dá mineiro chorando, desenterrando o colega e todo mundo chorando. E é horrível. É... colega assim, não tem quem não chore. Na hora ali, Deus o livre! É horrível! (Seu Hermes)

Depois de contar alguns casos, Seu Hermes faz questão de que eu ouça uma canção tocada por um conjunto de músicos da região carbonífera, que tem filhos de mineiros entre os integrantes. Na melodia, o choro da gaita é como uma metáfora para o choro do mineiro que vê o colega morrer soterrado. “*Esta música conta a nossa vida*”, diz. Enquanto ouvimos, vejo que se esforça para não chorar. Quando os versos estão falando do acidente na mina, ele diz: “*Isso aí a gente enfrenta*”. Assim que a música termina, olho para ele e vejo seus olhos marejados. Comento: “*O senhor se emociona.*” Ele responde: “*É brabo....*”. E é tudo.

³⁵ Mais adiante detalhamos as conseqüências deste acidente na vida da viúva, Dona Zaida, e da filha.

A dor diante da tragédia também é manifesta por Seu Adão Rocha, ao relatar um acidente em que “*pegou fogo na mina*”. Naquele dia, recorda-se que, quando ele baixou à mina, o incêndio já havia começado. Sugeriu aos encarregados levar ao subsolo sacos de areia para construir paredes com o objetivo de abafar a área. Isso porque, com a ventilação, o próprio carvão queima e o fogo se alastra. Não lhe deram ouvidos. “*Aí precisô vir os diretor de Porto Alegre visitá... Ah, é? O fulano deu essa idéia, mas por que não fizeram? Vamo fazê*”. Foi feito um desvio de ar, permitindo que a equipe chegasse até lá. Mas considera que aí a medida foi adotada muito tarde. Os dois mineiros já estavam mortos. “*Não querer ouvir o peão, a idéia do peão. Isso aí acho que é mau*”. Depois de ajudar a apagar o fogo, não quis ver a retirada dos corpos.

Me deu um estado de nervos, aí eu subi. Só vi depois os corpos. Depois que eu fiz tudo, aí me deu um pavor, né. (...)É mesma coisa que perdê um da família, que aquilo ali a gente era irmandade. (...) Quando acontecia um caso daquele ali, bah, é mesmo que perder alguém da família. Deus o livre. (Seu Adão Rocha)

Palco de alegrias e de profundas tristezas, a mina aparece como algo vivo em algumas falas de trabalhadores. Seu Hermes lembra-se de uma ocasião em que sentiu-se mal por respirar o “ar ruim”. Contou-me que, durante a tontura que teve, a “*a mina virou de pata prá cima prá mim, eu frouxei as perna e caí*”, numa referência à uma espécie de “animalidade” da mina. Também a elementos como o ar são atribuídos adjetivos que revelam uma personalização. A referência a “ar bom” diz respeito à normalidade na atmosfera da mina, e “ar ruim” indica a existência de vazamento de gás. Jango conta que os locais da mina onde havia esse gás era inalado ficaram conhecidos como a “*zona da maconha*”, porque os trabalhadores consideravam o ar irrespirável. Ele explica que o que os mineiros chamam de “ar ruim” ou “ar brabo” é um gás carbônico que se forma da própria madeira e da fumaça do explosivo.

Dona Gessi, filha de ex-mineiro, conta uma história bizarra que ouviu do pai, de que antigamente as chefias de uma mineradora escondiam corpos de mineiros mortos para não interromper o trabalho.

Naquele tempo, morria de três, quatro, assim, embaixo da mina, e eles escondiam (...) Aí depois que subia o terno prá cima, eles retiravam os cadáveres, prá baixá o outro terno. O pai contava. Ele chegava e contava que tinha morrido tantos embaixo da mina.(...) Aí ele ficava apavorado, diz que escondiam... que escondiam atrás

daqueles pilar os corpo prá não vê. E naquele tempo a mina era escura. (...) Diz ele que era um horror assim. (Dona Gessi)

Até algumas décadas atrás, as empresas de mineração de Minas do Leão e de Butiá adotavam uma forma sinistra de comunicar à comunidade a ocorrência de um acidente com mortos ou feridos. Sempre que acontecia uma tragédia, era ligada uma sirene que, com seu silvo agudo e triste, atraía para a frente da mina uma multidão. Parentes de mineiros corriam para saber quem eram as vítimas.

Eu me lembro que, quando dava acidente na mina, até descobrir quem foi, não queriam comentar, eu já chutava: “Foi fulano, foi beltrano”. No Leão, né, aquelas ruas, aquelas travessinhas, aglomerava de gente (...) Praticamente a cidade toda ia prá entrada da mina ali. (Cássio, 25 anos)

A memória deste jovem, filho e neto de mineiros, é permeada pelas histórias que marcaram a vida da comunidade. A morte na mina era uma ocorrência que transtornava toda a população de Minas do Leão. Seu Adão Souza e Dona Gessi fazem referência à sirene, em Butiá. Enquanto falam, ponho-me a imaginar essa corrida desesperada até o portão da mineradora. Parece-me uma espécie de “ritual da morte”, instituído pela companhia, no qual, por um momento, todos se igualam no desespero e na angústia. O acidentado poderia ser qualquer um. Neste deslocamento tresloucado todos torcem para que seja “outro”. Se há vítimas, que seja esse “outro” que ainda não tem nome, que me é distante. No entanto, não há como colocar-se a salvo. Essa certeza corrói qualquer esperança. Isso porque a morte de um mineiro atinge a todos. Se não for agora, pode ser amanhã, na semana que vem, no próximo ano. Além disso, o conjunto de operários já forma um “nós” pelas relações de solidariedade inscritas na cultura. Então, o luto, como menciona Rodrigues (1983), é verdadeiramente uma vivência coletiva.

Zé Cabeça lembra-se do acidente que matou seu colega Mário, tio de sua mulher. Nos dias seguintes à morte do amigo, passou a ter pesadelos com o desabamento. E, mesmo de dia, ficava imaginando, tentando entender o que teria acontecido no momento da tragédia.

Quando vieram dizer que aconteceu o acidente na mina e acidente fatal... báh! A gente não sabia nem o que ia fazer (...). Eu estava com a minha esposa, ela se desmanchou em choro. Eu disse: “Calma, calma. Vamos lá ver agora”. E fomos prá casa da mulher dele.

Cheguemo lá e ela não sabia. (...) Aí depois veio o pesadelo aquele, né. Eu não tava ali e via as coisas acontecer. A gente imaginando, sonhando com o negócio de caimento, caindo tudo por cima. Ah... coisa mais triste, né. (Zé Cabeça)

Os pesadelos acompanharam Zé Cabeça durante algum tempo. Nos seus 30 anos de serviço na CRM, dos quais 25 no subsolo, ele próprio já sofreu vários acidentes: quebrou o pulso, machucou as costas, ficou “ligado” no ventilador. Viu vários companheiros morrerem. Mas essas vivências nunca o impediram de continuar na profissão que escolheu.

Um acidente bastante comentado na comunidade foi a queda de uma “gaiola” em que estavam dois mecânicos fazendo o conserto de uma bomba de água, em novembro de 1991. O cabo arrebentou e eles caíram de uma altura de 15 metros. O mineiro Claudionor, de apelido Sereno, morreu neste acidente. O outro mecânico era Luiz, de apelido Zangão, que ficou gravemente ferido. Foi Zé Cabeça quem retirou do poço os acidentados. Hoje, esse fato é uma das lembranças que o entristece. Recordar-se que, quando a notícia correu para a superfície, ele e um engenheiro baixaram à mina. Ele pegou um cinto e uma corda, amarrou-se pela cintura e desceu dependurado pelo cabo. Quando estava descendo, ouviu os gritos de Luiz. Inicialmente, tentou prestar socorro a Sereno, pensando que ainda estivesse vivo. Na hora em que tocou o seu corpo, tinha a impressão de que respirava. Tentou fazer respiração boca-a-boca, reanimá-lo, mas não havia esperanças.

Aí mandei o Luiz prá cima, amarrei ele na gaiola, amarrei uma corda pela cintura, botei o cinto nele e mandei prá cima. E aí o engenheiro Nilo gritava de lá prá mim: “Ô Zé, e o Sereno? Como é que tá?” “Não tá!” “Como é que tá?” “Não tá!” Eu dizia prá ele “não tá”. Prá não dizer pro Luiz, né.... que ele tava morto. Esse dia foi triste também, né. (Zé Cabeça)

Embora tenha recebido elogios das chefias, Zé Cabeça rejeita a imagem de “herói”, dizendo que qualquer um em seu lugar teria feito o mesmo para resgatar os colegas. Acredita que numa hora dessas, a “*pessoa avança e não quer nem saber*”. Pensa que deve ser assim com todos. “*Acho que qualquer pessoa enfrenta isso aí*”.

O mineiro Tita era irmão de Sereno. Ele recorda-se que, no momento do acidente, não estava na mina. Tinha acabado o seu “*terno*” quando passou pelo irmão

que começava o seu. Ainda conversaram um pouco. Mais tarde, foi a uma serraria buscar madeiras para a construção de sua casa. Quando chegou, a mulher lhe contou.

Ela me falou: “Òia, deu um acidente...”. Ainda perguntei: “E aí? Ele morreu?” E ela falou. (...) Mas eu sempre fui um cara muito forte assim. Nunca fui de me...de me abalar, né. Sempre fui um cara muito consciente da ... Ai quando eu cheguei na mina lá já tinham subido com ele. (Tita)

Tita relata que o irmão morreu na hora “*porque arrebentou aquelas veia que a gente tem bem contra o osso, que diz é as veia principal, né*”. Lembra-se que um médico havia explicado que essas veias se localizam “*bem contra o osso*”, “*que era bem embaixo prá protegê*”. Com a queda e as fraturas dos ossos, “*arrebentô, né, aí o sangue saiu todo*”. A maior parte dos adjetivos usados pelos mineiros para descrever o corpo morto em tragédias na mina envolvem a percepção de quebrado, esmagado, despedaçado, demolido.

Essa noção sobre o esmagamento, o partir-se do corpo, traduzido pelos verbos quebrar e despedaçar, parece-me, envolve não apenas uma descrição física. Quando um trabalhador fala dessa perda de pedaços de companheiros, decorrente do acidentes não está apenas fazendo a descrição da morte física. Os pedaços que se perdem são também de um corpo social, mutilado, reduzido, aniquilado a cada tragédia. O corpo coletivo expõe-se à dor, que teima em desmentir a idéia de valentia, de heroísmo, estabelecidas socialmente para enfrentar o cotidiano duro.

Entendo que essas descrições são metáforas para vivências coletivas. De uma parte, o mineiro é cotidianamente esmagado em sua fragilidade diante do gigantismo da natureza que ele enfrenta, no combate a que se lança. De outra parte, seu destino de trabalhador está sujeito a decisões políticas e econômicas de empresas e governos que podem determinar sua continuidade e existência como categoria ou sua extinção, uma ameaça que sempre paira sobre sua identidade social.

6.8.1 A morte de Pedro

O mineiro Pedro morreu num acidente ocorrido em 15 de outubro de 1984. Esse dia ficará gravado para sempre na memória de Dona Zaida, a viúva. Quanto pergunto a

ela sobre a época em que o marido começou a trabalhar na mina, responde que só recorda da data em que ele morreu, não do começo. Antes mesmo da tragédia acontecer, angustiava-se pelo perigo a que ele estava exposto. Entendia ser um serviço arriscado, então preocupava-se: *“Às veiz, a pessoa sai e não volta, né. Que nem ele, saiu e não voltou mais, né”*.

O marido recém havia começado o trabalho do dia quando ocorreu o desmoronamento que o atingiu. Ela ficou sabendo que a demora em resgatar seu corpo foi devido a outros caimentos que iam ocorrendo quando a equipe removia o carvão que já havia desabado. Sabe que o acidente ocorreu pelas 8h da manhã e diz a retirada do corpo só foi possível pelas “dez e tanto da noite”.

A gente nem viu ele, já veio pronto de lá no caixão. Não dava prá ver, tava muito quebrado, né. Só o osso dele que a gente via, mas tava muito.... Báh! Tava muito estragado, né. Deus o livre! (Dona Zaida)

Ela lembra-se que, naquele dia, não sentia-se bem em função de uma depressão, de *“uns poblemas de nervos”*. O marido acabou se atrasando para o trabalho porque precisou levá-la ao médico. Ela até insistiu para que ele faltasse ao serviço. Ele respondeu que não gostava de falhar. Quando Pedro saiu, Dona Zaida tomou um remédio e deitou-se. Raquel, a filha de 14 anos, tinha ido na Cooperativa dos Mineiros comprar verduras para fazer uma sopa para a mãe quando um vizinho lhe deu a notícia de que seu pai tinha sofrido um acidente. Quando ela chegou em casa, a mãe teve um sobressalto, como se a casa desabasse sobre ela. Sentiu que algo muito ruim tinha acontecido. *“Me deu aquele pressentimento assim...”* Quando a filha entrou em casa, ela deu um pulo na cama. Raquel disse: *“Mãe, o pai sofreu um acidente”*. Dona Zaida recorda-se que respondeu: *“Não sofreu, minha filha, ele tá morto”*.

Desesperadas, mãe e filha foram correndo até a mina. Lá, foram atendidas por uma assistente social. A informação que receberam foi que de que ainda não estava confirmado se o acidente era com o mineiro Pedro. *“Eu sei que é ele”*, insistiu Dona Zaida. Pareceu-lhe que a empresa queria esconder que o marido havia sofrido o acidente. Só algum tempo depois veio a confirmação. Os parentes de Camaquã já estavam avisados. Para a viúva e a filha, a dor e a angústia eram intermináveis. Dona Zaida acredita que o marido *teve um pressentimento de que ia morrer*, pelas últimas

recomendações que dirigiu à filha: “*Tu cuida bem da tua mãe, tu nunca abandona tua mãe sozinha*”.

Ela viu o marido no caixão, mas não conseguiu reconhecê-lo. Até hoje, a sensação de que não era ele que estava ali, de que Pedro não morreu de verdade, a invade. Menciona também sobre o sofrimento e a revolta da filha. Raquel era muito apegada ao pai. Nos fins de semana, Pedro costumava levar a filha e as amigas para as reuniões do clube da cidade. Dona Zaida diz que, desde a morte do marido, a garota alegre não é a mais a mesma. “*Ela ficou muito quebrada, muito magoada, né*”. Curiosamente, Dona Zaida usa o mesmo adjetivo para falar do marido atingido por um desmoronamento e da filha, golpeada pela perda do pai. Ambos ficaram “quebrados”, um perdeu a vida, o outro perdeu parte do sentido da sua. Recorda-se que, em alguns momentos, tinha que levar a filha ao cemitério no meio da noite. Às vezes, durante o dia, quando o sol esquentava, a menina gritava que seu pai estava no sol e que precisava tirá-lo de lá.

Em muitas ocasiões, depois da morte, a viúva tinha a impressão de que o marido apenas viajara, como o fizera antes, e que um dia iria voltar. Por algum tempo, esqueceu como era seu rosto e, mesmo nas fotos, parecia-lhe um estranho.

Logo que ele faleceu, eu tive muito tempo assim sem lembrá a imagem do rosto dele (...) Eu deitava de noite e tentava lembrar a feição do rosto, como que ele era. Não conseguia lembrá. Ai, depois, foi passando, passando assim e aí parece que veio de novo a feição do rosto dele. Eu olhava as foto dele assim, mas sei eu ... que era tão estranho. E prá mim parecia que ele tava viajando. (Dona Zaida)

Em seu desespero por não lembrar do seu rosto, invadida por sensação de incerteza que a fazia duvidar de sua morte, Dona Zaida estabeleceu uma comunicação com o marido morto. Ela tanto pediu que gostaria de ver seu rosto que acredita ter recebido uma resposta. Numa ocasião, era véspera de finados, ela e a filha foram ao cemitério. Quando chegaram, uma senhora disse-lhes: “*Olha, aquele túmulo ali, recém aquele túmulo estourou*”. Era o túmulo de Pedro. Tinham se passado sete anos de sua morte. Ela e a filha se assustaram. Foram até lá e viram, conforme relata: “*Tava todo destapado o rosto dele e ele tava inteirinho*”. Recorda-se que, muito impressionada, foi para casa e pediu ao companheiro que fosse até lá, “*tapar o túmulo*”. Ele lhe disse: “*Viu que não presta dizê as coisa? Tu diz que queria vê ele, tu viu. Agora tá aí...*”

Depois da dor da perda, sobreveio o desamparo e as dificuldades financeiras. Como a empresa demorou para liberar a pensão, Dona Zaida e a filha empregaram-se como domésticas em “casa de família”, em Butiá. Não tinham outra maneira de se sustentar. Para ambas, foi uma prova muito difícil, porque antes era o mineiro Pedro que cuidava de tudo. O sentimento era de desorientação, de perda de rumo. Só muito tempo depois da morte do marido, Dona Zaida obteve uma indenização na Justiça. Com o dinheiro, pôde construir a casa em que hoje mora com o companheiro Idelson e o neto Israel. Mas desconfia que tenha sido “*passada prá trás*” pela advogada no caso da indenização, tendo recebido menos do que tinha direito. “*Mas a gente não entendia nada, né. Agora, não, agora sou mais esperta.*” Mesmo hoje, evita olhar para o portão da mina, porque se lembra de todo o sofrimento por que passou.

É uma coisa que a gente não esquece nunca, né. Parece assim que os ano passaram e parece que foi ontem, né. (...) Às vez, vamo aqui por baixo, por detrás da mina, que tem uma estrada lá pela costa do mato, né. Cada vez que passa, a gente olha, a gente lembra (...). A gente não esquece, fica aquilo na lembrança, aquilo ali, né, eu lembro bem direitinho do dia, a hora, tudo. (Dona Zaida)

6.8.2 A história de Luiz

Na mesma tragédia que vitimou o irmão de Tita, em novembro de 1991, Luiz ficou gravemente ferido e precisou amputar a perna esquerda. Ao falar hoje sobre aquele acidente que mudou sua vida, refere-se ao fato de que foi “*o destino*”. Lembra-se que tinha medo apenas do fundo da mina, não da boca do poço, onde foi se acidentar.

Sempre fui um cara que eu dizia pros meus colega: “Se for destino morrer na mina ou ficar aleijado, é coisa do destino. Eu não me preocupo”. Eu sou um cara que acredito em destino, sabe. E aconteceu mesmo. Eu dizia: “Se for para morrer ou ficar aleijado, eu vou ficar”. Quantos colegas meus se aposentaram e não arranharam nem um dedo! E eu, por azar, perdi a minha perna, né. Foi por pouco que não perdi a outra perna. (Luiz)

No seu depoimento, a idéia de destino aparece também como algo que não se pode evitar, e com o qual não adianta se preocupar. A fala faz menção ainda ao “*azar*” de que ele tenha sido vítima de um acidente, no qual perdeu a perna, enquanto outros colegas “*se aposentaram e não arranharam nem um dedo*”. Ou seja, nesta concepção

não há como mudar o que tem que acontecer. No entanto, se em alguns momentos Luiz parece conformar-se, em outros expressa sua revolta pela negligência de engenheiros da empresa na manutenção do cabo que segurava a “gaiola”.

Recorda-se que, quando voltou a trabalhar, descarregou todo seu “ódio”. Conta que pegou “um por um” e disse tudo o que pensava. Menciona, particularmente, um engenheiro da mecânica que o humilhava durante o trabalho no subsolo. Luiz me explica que “nunca teve medo de chefe”. Então, quando não havia trabalho a fazer e o engenheiro passava, se ele estava sentado, assim permanecia, ao contrário de outros colegas, conforme diz, que “saíam correndo”. Por essa razão, acredita, esse chefe “invocava” com ele, chamava sua atenção na frente de todos. O mineiro chegou a dizer-lhe: “*Eu não tenho medo de ti. Tu não é mais homem do que eu*”. Estava no hospital quando recebeu a visita desse engenheiro.

Quando eu me acidentei, que fui prá Santa Casa, aí ele foi lá me visitar, ele, a mãe dele e a mulher dele. Báh, botei o dedo na cara dele assim, com aquele bigodão dele, disse assim prá ele: “Sem-vergonha, filha da puta”. A mãe dele junto, né. Chamei de filha da puta e corno ainda, com a mulher dele do lado. De tanta revolta que eu tinha. “Decerto tá muito feliz de me ver aqui em cima de uma cama sem uma perna, aqui, todo arreventado. Teve cara de vir aqui me ver ò sem-vergonha, cachorro! A tua visita não me faz falta, tu pode ir embora. Pela porta que tu entrou, tu sai”. Aí ele começou a chorar, aí a mãe dele pediu perdão. “Não, quem tem que perdoar ele é Deus, eu não perdôo. Me tratava embaixo da mina (...) que nem um cachorro. Deve estar muito feliz de me ver agora aqui, ò sem-vergonha”. (Luiz)

Depois, ficou sabendo que esse engenheiro foi internado num hospital psiquiátrico. “*Decerto de complexo de culpa, né. Não, ele teve culpa no cartório, basta que ele foi condenado a um ano e meio.*”

O mineiro lembra que, imediatamente após o acidente, foi levado para o HPS, em Porto Alegre. No terceiro dia de internação, o médico aproximou-se de seu leito, cheirou a perna e lhe perguntou se ele sabia que teria de ser amputada. Luiz ficou chocado: “*Pelo amor de Deus, minha perna... Não tem mais o que fazer?*” O médico explicou que não havia outro jeito: “*Não tem mais o que fazer, tua perna tá podre, não tem outra saída*”. Ele só se lembra que, depois, quando acordou da anestesia, viu-se sem a perna esquerda. A mulher de Luiz, Solange, recorda que ela e o cunhado tiveram de assinar a autorização para a cirurgia. Do contrário, em função da infecção, o marido

teria poucas horas de vida. O mineiro ficou internado sete dias no Pronto Socorro e outros 23 na Santa Casa. Imaginava que ficaria mais de um ano hospitalizado. “*No Pronto Socorro mesmo, eu fedia que nem uma carniça... parecia um bicho morto*”. Como refere Boltanski (1989), o mineiro lança mão de categorias populares para falar do estado de seu corpo, comparando-o a uma “*carniça*”, pelo cheiro que as feridas exalavam, tal como num “*bicho morto*”. A sensação era de que a decomposição dessas carnes afetadas atingia todo seu ser, como se ele próprio já não se reconhecesse: “*Eu tava podre*”. Em alguns momentos, acha que a amputação deve-se a “relaxamento” do primeiro hospital.

O impacto psicológico da mutilação foi ainda pior do que o sofrimento físico, segundo conta. Tratou-se com neurologista, com psicólogo, e hoje, passados 12 anos, toma medicamentos para a depressão. Não apenas ele, mas hoje também sua mulher e a filha mais velha se tratam devido à depressão.

Porque tu pensar.... perdi. Uma coisa é tu nascer, mas tu ficar....por causa da incompetência dos outros. Te dói, né. (...) A parte mais difícil não foi tanto a recuperação do corpo, mas foi o cérebro, né. (...) Sempre fui (de) temperamento difícil, né. Aí ficou pior. (...) É difícil a gente aceitar. Mas agora... agora eu já levo na esportiva. Sei que muita coisa eu não posso fazer, não faço, né. (...) Não vou deixar de viver por causa disso, né. (Luiz)

Uma experiência marcante foi o ingresso no Centro de Reabilitação Profissional, em Porto Alegre, onde viu casos mais graves do que o seu. Avalia que os cuidados que recebeu de psicólogos, fisioterapeutas e assistentes sociais ajudaram a levantar a sua "moral". Lembra-se que, no primeiro dia, “*quase morria chorando*”. Diz que “*atacou-se dos nervos*”, “*chorava que nem uma criança*”. Conviver com outros mutilados, “*20 vezes piores do que tu*”, contribuiu para relativizar a sua perda.

O que tu vê lá de gente caminhando só o corpo, sem os braço, sem as pernas, numa cadeira de rodas, né. Aquilo ali me levantou. (...) Depois eu comecei a ver, sabe, os cara lá tem os braço, mas não tem as mão.... Ou não tem os dois braço cá em cima nos ombro, né. E dando risada lá (...). Pô! O que que eu quero..... uma perna não é nada. Isso aí não é nada. (Luiz)

Solange conta que o mais difícil foi quando o marido deu alta do hospital, foi para casa e ela teve que cuidar dele sozinha. A começar pelo fato de que a casa era

muito pequena e não havia banheiro no interior. Ela, então, estendeu um tapete de borracha para ele ir “*se arrastando pelo chão*”. Luiz, que ficou um ano e meio numa cadeira de rodas, diz que foi sua força de vontade e a ajuda de Deus que fizeram com que voltasse a andar. Pergunto-lhe se aquela situação abalava sua dignidade de homem e de trabalhador. Ele nega. Diz que “nunca se entregou”, “nunca desistiu”. “*Eu me lembrava de Jesus, quando tava... eu me lembrava muito dele*”. Como consolo, havia uma comparação ao sofrimento de Jesus.

É grato a alguns amigos que não o abandonaram e à mulher. Não recebeu de outros familiares o mesmo apoio. “*Os estranho faziam mais por mim do que os meu mesmo*”. Hoje, passados 12 anos do acidente, Luiz conta da sua revolta quando retornou à empresa. Com todo o sofrimento enfrentado na recuperação, revela que foi uma experiência dura voltar a trabalhar. Até hoje, prefere não olhar para a entrada da CRM. Diz que não sente “*saudade nenhuma da mina*”, apenas falta de alguns colegas. Ele entrou na Justiça para obter uma indenização da empresa. Sua sentença saiu em quatro anos e meio. Quando soube da notícia da sentença, pelo advogado, em vez de rir, o mineiro chorava.

Porque aquilo não é felicidade... deixar um pedaço teu. (...) Amenizou, mas eu queria ter minhas duas pernas toda a vida, fazer o que eu gosto de fazer, né. (Luiz)

CAPÍTULO 7

UM IMAGINÁRIO DOS SUBTERRÂNEOS

Os estudos sobre o imaginário de Gilbert Durand (1988, 1989) ajudam-nos a compreender elementos presentes em camadas mais profundas das narrativas de mineiros. O autor constrói uma classificação taxionômica das imagens do sistema antropológico a partir dos arquétipos coletivos, agrupando-os em dois regimes (diurno e noturno) e em três reflexos dominantes (postural, digestivo e rítmico copulativo). Esta noção de “trajeto antropológico” é útil para se compreender o imaginário de mineiros de carvão, entendendo esse “trajeto” como a troca incessante que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e as assimiladoras e as intimações objetivas emanadas do meio cósmico e social. Para Durand, os eixos das intenções fundamentais da imaginação são os trajetos dos gestos principais dos humanos em direção ao seu meio natural, prolongado tanto pelas instituições primitivas, tecnológicas e sociais.

7.1 Imagens da mina

Há uma riqueza muito grande de imagens sobre a mina subterrânea que brotam das falas dos moradores. Essas imagens nos remetem à percepção de que a terra, mais do que a concretude de sua matéria, é um espaço simbólico, produzido e fixado tanto nas consciências como nas inconsciências, tanto nos afazeres cotidianos como no imaginário.

Na classificação proposta por Durand, a mina subterrânea encontra-se no que o autor chama de “Regime Noturno”, mais exatamente na dominante digestiva, que diz respeito às matérias da profundidade, como a água ou a terra cavernosa³⁶. A dominante digestiva está relacionada de forma mais ampla aos utensílios continentais, às taças e

³⁶ Conforme a proposta de Durand (1989, p.54-57), o Regime Noturno, além da dominante digestiva, compreende ainda a dominante cíclica, que reúne os gestos rítmicos, como a sexualidade, assim como as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e dramas astrobiológicos. O Regime Diurno está relacionado à dominante postural, que exige as matérias luminosas, visuais e as técnicas de separação, de purificação, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais de elevação e purificação.

cofres. Os devaneios que suscita envolvem a bebida ou o alimento. A terra e as cavernas, no regime do imaginário, estão ligadas ao feminino, ao úmido, à noite, ao escuro. No caso da mina de carvão subterrânea, pode-se pensar que esses espaços são invadidos simbolicamente por uma natureza masculina de combate e ocupação, que se aninha nessas entranhas da terra para, por meio dos gestos e ferramentas, retirar o mineral. Junto com essa matéria trabalhada, produz também um imaginário que nasce desse esforço e dos gestos repetidos. O trabalho, como a manutenção da vida e o risco de morte, nas profundidades da terra envolve os quatro elementos da quadripartida teoria da imaginação simbólica de Bachelard (terra, água, ar e fogo). Pode-se pensar, então, que não apenas os gestos, mas também o imaginário que os acompanha envolvam uma combinação entre os regimes propostos por Durand. Nos chama a atenção que o mundo da terra e da água, que considerávamos totalmente distintos envolvam o mesmo regime de simbolismo. E assim, associados, apareçam nas imagens descritas por um velho mineiro.

Para falar de sua relação com a mineração, Seu Leo, que trabalhou 35 anos, 10 meses e 19 dias em Leão I, lança mão de analogia com o mar. “*Sempre dizia que carvão é igual ao mar, a gente não resiste*”. Pode-se perceber, na metáfora que utiliza, de uma comparação do mineiro com o pescador, a presença (oculta) desse movimento ritmado, um ir e vir nas viagens ao subsolo, que também caracteriza os movimentos do mar. No mar aberto como no interior da terra, o trabalhador torna-se pequeno, contido, envolto pelo gigantismo da natureza.

Apaixona. A gente se apaixonava. Não tanto pela lida no carvão, né, mas pelo ambiente de trabalho. Porque a gente chega na mina assim, a primeira impressão que tem é de terror. É, mas depois trabalhou uma semana ou duas, não quer saber mais de trabalhar na superfície. Trabalhá lá apaixonava. (P – E essa comparação que o senhor faz com o mar?) O mar também... A gente logo que chega lá, a primeira vez, meu Deus! E depois de freqüentá lá uma semana, qualquer mar, qualquer água, apaixonava também. Assusta assim de princípio. Recebe o movimento e a gente se apavora. E depois que entrô ali... já amei. O mar e a mina. Todos os dois começam com m, né. (risos) (Seu Leo)

Para ele, a semelhança está em que tanto o mar quanto a mina assustam na primeira aproximação, mas depois despertam a nossa paixão e o nosso envolvimento. Sua fala nos evoca as palavras de Bachelard de que “a água é senhora da linguagem fluída, da linguagem sem brusquidão, da linguagem contínua, continuada”.

(BACHELARD, 1998, p.192). Seu discurso assemelha-se a “uma poesia fluída e animada, de uma poesia que escoo da fonte”³⁷. Poeta nas palavras e pescador de rio em fim de semana, Seu Leo usa a metáfora do mar também para explicar que, na mina, viveu tanto alegrias como tristezas, com sensações tão vastas como um oceano.

O tempo aí 35 anos e alguns meses. Uma vida muito... quase igual a um oceano, é cheia de altos e baixos. É maré alta, maré baixa...
(Seu Leo)

Para Seu Leo, o gosto pelo ofício não surgiu no primeiro dia, nem foi abalado pelos acidentes que o separaram de velhos amigos. Depois de dois meses atuando no subsolo, não quis mais saber da superfície. Lembranças tristes e alegres sucedem-se em sua memória. Em suas recordações, Seu Leo percorre os anos em que respirou a poeira escura dos subterrâneos trazendo ao presente fragmentos esparsos dessas memórias.

Ao olhar de Jango, os subterrâneos ocultam muitos mistérios nas suas sombras. “*A mina é uma caixa de segredos, que ninguém assim descobre o significado*”. Para ele, “*havia muito mistério na mina*”. Jango diz que Deus dá um dom para que cada um seja diferente dos outros. Ele nunca viu, mas lembra-se do que seus colegas de trabalho contavam que “*viam e ouviam*”. A fantasmagoria da mina é mencionada na sua fala, a partir dos relatos de companheiros que viram vultos na escuridão da mina, que assistiram ao movimento de carrinhos de carvão na solidão da noite e que ouviram vozes e gemidos que só podiam ser de colegas mortos. “*Pelo que contavam, existia muito mistério na mina*”. Ele não sabe dizer se é porque Deus é muito seu amigo, e sabe que ele não teria coragem para ver “*essas coisas*”, que livrou-o desse dom.

Outro momento em que o mineiro volta a falar dos mistérios dos subterrâneos é quando descreve o momento que antecede um “caimento”. Ele explica: “*Um vácuo forte de vento cruzou por nós, parecia um tornado. Assusta a gente a 500 metros, levantando casca e poeira*”. E acrescenta: “*A mina, como te falei, é uma caixa de segredos*”. Quando volta a usar essa imagem, lembro-me da caixa de Pandora, cuja abertura, segundo o mito, trouxe ao mundo muitas tragédias. Mas ali restou a esperança, o mesmo sentimento que move os mineiros como Jango. A mina, como uma “caixa de segredos”, é recipiente, pote, para usar a linguagem de Durand, que abriga em seu

³⁷ Cf. Bachelard (1998), p.192.

interior, em seu silêncio de sombras, tantos sentidos que não é possível desvelá-los. Assim também é a constatação de Jango: há tantos mistérios nessas profundezas que não há quem decifre os segredos da mina. Enquanto transcrevo sua fala, penso nos mistérios desses homens simples que evocam com tamanha sabedoria o cosmos e que desenham imagens com palavras que fariam inveja a romancistas. Como diz Balzac: “Existem muitos mistérios escondidos em toda palavra humana”. (Apud. BACHELARD, 1998, p.194)

A imaginação, como afirma Bachelard (1998, p.201), só ouve as vozes manifestas pelos corpos da natureza, produzindo em nosso ser essas imagens que sentimos e descrevemos. Como uma espécie de concha, a galeria subterrânea abriga tanto as imagens de gigantismo da terra como a suavidade das impressões fixadas na subjetividade desses mineiros.

Esses cenários nas entranhas da terra habitam não apenas a vida, mas a literatura que Eron Nunes, 41 anos, filho de mineiro aposentado em Leão I, dedica-se a escrever. Funcionário da CRM, formado em Letras, exhibe nos seus contos os universos que habitou-se a conviver. Debruça-se, agora, sobre um livro que reunirá histórias da mina. Essa intimidade com o tema ele conquistou nos seus 23 anos de empresa, dos quais seis passou trabalhando na topografia, no subsolo. Como bom contador de histórias, recorda-se que, quando desceu às galerias pela primeira vez, não havia macacão que lhe servisse, devido à pequena compleição física. Fascinado pela cultura universal, chegou a dar aulas de inglês a mineiros. Na convivência, recolhe no “mundo da mina” matéria-prima que transporta em palavras para os mundos da literatura.

O cheiro da mina. Pode ser esta peculiaridade que atrai tanto no subsolo, segundo Ademar, que trabalhou por dois anos nas galerias subterrâneas.

A mina, ela contagia. Depois de tu ir uma vez, tu quer voltar lá todo dia. (...) Eu não sei, ela tem uma peculiaridade assim que atrai a gente. O cheiro da mina... Por isso, que o pessoal antigo tem saudade da mina. (Ademar)

Positivas ou negativas, as imagens da mina continuam a habitar o imaginário dos moradores da cidade. Para Seu Hermes, as memórias são perpassadas pelo contraste entre claro e escuro, e a mina surge como uma cidade, cidade abaixo da cidade.

A mina, assim, ela é escura. Agora lá tem luz elétrica e tudo, que vai até o fundo da mina, lanternas. Galerias lá se tem lanternas, mas naqueles rios é luminosão, como aqui na cidade. (Seu Hermes)

A analogia com a cidade aparece nesta outra fala:

Aqui (Leão I) é uma cidade. Os caras dormem debaixo lá... É uma cidade hoje. A boca do poço é a coisa mais linda do mundo. (Seu Bega)

Para Cássio, um rapaz que criou-se ouvindo histórias sobre o subsolo, conhecer a mina representou um momento de fascínio. Ele tinha uma imagem da mina, como se tivesse visto numa revista. *“Eu imaginava assim que aquilo era muito lindo, sabe, era outro mundo. Porque cem metros abaixo da terra é outro mundo”*. Lembra-se que a primeira vez que desceu à mina foi num sábado. Preparou-se, vestiu um macacão de engenheiro, que servia aos visitantes, e foi direto à boca do poço. Quando o viram chegando, os mineiros, seus conhecidos, se entreolharam. Cássio disse: *“Vô baixá com vocês prá conhecê”*. Na descida, sentiu um frio na barriga. Lá dentro, caminhou bastante para conhecer tudo. *“Posso dizer que foi a coisa mais linda que eu já vi em termos de natureza e tudo foi embaixo da mina. Foi uma coisa bem diferente, bem diferente”* Em sua fala, ele refere-se à “beleza” da mina, à natureza presente no interior da terra, como parte de “um outro mundo”. Essa representação de que a mina “é outro mundo” é recorrente nas falas de moradores.

Na imaginação da maior parte das mulheres, a imagem da mina é negativa, porque evoca simbolicamente os riscos vividos pelos maridos e as longas esperas que as angustiaram em longos anos de suas vidas.

Em primeiro lugar, eu acho que aquilo é muito abafado. Muito pó, muita poeira, assim. A mina é uma coisa que não sabia se ia e voltava, né. (Kátia)

Eu achei lindo lá. Só não desci, mas achei assim... só entrei nos galpão (da mina de Leão II). Eu tive vontade (de descer). Eu tenho fobia. Só de pensar de descer lá acho que eu morro. (Dona Dalva)

Quando estou entrevistando Dona Hilda, o marido dela, Seu Adão, e o mineiro Zecão, amigo do casal, participam da fala da dona da casa. Dona Hilda dizia-me que

achava a mina “*um fim de mundo*”. Interrompida por Zecão, que prefere dizer “*outro mundo*”, acaba adotando a mesma expressão que ele.

Eu acho que seja um fim de mundo. Porque acho que eu não conseguiria descer até lá embaixo. (Zecão – É um outro mundo.) Eu acho que... é um outro mundo, completamente diferente, né. (Seu Adão – É gozado que a gente acostuma que é a mesma coisa que andá aqui na rua.) Parece que a pessoa entra e fica presa lá dentro. (...) Eu não consegui descê, eu fiquei até a metade. Eu era solteira ainda. E aí eu casei, cada vez que o Adão ia trabalhar, eu me lembrava....Báh, eu ficava mal. (Dona Hilda)

“Fim de mundo” ou “outro mundo”, as representações são de que o universo da mina expressa uma expressiva diferença em relação à vida cotidiana na superfície. Para alguns homens que trabalharam nas galerias subterrâneas, o combate diário com a natureza, o esforço para retirar da terra o mineral provocava alegria e disposição, como é o caso deste mineiro:

Mas era bom, sabe. Óia, eu às vez penso: eu gostava, parece uma coisa assim que quanto mais a gente suava, mais bom o serviço ficava. Lá sei eu... Mas eu me sentia bem. Parece uma coisa que quanto mais suava, melhor eu achava o serviço. Gostava mais. Dava disposição, a gente tinha disposição. (Seu Hermes)

Essa fala de Seu Hermes nos transporta para o que escreveu Bachelard sobre as imagens da matéria terrestre, que “oferecem-se a nós em profusão num mundo de metal e de pedra, de madeira e gomas” e que ao senti-las com as mãos, “despertam em nós alegrias musculares assim que tomamos o gosto de trabalhá-las. (BACHELARD, 2001, p.1-6) Segundo o filósofo, “o trabalho enérgico das matérias duras” é “animado por belezas prometidas”. Ele relaciona a matéria à intimidade da energia do trabalhador.

Nas imagens evocadas pelos trabalhadores, ora a mina aparece como acolhedora, que, a partir de Bachelard (2001), relacionamos ao “ventre” e à “gruta”, ora assemelha-se a um “labirinto”, ameaçador, onde é possível perder-se. Zecão conta que quando não conhecia direito, perdia-se nas galerias. “*Tudo parecia igual, né. A gente entrava em uma galeria, saía noutra, acabava perdido mesmo*”. Ao comentar que as galerias passam sob a sua casa, no local onde estamos, Agenor diz que “*aquela mina é um labirinto, um labirinto mesmo*”.

7.2 A saudade

O “tempo pensado” a que se refere Bachelard (1988, p.76) aparece nas memórias de mineiros aposentados de Minas do Leão estabelecendo um contraste entre o passado e o presente. Seu Valdevino, mineiro aposentado que trabalhou em várias companhias e percorreu diferentes subterrâneos, diz que, daquela época, tem mais saudades da união entre os mineiros, manifesta principalmente diante de adversidades. “*De todo o serviço que peguei, o melhor foi mineiro*”. Emociona-se com as lembranças: “*Uma irmandade muito grande entre os companheiros*”. Acha que, hoje, essa solidariedade não existe mais. Pergunto: “*Isso lhe dá saudade?*” “*Mas, Deus do Céu!*”, é a resposta inequívoca.

Para Jango, hoje a saudade da mina convive com a tristeza pelos companheiros mortos em acidentes.

Tenho muita saudade da mina, saudade dos companheiros. E tenho muita tristeza da mina.(...) Eu vi acidentes terríveis na mina. Então, tem horas boas que a gente recorda, e também as horas ruim. Imagina: vir quatro quilômetro, por baixo do chão, empurrando num trolinho um companheiro de serviço. (Jango)

Quando conta essa passagem, o velho mineiro se emociona. Num momento, faz um silêncio e passa a mão no rosto para encontrar uma lágrima que escapa. Diante dessa cena, me calo, respeitando sua emoção e seu silêncio.

Apesar da precariedade das condições de trabalho, dos perigos e da perda de tantos companheiros, muitos trabalhadores sentem nostalgia³⁸. Para a maioria, a saudade está vinculada à lembrança dos amigos e da rede de sociabilidade tecida em torno da mina. Seu Bega diz que o mineiro sente-se bem nos subterrâneos. Para ele, se fosse “*novo*”, diz que “*não tinha outro serviço melhor do que a mina*”. Acredita que nem em escritório seria para ele melhor do que embaixo da mina.

Também para Tita restaram boas lembranças.

Era uma vida boa. Tem muita gente aí que diz: “como é que vai baixá à mina, é um buraco lá!” Era a mesma coisa que tá aqui, né. (...) Tem gente que tem saudade às vez de baixar a mina, do trabalho. Eu não, a gente tem saudade dos colega que via todo dia. Passava: “Oi, tudo

³⁸ Leite Lopes (1988, p.60) menciona a existência de uma “nostalgia” entre os trabalhadores de Paulista. Ali, trata-se de uma imagem idealizada do pleno emprego do passado.

bom?” (...) Geralmente passava por eles todos, né. Então, a gente acha muita falta daquele pessoal, né. Dos amigos, né. (Tita)

Em muitas falas, aparecem as recordações do passado como de um “tempo de fartura e de abundância” em contraste com o presente em que o dinheiro é contado. Para Dona Hilda, “*era um tempo tão bom que não volta mais*”. Lembra-se que quando o marido trabalhava na CRM, “*ganhava tanto dinheiro que a gente nem ligava pro dinheiro*”. Há uma representação bastante comum de que tudo o que se tem deve-se ao trabalho na companhia. Assim diz o vereador Negrinho: “*Tudo o que eu constituí na vida foi através da mina*”. Recorda-se que, em seu tempo de trabalho, recebia de 10 a 15 salários mínimos por mês.

Adão Rocha acha que sua saudade é “*dos amigo, da gurizada*”. Menciona que, no tempo em que trabalhou na mina, aquilo “*era uma irmandade*”. As próprias famílias se encontravam e conviviam entre si. A falta dos companheiros também é mencionada por Seu Hermes, para quem a mina aparece em sonhos.

Sonhava e te disse que naquela semana mesmo sonhei. (...) Não sei se é a saudade de voltar assim a trabalhar, de encontrar com aquela turma, né. (...) Acho que de trabaiaar, não, acho que assim de estar no meio da turma mesmo. (Seu Hermes)

O mundo da mina continua a permear o cotidiano por meio das lembranças e dos sonhos. Nestas falas, está presente um tempo re-encantado pela memória. A contemplação do passado, visto pela perspectiva do presente e com os traços fornecidos pela imaginação criadora, apresenta-se como um lugar de satisfação e de nostalgia. Mas também é essa memória que perpetua a identidade e a noção de pertencimento de uma comunidade como Minas do Leão. Agora, essa identidade tornou-se ameaçada desde o fechamento da mina de subsolo. Passa-se a falar, então, da “morte da mina”, como referem P. Lucas (1981) e Eckert (1993, 1995).

7.3 A morte da mina

P. Lucas (1981) afirma que a “morte da mina” é o último signo de uma precariedade fundamental que caracteriza a vida desses trabalhadores. (LUCAS, 1981, p.11) Trata-se, segundo ele, da imposição de uma determinada ordem social e a

provocação de um outro futuro. Como diz o autor, “*o fim da mina não é menos encantado que sua duração*”, já que vem acompanhada de um trabalho da memória e da imaginação que re-cria, em outros moldes, o passado, perpetuando sua presença. (LUCAS, 1981, p.130). Conforme Eckert, “a morte na mina é superada hoje pela morte da mina”. (ECKERT, 1995, p.184)

De fato, a desativação da mina subterrânea em Minas do Leão, ocorrida em 2002, envolve uma mística. Até mesmo os mineiros aposentados se entristecem com a decadência da atividade carbonífera. Quando conheci Seu Leo, em junho de 1997, ele dizia: “*Não sei o que a gente dessa terra vai fazer se fechar a mina*”. Quando voltei a visitá-lo em dezembro de 2003, reconhecia com tristeza que a época do carvão “*acabou*”. O desaparecimento de sua profissão é vivido como uma espécie de morte, uma morte simbólica, que relega os mineiros ao esquecimento social. Seu Leo revela que, em julho de 2003, quando foi convidado pela empresa a participar de uma confraternização com os “remanescentes”, sentiu tanto alegria como tristeza, ao encontrar-se com colegas e recordar os velhos tempos.

Aquilo ali foi uma alegria tremenda e a tristeza ao mesmo tempo. Alegria por ter revisto aquilo ali, que a gente trabalhou tanto tempo ali, e a tristeza por estar ali entregue às moscas. (Seu Leo)

Também em 1997, Zecão, mineiro em atividade, referia-se ao “*patrimônio nacional*” representado pelas minas. Era possível observar, nas entrelinhas, um sentimento de “desonra”, uma ameaça de perda do sentido para a vida devido ao risco de fechamento da mina. Preocupado com o futuro, dizia: “*As minas de carvão são nosso oxigênio. Se algum dia forem desativadas, não saberíamos como respirar*”. Sua ligação com o universo da mina era existencial, atravessava o seu sentido de estar no mundo.

Um mineiro não pode viver sem a mina. Eu não sei viver de outro jeito. E não é só comigo que isso acontece. Outros mineiros, quando se aposentam ou mudam de ramo ficam rondando a mina, meio perdidos, com vontade de voltar. (Zecão, em depoimento em 1997)

Voltei a visitar Zecão, após o fechamento de Leão I, em abril de 2003. Ele foi atingido diretamente pelo fechamento da mina subterrânea porque, ainda em atividade, retornou para a superfície. Com dez anos de trabalho no subsolo, faltariam apenas cinco para aposentar-se. A ruptura alterou todo seu projeto de vida. Além da quebra do ritmo

cotidiano do trabalho, frustrou a sua expectativa de futuro. Cerca de um ano e pouco depois da mudança, ainda ficava comovido ao falar sobre o fim da mina. A voz saía embargada. O mineiro não escondia sua tristeza. *“Quando veio a notícia do fechamento, a gente não acreditava”*. Sua mulher lembrou que, naquele dia, ele chegou em casa e disse: *“Agora não tem mais jeito, começaram a desmontar as máquinas”*. Como despedida do último dia, os mineiros gravaram em vídeo imagens do trabalho no subsolo. Assisti a essas imagens, enquanto o trabalhador ia explicando: *“Eles estão tristes porque é o encerramento das atividades do subsolo. Aí será feita a desmontagem do painel”*. Todos os companheiros estavam emocionados. No final da gravação, cada um disse o seu nome, a função, o tempo de subsolo. A maioria tinha mais de 20 anos de empresa. Um dos trabalhadores, Fernando, disse: *“Estou há tanto tempo na CRM. É muito triste estar aqui terminando essa fase. A gente fica triste quando isso acontece.”* Em seguida, Paulo deu seu depoimento:

A tristeza é notável aqui. O pessoal está há mais de 20 anos aqui. Se encontra numa situação de fechamento temporário do subsolo. Esperava que tivesse progresso por muitos anos ainda, mas não é como a gente quer, como planeja. Hoje, aqui, estamos encerrando o turno. (Paulo, depoimento gravado em vídeo no fechamento da mina, em 2002)

Vê-se, por sua fala, a frustração de um projeto, ao mesmo tempo que a esperança de que a desativação fosse “temporária”. O próximo a dar seu depoimento era Zecão, em cuja casa me encontro.

É uma tristeza muito grande. (...) Do fundo do meu coração, eles (os companheiros) são uma família para mim. Eles estão em meu coração e isso eu não vou esquecer. Um vive para o outro aqui. Meu pai se aposentou na mina, meus tios, meus cunhados, a gente queria que o filho continuasse. Infelizmente, estamos relatando o fechamento da mina de subsolo. Uma tristeza muito grande com a gente. É lamentável que hoje seja o nosso último dia de profissão. (Zecão, em vídeo gravado no último dia de funcionamento do subsolo, em 2002)

Em sua fala, ele ressalta a linhagem de mineiros de sua família, interrompida pela desativação da mina. Menciona também *“o último dia de profissão”*, embora continue até hoje a trabalhar na empresa. Mas, em sua representação, *“mineiro de verdade é mineiro de subsolo”*. Enquanto sua imagem aparecia no vídeo, percebi que estava parado na porta da sala e olhava para a tevê. Ficou uns minutos em silêncio,

depois disse, com voz sumida: *“Essa parte ainda é difícil, dá uma tristeza, ainda dói”*. Emocionado, saiu da sala e foi até a varanda da casa, onde preparava um churrasco.

Percebi que as feridas provocadas pela morte da mina estavam abertas. Pouco depois, veio contar-me a história de um acidente para mostrar a união que havia na mineração. Além da perda de uma perspectiva próxima de aposentadoria, o mineiro sentia a ameaça de se dissolver a sua identidade social de trabalhador no carvão. Contou que, hoje, ao retomar uma antiga função na superfície, na balança, pesando os caminhões carregados de carvão, a situação é muito diferente. Referia-se à separação dos seus companheiros de trabalho:

Não é mais a mesma coisa. Um foi para São Jerônimo, o outro....Antes era cada um mexendo, aprontando com o outro. Terminou. Hoje, é cada um sozinho no serviço. (Zecão)

O fechamento da mina de subsolo parece ter lançado os mineiros à sua solidão, com o fim da convivência e das brincadeiras que acompanhavam o ritmo de trabalho nas galerias subterrâneas. Mais algumas cenas no vídeo e sua imagem reapareceu. Ele comentou: *“Vou te confessar que aí eu já tinha chorado um pouco”*. Percebi que este mineiro vivia uma espécie de luto: sentia a morte da mina. Ao mesmo tempo, resistia a despedir-se e, nas suas lembranças, o mundo da mina, agora, parecia ainda mais encantado do que antes. No meio da gravação, uma inscrição em giz num cano de ventilação do subsolo, indicava: *“Acabou”*. Atento, o filho de Zecão, Josimar, de dez anos, que gostaria de ser mineiro quando crescesse, opinou: *“Essa imagem deveria ir para o fim do filme”*. Também ele sabe que é o fim de um ciclo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o mineiro Jango descreve a mina como “uma caixa de segredos”, dizendo que ninguém descobre o seu significado, penso que preciso concordar com ele. Ouso aqui, como outros tantos pesquisadores, tentar decifrar alguns desses segredos. Ao mesmo tempo, deixo-me envolver por seus mistérios. Um deles é que, como observa Ademar, a mina contagia. Possivelmente, uma marca desta magia seja o fato de desejar sempre voltar, senão à mina, como agora, mas a esta comunidade que, generosamente, me acolhe e compartilha alguns segredos do seu cotidiano, da sua relação com a terra e com os subterrâneos.

Esta pesquisa a que me lancei - ao estudar as práticas, o cotidiano e as memórias de trabalho desta comunidade, tentando ingressar em sua subjetividade - remeteu-me à minha própria interioridade neste movimento reflexivo, seja na identificação das nossas diferenças, seja na proximidade com estes “outros” que se assemelham a mim. Através desta convivência com os moradores, conecto com minha própria alteridade, esse “si mesmo como um outro”, nas palavras de Ricouer.

Ao longo de toda a etnografia, o valor-trabalho está presente na construção da identidade social desses trabalhadores e na vida desta cidade, erguida em torno do mundo da mina, agora em vias de desaparecimento. Esse valor-trabalho integra também minha própria trajetória, na passagem de uma identidade construída em torno da reportagem e do mundo do jornalismo ao referencial identitário da antropologia. Ao narrar a história desses moradores, vivencio as diferenças do percurso antropológico na comparação com o trabalho de repórter. Enquanto a jornalista incorporava o valor-notícia, a antropóloga é movida pelas idéias-valor da observação participante e da relativização, atitude epistêmica que estende-se à escrita, pois é o momento em que se revela a reflexividade do pensamento humano.

Vivemos transformações concomitantes que se aceleram e impõem novos ritmos para o viver, marcado pelo signo da contemporaneidade. Em Minas do Leão, é possível perceber como os cenários que viabilizaram o surgimento da cidade se desmoronam, com o aparecimento de características do mundo moderno que carrega suas contradições e dissabores, representados pela droga e pelo desemprego.

É importante considerar que as representações construídas em torno da heroicidade, evocando imagens da terra, do mar, do fogo, do abismo e da escuridão das profundezas fazem parte dos grandes mistérios que acompanham o trabalho subterrâneo no período compreendido entre o século 16 e o século 20. A atividade de exploração mineral nas profundezas da terra sempre suscitou experiências de trabalho e de vida que brotam em narrativas instigantes e significativas. No século 21, como vemos, esse universo está desaparecendo, com a racionalização e a automatização do trabalho, em que a lógica econômica impõe formas consideradas mais modernas para a produção de energia. Um exemplo disso é que no momento em que eu encerrava esta pesquisa, acompanhei o anúncio do governo de um grande investimento a ser feito na geração de energia no país que envolverá a hidroeletricidade. Essa decisão sepulta as já ralas expectativas de comunidades que esperavam por um maior aproveitamento do carvão mineral na matriz energética.

Em Minas do Leão, a morte da mina subterrânea altera os projetos de vida das famílias e suas expectativas de futuro, empurrando-as à re-definição da identidade forjada e transmitida em torno da mineração. Os filhos que seguirem o ofício serão mineiros de superfície e, segundo a tradição, “menos mineiros”, porque não estão expostos aos perigos e não têm acesso aos mistérios que se escondem nas galerias.

Como pode-se ver no último capítulo desta dissertação, a mina fecha-se às histórias de trabalho, mas abre-se para alimentar a fantasmagoria, com a fecundidade dos mitos, das narrativas e de seus segredos. As gerações que experimentaram a magia da mina carregam esses tesouros em suas histórias, transpassadas pelo riso e pela dor. Diante do fim da mina, as narrativas destas estruturas imaginárias que desenvolvem-se em torno do mito milenar, recheadas de monstros e aparições, aparecem mais como luto do que como folclorização. Na reciclagem dos sentidos da mina, unem-se as imagens registradas pela experiência de trabalho às captadas da literatura e do cinema, seja através de *Germinál*, que o mineiro Zecão fazia referência, seja de outras produções que re-criam o ambiente da mineração do passado para perpetuá-lo no presente e transmiti-lo ao futuro. A mina subterrânea fecha, mas não morre. As memórias dos trabalhadores continuam a alimentar as estruturas imaginárias da comunidade, seja de Minas do Leão ou de outros vilarejos perdidos no mundo.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia*. Porto Alegre: Palmarinca, 1997.
- ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. *Trabalho, meio ambiente e conflito: um estudo antropológico sobre a construção da identidade social dos pescadores do Parque Nacional da Lagoa do Peixe (RS)*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 2002.
- AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- ARIÉS, Philippe. “A morte domada”. In: Ariés, Philippe. *O homem perante a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1975.
- BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade*. SP: Martins Fontes, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. *Sob o nome de real: imaginários no jornalismo e no cotidiano*. Tese de doutorado. ECA-USP, 2003.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1992.
- BERGSON, Henri. In: *Bergson. Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões. “Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson”. In: *Margem*. Faculdade de Ciências Sociais. PUC-SP, EDUC, 1992.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. São Paulo: Queiroz Ed. Ltda e EDUSP, 1987.
- BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. “O sentimento de honra na sociedade cabila”. In: Perisitiany. *Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. Trad. e prefácio de José Cutileiro. 2ª Edição, 1965.
- BOURDIEU, Pierre. “Remarques provisoires sur la perception sociale du corps”. In: *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOZON, Michel. *Vie quotidienne et rapport sociaux dans une petite ville de province*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1984.
- BUNSE, HEINRICH. *A mineração de carvão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Feplan, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Diário de campo: a antropologia como alegoria*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CALDEIRA, Teresa. “A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia”. In: *Novos Estudos Cebrap*, n.21, julho, 1998.
- CIOCCARI, Marta. *Descaso e maldições rondam carvão gaúcho*. Reportagem publicada no Caderno de Economia de Zero Hora, 06/08/1997 (pp. 6-8).
- CIOCCARI, Marta. *O ouro negro aflora em Candiota*. Reportagem Especial publicada em Zero Hora, 07/08/1997 (pp.4-5).
- COLLIER, John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. Coleção Antropologia e Sociologia. São Paulo: EPU EUSP, 1973.
- COMPANHIA RIOGRANDENSE DE MINERAÇÃO. *Folder informativo*. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, fevereiro/2001.
- COMPANHIA RIOGRANDENSE DE MINERAÇÃO. *Relatório da pesquisa de clima organizacional*. Porto Alegre, setembro/2003.
- DA MATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo, ou como ter *anthropological blues*”. In: Nunes, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- DANTAS, Audálio (org.). *Repórteres*. São Paulo: Ed. Senac, 1998.
- DARNTON, Robert. “Toda notícia que couber a gente publica”. In: *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1 As artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 2. Morar e Cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche y la filosofía*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1994.
- DÍAZ, Raul. “Personaje e identidad narrativa: una aproximacion metodologica”. In: *Revista Horizontes Antropológicos*, de n.12, Cultura Oral e Narrativas. Porto Alegre, PPGAS, 1999.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- DOUGLAS, Mary et alli. *Risk and culture*. Berkeley: UCP, 1984.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. “De bairros operários sobre cemitérios de escravos: um estudo da construção social da identidade”. In: LEITE LOPES, J. S. (org.). *Cultura e identidade operária*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1987a.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. “Identidade social e padrões de agressividade verbal em um grupo de trabalhadores urbanos”. In: LEITE LOPES, J. S. (org.). *Cultura e identidade operária*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987b.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- DURHAM, Eunice. “O nativo em carne e osso”. In: DURHAM, Eunice. *A reconstrução da realidade*. São Paulo: Ática, 1978.
- DURKHEIM, Èmile (1913). *As formas elementares da vida religiosa*. Os Pensadores.

- DURKHEIM, Émile (1903). *Sobre algumas formas primitivas de classificação*. In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica”. *Revista de Antropologia*, vol.41, n.2, São Paulo, 1998.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade”. In: *Revista Margem*, PUC, SP, 1999.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Imagens do tempo nos meandros da memória: por uma etnografia da duração” In: Koury, Mauro GP. (org.). *Imagem e Memória: estudos em Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Filmes de memórias: do ato reflexivo ao gesto criador”. *Revista Cadernos de Antropologia e Imagem*. Número 10, “Campo da Imagem”. Rio de Janeiro, UERJ, NAI, 2001.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”. *Illuminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*, número 44. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. “A narrativa e a captura do movimento da vida vivida”. In: *Illuminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*, número 47. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2002.
- ECKERT, Cornelia. *Os homens da mina: um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 1985.
- ECKERT, Cornelia. *Memória e identidade*. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros de carvão (La Grand-Combe, França). *Cadernos de Antropologia*, n. 11, Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- ECKERT, Cornelia. “Do corpo dilapidado à memória re-encantada”. In: LEAL, Ondina. (org.) *Corpo e Significado*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- ECKERT, Cornelia. “A saudade em festa e a ética da lembrança”. *Estudos Feministas*. IFSC/UFRJ, vol.5, número 1/97. Dossiê Gênero e Envelhecimento.

- ECKERT, Cornelia. "Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica". In: Revista Humanas. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, n.19, Porto Alegre, 1998.
- ECKERT, Cornelia. "Sociabilidade e memória na comunidade mineira do carvão". In: *Carvão e meio ambiente*. Centro de Ecologia da UFRGS. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo:Ed. Perspectiva. 2002.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. "Trabalho de campo e tradição empírica". In: *Antropologia Social*. Lisboa, Portugal, Edições 70, 1972.
- FAERMAN, Marcos. "A longa aventura da reportagem". In: DANTAS, Audálio (org.). *Repórteres*. São Paulo: Senac, 1997.
- FIRTH, Raymond. *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- FOCILLON, Henri. *O elogio da mão*. In: A vida das formas. Lisboa: Edições 70, s.d.
- FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, 1970. (tradução em mimeo)
- FOUCAULT, Michel. *A vontade de saber*. In: A História da Sexualidade. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FREIDSON, Eliot. *La Profession Medicale*. Paris: Payot, 1984.
- GARCIA, R. W. D. "Representações Sociais da Alimentação e Saúde e suas Repercussões no Comportamento Alimentar". *Phisys. Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 7 (2):51-68, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1978.

- GEERTZ, Clifford. *Estar lá, escrever aqui*. Diálogo, n.3, vol.22, 1989.
- GEERTZ, Clifford. *El antropólogo como autor*. Barcelona, Buenos Aires, México: Ediciones Paidós, 1997.
- GODELIER, Maurice. *La production des grands hommes: pouvoir et domination masculine chez les Baruya de Nouvelle-Guinée*. Paris: Fayard, 1982.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GUEDES, Simoni. *Jogo de corpo: um estudo da construção social de trabalhadores*. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997.
- GUARESCHI, Pedrinho e Jovchelovitch, Sandra (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GUTMANN, Matthew C. “Traficando com Hombres: La Antropología de la Masculinidad”. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 5, n.10, maio de 1999.
- GROSSI, Yone. S. *Mina de Morro Velho: a extração do homem*. RJ: Paz e Terra, 1981.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HANNERZ, Ulf. *Explorer la ville*. Paris: Editions Minuit, 1983.
- HERTZ, Robert. “A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa”. *Religião e Sociedade*, n.6, 1980, pp.99-128.
- HERZLICH, Claudine. “A problemática da Representação Social e sua utilidade no campo da doença”. In: *Physis*. Revista de Saúde Coletiva. Vol.1, N.2, 1991 (pp.23-36).
- HOFF, Gertrudes Novak. *Butiá em busca de sua história*. Arroio dos Ratos: Gráfica Editora PBS, 1992.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- JARDIM, Denise F. “Performances, Reprodução e Produção dos corpos masculinos”. In: Leal, O (org.) *Corpo e Significado*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 1995.
- JÚNIOR, Willi Bruschi, MALABARDA, Luiz Roberto, SILVA, José Francisco. “Avaliação da qualidade ambiental dos riachos através das taxocenoses de peixes”. In: Centro de Ecologia/UFRGS. *Carvão e meio ambiente*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

- KNAUTH, D. R. “O vírus procurado e o vírus adquirido”. *A construção da identidade entre mulheres portadoras do vírus da Aids*. Estudos Feministas, vol.5, n.2, 1997.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- LEAL, Ondina. *Gaúchos: Male cultura and identity in the Pampas*. Tese de doutorado em Antropologia. University of California at Berkeley, 1989.
- LEAL, Ondina Fachel e BOFF, Adriane de Mello. “Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional”. In: PARKER, R. e BARBOSA, R. *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- LEITE LOPES, José Sérgio. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo/Brasília: Ed. Marco Zero e Ed. Universidade de Brasília, 1988.
- LEITE LOPES, José Sérgio. *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. (org.) Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1987.
- LEMGRUBER, Julita. *Pesquisando em prisão feminina*. In: Velho, Gilberto. O desafio da cidade. Rio de Janeiro, Campus, 1980.
- LEROI-GOUHAN, Andre . *O gesto e a palavra*. Lisboa, Ed. 70, 1965.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 3ª ed., 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “O totemismo hoje”. In: *Lévi-Strauss*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *L'Identité*. Paris: PUF, 1977.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introdução à obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa, Portugal: Edições 70, s.d.
- LINHART, Robert. *Greve na fábrica*. Trad. Miguel Arraes. RJ: Paz e Terra, 1978.
- LOYOLA, Maria Andrea. *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*. São Paulo: Difel, 1984.
- LUCAS, Philip. *La religion de la vie cotidienne*. Paris: Presses Universitaires de France - PUF, 1981.
- MACEDO, Carmen Cinira. *Tempo de Gênese: o povo das comunidades eclesiais de base*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis RJ: Vozes, 1996.

- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise de discurso*. Campinas: Pontes, 1989.
- MAUSS, Marcel. “Ofício de etnógrafo, método sociológico”. In: Cardoso de Oliveira, RC. *Mauss*. São Paulo: Editora Ática.
- MAUSS, Marcel. *Manual de etnografia*. Lisboa: Portico, 1972.
- MAUSS, Marcel. *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do ‘eu’*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MEAD, Margaret. *Adolescência, sexo y cultura en Samoa*. Barcelona: Planeta-Agostini, 1985
- MEAD, Margaret. “Antropologia visualle dans une discipline verbale”. In: FRANCE, Claudine (org.). *Pour une anthropologie visuelle*. Paris, Mouton, 1979.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo, Ática, 1990.
- MENEZES, M. “Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações sócio-espaciais”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n.13, p.155-175, junho de 2000.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.
- MINAYO, Maria Cecília dos Santos. *Os homens de ferro: estudo sobre os trabalhadores da Vale do Rio Doce em Itabira*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília S e COIMBRA, C. “Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento”. Introdução. In: MINAYO, M.C.S. e COIMBRA, C. (org.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- NARDI, Henrique Caetano. *Saúde, trabalho e discurso médico*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.
- NEVES, Gervásio Rodrigo e CHAVES, Sylvia Helena Ayres. “A região carbonífera tradicional do Rio Grande do Sul.” In: Centro de Ecologia/UFRGS. *Carvão e meio ambiente*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. In: *O trabalho do antropólogo*. Brasília, Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- OLIVEIRA, Paulo Luiz de, e BALBUENO, Rodrigo Agra. “Cobertura vegetal na região carbonífera” In: Centro de Ecologia/UFRGS. *Carvão e meio ambiente*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.
- PARK, Robert. “A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento”. In: STEINBERG, Charles (org.). *Meios de Comunicação de Massa*, São Paulo: Cultrix, 1972.
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões*. São Paulo: Best Seller, 1992.
- PEIRANO, Marisa. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PEIXOTO, N.B. “O olhar do estrangeiro”. In: *O olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- PITT-RIVERS, Julian. “Honra e posição social”. In: Peristiany. *Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. Trad. José Cutileiro. 2ª edição, 1965.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Antropologia das formas: entre o visível e o invisível, a floração dos símbolos.” In: *Horizontes Antropológicos*, Antropologia Visual, Ano I, vol. 2, 1995.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Tradicional e o moderno, modelo de representação de famílias”. In: *Ciência Hoje*, vol. 12, n. 69, SBPC, 1989.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*, Tomos I, II e III. Campinas, SP: Papirus, 1994,1997.
- RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas, Papirus, 1991.
- SELBACH, José. *Leão Mineiro*. Butiá: Tipografia Padre Réus, 2001.
- SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

- SCHAFER, Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- SODRÉ, Muniz, e FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- THOMAS, Louis-Vincent. El morir: de lo representado a la representation. In: *A antropologia de la muerte*. México, Fondo de Cultura Económica, 1993.
- TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- SIMMEL, Georg. “A ponte e a porta” In: *Revista Política e Trabalho*, setembro de 1996. PPGS/UFPB, 12.
- SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio G. (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- UCHÔA, E., FIRMO, J. O. A. e LIMA-COSTA, M.F. *Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural*. In: Minayo, M.C.S. e COIMBRA, C. (org.). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2002.
- THOMAS, L. V. “El morir: de lo representado a la representation”. In: *A antropologia da morte*. México: Fondo de Cultura Económica.
- TRAQUINA, Néelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.
- TRAVANCAS, Isabel. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.
- VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: Nunes, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VELHO, Gilberto. “Trajetória individual e campo de possibilidades”. In: *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio, Jorge Zahar, 1994a.
- VELHO, Gilberto. “Destino e violência”. In: *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.
- VOLPATO, Terezinha Gascho. *A Pirita Humana: os mineiros de Criciúma*. Florianópolis, Dissertação de Mestrado, UFSC.
- WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Editora Papirus.

ZALUAR, Alba. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

ZOLA, Émile. *Germinal*. Trad. Francisco Bittencourt. São Paulo: Abril Cultural, 1979.





MIRAS DO LERAO POR ANOS 50 E 60

FOTOGRAFIAS DO CAMPO



Seu Bega, Dona Maria e a neta



À direita, Jango, Julieta e família



Ademar, próximo à torre da CRM



Seu Miroslau e o martelo de ferreiro



Agenor, Dona Lúcia e Seu Miroslau



Luiz e Solange , no pátio de sua casa



Agenor e a professora Truda



Tita, Kátia e o sobrinho Matheus



Seu Adão Rocha, Dona Hilda e a filha Jaiana



Seu Hermes e Dona Dalva, em frente à casa em que morei



Ao centro, Seu Valdevino (o mais alto do grupo) e Dona Anarlete



Zecão (à esquerda, de capacete), Cássio (à direita, de capacete) e colega



Zecão, Marilene e Josimar



Seu Adão Souza e Dona Gessi



Seu José Selbach, Dona Eva e sobrinha



Missa de Santa Bárbara (03/dez/2003)



Missa de Santa Bárbara (03/dez/2003)



Seu Hermes e Dona Dalva, na visita ao Museu do Carvão, em Arroio dos Ratos





Minas do Leão, avenida Getúlio Vargas





Moradores de Minas do Leão





Cenas da cidade de Minas do Leão





Vila do Recreio





Vila do Recreio. Dona Zélia e as filhas



ZERO HORA

CONJUNTURA

*Governo afasta
tentativas de
crescimento a
curto prazo*

Páginas 4 e 5

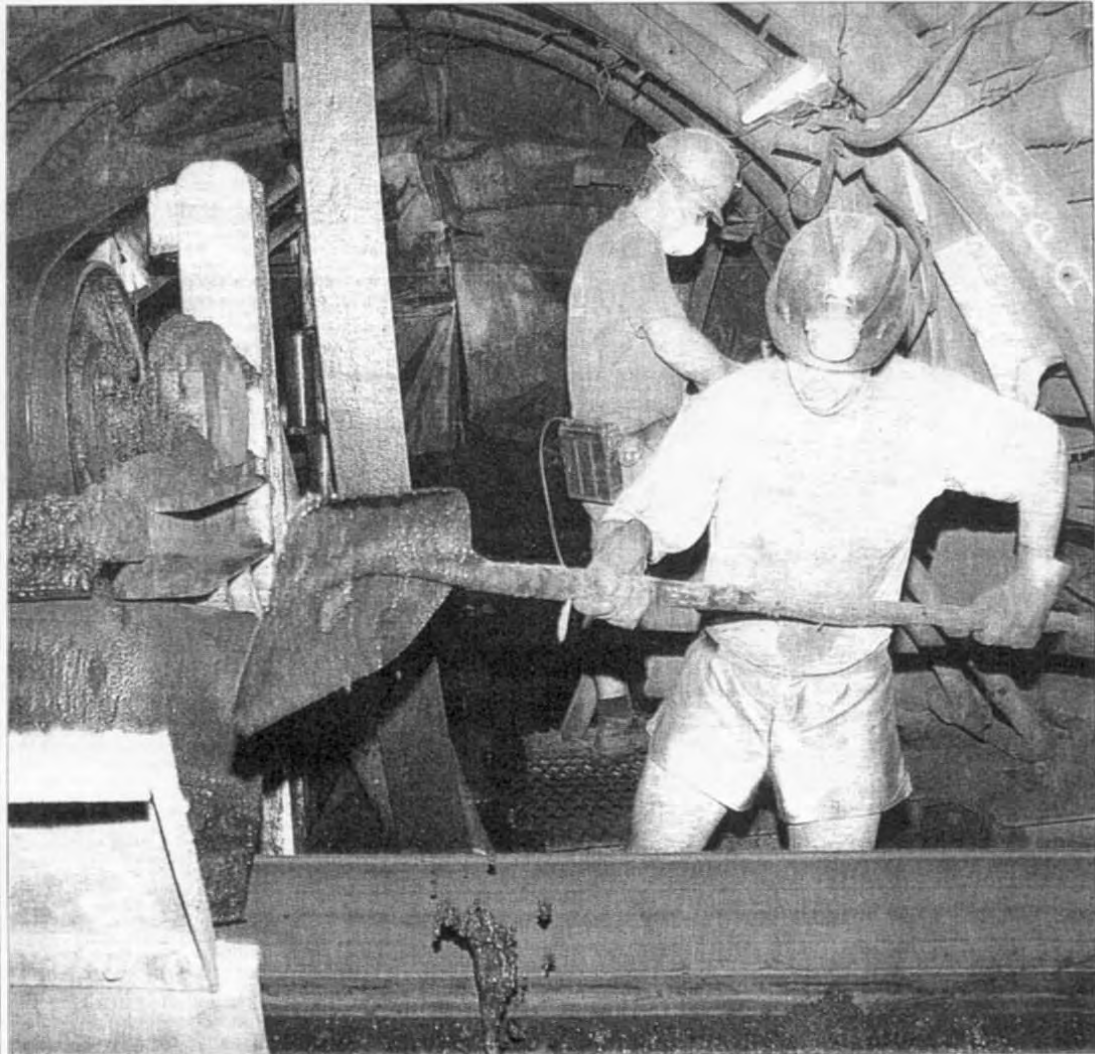
ECONOMIA

PORTO ALEGRE, DOMINGO, 6 DE JULHO DE 1997



ENTREVISTA
*Sem controle das
contas públicas,
o Real corre riscos,
diz Paulo Rabello*

Contracapa



Medo ronda os subterrâneos

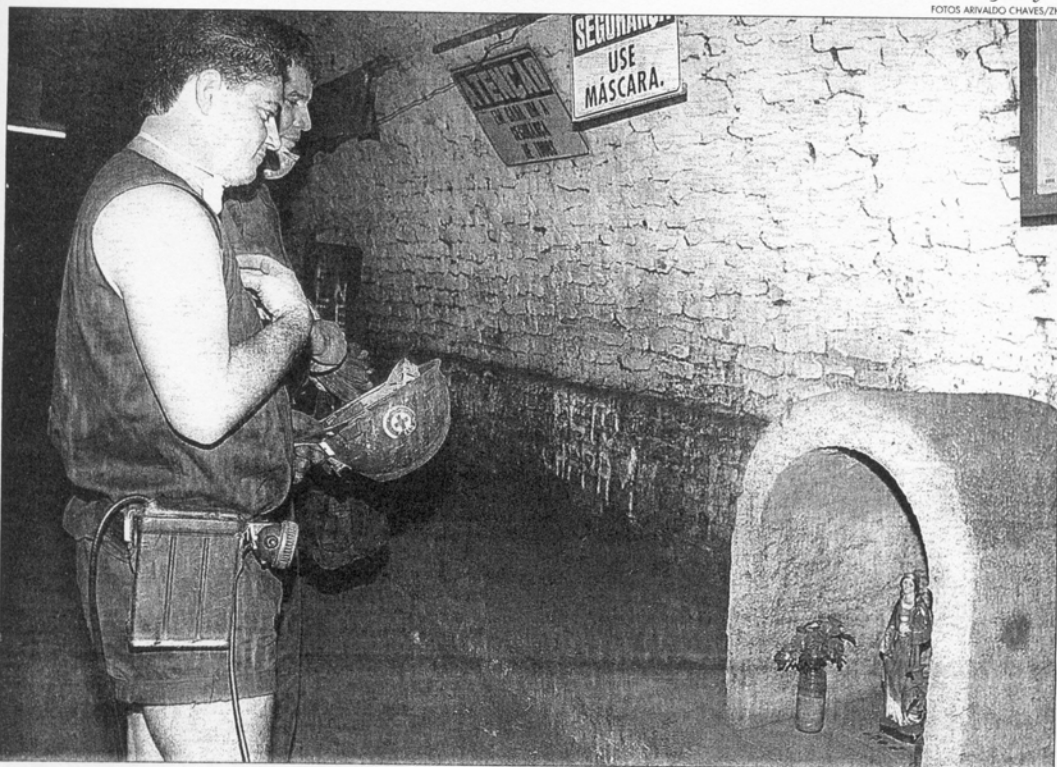
A privatização das minas de carvão do Estado, prevista para o próximo ano, provoca incertezas nos que vivem da extração. Em Minas do Leão e Candiota, não se sabe como será o novo ciclo do mineral

Páginas central e 8

O NOVO CICLO DO CARVÃO

A mina é o oxigênio do trabalhador

Os operários, que não admitem a privatização, mantêm com seu trabalho uma relação forte desde a infância



FOTOS ARVALDO CHAVES/ZH

Aposentados defendem a atividade

Mais da metade de seus 68 anos Leotilde de Abreu Braga dedicou ao mineral. Uma paixão confessa: "Sempre dizia que o carvão é igual ao mar, a gente não resiste." O fascínio não surgiu no primeiro dia, nem foi abalado pelos acidentes que o separaram de velhos amigos. "Dois meses depois de atuar no subsolo, não queria mais saber da superfície", conta. Lembranças tristes e alegres se sucedem ao se recordar dos 35 anos, 10 meses e 19 dias que trabalhou em Leão I. Há uma década e meia, Leotilde não vinha à CRM, apesar de ter um filho na mina. Uma sombra de preocupação nubla o olhar: "Não sei o que a gente desta terra vai fazer se fechar a mina". Ele é contra a privatização. "Firma particular tem outro jeito de trabalhar, resolve o problema dos acomodados, mas causa desemprego."

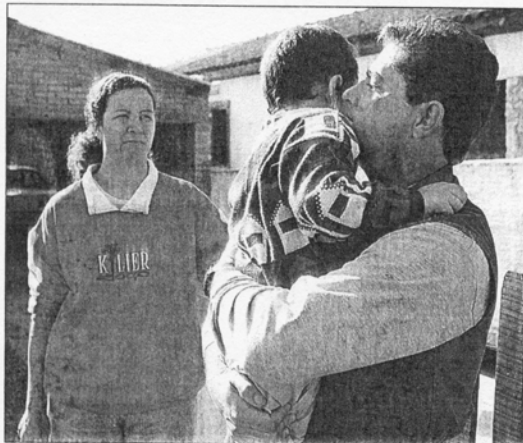
Leotilde seguiu os rastros do pai mineiro, em 1949. Era a época do Departamento Autônomo de Carvão Mineral (DACM). "O carvão era usado em locomotivas, na navegação, mas hoje seria solução para o problema de energia elétrica", observa. "Se outros países usam o carvão, por que não fazemos o mesmo?" Chegou a comandar 310 trabalhadores. Falavam equipamentos e às vezes tinham de recorrer ao lampião para iluminar as galerias. Presenciou vários acidentes fatais. "Fica a marca na gente para o resto da vida", diz. Em 1971, uma pedra de 300 quilos soterrou um companheiro. Em 1976, dois colegas morreram por asfixia depois de um incêndio.

A ruína de Leão I entristece também outro velho mineiro, Gelson Pereira Nunes, 63 anos. Ele apóia a privatização se houver aumento da produção de carvão. Mas avalia que o Estado poderia manter a atividade com a usina de Jacuí I. "Acho que seria um absurdo fechar a mina e o governo tem de ficar atento." Ao ingressar na área, em 1956, pensou: "Vou trabalhar dois anos e cair fora". Ficou 29 anos e quatro meses. Hoje, um dos três filhos trabalha na CRM. O aposentado ressalta que o problema do carvão é político. "Por que o Estado importa energia se tem reservas do mineral para 500 anos?"

Parada obrigatória: os mineiros, como Zecão, fazem uma prece à padroeira Santa Bárbara na capelinha, antes de iniciar a jornada diária

Desde pequeno, José Lopes Lucas se acostumou com o carvão. Quando o pai voltava do ofício subterrâneo, o garoto disputava o lanche sobrado com os irmãos. No pão com mortadela ou apim frito sentia um paladar diferente. "Cresci com a idéia de que seria mineiro também", diz. Zecão, como é conhecido, gosta de trabalhar nas entranhas da terra. "Não sei viver de outro jeito", revela. "Fechar a mina seria como nos tirar o oxigênio." Para muitos, como Lucas, o mineral tem algo de sagrado. Quando se aposentam, ficam rondando a mina, meio perdidos. E há a vantagem financeira. Com salário de R\$ 550, comprou um terreno e construiu uma casa em Butiá, onde vive com a mulher, Marilene, e os filhos Josimar e Josilene. Ela também é de uma família de mineiros, mas não gosta de pensar nos riscos que Lucas corre.

"Também quero trabalhar no carvão", diz o garotinho de quatro anos, antes de se despedir do pai que ruma para mais uma jornada. "Filho de advogado, advogado quer ser, filho de mineiro, mineiro quer ser", filosofa Lucas, 35 anos, há 13 na CRM. Inteligente, Zecão parece ter cursado mais que a 6ª série. Preocupado com a privatização, preparou uma carta às autoridades. "Nossa região



A descida: Zecão se despede do filho Josimar e de Marilene

depende do carvão, precisamos de incentivos para nosso ouro negro", escreveu.

Por duas vezes, Zecão assistiu ao filme *Germinal*, em vídeo. Comoveu-o a produção com Gerard Depardieu, baseado na obra do escritor Émile Zola, que mostra a vida dos mineiros de carvão na França do século 18. "Achei o filme bonito e triste", comenta, enquanto espera o ônibus. Uma menina se aproxima e lhe entrega um embrulho. "É o almoço que levo para o pai de lá". O ritual é diário. No ônibus contratado

pela CRM, que chega quase vazio, Lucas vai mostrando as casas de mineiros. Há cinco anos, era preciso dois ônibus para transportar os trabalhadores.

A descida ao fundo da mina é um mergulho de 130 metros na vertical - a bordo do skip (elevador). Uma viagem de assombro e encantamento. Antes da caminhada de dois quilômetros por galerias escuras, Lucas pede a proteção de Santa Bárbara, na capelinha na boca da mina. Só uma vez teve medo da morte. Ingressou em velhas galerias e ouviu estalar o teto. Foi só o susto. Os mineiros brincam para afugentar o perigo. A distância é vencida com passadas largas e atentas para evitar quedas. Macacão, botas e capacete não impedem que o pó negro invada roupas, cabelos e narinas.

Nas laterais, vestígios de antigas galerias que encolheram sob a gravidade. No teto, diferentes estilos de sustentação: metais em arco, madeiras retas e os tirantes, fixados no topo com parafusos e resina. Nos esteios, sobrevivem inscrições em giz da campanha sindical. Lucas dirige uma máquina que recolhe o mineral implodido por dinamite. As 13 detonações secas enchem o ar com o cheiro de pólvora. Um show para os mineiros. Cinco quilos de explosivos removem 20 toneladas de carvão.